

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Danieli Klidzio

**EXISTÊNCIAS EM ROSA, ROXO E AZUL: ATIVISMOS E  
VISIBILIDADES BISSEXUAIS BRASILEIRAS A PARTIR DAS  
MÍDIAS DIGITAIS**

Santa Maria, RS  
2023

**Danieli Klidzio**

**EXISTÊNCIAS EM ROSA, ROXO E AZUL: ATIVISMOS E VISIBILIDADES  
BISSEXUAIS BRASILEIRAS A PARTIR DAS MÍDIAS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Ciências Sociais**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Monalisa Dias de Siqueira

Santa Maria, RS  
2023

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Kludzio, Danieli  
EXISTÊNCIAS EM ROSA, ROXO E AZUL: ATIVISMOS E  
VISIBILIDADES BISSEXUAIS BRASILEIRAS A PARTIR DAS MÍDIAS  
DIGITAIS / Danieli Kludzio.- 2023.  
197 p.; 30 cm

Orientadora: Monalisa Dias de Siqueira  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2023

1. Bissexualidade 2. Monodissidência 3. Ativismo 4.  
Mídias digitais 5. Etnografia I. Dias de Siqueira,  
Monalisa II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DANIELI KLIDZIO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Danieli Klidzio**

**EXISTÊNCIAS EM ROSA, ROXO E AZUL: ATIVISMOS E VISIBILIDADES  
BISSEXUAIS BRASILEIRAS A PARTIR DAS MÍDIAS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Ciências Sociais**.

**Aprovada em 13 de setembro de 2023:**

---

**Monalisa Dias de Siqueira, Dra. (UFSM)**

(Presidente/Orientadora)

---

**Marlon Santa Maria Dias, Dr. (Unochapecó)**

---

**Regina Facchini, Dra. (Unicamp)**

Santa Maria, RS  
2023

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas bissexuais e monodissidentes.

As que não se entendem a partir de identidades definidas mas que, de alguma forma, se identificam com a monodissidência e fluidez da sexualidade.

E as que usam e vivem esses termos, compreendem seus sentidos políticos e cotidianos, mas que também cansam com a necessidade de se colocarem como “existentes”.

À memória das vítimas da pandemia de Covid-19, sendo muitas vítimas da negligência e do genocídio no Brasil no contexto pandêmico. É mais do que um número, são ausências que poderiam ser evitadas.

A todas as pessoas LGBTQIAP+ afetadas nesse contexto, seja porque perderam suas famílias e amigos que as acolhiam, ou porque perderam seu bem-estar por conta da convivência em casa com suas famílias de sangue (situação que, aliás, não se resume ao contexto da pandemia).

Por fim, dedico esta dissertação ao Grupo Amazônica de Estudos sobre Bissexualidade, (GAEBI) e à Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência (REBIM) que são minha base de estudos e de afeto na vida acadêmica; à Frente Bissexual Brasileira (FBB) enquanto organização ativista nacional da qual também faço parte com orgulho, e às iniciativas em redes sociais e nas mídias digitais como um todo.

E ainda, a quem, seja onde for, visibiliza de forma positiva a bissexualidade e sua perspectiva crítica e não binária da sexualidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à prof.<sup>a</sup> Monalisa Dias de Siqueira pela dedicação a esta pesquisa e pela relação que construímos desde meu trabalho de conclusão de curso. Obrigada por nunca soltar a minha mão e por ser infinitamente mais do que apenas uma orientadora. Te agradeço pela escuta, compreensão, incentivo, cuidado, sabedoria e assertividade ao cumprir brilhantemente teu papel de orientadora e parceira de pesquisa.

À banca de qualificação: Elizabeth Sara Lewis e Ali Machado e à banca de defesa: Marlon Santa Maria Dias e Regina Facchini pela leitura e contribuições. Em especial, agradeço à Ali pelo carinho e sabedoria em cada comentário sobre minhas pesquisas desde o TCC, obrigada por ser do jeitinho que você é e por ter feito a diferença na minha vida acadêmica.

Às pessoas que produzem conteúdo e ativismos sobre a bissexualidade e que contribuíram, direta ou indiretamente, para que o campo fosse construído. Em especial, às pessoas entrevistadas na pesquisa: Beatriz Cruz, Beatriz Hermans, Elisa Volpato, Gui Neves, Inácio Saldanha, Roney Rodrigues, Trix Gomes, Nick Nagari e Talitta Cancio. Agradeço pela doação de tempo e energia.

Às pessoas pesquisadoras da bissexualidade (e monodissidências) que me antecederam erguendo nossas bases. Mais do que referências teóricas, vocês se tornaram minhas amigadas ao longo das leituras e da escrita. E para as que virão, desejo a mesma “sorte” que eu tive de, minimamente, encontrar ou forjar espaços de acolhimento e referências. E, se precisarem de mim para desabafos, sugestões ou críticas, estarei aqui: [danieli.klidzio@gmail.com](mailto:danieli.klidzio@gmail.com).

À Helena Monaco por estar ao meu lado na construção da Bi-Biblioteca (@bi\_\_biblioteca) – um perfil de divulgação científica sobre bissexualidade e monodissidência no Instagram. Obrigada pelas trocas e pelo apoio em diferentes dimensões, dali vêm muitas das afetações e incentivos sobre esta pesquisa.

À Helena e à Elisa por organizarmos o primeiro Simpósio Temático (ou pelo menos o primeiro que tivemos notícia) sobre bissexualidade em um evento acadêmico, o ST 04: Bissexualidades e monodissidência em foco: teorias e movimentos de resistência. Foi realizado em novembro de 2021 no evento “Jornadas Antropológicas: Entre precariedades e estratégias de r(e)xistência, imaginar é preciso”, organizado de forma online pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade (GAEBI) e à Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade (REBIM - @rebimbr no Instagram) enquanto grupo de estudos, espaço de vida, afeto e crescimento, unindo quadradinhos de muitos cantos do Brasil em nossas telas que veio a se tornar uma rede nacional. Sem vocês esta pesquisa existiria com muito mais percalços e com muito menos orgulho e choros de felicidade (e às vezes nem sei se existiria de fato); agradeço em especial à Triz e ao Inácio pelo empenho em dar vida ao GAEBI, **fazendo história** sobre a bissexualidade no Brasil, impactando a vida de muita gente!

À prof.<sup>a</sup> Márcia Paixão pelo carinho, apoio e aprendizado desde 2016 quando cheguei na universidade. E ao Grupo de Estudos e Pesquisas Feministas Metamorfose do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria pelas trocas.

Ao Curso Etnografia em Tempos de Pandemia, organizado em 2020 por Jurema Brites e Ali Machado junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria, e em especial ao grupo de trabalho “Mídias, coletividade e gênero”, no qual pude fazer amizades e aprender junto a partir de aproximações com a pesquisa e etnografia colaborativas. Grata André, Andreia, Helena, Luize e Milena.

À turma da 1ª edição da Oficina “Como fazer pesquisa em ambientes digitais?” pelo aprendizado e carinho que encontrei em nossas duas tardes de abril de 2021, em especial à Diéssica Gaige (@anotherpowerpuffgirl no Instagram) pelo empenho na idealização e realização desse projeto.

À turma da 3ª Oficina Online Campo de Escrita pelo aprendizado, acolhimento e empenho coletivo no exercício da escrita e da escuta em nossas tardes de maio de 2021.

Vocês me ajudaram a ver a escrita e a pesquisa como afetada, afetuosa e coletiva e nem por isso menos científica; sou grata em especial à Aline Rochedo, idealizadora do projeto Campo de Escrita (@campodeescrita no Instagram) por “estar sempre por perto”.

À 2ª edição do Grupo de Estudos Caminhos e Descaminhos da Escrita, organizado pelo Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, que ocorreu em julho e agosto de 2021. Nosso contato foi muito importante para mim e para a pesquisa.

Às pessoas que organizaram eventos, convocaram grupos de trabalhos ou simpósios temáticos e acolheram meus trabalhos sobre o tema ao longo desses anos, assim como aos comentários das pessoas participantes dos eventos. Muito obrigada pelo espaço para as discussões sobre bissexualidade e monodissidência e por contribuírem, de uma forma ou de outra, para o meu aprendizado enquanto pesquisadora.

Às professoras e aos professores com quem cursei disciplinas ao longo do mestrado: Fernando de Figueiredo de Balieiro, Jurema Gorski Brites, Virginia Susana Vecchioli, Monalisa Dias de Siqueira, Francis Moraes de Almeida, Laura Senna Ferreira, Ceres Karam Brum e Eduardo Lopes Cabral Maia. Obrigada por tentarem encontrar o melhor jeito de conduzir nossas aulas remotas, pelo incentivo, pelos diálogos em aula e pelas considerações atenciosas nos trabalhos. E em especial, agradeço ao Francis Moraes de Almeida pelo acolhimento e pelas contribuições em meu estágio docente.

À assistente administrativa Jane Santos da Silva e às duas gestões que estiveram junto à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria: Francis Moraes de Almeida e Fernando de Figueiredo de Balieiro, Rosana Soares Campos e Virgínia Susana Vecchioli. Obrigada pelo trabalho e pela atenção.

Ao financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Ao meu pai e à minha mãe pelo apoio infinito, pela ajuda, pela compreensão e por me incentivarem a ser independente. E, principalmente, por aguentarmos a saudade dos quase dois anos sem possibilidade de nos encontrar fisicamente por conta da pandemia. ♡

A quem se fez presente de diversas formas e em diferentes momentos, em especial: Dani, Renata, Lu, Guillermo, Lucas, Manoela, Thiago, Beatriz, Vicent, Carmen, José Victor, Pablo, Etier, Rafa, Carol, Luísa, Morgana, João, Amanda, Denise, Cris e Ana. Obrigada pela amizade, por acreditarem em mim, pelo apoio, pelas trocas, pelas mensagens de “como você está?”, pelas videochamadas para estudar... Todas as suas presenças foram muito importantes. A vocês, deixo o meu carinho. 🌸

À minha terapeuta, Andrielle, pela dedicação, seriedade e acolhimento nos atendimentos. Muito obrigada pelo seu trabalho. ☀

Por fim, agradeço ao Henrique por todo amor do mundo e mais um pouco. Obrigada por ser pra mim “aquela fé”. ♡

Muito além de requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais, esta pesquisa é parte de minha existência no mundo. A coisa mais difícil e mais linda que já fiz, que mesmo nos dias mais horríveis foi minha motivação durante esses 3 anos.

*[...] metal algum pode cavar mais do que a pá da palavra [...]*

*(Hilda Hilst – Rútilos)*

*A palavra bissexual encontrou um silêncio maior do que o silêncio de qualquer  
hospital [...]*

*(Jarid Arraes – Redemoinho em dia quente)*

## RESUMO

### EXISTÊNCIAS EM ROSA, ROXO E AZUL: ATIVISMOS E VISIBILIDADES BISSEXUAIS BRASILEIRAS A PARTIR DAS MÍDIAS DIGITAIS

AUTORA: DANIELI KLIDZIO  
ORIENTADORA: MONALISA DIAS DE SIQUEIRA

Este trabalho tem como tema a produção e circulação de visibilidades bissexuais a partir das mídias digitais, que são símbolos de existências bi de diferentes lugares do Brasil. A partir da etnografia, tendo a observação participante e entrevistas semiestruturadas como técnicas de pesquisa, pessoas pesquisadoras, ativistas e produtoras de conteúdo foram acessadas on-line durante a pandemia. Assim, o universo da pesquisa está representado por organizações acadêmicas, ativistas e produções artísticas que chamo de uma rede bissexual ampla e em movimento. O objetivo da pesquisa consistiu em analisar como as mídias digitais configuram-se como campo de produções e comunicações ativistas, considerando conteúdos sobre bissexualidade, ativismo e em torno da monodissidência. Buscou-se articular identidade como conceito, entendendo-a como posição social do sujeito para analisar o que está em disputa e é reivindicado a partir destas mobilizações em torno da identidade bissexual; operacionalizando (in)visibilidades como ponto de partida e como conceito para além de categoria êmica propondo uma virada discursiva sobre a bissexualidade a partir da produção de visibilidades por bissexuais; explorando mobilizações nas mídias digitais com atenção para diferentes formas de ativismos, bem como de comunicar, pesquisar e divulgar sobre bissexualidade. Considera-se que há existências em rosa, roxo e azul (cores da bandeira bissexual) que se articulam em rede e produzem impactos localizados em um contínuo on/off-line. As mobilizações desta rede e a produção de visibilidades bissexuais se intensificam no contexto da pandemia de Covid-19 e se consolidam on-line a partir das mídias digitais.

**Palavras-chave:** Bissexualidade. Monodissidência. Ativismo. Mídias Digitais. Etnografia.

## **ABSTRACT**

### **EXISTENCES IN PINK, PURPLE AND BLUE: BRAZILIAN BISEXUAL ACTIVITIES AND VISIBILITIES FROM DIGITAL MEDIA**

**AUTHOR: DANIELI KLIDZIO  
ADVISOR: MONALISA DIAS DE SIQUEIRA**

This work has as its theme the production and circulation of bisexual visibilities from digital media, which are symbols of bi existences from different places in Brazil. Based on ethnography, with participant observation and semi-structured interviews as research techniques, researchers, activists and content producers were accessed online during the pandemic. With that, the research universe is represented by academic organizations, activists and artistic productions that I call a broad and moving bisexual network. The objective of the research was to analyze how digital media are configured as a field of activist productions and communications, considering content on bisexuality, activism and around monodissidence. We sought to articulate identity as a concept, understanding it as the subject's social position to analyze what is in dispute and what is claimed from these mobilizations around bisexual identity; operationalizing (in)visibilities as a starting point and as a concept beyond the emic category, proposing a discursive turn on bisexuality based on the production of visibilities by bisexuals; exploring mobilizations in digital media with attention to different forms of activism, as well as communicating, researching and disseminating about bisexuality. It is considered that there are existences in pink, purple and blue (colors of the bisexual flag) that are articulated in a network and produce localized impacts in an on/offline continuum. The mobilizations of this network and the production of bisexual visibilities intensify in the context of the Covid-19 pandemic and are consolidated online through digital media.

**Key-words:** Bisexuality. Monodissidence. Activism. Digital Media. Ethnography.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

Bi. - Bissexuais

Bio. - Biografia

BIL - Coletivo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBB - Coletivo Brasileiro Bissexual

CFP - Conselho Federal de Psicologia

EBGLT - Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis

FBB - Frente Bissexual Brasileira

GAEBI - Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade

GAI - Grupo Arco-Íris

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneras

LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneras, *Queers*, Intersexos, Assexuais, Pansexuais e outras possíveis identidades e identificações

MDT - Manual de Dissertações e Teses

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

ONG - Organização não Governamental

PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PUC Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

REBIM - Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência

RS - Rio Grande do Sul

SENABI - Seminário Nacional de Estudos Bissexuais

SENALE - Seminário Nacional de Lésbicas

SENALESBI - Seminário Nacional de Lésbicas e Bissexuais

SP - São Paulo

TCC - Trabalho de conclusão de curso

UEPA - Universidade do Estado do Pará

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UESPI - Universidade Estadual do Piauí

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UNESP - Universidade Estadual Paulista

USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1 CAMINHOS DA PESQUISA .....	23
1.2 CONVENÇÕES DA ESCRITA E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO .....	27
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>29</b>
2.1 CONSTRUÇÃO DO CAMPO: BISSEXUALIDADE, MÍDIAS DIGITAIS E PANDEMIA .....	29
<b>2.1.1 Vizinhança de porta: existências digitais bissexuais</b> .....	<b>45</b>
2.2 ASPECTOS ÉTICOS E EPISTEMOLÓGICOS .....	55
<b>3 GÊNERO E (BI)SEXUALIDADE</b> .....	<b>60</b>
<b>3.1 SEXUALIDADE, IDENTIDADE SEXUAL E DISSIDÊNCIA</b> .....	<b>60</b>
<b>3.1.1 Gênero, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade</b> .....	<b>64</b>
3.2 BISSEXUALIDADE.....	67
<b>3.2.1 Monodissidência, monossexismo e bifobia</b> .....	<b>84</b>
<i>3.2.1.2 (In)visibilidades como ponto de partida</i> .....	93
<b>4 EXISTÊNCIAS E ATIVISMOS EM ROSA, ROXO E AZUL</b> .....	<b>98</b>
4.1 FAZER-SE ÁGUA: VISIBILIDADES BISSEXUAIS BRASILEIRAS .....	99
<b>4.1.1 Existências acadêmicas e encontros</b> .....	<b>106</b>
<b>4.1.2 Produções de conteúdo bi na internet</b> .....	<b>112</b>
<b>4.1.3 Do GAEBI à REBIM</b> .....	<b>134</b>
<b>4.1.4 Ativismo, afeto e regionalidades</b> .....	<b>160</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>166</b>
<b>ANEXO A – MANIFESTO BISSEXUAL BRASILEIRO</b> .....	<b>179</b>
<b>ANEXO B – PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL BI+ 2020</b> .....	<b>185</b>
<b>ANEXO C – PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL BI+ 2021</b> .....	<b>188</b>

## 1 INTRODUÇÃO

---



*Essa história aconteceu há mais de quinze dias, mas fiz muitos rodeios para escrevê-la. No dia 03 de julho deste ano de 2021, ocorreu a terceira manifestação pública, divulgada pela hashtag #3J, em diversas capitais do Brasil e em algumas cidades do interior dos estados, como parte da mobilização encabeçada por entidades de base de partidos políticos e coletivos independentes pelo movimento Fora Bolsonaro. Na cidade de Santa Maria - RS onde resido, pessoas que são professoras, estudantes, trabalhadoras de diferentes setores e militantes independentes, desde jovens a idosos, foram às ruas com cartazes, bandeiras, tambores e não menos importante: máscaras de proteção facial tipo “peça semifacial filtrante” – a chamada PFF2 – que se tornou preocupação e objeto essencial na vida de muitas pessoas em meio à pandemia. Essas máscaras também estavam sendo distribuídas gratuitamente no local do ato por organizações independentes que recolheram doações.*

*Nos cartazes erguidos ao longo dos atos uma das frases mais enfatizadas frente à suposta controversa de ir às ruas formando grandes grupos em um período onde o ideal é manter-se em isolamento físico em casa, foi a seguinte: “se o povo vai às ruas é porque o governo mata mais que o vírus”, e no #3J não foi diferente.*

*E dado este contexto, de desesperança e ao mesmo tempo resiliência de vermos na luta coletiva a saída para esse “beco sem saída”, o que venho contar hoje foi algo que me emocionou positivamente, mas que no conjunto desta pesquisa acredito que dá uma dimensão que não é positiva nem negativa, mas sim de contexto sobre a bissexualidade.*

*No ato de 03 de julho resolvi fazer algumas fotografias da manifestação, vi uma oportunidade e estava pela primeira vez tentando me entrosar com a câmera em um local público. Não sei como costuma ser em outras cidades, mas em Santa Maria antes do povo fazer um circuito trancando em caminhada algumas ruas do centro da cidade, a concentração acontece na praça Saldanha Marinho. E era ali que eu estava quando uma pessoa jovem, que aparentava ter menos de 18 anos, me chamou e disse: “tira uma foto com nós?”.*

*Com essa pessoa estavam mais ou menos outras cinco e em um primeiro momento pensei que, já que eu estava com a câmera na mão, queriam que eu tirasse uma foto delas. No entanto elas não se posicionaram na minha frente e sim ao meu redor, então perguntei: “uma foto comigo?”, elas responderam “sim”, então sorri, elas fizeram a selfie e eu pensando “devem estar me confundindo com alguém”. Então, tirada a foto, perguntei: “vocês queriam tirar foto comigo por causa da bandeira?” e várias pessoas responderam juntas: “Sim!”, “também somos bissexuais”, “nunca vimos alguém com a bandeira por aqui”, “você está muito fofo com a bandeira” [risos].*

*Fiquei muito feliz e perguntei se queriam a bandeira emprestada para tirarem fotos com ela, elas aceitaram, então fizeram poses usando ela e tiraram fotos com seus smartphones. Eu inclusive tirei algumas fotos com a câmera, mas todas ficaram escuras porque eu ainda não sabia, principalmente no calor do momento, ajustar a abertura da lente conforme a luz do ambiente que mudava a cada passo entre o público, o sol e as árvores da praça [risos].*

*E o motivo para eu escrever isso mais de quinze dias depois neste diário, é porque fiquei muito tocada com aquilo e não sabia se daria conta de colocar “no papel”.*

*No dia contei pra várias pessoas e um amigo comentou que viu esse grupinho de jovens apontando e falando “olha, uma bandeira bi!”. E em meio a tudo isso, penso em como eu, apesar de já ter levado a bandeira bissexual amarrada no pescoço, esvoaçando como uma capa sobre a parte de trás de meu corpo em outro ato, naquele dia antes de sair de casa pensei “será que levo? será que não vou ficar com vergonha lá só eu com uma*

*bandeira bi de novo?”, mas decidi que “nada a ver, preciso levar”, e ainda bem que levei. Fui motivada também por algumas pessoas bissexuais que conheci de outros lugares do país durante a pandemia, que têm erguido e fotografado suas bandeiras nas manifestações contra o governo, colocando a (re)existência bissexual nessa luta a partir do rosa, roxo e azul.*



*A partir disso penso: de que forma símbolos e cores bissexuais produzem visibilidades? A escritora Hilda Hilst disse que “metal algum pode cavar mais do que a pá da palavra” e acho que a linguagem simbólica das cores bissexuais assim como a palavra, têm cavado espaços enquanto símbolos e expressão de identidades e existências, como tem feito*

*Maria Freitas em sua série de livros de contos com protagonismo bissexual “Clichês em rosa, roxo e azul”, que homenageio com o título desta pesquisa.*

*(Diário de campo da autora, 19 de julho de 2021)*



Esta pesquisa foi realizada em grande parte durante a pandemia de Covid-19 e tem as mídias digitais como meio e campo de pesquisa com o interesse de analisar a construção de visibilidades bissexuais brasileiras. A partir da etnografia nas mídias digitais, em perambulação por redes sociais e plataformas como o Instagram, o YouTube, sites e reuniões no Google Meet encontrei sujeitos, produções e organizações que nomeei como existências em rosa, roxo e azul (cores da bandeira bissexual) articuladas on-line, e que considero que produzem impactos localizados em um contínuo on/off-line. Acerca dessas existências penso em “(in)visibilidades” como conceito, além de categoria êmica, como recurso para propor foco sobre o que está sendo dito e produzido por bissexuais sobre a bissexualidade no Brasil.

A pesquisa pertence ao universo da metodologia qualitativa entendendo esta como voltada para análises mais localizadas e subjetivas ao mesmo tempo em que possibilita propor um diálogo com uma perspectiva macrossocial. Está inscrita em uma perspectiva da antropologia digital e foi realizada a partir de uma etnografia compreendendo a observação participante e entrevistas como recursos para acessar visibilidades bi espalhadas pelo Brasil, mas em interligadas em uma rede, na medida em que servem de inspiração uma às outras ou com diferentes recursos e linguagens, bem como em distintas regiões levantam a mesma bandeira. Com as entrevistas, que foram individuais e semiestruturadas, alguns sujeitos integraram o campo da pesquisa mais diretamente na medida em que o contato foi viabilizado a partir da minha inserção em espaços como o Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade (GAEBI) e a Frente Bissexual Brasileira (FBB), além da participação em eventos acadêmicos e uma aproximação e consumo de conteúdos bi nas redes sociais como o perfil de Nick Nagari e o Bi na Mídia.

As experiências de pesquisas etnográficas são múltiplas e sem um passo a passo, configurando-se como adaptações do método etnográfico clássico levando em consideração os espaços, os meios de acesso ao campo e ao grupo ou tema pesquisado, bem como o tempo de desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa foi construída a partir de meus trajetos enquanto pesquisadora, bissexual, ativista<sup>1</sup> entre os anos de 2020 e 2023 em um campo que foi se delineando conforme a pesquisa acontecia, nesse sentido, as entrevistas foram um aprofundamento de uma inserção e não uma

---

<sup>1</sup> A partir das reflexões da pesquisa, das narrativas de outras pessoas sobre si e também de leituras suas sobre mim, tenho experimentado, ainda que com timidez, colocar-me também em um lugar de ativista.

simples coleta de dados. A partir da pesquisa de campo trago uma leitura minha acerca de visibilidades bissexuais brasileiras criadas principalmente na pandemia de Covid-19.

De modo geral, a pesquisa permeia “bissexualidade” e “mídias digitais” se utilizando das noções de identidade e ativismo para apresentar e discutir (in)visibilidades. “Visibilidade” é um termo importante para o ativismo LGBTQIAP+, em especial para identidades trans, por exemplo, indicando um movimento de busca por ser visto na mídia, na rua, no acesso à saúde, nas relações afetivas, familiares e de trabalho, bem como, no próprio movimento. Portanto, é nesse sentido que utilizo o termo como central na pesquisa, aproveitando para explorar seus sentidos no plural.

A menção à “invisibilidade” ou “visibilidade” tem sido utilizada com frequência em títulos de trabalhos acadêmicos e também em perfis no Instagram sobre bissexualidade, sinalizando uma das principais ideias para tratar dessa sexualidade, identidade e comunidade. Além disso, me interessa a palavra “existências” pois tenho identificado que, quando pesquisas acadêmicas sobre bissexualidade e discursos ativistas têm como mote a sinalização de invisibilidade (ou apagamento), muitos de seus títulos chamam a atenção para “existência” e “ser” bissexual. Por exemplo, as pesquisas nomeadas como: “Será que realmente existe isso?” (KLIDZIO, 2019), “A gente existe!” (MONACO, 2020a) e “Sim, elas são bissexuais” (CANCIO, 2021).

Em relação à comunidade bissexual, entendo como sendo uma articulação elástica em torno da pauta da bissexualidade e da identidade bissexual que perpassa organizações ativistas, produções acadêmicas, páginas na internet e produções independentes como dos gêneros documentário e *podcast* e que, ainda que muitas vezes indiretamente, conversam entre si a partir da construção e defesa de determinados consensos. O principal deles diz respeito à própria definição de bissexualidade, que é uma orientação sexual também reivindicada enquanto identidade sexual política que nomeia a atração afetiva e/ou sexual **por mais de um gênero, independente de gênero**, ou ainda, a possibilidade de atração **por todos os gêneros**. Essa é a definição em que enquadro essa identidade ao longo do trabalho, que se conecta com uma das pautas do ativismo bissexual que há décadas busca frisar o não binarismo (desejo, afeto, relacionamento restrito ao binário homem/mulher) da bissexualidade.

A bissexualidade configura-se como “monodissidente”. Essa é uma noção articulada por Dani Vas (2020, 2021) enquanto ativista bissexual a partir de referências teóricas e que vem sendo incorporada em muitas pesquisas acadêmicas brasileiras e está presente na linguagem corrente do ativismo. Nesse sentido, além de não heterossexual, a

bissexualidade também é não monossexual. Portanto, falar em termos de heteronormatividade e heterossexualidade compulsória não dá conta e é preciso ir além articulando todos esses conceitos. Há questões específicas acerca de bissexuais, como a que lhes colocam em meio a acusações de que existem com um “privilégio hétero”. Nessa lógica, considera-se que estes só sofrem, e, portanto, em alguma dimensão, só existem quando estão em relacionamento com alguém do mesmo gênero, sofrendo então, na verdade, homofobia ou lesbofobia. Isso limita até mesmo a compreensão geral sobre sexualidade, como se o exercício de uma sexualidade ou identidade se resumisse ao ato de estar com outra pessoa, e como se uma perspectiva de dissidência e as discussões sobre orientação sexual pudessem ser resumidas à homossexualidade.

Pesquisas que abordam a bissexualidade, o ativismo e, de certa forma, delineiam um sujeito bissexual (CAVALCANTI, 2007; LEWIS, 2012; LEÃO, 2018, JAEGER, 2018; MONACO, 2020a) trouxeram implicações teóricas e contextos que indicam que a bissexualidade constrói-se como identidade política a partir da necessidade de espaços próprios e de discussão que, de fato, a considerem. Nesse sentido, a bissexualidade não somente é invisibilizada mas há agenciamentos de violências e estereótipos que são produtores e também consequência das invisibilidades. O apagamento e os estereótipos afetam inclusive a noção do que seria essa sexualidade que não é amplamente conhecida. Além disso a bissexualidade é fluída mas, muitas vezes, com a fuga de estereótipos como o da fase, da promiscuidade, da contaminação, da traição e da infidelidade (LEWIS, 2012, LEÃO, 2018; KLIDZIO, 2019), acaba se pretendendo essencializada como uma sexualidade ou identidade ideal e pura (LEWIS, 2012; MONACO, 2020a; EISNER, 2021), contrariamente ao que propõem as epistemologias bissexuais (GARBER, 1997; MONACO, 2020a). As epistemologias bi veem a bissexualidade não como uma sexualidade equivalente à heterossexualidade ou à homossexualidade, mas como transformadora enquanto fluída e até mesmo com certa recusa à identidade, como desafio aos limites dos rótulos na medida em que não tem definido um sujeito do desejo e do afeto.

A partir disso, trago o conceito de identidade como central e como uma construção social, visando contemplar também as críticas teóricas e suas possíveis armadilhas, mas com atenção especial à identidade como fio condutor para uma visibilização da bissexualidade e seu ativismos, comparativamente a outras identidades da comunidade

LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, não binários, *queers*<sup>2</sup>, intersexos, assexuais, pansexuais e outras possíveis identidades e identificações).

Ao longo da pesquisa tenho (in)visibilidades como central, pensando em existências e ativismos bissexuais nas mídias digitais a partir do período de pandemia, englobando diferentes produções e movimentações acerca da bissexualidade no Brasil. Tenho como objetivo geral, analisar como as mídias digitais configuram-se como campo de produções e comunicações ativistas, considerando conteúdos sobre bissexualidade e organizações ativistas e de pessoas pesquisadoras em torno da monodissidência, focando em “visibilidades” como estratégia para o distanciamento de apagamentos pensando em quais visibilidades bissexuais têm sido buscadas e como ambientes on-line têm contribuído para isso. Sendo os objetivos específicos: 1) articular identidade como conceito entendendo-a como posição social do sujeito para analisar o que está em disputa e é reivindicado a partir destas mobilizações em torno da identidade bissexual; 2) operacionalizar (in)visibilidades como conceito para além de categoria êmica propondo uma virada discursiva sobre a bissexualidade a partir da produção de visibilidades por bissexuais; 3) explorar mobilizações nas mídias digitais com atenção para diferentes formas de ativismos, bem como de comunicar, pesquisar e divulgar sobre bissexualidade durante, e a partir da pandemia.

## 1.1 CAMINHOS DA PESQUISA

Este trabalho parte especialmente de um interesse situado em minhas vivências enquanto mulher bissexual, uma das motivações que me levou a, durante a finalização do curso de graduação em Ciências Sociais Licenciatura, realizar uma pesquisa sobre mulheres bissexuais e pansexuais (KLIDZIO, 2019) como mencionado acima. Portanto, a escolha do tema está íntima e emocionalmente relacionada ao meu lugar no mundo e ao propósito de seguir dialogando a partir do meu trabalho de conclusão de curso. Na ocasião, pesquisei sobre os estereótipos e a construção da identidade de mulheres, especificamente, tensionando a invisibilidade das sexualidades monodissidentes. Tive como cerne da análise estereótipos que permeiam a construção da identidade de mulheres bissexuais e pansexuais jovens e do meio universitário de Santa Maria - RS, levando em

---

<sup>2</sup> Entendo que o termo “*queer*” não remete a uma identidade em si, já que, inclusive, propõe-se como crítica à noção de identidades. No entanto, o termo está presente nesta configuração da sigla porque entendo que, de acordo com seus usos, tem a capacidade de nomear existências e modos de vida como um guarda-chuva teórico-político.

conta uma esfera de invisibilidade acerca dessas identidades, que é produzida por estereótipos ao mesmo tempo em que também contribui para disseminá-los. Sendo estereótipos, nesse contexto, imagens e representações que padronizam o olhar social sobre a bissexualidade, afetando suas representações na mídia, bem como diferentes âmbitos da vida pública e privada de quem se reconhece como tal. A principal consideração da pesquisa foi tomar esses estereótipos como fruto, em diferentes níveis, de uma concepção da sexualidade historicamente pautada pelo binarismo heterossexualidade e homossexualidade, que não traz como pressupostas de existência as orientações sexuais monodissidentes.

No entanto, após a finalização e apresentação em alguns espaços acadêmicos e não acadêmicos, bem como em conversas com outras pessoas bissexuais e pesquisadoras, percebi uma certa repetição das considerações da minha pesquisa em relação à própria produção científica brasileira sobre a bissexualidade. O que pode ser bastante comum quando iniciamos uma caminhada com um tema, buscando conhecer a comunidade científica na qual nos inserimos, a fim de entender quais as principais problemáticas relacionadas ao nosso recorte. Portanto, surge desse contexto a ideia da presente pesquisa, que vem da observação de uma necessidade de avançarmos no debate no que diz respeito ao lugar de invisibilidade da bissexualidade no imaginário social e até mesmo no ativismo LGBTQIAP+.

Ainda assim, meu sentimento ao elaborar esta pesquisa é de que a produção teórica e o ativismo bissexual vêm há décadas no Brasil precisando “reafirmar o básico”, como a ideia de que “sim, nós existimos”. Movimento que perpassa a defesa do uso e da validade do termo “bissexual” e dos termos “bifobia” e “monossexismo”, e como decorrência, implica uma defesa argumentativa de por que a bissexualidade é uma sexualidade “existente”. Isso se reflete nos estudos de gênero e sexualidade que não levam em consideração a crítica ao binarismo da sexualidade, de modo que pouco se discute sobre orientação sexual para além da binário heterossexualidade *versus* homossexualidade. Também se estende a ponto de livros e teorias sobre a bissexualidade formulados há mais de décadas que apontam essa crítica, não serem sequer traduzidos para outras línguas como o português<sup>3</sup>. Há, portanto, uma invisibilidade também

---

<sup>3</sup> Um exemplo de livro sem tradução e quase em “extinção” em sua edição original (pois também não teve reedição) é a obra *A history of bisexuality* de Steven Angelides (2001). Nela, Angelides traz críticas fundamentais para pensar a bissexualidade, inclusive em meio à teoria queer, que conforme o autor desconsidera a bissexualidade (ANGELIDES, 2001).

acadêmica, observável inclusive em eventos sobre gênero e sexualidade em que a comunidade científica estabelecida tende a desconhecer pesquisas e pressupostos sobre a bissexualidade.

Para além disso, a elaboração desta pesquisa foi afetada pelo contexto de pandemia: a partir de meu uso mais intenso de plataformas como o Instagram durante, principalmente, o início do período de isolamento físico em casa por conta da pandemia da Covid-19 a partir do ano de 2020, passei a prestar mais atenção nos conteúdos que chegavam a mim a partir de uma lógica algorítmica (PARISER, 2012) construída com base em meus interesses e buscas na internet. Observei, primeiramente, uma ocorrência de *lives*<sup>4</sup> no Instagram sobre a bissexualidade. A partir disso, passei a considerar a possibilidade de, na pesquisa acadêmica, atentar para formas emergentes<sup>5</sup> de fazer ativismo a partir da comunicação nas mídias digitais. Tal ideia levou em conta nossa realidade como cada vez mais conexionista e mediada por tecnologias e plataformas, onde estabelecemos relações para além das barreiras geográficas (CASTELLS, 2015), bem como, a intensificação de sociabilidades através das redes sociais, em especial no início da pandemia e por quem tem acesso a conexões estáveis de internet e a condições de manter o isolamento físico e as relações de trabalho em casa.

Além disso, ao realizar a pesquisa de meu trabalho de conclusão de curso, percebi uma centralidade da internet e das mídias digitais. Muitos nos processos de reconhecimento de pessoas LGBTQIAP+ dão-se a partir do consumo de mídias, com a representatividade como um fator importante e quando falamos da bissexualidade não é diferente (MONACO, 2020a). Na construção de si enquanto bissexual, principalmente a partir de contextos interioranos e rurais, o acesso à internet é central, pois possibilita acesso fácil a uma diversidade de temas procurados e que não se fazem presentes na televisão, e nas novelas, por exemplo. Portanto, a representação e construção de pessoas bissexuais, ou de comportamentos e desejos que poderiam ser considerados bissexuais não nomeados a partir do uso da palavra “bissexual”, mas que se relacionam com a noção de monodissidência, estão ligados à internet com a possibilidade de conhecer a palavra e

---

<sup>4</sup> Transmissões de vídeo ao vivo no Instagram, mas também em outras redes sociais como o Facebook ou plataformas como a Twitch.tv, que tem a realização dessas transmissões – também chamadas de *streaming* – como principal foco.

<sup>5</sup> Entendo “emergentes” não necessariamente como novas formas que eram inexistentes até então, mas como novas configurações levando em consideração o que as plataformas como espaços nas mídias digitais possibilitam. Falarei mais sobre isso no capítulo dois, no qual penso teórica e metodologicamente a construção de meu campo de pesquisa, e no capítulo quatro no qual aprofundo meu campo.

vivências semelhantes. Há, nas mídias digitais, novos espaços que podem ser forjados com o consumo de informações e produções sobre a bissexualidade considerando, principalmente, a diversidade de espectros de comportamentos e desejos presentes no universo bissexual, e também a dificuldade de espaços ou ambientes sociais off-line que sejam acolhedores a bissexuais (MONACO, 2020b), ou que, pelo menos partam dela como possibilidade de existência.

Portanto, com a pandemia e o aumento das sociabilidades on-line, assim como muitas pesquisas neste período, a minha também foi impactada e construída a partir desse cenário. O consumo de conteúdos (em sua maioria gratuitos) sobre a bissexualidade, me afetou positivamente em tempos de “isolamento social” físico, ao mesmo tempo que contribuiu para construir uma análise mais ampla sobre possíveis visibilidades da bissexualidade. Também pude “educar” minha atenção para meu campo de pesquisa através da iniciativa conjunta com a antropóloga Helena Monaco de criação e administração do perfil Bi-Biblioteca no Instagram<sup>6</sup> (KLIDZIO; MONACO, 2022) com a finalidade de divulgar as produções científicas sobre bissexualidade e monodissidência. Assim, com um olhar bastante próximo ao campo também “de dentro”, esta pesquisa preocupa-se também com a valorização e a documentação do que está sendo produzido sobre a bissexualidade, analisando os possíveis diálogos entre a produção acadêmica e o ativismo.

Ao nomear a presente pesquisa como “Existências em rosa, roxo e azul: ativismos e visibilidades bissexuais brasileiras a partir das mídias digitais”, levo em consideração existências como historicamente produzidas, coletivamente construídas e relacionalmente políticas. Ainda, considero “ativismos” no plural entendendo que há muitas formas de fazer, forjadas conforme a pauta, o público ou o espaço social. Nesse sentido, esta pesquisa se posiciona especialmente como “a partir das mídias digitais” entendendo estas como espaços sociais. Por sua vez, visibilidades nas mídias e o on-line são tomadas não com a pretensão de caracterizá-las como “boas” ou “ruins”, “melhores” ou “piores” em uma visão purista, mas tomo-as como ótica para as “andanças” da bissexualidade. Sendo assim, também me oriento para a identificação de possíveis (des)continuidades em relação ao que é elaborado como consenso nas pesquisas e no ativismo.

---

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/bi\\_biblioteca](https://www.instagram.com/bi_biblioteca) Acesso em: 24 ago. 2021.

## 1.2 CONVENÇÕES DA ESCRITA E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Sobre as convenções subjetivas da grafia escrita, destaco que na maioria das vezes as palavras “bissexualidade” e “monodissidência” são citadas neste trabalho como sinônimos, no entanto, a primeira é encarada como categoria e a segunda como conceito. Ou seja, a primeira vincula-se ao meu tema e a uma identidade sexual e social, enquanto a segunda corresponde a uma perspectiva teórica e existencial crítica às “monossexualidades”. Monossexualidades são indicadas no plural, pois destaco desde já que há diferenças entre as identidades que se enquadram nessa lógica, o lugar social da identidade gay, e especialmente da identidade lésbica em comparação com a heterossexualidade é violentamente contrastante na lógica da heteronormatividade. Nesse sentido, as monossexualidades são constituídas por um binário hierárquico: heterossexualidade e homossexualidade, no entanto, ainda assim se reconhecem e integram um referencial analítico que não apenas não reconhece e exclui, mas hierarquiza e patologiza as monodissidências.

Ao utilizar “identidade sexual” é como sinônimo de orientação sexual, pois o que me interessa, de modo geral, é a orientação sexual bissexual reivindicada pública e socialmente enquanto existência política. A sigla que utilizo para tratar da comunidade LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, não binários, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras possíveis identidades e identificações) define-se também por uma perspectiva política e existencial pois há diferentes configurações da sigla em uso atualmente para além de uma configuração oficial e nesta pesquisa entendo esta como a mais adequada. No entanto, quando em determinados momentos do texto aparece a configuração simplificada “LGBT”, é porque foi assim utilizada pela pessoa autora que referencio.

A formatação e as orientações técnicas da escrita e de estruturação que organizam o texto se apoiam no Manual de Dissertação e Teses da UFSM (2015) elaborado a partir das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Algumas das convenções técnicas da escrita, que já foram utilizadas nesta introdução, são: 1) *itálico* para palavras estrangeiras, citações em epígrafe no início de seções e capítulos e para destacar relatos de meu diário de campo ao longo do texto; 2) “aspas” para títulos de obras/eventos, citações, termos êmicos, conceitos, frases utilizadas com frequência por determinada pessoa autora sendo uma expressão dela, e para palavras cujo uso no texto não corresponde exatamente a um sentido literal (e que na maioria das vezes precede a

explicação desse sentido dado); e, 3) **negrito** para ênfases no texto, grifos meus em citações diretas e destaques em definições temáticas da bissexualidade.

A estrutura segue a lógica de capítulos temáticos sendo o **primeiro capítulo** esta introdução; o **segundo capítulo** é o de metodologia, no qual trago reflexões teórico-metodológicas fundamentadas, especialmente, na área da antropologia a partir da etnografia, entendendo minha metodologia como intrínseca à epistemologia e às pesquisas sobre mídias e ativismo, que me auxiliam na construção do campo desta pesquisa; como **terceiro capítulo**, “Gênero e (bi)sexualidade” está a revisão de literatura em que apresento trabalhos e conceitos base, bem como, a construção de minha problematização; no **quarto capítulo**, “Existências e ativismo em rosa, roxo e azul”, apresento considerações a partir de meu campo de pesquisa delimitado on-line, tendo como foco o que foi produzido, organizado e compartilhado em torno da bissexualidade pelas 9 pessoas que entrevistei: Beatriz Cruz, Beatriz Hermans, Elisa Volpato, Gui Neves, Inácio Saldanha, Roney Rodrigues, Trix Gomes, Nick Nagari e Talitta Cancio. Isso, somado à minha percepção enquanto sujeito de dentro do campo; e em seguida trago as considerações finais.

## 2 METODOLOGIA

No contexto de crise sanitária no período da pandemia de Covid-19 inúmeras pesquisas tiveram que se adaptar temática e/ou metodologicamente. Assim como práticas sociais e outros temas, eventos e atividades acadêmicas, as questões referentes à bissexualidade reconsideraram caminhos para se desenvolver especialmente a partir das mídias digitais. Por conta da inviabilidade do convívio físico, entrevistas, observação participante e outras técnicas que prezam o contato direto e com tendência de serem realizadas apenas de maneira off-line passaram a encontrar “novos” meios on-line. Em função disso e com intenção de olhar para a bissexualidade a partir das mídias digitais, a construção do campo da presente pesquisa foi contínua e se deu visando o acesso e convívio com um campo de pesquisa em grande parte mediado pelo digital.

Entre seus diversos cruzamentos, as mídias digitais e a bissexualidade têm em comum o fato de, muitas vezes, serem subestimadas. A bissexualidade tende a ser vista como sexualidade e identidade inconsistente em comparação às identidades monossexuais e assim também as mídias digitais e o que acontece na internet, tende a ser visto como insuficientemente real. Dito isso, neste capítulo destaco abordagens teóricas que permeiam meu percurso de pesquisa para contextualizar o que são “as mídias digitais” como campo e a etnografia enquanto metodologia, considerando que existem possibilidades diferentes dependendo da área e da abordagem.

Trago reflexões que permeiam a construção do campo entendendo que a metodologia vai muito além de descrição de métodos e técnicas utilizados, compreendendo até mesmo as bases epistemológicas da pesquisa. Para isso, abordo questões teórico-metodológicas sobre mídias digitais e etnografia, contextualizando meus percursos no campo de pesquisa até o delineamento de “ativismos e visibilidades bissexuais”; em seguida aponto reflexões éticas e outras problematizações em relação a este campo; e por fim, trato de fundamentos epistemológicos que fazem parte de pensar a produção de conhecimento científico e que me auxiliam para construir e situar o campo da pesquisa.

### 2.1 CONSTRUÇÃO DO CAMPO: BISSEXUALIDADE, MÍDIAS DIGITAIS E PANDEMIA

Por já tratar sobre bissexualidade em meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais (KLIDZIO, 2019) a escolha do tema se deu facilmente desde o processo

seletivo para o mestrado. No entanto, mesmo tendo essa familiaridade, o desenvolvimento da pesquisa foi afetado pela pandemia, passando por reconfigurações. No momento de ingresso no curso de mestrado, minha pretensão era pensar o apagamento da bissexualidade a partir de entrevistas com homens que se identificam como bissexuais e que residiam em Santa Maria - RS. As escolhas nessa primeira configuração de pesquisa se deram pela intenção de complementar meu trabalho de conclusão de curso, no qual abordei o apagamento da bissexualidade feminina e seus atravessamentos, pensando estereótipos e invisibilidade em meio aos processos de construção da identidade bissexual ou pansexual (KLIDZIO, 2019). Na época entrevistei nove mulheres jovens, cisgêneras e universitárias que moravam em Santa Maria e realizei um grupo focal com cinco delas. Ambas as técnicas foram pensadas e desenvolvidas tendo em vista a interação social presencial de maneira física e, assim, a intenção de pesquisa para o mestrado seguia na mesma linha técnica e metodológica: pretendendo realizar entrevistas off-line e com o delineamento geral do objeto como sendo uma abordagem voltada à cidade de Santa Maria. Essa intenção de pesquisa não foi exatamente impossibilitada pela pandemia, pois as entrevistas poderiam ser realizadas em plataformas digitais por meio de videochamadas<sup>7</sup>, ou até mesmo via ligação telefônica. No entanto, o contexto pandêmico contribuiu para atravessamentos importantes para que a perspectiva analítica e o campo atual da pesquisa se configurassem.

No período de quarentena enquanto universitária passei a ter aulas on-line, interações e práticas de entretenimento e lazer somente a partir das mídias digitais. Aumentei consideravelmente o uso de redes sociais, principalmente o consumo de conteúdo no Instagram. Ao longo de 2020 passei a acompanhar lives com eventos artísticos, palestras e até mesmo comunicações acadêmicas sobre bissexualidade. Um período marcante foi o mês de setembro, mês da visibilidade bissexual, e principalmente a semana do dia 23 que é o Dia Internacional da Visibilidade Bissexual. Lembro de ter mais de uma live por dia sobre bissexualidade que eu desejava assistir. Assim, esse conjunto de acontecimentos foi inédito e teve grande significado para mim, pois eu nunca tive contato com espaços que tratassem especificamente sobre bissexualidade, com exceção dos que, com ajuda de amigos, organizei junto à Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Naturais e Exatas da UFSM durante a graduação no ano de 2018.

---

<sup>7</sup> Que também é o modo como se deram as reuniões e aulas desde março de 2020 e como, tratarei mais adiante, foi realizado o campo desta pesquisa.

Minha percepção sobre a bissexualidade se transformou nesse período. Antes da pandemia ela se restringia a pensar a escassez de conteúdo, de debates e de vivências sendo publicizadas, o que entendo como consequência da bissexualidade como uma sexualidade monodissidente e por isso imbricada em invisibilidade e apagamento que se renova em um ciclo (LEWIS, 2012, 2017; YOSHINO, 2000). Mas a partir desse período, meu ponto de partida passou a ser a existência de uma série de sujeitos, espaços e vínculos que se situam no meio digital que são uma rede que traz visibilidade em diferentes contextos.

Além disso, já durante a realização de meu trabalho de conclusão de curso (KLIDZIO, 2019) uma de minhas percepções foi que as mídias digitais têm tido papel importante na comunicação sobre a bissexualidade, impactando os processos de “descobrir-se” bissexual. Embora isso não apareça explicitamente no texto, ao entrevistar mulheres universitárias, residentes em Santa Maria - RS, e que nasceram e cresceram em cidades menores de diferentes regiões interioranas e rurais do Rio Grande do Sul (SIQUEIRA; KLIDZIO, 2020) notei que o acesso aos conteúdos de youtubers, por exemplo, marcou o processo de construção de identidade de muitas dessas mulheres. Nesse sentido, as mídias digitais com a produção de conteúdo independente a partir da dinâmica da *web 2.0* (CASTELLS, 2015) auxiliam para suprir a necessidade de informação, levando bissexuais a terem referências da bissexualidade enquanto uma orientação sexual facilitando um processo de reconhecimento. Além de que, considerando que “a ideia de criação de comunidades virtuais de sentido, aliás, está na base do que se entende por *web 2.0* e das redes sociais que daí surgem.” (DESLANDES, p. 3133, 2018), há a formação de ambientes de acolhimento e de sentimentos de pertencimento.

Portanto, partindo do contexto pandêmico no qual estudos e atividades de lazer de uma parcela da população se intensificaram de modo on-line, meu campo de pesquisa se construiu com atenção especial à bissexualidade como sendo uma identidade da comunidade LGBTQIAP+ invisibilizada e fragilizada (especialmente em relação à saúde mental), mesmo em comparação a identidades monossexuais como gay e lésbica. A partir das mídias digitais e de meu consumo de conteúdo nas redes sociais vi uma quebra de um cenário que, até então, era de um contexto acadêmico em que a bissexualidade raramente era tema de debates públicos como projetos de extensão, palestras e formações acadêmicas de especialistas em gênero e sexualidade nas universidades. Além disso, eu não via com frequência perfis e páginas na internet tratando da bissexualidade e disseminando produções de bissexuais sobre a bissexualidade.

Esta pesquisa aborda a construção de visibilidades bissexuais a partir das mídias digitais. Com foco inicial em eventos on-line e perfis na plataforma Instagram no período da pandemia, conheci uma diversidade de sujeitos e grupos: que são ativistas bissexuais; que pesquisam e discutem academicamente sobre bissexualidade; que produzem conteúdo nas redes sociais, ou mesmo que escrevem contos literários, produzem *podcasts* ou até mesmo documentários sobre bissexualidade com foco na produção de personagens e narrativas bi. Me relaciono com esse campo pensando que ele não apenas comunica questões sobre a bissexualidade, mas contribui para a compreensão das bases de um campo em consolidação política e academicamente. Inclusive, vejo esse universo de pesquisa constituído por diferentes iniciativas como conexões entre os ativismos e as produções acadêmicas em torno da bissexualidade no Brasil.

A pesquisa se desenvolve na medida em que me deixo levar por uma série de conteúdos como: grupo de estudo, rodas de conversa e oficinas; perfis no Instagram; episódios de *podcast* (Spotify e outros gerenciadores); contos literários (literatura independente publicada em formato *e-book* na Amazon ou vendida em formato de livros físicos); além de coletivos ativistas, por exemplo. O campo da pesquisa ganha forma conforme vou entendendo essas produções como “visibilidades”, no plural, por considerar que existe uma fluidez entre pessoas e ambientes, que mostram que não há uma (in)visibilidade da bissexualidade mas sim maiores e menores níveis de visibilidade construída.

O objetivo da pesquisa consiste em uma análise relacional da produção de ativismos bissexuais a partir das mídias digitais e de demais visibilidades, como as acadêmicas, por exemplo, as entendo também como políticas. Para isso me concentro no período de pandemia de Covid-19 e tomo as mídias digitais como campo de pesquisa conforme trazem as antropólogas Débora K. Leitão e Laura G. Gomes (2017), em uma posição de levar a sério o ambiente para o qual é possível olhar e se inserir. Assim, ao ter a observação participante como técnica oriento-me pelas três sensibilidades etnográficas propostas pelas autoras: perambulação, acompanhamento e imersão (LEITÃO; GOMES, 2017).

Na perambulação, que Patrick Souza (2019) chamou em sua pesquisa de “etnoperambulação”, as plataformas digitais são compreendidas a partir da antropologia urbana como ambientes construídos enquanto “outros modos particulares de vida” (LEITÃO; GOMES, 2017 p. 42), assim como as cidades. Nesse sentido, perambular significa explorar o campo nas mídias entendendo que a espacialidade não acaba com as

relações mediadas pelo digital pois existe um terreno e um fluxo de relações que constituem modos de vida com dinâmicas próprias.

Tal contexto está ligado a uma ação algorítmica da plataforma, com atuação nesse processo ao sugerir perfis para seguir identificados a partir de um mapeamento de interesse. Ou ainda, relaciona-se com conteúdos acerca dos quais demonstrei interesse (no Instagram isso pode se dar com as ações de curtir, salvar ou compartilhar) como por exemplo, algum acontecimento envolvendo a bissexualidade que eventualmente é ampla e rapidamente compartilhado, como aconteceu com um caso de bifobia contra um participante na edição de 2021 do *reality show* Big Brother Brasil, programa da Rede Globo de Televisão.

Já na atitude de acompanhamento há um “deslizamento” (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 56) para outras plataformas, o que é importante já que muitas produções de conteúdo estão disponíveis em outros sites, como mencionei acima. Por fim, a atitude de imersão consiste em “examinar também sua condição no momento em que realiza seu trabalho de campo” (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 57), ou seja, aprender a utilizar a plataforma, deixando-se perceber, no meu caso, o impacto do conteúdo difundido a partir dali, bem como realizar um reconhecimento de “quais são as pessoas que o produzem?”, “quais o consomem?” e “por quê o fazem?”.

De modo geral, ter as plataformas como ambientes permite ver a produção de visibilidades bissexuais em espaços diversos já existentes e também a construção de novos para além da noção de “lugar” como espacialidade física. No entanto, sem deixar de relacionar com o cotidiano não mediado pelas tecnologias, atentando para uma continuidade entre o on-line e o off-line. São modos de fazer pesquisa que compartilham princípios da pesquisa etnográfica e da análise antropológica clássica, mas que mudam e que, especialmente nas mídias digitais, precisam se reinventar de acordo com espaços perpassados por uma dinâmica na qual a estrutura se modifica e os usos são heterogêneos.

A noção de “campo” nas mídias digitais se transforma e podemos pensá-la para além de fronteiras e populações físicas, ultrapassando a compreensão da observação participante como apenas um trabalho empírico e de residência e convivência intensa em uma localidade física situada geograficamente e off-line. É possível pensar no campo como a perambulação nas redes e a partir de uma noção de “frequência profunda”. Aqui, a observação participante faz-se interessante ao trazer a ideia de uma viagem, de adentrar em um universo – mesmo que já conhecido – com um olhar diferenciado. A pretensão é descobrir e analisar ativismos e mobilizações em torno da bissexualidade

como pauta social, levando em consideração as configurações de espaço-tempo com as mídias digitais em um sistema-mundo cada vez mais interconectado.

Outra questão é a necessidade de estranhamento do conteúdo das produções, especialmente em relação ao consumo que faço há anos a partir das redes sociais. Há uma mudança de configuração em relação à análise etnográfica clássica em que pesquisava-se o “outro” como sendo um nativo de outra cultura e até continente. Assim, me aproximo do que traz a pesquisadora Sandra R. da Silva (2016, p. 53) ao destacar que:

é certo que não somente, mas em especial quando “os nativos somos nós”, as consequências metodológicas implicadas para o trabalho de campo e a etnografia são inúmeras. A mais importante delas, a perda do isolamento do antropólogo que pesquisa em sociedades complexas. Como nos lembra Geertz (2001), o antropólogo era um “solitário”. Assim, é fundante a necessidade de observar o familiar a partir de um processo de estranhamento, que era automático no caso do contato do antropólogo com as culturas ágrafas. Tal processo de “estranhar o familiar” não pressupõe a indiferença, mas sim a imparcialidade, relativizando o que seja o “familiar” e o “exótico” (Velho, 1984) e jamais prescinde de um firme compromisso com a teoria (Velho, 1980) – ou, como prefere DaMatta (1984), o ofício do etnógrafo envolve necessariamente experimentar um estado de *anthropological blues*.

É importante a abertura à possibilidade de interpretar o extraordinário na pesquisa, ou seja, aquilo que não era esperado encontrar. Recorro a DaMatta (1984) e Velho (1981) quando dizem que essas são reflexões relativas ao método e que dialogam com a construção do problema de pesquisa e com as implicações éticas sobre o campo. Para os autores, mesmo reconfigurando-se o trabalho de campo da Antropologia e das Ciências Sociais como um todo, o desenvolvimento de uma pesquisa não perde a necessidade de trabalhar com preceitos clássicos como, por exemplo, o lugar da pessoa que pesquisa e o estado de *anthropological blues* como processos de aproximação e afastamento na interpretação da alteridade.

Com isso encontrei produções e relações a serem observadas, seja a partir de perfis ou eventos on-line. O início dessa construção do campo (mas não o campo como um todo) é marcado pela perambulação por perfis no Instagram, que eu já conhecia ou que encontrei seguindo *hashtags* como “bissexual” ou “bissexualidade”. Assim, primeiramente a partir do Instagram mas também em outras redes sociais e com minha vivência enquanto acadêmica, fui descobrindo encontros on-line e produções diversas que traziam a bissexualidade como central. Em minha banca de qualificação, a primeira composição do campo foi a representada abaixo.

Acompanhamento inicial do campo: perfis no Instagram e produções artísticas nas mídias digitais

<b>Tipo</b>	<b>Nome/Título</b>	<b>Disponível em</b>
Coletivo ativista	Frente Bissexual Brasileira - @frentebissexualbr	<a href="https://www.instagram.com/frentebissexualbr">https://www.instagram.com/frentebissexualbr</a>
Evento ativista e artístico	I Festival Bi+ - Frente Bissexual Brasileira	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=x6QV900SdaI&amp;t=822s">https://www.youtube.com/watch?v=x6QV900SdaI&amp;t=822s</a>
Divulgação/discussão de representações no audiovisual	Bi na Mídia - @binamidia	<a href="https://www.instagram.com/binamidia">https://www.instagram.com/binamidia</a>
Divulgação/discussão de representações no audiovisual	BiCine - @bicinefestival	<a href="https://www.instagram.com/bicinefestival">https://www.instagram.com/bicinefestival</a>
Criação de conteúdo	Nick Thomás - @nicknagari	<a href="https://www.instagram.com/nicknagari">https://www.instagram.com/nicknagari</a>
Criação de conteúdo	Belle Marques - @belle.marques	<a href="https://www.instagram.com/belle.marques">https://www.instagram.com/belle.marques</a>
<i>Podcast</i>	Biscoito Podcast -	<a href="https://www.instagram.com/biscoitopodcast">https://www.instagram.com/biscoitopodcast</a>

	@biscoitopodcast	
<i>Podcast</i>	Bisão Voador - @bisaopodcast	<a href="https://www.instagram.com/bisaopodcast">https://www.instagram.com/bisaopodcast</a>
<i>Podcast</i>	Podcast Bi Sem Carteirinha - @bsemcarteirinha	<a href="https://www.instagram.com/bsemcarteirinha">https://www.instagram.com/bsemcarteirinha</a>
Literatura	Maria Freitas - @themariafreitas	<a href="https://www.instagram.com/themariafreitas">https://www.instagram.com/themariafreitas</a>
<i>Reality show</i> e divulgação de literatura	Big Bissexuais Brasil - @bigbibrasil	<a href="https://www.instagram.com/bigbibrasil">https://www.instagram.com/bigbibrasil</a>
Criação de conteúdo	Bissexuais BR - @bissexuaisbr	<a href="https://www.instagram.com/bissexuaisbr">https://www.instagram.com/bissexuaisbr</a>
Criação de conteúdo	Não é só uma fase - @nao_esoumafase	<a href="https://www.instagram.com/nao_esoumafase">https://www.instagram.com/nao_esoumafase</a>
Coletiva ativista	Bora Bi - @borabissexual	<a href="https://www.instagram.com/borabissexual">https://www.instagram.com/borabissexual</a>
Divulgação de pesquisas e a relação bissexualidade e psicologia	Entre (In)visibilidades - @entreinvisibilidades	<a href="https://www.instagram.com/entreinvisibilidades">https://www.instagram.com/entreinvisibilidades</a>

Coletivo	IndaiaBI @indaiaabi	- <a href="https://www.instagram.com/indaiaabi">https://www.instagram.com/indaiaabi</a>
Grupo de estudos	Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade (GAEBI) @gaebi_pa	- <a href="https://www.instagram.com/gaebi_pa">https://www.instagram.com/gaebi_pa</a>
Evento acadêmico	I Seminário Nacional de Estudos Bissexuais (SENABI) @sena__bi	- <a href="https://www.instagram.com/sena__bi">https://www.instagram.com/sena__bi</a>
Evento acadêmico	III Semana da Visibilidade Bissexual de Assis @semanavisibi	- <a href="https://www.instagram.com/semanavisibi">https://www.instagram.com/semanavisibi</a>
Divulgação científica	Bi-Biblioteca @bi__biblioteca	- <a href="https://www.instagram.com/bi__biblioteca">https://www.instagram.com/bi__biblioteca</a>
Videoclipe de Mariana Salinas	Bissexual	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=6aWwDyCaLmI">https://www.youtube.com/watch?v=6aWwDyCaLmI</a>
Vídeo de humor <i>stand up</i> de Babu Carreira	Bissexual está confuso?	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=nbhtkVnQsM0">https://www.youtube.com/watch?v=nbhtkVnQsM0</a>
Documentário de Victor Enger	(Bi)chas: a bissexualidade e o ser afeminado	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=wfDLcQmYIk8&amp;t=114s">https://www.youtube.com/watch?v=wfDLcQmYIk8&amp;t=114s</a>

Cartilha artística- informativa de Alê Barreto, Ana Cazumbá, Ana Laura, Gabo, Leo Aguiar e Quiara Camargo	Bi-alética	<a href="https://issuu.com/bi-aletica/docs/cartilha_bialetica">https://issuu.com/bi-aletica/docs/cartilha_bialetica</a>
---	------------	---

Fonte: Elaboração própria.

Incorporei cada vez mais na delimitação do campo uma perspectiva que englobasse o universo de pesquisa como sendo para além do Instagram. Apesar de que todas as produções e existências listadas no quadro fazem parte do que foi observado e mapeado no campo da pesquisa, tenho como centralidade apenas algumas dessas iniciativas e nomes citados. Com a necessidade de delimitação, me orientei pelo princípio de fazer circular conhecimento sobre bissexualidade, me deixando levar pelas relações de maior afinidade que estabeleci em meu trânsito em campo.

Apesar de muitas dessas iniciativas e dessas pessoas se centralizarem em perfis em sua maioria situados no Instagram, utilizo e percorro outras redes e sites, englobando-as em uma perspectiva de “visibilidades a partir das mídias digitais”, ou seja, que não se dão apenas on-line e mediadas pelo digital porque trazem impactos para a articulação de sujeitos em suas localidades geográficas, em suas vivências acadêmicas e ações ativistas, por exemplo. Tenho acompanhado essas iniciativas e as pessoas criadoras buscando conhecer mais sobre os perfis e produções artísticas e pretendo entrevistar as pessoas que idealizaram e administram os perfis, bem como as quatro pessoas que idealizaram as produções artísticas. A escolha dessas iniciativas se deu motivada pela aproximação que tive com as pessoas criadoras ao longo de 2020 e 2021 e, especificamente em relação aos perfis no Instagram, segui o critério de priorizar os perfis mais populares e contributivos para as discussões acadêmicas, ou que partem da academia e relacionam-se com a divulgação científica e/ou organizações e coletivos ativistas, conjugando essas trocas.

Pensando na construção do campo, destaco o que argumenta Mariza Peirano (2014), acerca de como

a pesquisa de campo não tem momento certo para **começar e acabar**. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos. (PEIRANO, 2014, p. 379, grifo meu).

Contudo, apesar de não buscar especificar um momento de início e fim do meu campo de pesquisa, um passo importante nesta trajetória foi o dia 21 de maio de 2020 quando conheci a pesquisadora Helena Monaco, atualmente minha parceira de trabalho na Bi-Biblioteca e colega em diversos espaços e atividades sobre os estudos acerca da bissexualidade. Vi Helena apresentar sua pesquisa de dissertação como convidada durante o curso “Etnografia em Tempos de Pandemia”, coordenado por Jurema Brites e Ali Machado e ofertado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. Além de me possibilitar conhecer pela primeira vez uma outra pessoa que pesquisava sobre bissexualidade, o curso foi importante para o desenvolvimento dessa dissertação pois possibilitou uma base em relação às formas de fazer etnografia e às reflexões na pandemia. Além disso, foi um dos primeiros espaços que acessei durante a pandemia e que serviu para discussão e acolhimento entre pessoas em diferentes níveis de desenvolvimento de suas pesquisas que precisavam (re)construir suas abordagens. Assim, em especial junto ao grupo de trabalho “Mídias digitais, coletividade e gênero” do curso, pude refletir e discutir sobre etnografia colaborativa e pesquisas nas mídias digitais.

Vínculos como esses foram essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa, mas especialmente, conhecer Helena foi importante pois, além de pesquisarmos o mesmo tema, nossas áreas e abordagens eram semelhantes. Assim, fui muito feliz quando a partir da segunda metade de 2020 e, especialmente em setembro de 2020 – mês da visibilidade bissexual – nos encontramos em inúmeros eventos sobre bissexualidade e passamos a nos encontrar periodicamente até junho de 2022 no Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade (GAEBI). O primeiro encontro do GAEBI que participei ocorreu em 24 de setembro de 2020, era o terceiro encontro do grupo após sua retomada de maneira online em 2020. Com a dinâmica tradicional de leitura prévia (mas não obrigatória) de textos, em cada encontro a discussão girava em torno de um enfoque temático da bissexualidade ou de um tema afim com a qual identificávamos uma necessidade

relacional de reflexão como, por exemplo, não monogamia, saúde mental e decolonialidade. O encontro do dia 24 teve como ponto de partida a dissertação de Melissa Jaeger intitulada “Experiência de minas bissexuais: Políticas identitárias e processos de marginalização” e o capítulo dois da dissertação de Maria Leão, chamada “Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais”. Ambas as referências são muito importantes para a bissexualidade no Brasil, presentes nesta dissertação, e as autorias são nomes que integraram a programação do I SENABI dezembro de 2021, sobre o qual falarei mais adiante.

Nesse contexto, nosso encontro (todos os encontros, mas especialmente o meu e da Helena) foi tão significativo que resolvemos unir forças para falarmos sobre bissexualidade na internet, mais especificamente no Instagram, a partir de sínteses de produções científicas sobre a temática, no perfil @bi\_\_blioteca. Em 27 de setembro de 2020, um dia após assistirmos à primeira edição do Festival Bi+, Helena me convidou para criarmos esse perfil de divulgação científica, inspirado no Bi na Mídia, mas com foco em produções acadêmicas. Ao escrever para mim no WhatsApp, Helena comentou que após assistir o Festival sentiu que há grande desconhecimento acerca dos trabalhos acadêmicos sobre bissexualidade, visualizando o problema de que as pesquisas que existem não são divulgadas e assim, muitas reflexões não circulam. Assim, uma forma de contribuirmos enquanto pesquisadoras é essa intenção de divulgação que nos levou a criarmos a Bi-Blioteca (KLIDZIO; MONACO, 2022). Foi a partir desse envolvimento com Helena, da criação da Bi-Blioteca e da participação no GAEBI, que minha pesquisa de campo foi se desenvolvendo e se deu no período de 2020 a 2022.

Desde o início e acirramento da pandemia do novo coronavírus no começo de março de 2020, houve um crescimento do número de pesquisas sobre diferentes locais e grupos nos “tempos de pandemia” ou em “tempos de distanciamento social”. João B. de M. Bittencourt e Alexandre B. Pereira (2020) tratam sobre os impactos do distanciamento e do isolamento social na vida de jovens brasileiros pelo eixo da saúde mental. Algumas de suas considerações são que esses impactos são diferentes para grupos sociais de jovens, por exemplo, pois variam de acordo com as condições e situações que vivenciam, seus pertencimentos de raça, classe, gênero e territorialidade. Ainda assim, muitas pessoas jovens têm experiências comuns de angústias e ansiedades que derivam do fechamento das escolas e da perda das atividades de lazer, por exemplo; sendo a população pobre a mais preocupada com a incompatibilidades com o ensino a distância, e a mais rica com a

falta de encontros com suas amigas, por exemplo. (BITTENCOURT; PEREIRA, 2020).

Essas são configurações que elenco para pensar em percursos e impactos da pandemia na vida de pessoas (não somente do público considerado jovem) universitárias e pesquisadoras de modo geral. Passamos a encontrar saídas que incluem encontros com outros públicos e outras formas de sociabilidade na pandemia. Nesse contexto, embora longe de ser um campo que surge agora, também cresce o número de trabalhos acadêmicos que se aproximam, muitas vezes um tanto compulsoriamente, das mídias digitais em suas metodologias. Ou seja, tomando as mídias digitais 1) enquanto meio para uma técnica de pesquisa, no caso de entrevistas e questionários, por exemplo; 2) enquanto campo para investigar seu objeto de pesquisa; ou então, 3) enquanto meio e campo de pesquisa, analisando os usos das mídias digitais em “tempos de pandemia” ou possíveis correlações. É nesse terceiro modo que a presente pesquisa se insere, considerando os usos das mídias digitais junto com a criação e repercussão de movimentos e referências bissexuais, identificando produções de visibilidades a partir de uma etnografia que as toma (as mídias digitais) também como campo de pesquisa.

Uma das características das plataformas digitais e principalmente redes sociais é que as suas possibilidades de uso são diversas, no caso do Instagram, por exemplo, se transformam rapidamente conforme as atualizações da plataforma e do aplicativo, indo para além do compartilhamento de imagens de si, do dia a dia, e de viagens. Outros usos também são inventados conforme a faixa etária e a localidade da pessoa que a utiliza. Os estudos da antropologia e da sociologia digital trazem uma compreensão teórico-metodológica que não faz referência à internet como uma “coisa” em si, tampouco como passível de observação em seu todo. Mas sim, enquanto um conjunto de modos de vida (GOMES; LEITÃO, 2017; HINE; PARREIRAS; LINS, 2020) nos quais “[...] a internet é campo, é contexto e é ferramenta de pesquisa, composta pelas muitas relações que se desenvolvem nela e a partir dela.” (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 6). Como argumentam Beatriz A. Lins, Carolina Parreiras e Eliane T. Freitas (2020), os estudos sobre o digital têm mostrado a heterogeneidade das plataformas e do acesso de determinados grupos por carências sociotécnicas e materiais.

É importante considerar que não existe “a internet” (FREITAS, 2017, HINE; PARREIRAS; LINS, 2020) ou “as mídias digitais” como um todo, nem mesmo redes sociais como “o Instagram” ou “o YouTube” como uma mesma rede para todas as pessoas. Nesse sentido, a existência de visibilidades e ativismos bissexuais, ou seja – do

meu campo de pesquisa – depende de uma construção teórica e de uma visão localizada em relação à identidade algorítmica (CHENEY-LIPPOLD, 2011) que determina usos e consumos específicos em uma plataforma fazendo delas, de certa forma, “invenções locais” (MILLER; HORST, 2015).

Além desse ponto, uma das principais questões que contribui até mesmo para uma deslegitimação da pesquisa de campo on-line consiste na separação on/off-line ou real/virtual. Os teóricos britânicos Daniel Miller e Don Slater (2004) explicam que não há uma distinção entre on-line e off-line que seja de fato observável mas que essa diferenciação depende do sentido que faz em cada pesquisa, especialmente etnográfica, onde contexto e percepção dos sujeitos são aspectos extremamente significantes. Os autores argumentam a favor da etnografia como não apenas um método e sim como uma abordagem que busca compreender, inclusive, os termos utilizados para falar sobre internet sem que façam referência somente a “propriedades da nova tecnologia”. Ou seja, que a pensem como produto de ações sociais que “[...] reconfiguram tanto as tecnologias quanto seus ‘contextos’, um em relação ao outro.” (MILLER; SLATER, 2004, p. 42). Alguns exemplos desses termos são “on-line e offline, virtualidade e ciberespaço, cibercafés e, claro, a ‘Internet’ ela própria.” (MILLER; SLATER, 2004, p. 42).

Nesse sentido, determinados termos podem favorecer uma falsa simetria em uma comparação entre “virtual” e “real” no que diz respeito às sociabilidades e realidades mediadas ou não pelo digital, dando a entender que o que acontece ou existe on-line tem menos “verdade” ou “valor” e maior artificialidade em relação ao off-line. Essa problemática pode se estender das metodologias aos contextos de análise que se dão exclusivamente ou preponderantemente on-line.

Assim, “estratégias para pensar o digital” configuram-se como um processo de artesanaria onde existe um movimento de ir “[...] passo a passo, adequando, e muitas vezes criando, nossas ferramentas de pesquisa na medida em que vamos avançando na investigação junto com nossos/as interlocutores/as em campo.” (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020, p. 4). Além disso, em relação aos desenhos das pesquisas que incorporam as mídias digitais, um olhar antropológico permite “[...] um conhecimento não só mais vasto como mais ‘holístico’: nós podemos situar o fenômeno dentro do contexto mais amplo possível, de forma que cada um é usado metodologicamente para fazer sentido ao outro.” (MILLER; SLATER, 2004, p. 44).

De modo geral, destaco a necessidade de reconhecimento das sociabilidades que se situam no digital como válidas e “reais”, pois criam laços e interações que atuam

conjuntamente na transformação das formas de comunicação e também nos modos de fazer ciência, de produção e circulação do conhecimento. Como contextualiza a etnógrafa inglesa Christine Hine, é preciso rever a centralidade da presença exclusivamente física na etnografia na medida em que as interações mediadas em seus termos também são estudadas. Conforme Ali Machado e Sandra R. Silva (2017), as sociabilidades e os usos das redes dizem respeito às buscas por interesses e demandas sociais dos sujeitos. “Os usos, agenciamentos e apropriações da internet dinamizam os sentidos na vida cotidiana conforme as experiências sociais vão sendo incorporadas e corporificadas.” (MACHADO; SILVA, 2017, p. 264).

Além disso, em meio à pandemia tensiono a recorrente menção a um “distanciamento social” ou “isolamento social”. Considero-a como uma ideia relativa e um tanto equivocada em termos de seu sentido de rompimento das sociabilidades. No contexto pandêmico as mídias digitais ganham espaço e suas configurações permitem, em alguma medida, até mais sociabilidades, embora diferenciando-se ao não necessitarem de proximidade física e geográfica e com tendência a menor comunicação corporal visual. Portanto, o cumprimento das medidas sanitárias e de saúde adequadas para um período pandêmico para as pessoas com acesso a tecnologias implica não necessariamente a ausência de sociabilidades e de presenças, mas um distanciamento físico.

Essa localização e contextualização do meu campo de pesquisa e das próprias mídias digitais trazidas até então são importantes em minha pesquisa que tem se dado desde meados de 2020. Construída a partir da observação participante em espaços on-line em que a bissexualidade tem centralidade, o campo de pesquisa é uma rede de produções e existências como um grupo de pesquisa, uma frente ativista, podcasts e perfis no Instagram, bem como uma dinâmica de interações e conteúdos compartilhados em outras redes como o YouTube. Reuniões, lives e demais eventos que percorri enquanto pesquisadora e ativista em torno da bissexualidade são a base da pesquisa, que se localiza, portanto, em um campo que é uma costura de eventos, acontecimentos e sujeitos.

O olhar para o “cenário” descrito, cuja delimitação não deixa de ser uma bolha algorítmica personalizada conforme meus interesses, guia-se pela ideia de visibilidades bissexuais na qual, com a etnografia a partir das mídias digitais, “[...] através de um período estendido de tempo e participação, os objetos e sujeitos de pesquisa podem ser vistos no âmbito de molduras ou contextos mais amplos” (MILLER; SLATER, 2004, p. 44). As interações on-line se dão com intensa fluidez e rapidez, com risco de o conteúdo ser deletado a qualquer momento. Em função disso, muitas vezes tem-se a ideia

precipitada de que fazer pesquisa nas mídias digitais consiste em colecionar capturas de tela e posteriormente analisá-las. No entanto, considerando que essa é uma característica das interações sociais como um todo – a de que não param no tempo – a pesquisa nas mídias, assim como em outros contextos, necessita de um diário de campo, por exemplo. A etnografia mostra a importância de uma construção das reflexões que é constante na observação do campo, e para fugir de precipitações o diário é material indispensável, seja no formato digital ou em papel. Isso circunscreve-se na máxima que se assemelha à observação presencial off-line, na qual a realidade também é fluida. Por isso, considero pertinente não encarar a observação participante como técnica para coletar provas para embasar a argumentação, mas sim como parte de uma construção artesanal e, de certa forma, até ficcional, porém sempre mantendo “os pés no chão” partindo da interlocução com o campo.

Como uma costura de diferentes técnicas a fim de desenvolver um cortejamento dos dados (FLICK, 2009) em um processo de triangulação ou em uma simples dinâmica de olhar através e para mais de um ângulo, juntamente com a observação participante realizei entrevistas semiestruturadas (BONI; QUARESMA, 2005) com nove pessoas presentes em diferentes espaços da dinâmica do meu campo. A partir da etnografia com a observação participante e as entrevistas semiestruturadas aprofundei conversas livres mas ao mesmo tempo direcionadas para as questões centrais da pesquisa conforme o que viesse à tona. A entrevista é uma forma de desenvolver proximidade para entender o que mobiliza e como é viabilizada a construção de espaços e referências de visibilidades, bem como para descobrir os pontos de vista dos sujeitos. No meu caso, entrevistei nove pessoas que transitam entre a produção acadêmica, o ativismo, e até mesmo a arte trazendo foco sobre dissidências sexuais pela perspectiva monodissidente da bissexualidade.

Bauer e Gaskell (2002, p. 65), destacam que “a entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para ajudar a explicar achados específicos”. Assim, as entrevistas proporcionam o acesso a informações que não estão na superfície. Para além dos dados disponíveis publicamente permitem conhecer quem está por trás da produção de conteúdo nas redes sociais, do ativismo e das pesquisas acadêmicas. As entrevistas contribuem para acessar (mais do que informações como idade, raça, escolaridade e classe social) as motivações pessoais, políticas e afetivas para a produção de conteúdo sobre bissexualidade, para a criação de espaços e de entidades como frentes e coletivos, bem como pesquisas acadêmicas. E ainda, possibilitam trazer à tona

semelhanças e contrastes entre as realidades de pessoas de diferentes lugares que participam dos mesmos espaços como as universidades, ou espaços de ativismo como as redes sociais. Também cabe entender mais sobre a própria noção de “ativismo”, e se determinadas pessoas consideram-se ativistas ou não. Isso tudo para, assim, conhecer diferentes perspectivas que contribuem para a pesquisa.

Em meio a isso, é pertinente lembrar que as técnicas de pesquisa não são neutras ou independentes da pesquisa, pois essa é uma visão tecnicista do método, que na prática mostra-se superficial na medida em que anda desacompanhada de princípios de uma vigilância epistemológica (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2015). Isso está ligado a um ideal de fragilidade científica das Ciências Sociais enquanto área, que supostamente deveria então ser combatida com o domínio técnico. Destaco, justamente o contrário, a necessidade dessa vigilância como um processo constante constituído por uma série de procedimentos, no entanto sem um passo a passo, que deve funcionar como um *habitus* onde a pessoa que pesquisa desenvolve uma postura de questionamento em relação a todas as fases e decisões na pesquisa.

### **2.1.1 Vizinhança de porta: existências digitais bissexuais**

Implicando “uma quebra do cotidiano” (ORTIZ, 2021, p. 182) a pandemia de Covid-19 é um período de crise e seu início foi um marco para transformações nos modos de ensino, pesquisa e extensão. Como já mencionado, afetou o modo como o conhecimento circula, departamentos e programas de pós-graduação, grupos e projetos de pesquisa e extensão passaram a estar cada vez mais presentes em perfis no Instagram e outras redes sociais, promovendo e divulgando *lives* que abrangem uma população para além de seus círculos geográficos locais.

Nesse sentido, os ambientes digitais não estão descolados do mundo e da “vida real” mas configuram um contínuo on/off-line pois mediam informações, sendo espaços de produção de conhecimento e organização de epistemologias. No entanto, apesar de existir, muitas vezes, uma postura de desconfiança sobre o que se produz nas mídias digitais, pesquisas na área da ciência da informação pensam o papel dos ambientes digitais na produção e circulação de conhecimento (MOURA, 2019) e em relação à bissexualidade os ambientes digitais têm se mostrado campo privilegiado para as visibilidades aqui tratadas.

Existe grande presença e organização do ativismo bissexual brasileiro on-line – e em um contínuo off-line – aqui analisada a partir dos usos políticos das redes sociais para mobilizações, ou mesmo expressões da bissexualidade. Esses usos dizem respeito a construção de identidade, políticas e narrativas a partir de uma “nova” esfera pública pensada especialmente a partir das jornadas de junho de 2013, como marco de transformação do olhar para as redes sociais, em que o acesso por smartphone muda a dinâmica das nossas relações que passam a ser predominantemente mediadas. Além disso, a pandemia tem sido outro marco, pois a dinâmica das sociabilidades e de articulação nacional bissexual também mudou.

Não é novidade que as mídias digitais têm papel importante na integração de (e tensões entre) sujeitos e grupos em torno de uma identidade social e política, e não é diferente em relação às identidades da comunidade LGBTQIAP+. No que diz respeito à bissexualidade esse movimento de criação de rede e troca entre pares, bem como de disputas em torno dessa identidade e seus significados, se faz muito presente em minhas observações. Como dito, a partir de meu perfil pessoal, do perfil de pesquisadora e do perfil da Bi-Biblioteca no Instagram, tenho percebido modos de atuação e de encontros e desabafos em uma rede dinâmica entre pessoas bi de diferentes lugares do Brasil. Se trata de visibilidades bissexuais produzidas no – e a partir – do Instagram, sendo ali criadas ou divulgadas, e que se relacionam com as iniciativas que derivam da união de grupos, sujeitos e pautas de modo geral, que a partir do contexto de pandemia centralizam-se on-line a partir das mídias digitais.

Isso tudo em uma realidade cada vez mais conectada a partir da *web 2.0* e *web 3.0* (VAN DIJCK, 2016; CASTELLS, 2015) que marcam novas formas de uso da internet em relação ao século XX, com mais interação entre os usuários e espaços para que se gere conteúdo individualmente. Com a diversidade de sites e aplicativos para o estabelecimento de relações, novos modos de habitar o on-line em meio e a partir da pandemia, o contexto do ativismo bissexual brasileiro tem gerado articulações de avanço de um movimento social, bem como vínculos e discussões acadêmicas em um âmbito de abrangência nacional. Esses ambientes (GOMES; LEITÃO, 2017) ou espaços (MONACO, 2020a) na internet de sociabilidade, ativismo e mesmo discussões acadêmicas se dão a partir do pessoal (que é também político) em posts e reuniões que podem ser caracterizados atualmente como ambientes de visibilidade bissexual (MONACO; KLIDZIO, 2021).

Mas é importante lembrar, como um traço da memória bissexual, que antes da pandemia e ao longo das últimas décadas a troca de documentos, a articulação de textos, relatos de vivências, ativismos e teorias em torno da bissexualidade já tinham um histórico de circulação a partir de blogs e listas de e-mail, e plataformas de redes sociais como o Facebook, o Twitter, o YouTube e o Instagram. Sendo esse um processo comum de formação de redes e estabelecimento de vínculos entre diferentes setores do movimento LGBTQIAP+ e identidades dissidentes que se articulam a partir de uma comunicação mais abrangente a partir de suas localidades.

Porém, apesar de inserida nesse cenário, a movimentação em torno da bissexualidade se dá de maneira diferente conforme o processo de construção de movimentos e espaços de mobilizações bissexuais e também espaços de acolhimento e troca entre bissexuais. Sobre este último ponto, como destaca Helena Monaco (2020b), na busca por distanciar-se de um “nós” LGBT há uma iniciativa de construir espaços bissexuais ou guiados pela monodissidência como especificidade, em contraposição à monossexualidade. Nessa mesma pesquisa de Monaco (2020b), um coletivo brasileiro é abordado como exemplo de integração de sujeitos de diferentes estados do Brasil em espaços digitais como grupo e página no Facebook. Tratarei mais sobre isso adiante, por hora ressalto que a busca por estabelecer contato entre sujeitos e de pequenas organizações locais em redes amplas, elásticas e porosas entre diferentes regiões do Brasil, sempre foi uma característica do movimento bissexual.

A partir disso e se distanciando de uma visão romantizada das mídias digitais como apenas democratizadoras e libertadoras, para que eu possa apresentar meu campo de pesquisa objetivamente e as pessoas interlocutoras, é preciso pensar as mídias digitais atualmente: as dinâmicas e ferramentas das plataformas e as possibilidades de usos. É preciso adicionar à discussão temas como o controle do consumo, a partir de noções de poder nas esferas sociais tecno-mediatizadas.

A ideia de “vizinhança de porta”, que dá título à essa seção, faz referência ao que menciona Pariser (2012) em seu livro “O filtro invisível”. O autor argumenta que têm sido cultivadas vizinhanças on-line e físicas que estão cada vez mais parecidas entre si. As conversas e as vivências se dão cada vez mais com pessoas que pensam de maneira semelhante, as amizades on-line se dão conforme interesses que também são visões de mundo compartilhadas, e assim tende a ser a vizinhança de porta off-line de acordo com os lugares onde escolhemos morar e de acordo com as interações que temos preponderantemente com quem vive perto de nós. Conforme o autor,

estamos criando muitas ligações, mas muito poucas pontes. E isso é importante, pois são as pontes que criam nosso senso do que é “público” - o espaço em que resolvemos os problemas que transcendem nosso nicho e nossos restritos interesses pessoais. (PARISER, 2012, p. 13).

Ao mesmo tempo, o autor argumenta que ainda que sejam vizinhas de porta e compartilhando informações (seja on-line ou off-line), as pessoas estão isoladas individualmente em seus modos de ver o mundo a partir do conteúdo que consomem on-line. Com a entrega de conteúdo personalizada pelos algoritmos e com “[...] os filtros de personalização [que] ficarão cada vez melhores na filtragem de recomendações individuais” (PARISER, 2012, p. 35), a recomendação de postagens e mercadorias ainda opera individualmente conforme uma identidade algorítmica e conforme um mapeamento de dados que em grande escala e a longo prazo se tornam mecanismos de controle.

Conforme John Cheney-Lippold, professor na Universidade de Michigan que tem se dedicado a estudar a construção do que chama de “nova identidade algorítmica”, esta consiste em “[...] uma formação de identidade que funciona por meio de algoritmos matemáticos para inferir categorias de identidade em seres anônimos” (CHENEY-LIPPOLD, 2011, p. 165, tradução minha). Estando para além da organização de informações úteis, os dados constituem uma identidade algorítmica conforme o gênero, a raça, a sexualidade, a classe social e a localidade onde as pessoas residem, sendo estas, por sua vez, constantemente constituídas a partir dessa identidade sobre a qual não há controle individual ou benefícios. Há, justamente, uma exploração e os benefícios são externos, sendo esta identidade uma identidade que não pertence a pessoa, apesar de mapear seus interesses. “Categorias de identidade estão sendo inferidas sobre indivíduos com base em seu uso da *web*” (CHENEY-LIPPOLD, 2011, p. 165, tradução minha) e configuram-se como faces “leves” do que Foucault chama de biopolítica e biopoder. A categorização a partir da identidade algorítmica limita a experiência on-line com a vigilância e a regulação pois há uma infraestrutura que determina como e o que podemos fazer ao utilizar redes sociais digitais (CHENEY-LIPPOLD, 2011).

Esse debate se insere no que argumenta a filósofa norte-americana Shoshana Zuboff (2019) sobre o que chama de “capitalismo de vigilância” que impacta o fluxo das relações sociais ao movimentar uma economia dos dados. Conforme a autora, muitos eletrodomésticos mesmo sem necessidade têm *Wi-Fi*. Argumenta-se que isso é necessário como forma de atualização das tecnologias, mas a verdade é que são necessários porque

os termos de uso dizem que são, porque são úteis para um processo de datificação. De certa forma, pagamos para que nossos dados sejam produzidos e a noção de personalização diz respeito a uma datificação e a um uso anônimo dos nossos dados para traçar uma identidade algorítmica.

Portanto, sem negar essa realidade e suas consequências na arquitetura de produção e consumo de conteúdo nas mídias digitais, especialmente nas redes sociais como Instagram – principal terreno ou território no qual emergem visibilidades sobre a bissexualidade – a existência de uma rede de interesses e amizades impostas e cultivadas determina o conteúdo aos quais se tem acesso. Em relação à metáfora da vizinhança de porta, a existência de uma rede bissexual é diretamente perpassada pela identidade algorítmica imposta que leva determinadas pessoas ao contato com certas informações e iniciativas no Instagram. Isso não quer dizer que não existam traços de interesse e busca ativa de cada pessoa, mas a lógica do uso é esta “imposição”.

Há também uma contradição no consumo, porque precisa-se das redes sociais digitais e das plataformas de entretenimento – especialmente na pandemia e nas organizações no meio acadêmico elas têm se mostrado fundamentais – mas ao mesmo tempo é necessário saber que existem agenciamentos e determinações por parte das plataformas. Não é mais possível viver sem e, portanto, a ideia não é essa, mas sim problematizar a ilusão de um livre consumo e possibilidade de exploração de interesses que na verdade são frutos de um mapeamento de interesses que se coloca como alteridade, possibilidade de descobrimento e de contato com o novo.

Desse modo, existe uma “vizinhança de porta” em torno do assunto “bissexualidade” que traz implicações. Mas, para além do risco de alienação e isolamento em uma realidade supostamente homogênea, considerando o lugar social da bissexualidade de modo geral, isso pode ser, (e observo que tem sido) positivo e produtivo. Nesse sentido, aplico a metáfora da vizinhança de porta para pensar a bissexualidade com a intenção de demonstrar as possibilidades de aproximação que as mídias digitais têm proporcionado. É na internet (ou a partir da internet) que têm sido forjados espaços de acolhimento, de organização e de produções ativistas e acadêmicas em torno da bissexualidade (MONACO; KLIDZIO, 2022) em que pessoas separadas fisicamente por milhares de quilômetros pelo Brasil ocupam uma posição de vizinhança, como se fossem vizinhas de porta de um mesmo bairro.

Uma das questões que colabora para que isso aconteça é uma espécie de isolamento social de bissexuais (e de outras identidades monodissidentes) por conta do

monossexismo. Muitas vezes, especialmente em localidades rurais e interioranas é comum a sensação de que não existem pessoas bissexuais (e LGBTQIAP+) no entorno, mas a partir das redes sociais se tem a oportunidade de conhecer ou identificar identidades dissidentes que vivem nos contextos locais. Isso não precisa implicar em uma aproximação e na criação de vínculos, mas, simplesmente, a percepção de outras existências semelhantes pode ser um diferencial positivo nos processos individuais de reconhecimento de si de pessoas LGBTQIAP+. Muitas das pessoas que se passa a conhecer nesse contexto se tornam importantes como referências, assim como também personagens de filmes, séries, e pessoas famosas que tornam públicas suas identidades em declarações na mídia.

A existência de identidades nas mídias sociais digitais também tem a ver com pessoas que não têm condições de se assumir na vida off-line, ou que já “saíram do armário” mas não são vistas e respeitadas enquanto tais. Muitas negociações e subjetividades perpassam os processos pessoais de sair do armário, que não se resume a uma atitude única de assumir-se, mas é um processo constante de pontuar o que não se é, especialmente quando se trata da bissexualidade, sobre a qual recaem consequências da leitura da sexualidade de forma binária e monossexista.

Para abordar e identificar visibilidades bissexuais eu não simplesmente me inseri em meu campo de pesquisa, mas entendo que ele existe em constante construção a partir do meu olhar pois vejo suas fronteiras conforme me oriento pelos objetivos da pesquisa. Assim, defini as mídias digitais como sendo o contexto através do qual identifico visibilidades bissexuais, e essa identificação depende de minha localização teórica, social (e algorítmica) e em função do que quero abordar em minha pesquisa. Isso não significa que as definições do que são as mídias digitais e do que é o meu campo são simplesmente arbitrárias, mas sim variam e, nesse caso, localizam-se em relação a um público preponderantemente jovem e/ou com certo letramento digital.

A bissexualidade, a assexualidade e a não binariedade, por exemplo, são identidades frequentemente acusadas de “invenção da internet” e de jovens, como forma de acusar suposta inconsistência e imaturidade. Curiosamente, essa mesma lógica acusatória por vezes opera sobre as pesquisas acadêmicas que tomam o digital como meio ou campo de pesquisa, como visto anteriormente. Ou ainda, tenho observado em postagens no Instagram – especialmente após alguns meses de pandemia – a menção a uma “vida real” como sendo o que acontece somente fora dali, como se as pessoas estivessem necessitando de um afastamento das redes sociais.

Também, percebo que a bissexualidade tem relação constitutiva com as mídias digitais na medida em que marginalizada encontra no on-line possibilidade de forjar espaços para si e relacionar-se com seus pares de maneira ampla, inclusive nacionalmente. Por conta disso, minha relação com a antropologia digital ultrapassa as mídias digitais como simplesmente meio de pesquisa e ponte para o desenvolvimento do método, pois a construção de meu campo dá-se ali, ao mesmo tempo em que a relação da bissexualidade com a internet mostra-se mais íntima se comparada com outras identidades como gay e lésbica.

No entanto, é preciso considerar que com a personalização da informação e com os filtros bolha (PARISER, 2012), a formação de uma rede de visibilidades bi é fomentada mas com limites, pois proporciona condições para um movimento forte apenas em determinados ambientes digitais (e a partir deles). Assim, esse movimento também é apagado porque são visibilidades que não chegam para muita gente. Portanto, se trata da capacidade de micro visibilidades que não são visibilizadas de forma ampla, mas que são fundamentais para o fortalecimento de um movimento que se forma em rede, coletivamente, e perpassa diferentes saberes. Sendo assim, são as implicações e novas produções em outros espaços que expandem esse movimento que é, na verdade, uma rede de acolhimento e não um enclausuramento identitário.

É uma rede bissexual que se consolida em si mas também se expande na medida em que desenvolve iniciativas em torno da bissexualidade em outros espaços (on-line e off-line). Nesse sentido, “o Instagram” não existe como uma rede social única e homogênea, mas como uma plataforma de interações que podem se dar de diferentes formas, conforme os usos localizações por marcadores sociais como geração, raça e classe; conforme a finalidade do uso (para empreendimento comercial ou entretenimento, por exemplo); e ainda, com base na cultura local. “A internet” e os ambientes digitais possíveis de se habitar são produções culturais e invenções locais (MILLER; HORST, 2015), mas, ainda assim, trago caracterizações gerais para contextualizar a plataforma com o apoio de literaturas críticas das ciências sociais, especialmente a partir do ponto de vista de pessoas que produzem conteúdo.

A criadora de conteúdo Nátaly Neri (2021) comenta em um vídeo postado em seu canal no YouTube intitulado “O algoritmo vai matar o criador de conteúdo”, que não vale a pena “se render aos caprichos das plataformas” pois estas, ao invés de incentivarem, acabam podando o potencial criativo das pessoas que produzem conteúdo. Neri (2021) se refere especialmente ao Instagram ao argumentar que uma adaptação à plataforma não é

facilmente possível porque as mudanças são constantes e as políticas de “entrega” do conteúdo não são explícitas. Isso para ela, em diálogo com outras pessoas que produzem no Instagram, é uma dificuldade pois atrapalha a percepção em relação ao conteúdo que é bem recebido e desejado pela audiência.

A questão é que a entrega do conteúdo não depende unicamente de quem produz e de quem deseja consumir, mas de políticas não explícitas da plataforma e de regras de manutenção da audiência que exigem uma produtividade incoerente com o que muitas pessoas desejam e precisam para que seu conteúdo mantenha a qualidade conforme diferentes tipos de produção. Atualmente, o Instagram abarca pessoas que comercializam produtos e serviços, que fazem divulgação científica, que divulgam eventos acadêmicos etc. Portanto, são conteúdos com diferentes configurações e objetivos que ficam condicionados ao acesso a uma plataforma como o Instagram, que por mais que seja uma rede social passível de inúmeros usos, finalidades e sociabilidades, o acesso não é possível sem obrigatoriamente concordar com os termos de uso e de valorização do conteúdo, o que significa que há uma limitação a esse potencial de liberdade de criação e de uso que se mostra à primeira vista.

Além disso, a plataforma tem feito em movimento que Neri (2021) também menciona em seu vídeo, que é o de mudança de identidade da plataforma. O Instagram expandiu-se enquanto uma rede para compartilhamento de fotos, mas recentemente anunciou que irá privilegiar o formato de conteúdo em vídeos. Essa mudança da plataforma leva a uma perda de identidade também do tipo de conteúdo que poderia ser produzido na rede, pois são estabelecidos modos e formatos ideais que tendem a uma homogeneização e a um apagamento das personalidades criadoras.

É importante destacar que o Instagram e o Twitter, por exemplo, são plataformas que não pagam diretamente as pessoas que criam conteúdo, pois o mercado é que paga, ou seja, a venda de produtos e a publicidade. Com isso, há uma culpabilização sobre as pessoas que produzem conteúdo além de existir uma indireta perda do direito de consumir um conteúdo em silêncio, pois é requerido que as pessoas assistam e reajam com rapidez na hora em que o receberem para que o conteúdo seja valorizado e continue sendo entregue (NERI, 2021).

Também existe uma “automediação” da pessoa que produz e consome conforme as regras da plataforma. Por exemplo, uma das questões do Instagram é que os conteúdos em formato de *stories* somem em 24 horas, existindo uma demanda extra para que as pessoas que administram os perfis respondam eventuais dúvidas sobre eles

continuamente. Um recurso que tem sido utilizado para melhorar isso é o modo de fixação dos *stories* nos chamados “destaques” nos perfis, mas ainda assim a demanda permanece na medida em que há uma exigência para que a pessoa que produz conteúdo esteja disponível constantemente para sua audiência. Isso se relaciona com o que Neri (2021) comenta em seu vídeo sobre a necessidade imposta para pessoas produtoras de conteúdo no Instagram de sustentar uma imagem de intimidade e de disponibilidade.

Para a personalização de conteúdo interessa a produção de lucro, com os sistemas de recomendação de perfis para seguir, de posts com publicidades em redes sociais, ou no catálogo da Netflix, ou seja, onde há grande oferta de conteúdo, a personalização possibilita o direcionamento a um consumo e conteúdo específico. Assim, a capacidade criativa de consumo e de produção de conteúdo é podada pois o algoritmo alimenta um viés de confirmação sempre do mesmo ponto de vista e pressupostos mapeados. Há um alinhamento do usuário com seus próprios interesses mas disfarçados de alteridade. Sendo assim, o poder e agenciamento das plataformas sobre nosso consumo e concepção de mundo é invisível na medida em que não está público a forma como funcionam os algoritmos e conforme constrói-se um ideal de descoberta de novos mundos a partir das redes sociais.

Não há liberdade de expressão sem limites e é preciso pensar a ética das plataformas, porque há um monitoramento em uma economia da atenção. E nesse cenário, a política se faz também na internet. Não somente a política macro e institucional como influências nas eleições mas também no âmbito dos atores sociais as discussões on-line vêm ganhando abrangência. Nesse meio o Instagram é espaço de produções e divulgações de pautas que importam para pessoas bissexuais e também para a bissexualidade enquanto movimento social e político. Enquanto uma plataforma onde há interações independentes e interatividades, ainda que circunscritas nas limitações e imposições, é possível que a pessoa usuária estabeleça vínculos conforme o princípio básico de “redes sociais”.

Nesse sentido, não se trata de espaços prontos para isso, mas forjados, construídos, como constrói-se uma casa em um “terreno alugado”, que se constroem com certa autenticidade conforme a intenção dos perfis. Portanto, o Instagram não é uma mídia própria pra isso, mas é um ambiente de possibilidade de divulgação e realização de projetos onde são forjados espaços para organizar divulgação científica ou para divulgar *podcasts*, por exemplo. Nesse sentido, o sistema de recomendação de conteúdos semelhantes a partir dos interesses dos usuários opera a favor do espalhamento das visibilidades bissexuais na medida em que é mapeado o interesse no assunto. Foi na

procura por um perfil sobre bissexualidade no Instagram que encontrei indicações de perfis e construí meu campo de pesquisa.

Em meio a isso, um ponto negativo pensando, especialmente, nas visibilidades bissexuais que se circunscrevem e se fortalecem on-line, é que, pensando de forma ampla nas mídias digitais, principalmente as plataformas de rede social são fechadas em si, ou seja, o conteúdo que está em pauta ali não é possível de ser encontrado com uma busca no Google sobre bissexualidade. Portanto, são visibilidades que estão condicionadas a um público que tem conta no Instagram e no YouTube, por exemplo. Mas isso se dá e faz sentido por conta de o Instagram ser a terceira rede social mais utilizada no Brasil e pelas redes sociais serem, para muitas pessoas, consideradas sinônimo de “internet”. Muitas vezes, “a internet” se resume a redes sociais como meio de acesso a informações, entretenimento e, obviamente, sociabilidade.

A arquitetura do Instagram se caracteriza como em grande parte visual, expandindo-se enquanto uma plataforma para compartilhar fotografias a partir da pandemia tem dado mais atenção a vídeos e especialmente às transmissões ao vivo chamadas de lives. Também, de modo geral tem uma atmosfera de intimidade inclusive com as pessoas que produzem conteúdos, com artistas famosos, e até mesmo com perfis de marcas comerciais. Mesmo assim, muitos dos perfis que encontrei sobre bissexualidade são administrados por grupos, mas as pessoas não mostram muito os seus rostos, focando no conteúdo, ou seja, as interações são diferentes apesar de existir uma hegemonia no uso esperado no Instagram. Ainda assim, há uma intimidade on-line na medida em que o conteúdo dos perfis se direciona a diálogos com a audiência, que interage e que colabora com o conteúdo, existindo interatividade em um engajamento afetivo.

Considerando a criação de novos campos a partir de atualizações culturais e tecnológicas modificando a nossa noção de campo de pesquisa, o interesse aqui é pensar espacialidade e ambientes digitais, quando isso pode significar estar em uma determinada localização geográfica fixa, mas em diferentes espaços, como territorialidades nas mídias digitais para além das limitações da distância geográfica. Conforme o antropólogo James Clifford (1998), a noção de espaço está para além da espacialidade física, sendo importante a ideia de “viagem”. Desse modo, a atitude de “sair a campo” se dá independente do contexto. Mesmo o terreno do meu trabalho de campo sendo o Instagram, contexto familiar por ser uma rede social que eu já utilizava, um processo de descobrimento faz parte.

A pesquisadora Helena Monaco contextualiza esse cenário em sua dissertação (MONACO, 2020b) ao analisar uma página no Facebook e outros espaços de atuação também off-line do Coletivo B de São Paulo. A partir dessa pesquisa, ainda antes do contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, a autora sinaliza para a atuação ativista bissexual que perpassa contextos on-line e off-line pensando sobre a criação de ambientes digitais que se configuram como espaços de acolhimento em meio a “descobertas” e vivências da bissexualidade (MONACO, 2020a).

Conforme a referida autora, é possível pensar em formas de ativismo bissexual que integram contextos on-line e off-line que articulam, mobilizam e servem como acolhimento perpassando esse contínuo. Assim, a presente configuração investigativa colocou-se como “novidade” para mim na medida em que exalta características que dizem respeito a um lugar social da bissexualidade a partir de uma heterogeneidade de espaços que vêm sendo construídos em um contexto mais amplo de diferentes formas de ativismo e visibilidades, que perpassam, inclusive, a relação entre academia e ativismo, que tem se fortalecido.

## 2.2 ASPECTOS ÉTICOS E EPISTEMOLÓGICOS

Muitos dos aspectos éticos dialogam com inquietações metodológicas de uma pesquisa nas mídias digitais pois não há um manual de regras, sendo o convívio e a artesanaria da etnografia que mostram muitas das “saídas”. A perspectiva metodológica da etnografia nas mídias digitais desenvolve-se pela antropologia digital que compreende uma série de adaptações teóricas e do método, conforme os meios e possibilidades de tornar a pesquisa viável, bem como, considerando as atualizações culturais e tecnológicas da própria noção de campo de pesquisa. Nesse contexto, penso na observação participante com dilemas sobre, por exemplo, qual o conteúdo on-line que pode ser observado para a pesquisa.

Tem sido comum a criação de um “perfil de pesquisa” nas redes sociais. Tendo isso em mente, parte de minha relação com o campo (o encontro com perfis e produções existentes e divulgadas no Instagram) se deu a partir de uma conta criada exclusivamente para isso, ou seja, além de meu perfil já existente e de uso pessoal, para que fosse mais fácil acessar e organizar os dados. Esse novo perfil visou facilitar que as pessoas do campo de pesquisa me vissem como uma pesquisadora ali presente. Mas esse percurso e escolhas não se deram linearmente. Minha intenção inicial era manter apenas o perfil

pessoal para a pesquisa, pois foi através dele que comecei a encontrar conteúdos. Como já mencionado, desde o aumento de meu consumo de conteúdo no Instagram e também de produções nas mídias com a pandemia, a partir das próprias sugestões da plataforma é que passei a encontrar o que se tornou o campo da pesquisa. No entanto, fui percebendo um conflito em relação a “entrega” de conteúdo referente aos meus interesses pessoais nesse perfil e os interesses da pesquisa com os perfis que tratavam somente sobre bissexualidade. Por conta disso, criei aquela conta nova e a partir dos perfis que eu já seguia em minha conta pessoal comecei a seguir outros e também com o passar do tempo novos foram sugeridos pela plataforma. Portanto, ao mesmo tempo em que a personalização do consumo de conteúdo merece ser discutida teoricamente pois auxiliou na construção do meu campo de pesquisa.

Além dessas preocupações, a criação de um perfil de pesquisadora tem sido uma estratégia de cuidado e certo distanciamento em relação ao consumo de conteúdo em meu perfil pessoal na plataforma. Pois, por conta da pandemia e de meu isolamento em casa, minhas sociabilidades têm se dado por um longo período de tempo somente de modo on-line, o que traz afetações emocionais e um cansaço em relação a imersão etnográfica também on-line. Assim, ao mesmo tempo que em meu perfil de pesquisadora tento dar conta da “enxurrada” de informações na plataforma, também tento estabelecer limites em meu consumo de conteúdo, compartimentalizando-o.

Em meio aos percursos de migração e inserção de pesquisas em ambientes on-line, ou de perambulações entre o on e o off-line, também se fazem necessárias reflexões éticas que contemplem a especificidade dos dados, dos espaços construídos e acessados pelo digital. São considerações que permeiam a ideia de cada plataforma é diferente, assim como seus usos. Cabe discutir, por exemplo, sobre como nem tudo o que está publicado é público, por exemplo, conjugando noções de ética, consentimento, público e privado, coletividade e individualidade.

A pesquisadora Helena Motta Monaco (2020c) destaca, ao falar de implicações éticas relacionadas à pesquisa antropológica nas mídias, a questão do consentimento prévio. Penso nisso em relação as postagens que são feitas em redes sociais, mesmo que seja em um perfil aberto e por alguém que é influenciador digital, será que são todas essas publicações foram feitas visando comunicar-se com o público daquele rede social? Isso reacende o questionamento: o que está na internet é público? Ou então, quais as noções de privacidade e de “público” e “privado” em relação a conteúdos produzidos na internet a serem utilizados como campo e como dados em uma pesquisa acadêmica?

Ao desenrolar da perambulação como mapeamento de possíveis perfis pessoas interlocutoras, ainda necessito pensar sobre como selecionar os materiais a serem analisados, tendo em vista minhas duas categorias de pesquisa: o ativismo e a produção de visibilidades. Também, tenho em mente a problemática do possível grande volume de dados encontrados, que ainda precisam de um planejamento de coleta ou produção de dados, bem como de análise.

Quando identificada a necessidade de guardar prints de tela de conteúdos efêmeros como *stories* do Instagram, que obrigatoriamente desaparecem em 24 horas (ou de qualquer outra publicação que pode desaparecer), é importante a reflexão de que, se o conteúdo foi postado para desaparecer, ou então foi excluído por opção, talvez signifique que ele não pode mais ser tomado na pesquisa literalmente como fato contado. Esses pontos mostram que pensar ética na pesquisa, os procedimentos metodológicos e a abordagem teórica dependem de nossas escolhas com o tema e são um processo contínuo. O que inclui uma reflexão metodológica imbricada aos aspectos éticos, bem como o apoio em pesquisas semelhantes que têm como campo as mídias digitais para descobrir como outras pessoas pesquisadoras trabalharam.

Além disso, destaco a necessidade de assumir uma localização epistemologicamente enquanto pesquisadora em relação ao campo, e em relação a teoria que possibilita construir esse campo. A partir da delimitação de seus contornos e identificações de relações sociais que interessam aos objetivos da pesquisa, a construção do campo e dos percursos metodológicos também se dá com a leitura e a escrita. Na leitura são feitas escolhas por teorias que nos engajam e conversam com nosso campo; na escrita coloca-se em prática o que se aprende com outras pessoas autoras e também se exerce uma identidade enquanto pesquisadora, sendo um traço desta pesquisa a escrita em primeira pessoa, o que para mim soa como uma atitude óbvia e automática, afinal sou eu quem estou escrevendo, mas que ainda é um traço, muitas vezes, interpretado e “combatido” como sinal de não objetividade científica. Mas, nesta pesquisa a subjetividade da pesquisadora não é escondida, muito pelo contrário, trago-a como eixo de discussão para pensar a produção de conhecimento em pesquisas científicas engajadas. É comum que minorias sociais em direitos não sejam mais objeto de pesquisa e sim pesquisem seus próprios contextos e, assim, muitas produções acadêmicas estão ligadas a ativismos e se colocam como pesquisas ativistas. Especialmente em áreas como as ciências sociais, há uma relação para além de pesquisar algo que chama atenção e que é elaborado como um problema de pesquisa, pois há muitas pesquisas que partem “de dentro” do grupo, identidade, ou fenômeno social pesquisado, tendo um engajamento pessoal em uma perspectiva de mudança social com a pesquisa. Esse tipo de pesquisa

pode ser chamada de pesquisa engajada, pesquisa ativista ou ainda “pesquisa por demanda” (SEGATO, 2006).

Martins (2004) trata da observação participante como aproximação pessoal em meio a inserção necessária para a pessoa que pesquisa e a aceitação por parte da pessoa ou grupo pesquisado. Ali há uma relação muito subjetiva, muitas vezes até de amizade, criada como base desse processo e é parte do que possibilita que determinados dados sejam construídos. Mas, como sugere Donna Haraway (1995), isso não implica a perda de objetividade do conhecimento e não torna a pesquisa qualitativa pré-científica. Ao contrário, identifico que faz avançar no debate sobre metodologia científica nas ciências sociais pensando, por exemplo, vigilância epistemológica e metodológica em relação à totalidade de nossa pesquisa, inclusive após ela estar concluída. Nesse sentido, a dúvida deve estar sobre pesquisas que se apresentam como neutras e imparciais, afinal é impossível fazer pesquisa sem que cada pessoa parta de sua existência.

Outra questão que considero importante é o que aponta a pesquisadora Leila D. Machado (2004, p. 147) ao dizer que,

na maioria das vezes a escrita “científica” deixa poucos rastros das inúmeras implicações que a teceu. As dúvidas, os impasses, as noites mal dormidas, as páginas em branco na tela do computador ficam para trás compondo uma memória que se quer esquecida ou uma ferida que se quer cicatrizada ou uma espécie de diário de “erros” superados.

Além disso, destaco o que, em diálogo com Machado (2004), Camila R. de A. Rezende (2019, p. 4), escreveu:

os meus pensamentos, lembranças e vivências se entrelaçam em um movimento de reviravolta contínua, selecionando tudo aquilo que sempre aprendi na carreira acadêmica a evitar e a não fazer. Aprendemos que o que é “supérfluo” e ordinário não é digno de preocupação e nem é legítimo. Assim vamos aprendendo a classificar e a hierarquizar a importância das coisas. Isso se reflete no processo da escrita, da pesquisa e da vida. Isso se reflete diretamente na produção, disseminação e assimilação do conhecimento. Quanto mais afastamos as banalidades e as emoções da pesquisa e da escrita, mais somos vistos como profissionais e competentes. Note também que não são todas as emoções que precisam ser afastadas, há uma hierarquia nessa lógica, que é uma lógica cartesiana. Existem emoções positivas e potentes para a ciência, como a emoção da descoberta, da segurança, do fazer produtivo. Em contrapartida, existem aquelas emoções que desestabilizam, emoções de insegurança, dúvida, emoções de um corpo que escreve em meio às crises políticas, pessoais e existenciais. Essas emoções não são bem-vindas ao fazer científico. Não é possível que você não sabe fazer pesquisa e escrever sem ser dominada por essas bobagens!

Assim como Maria Leão (2018) se coloca como pesquisadora e ativista em relação a mulheres bissexuais e Helena Monaco (2020b) fala que sente que escreve para dois públicos ao pesquisar sobre ativismo bissexual em um coletivo monodissidente, também me sinto nessa posição: me vejo inserida em meu campo de pesquisa de modo pessoal e independentemente – ou para além – dessa pesquisa. Nesse sentido, acho importante tomar essas motivações que levaram as pesquisas sobre bissexualidade a serem iniciadas entendendo-as como fruto de vivências das pessoas autoras para elaborar uma análise de pressupostos epistemológicos de objetividade na pesquisa.

Trago minha colocação enquanto mulher bissexual, integrante do GAEBI e da Frente Bissexual Brasileira, e assim envolvida intimamente com esta pesquisa, como uma das questões centrais. Considerando afetações emocionais e pretensões para além de um título acadêmico, esta pesquisa visa contribuir para a valorização e documentação das produções sobre bissexualidade a partir das mídias digitais. Entendo que isso não impossibilita validade e objetividade, mas, não desconsidero que é preciso uma mediação das aproximações entre conhecimento científico e militância ou ativismo. É necessário que isso não impeça que os resultados da pesquisa sejam diferentes do que a pessoa pesquisadora eventualmente pretendeu “provar”, ou então, que não sejam deixadas de lado determinadas considerações sem levar em conta possíveis dados não homogêneos e controversos, por exemplo. Portanto, em conformidade com a proposição de localização dos saberes de Donna Haraway (1995, p. 9), “[...] nenhuma perspectiva interna é privilegiada, já que todas as fronteiras internas-externas do conhecimento são teorizadas como movimentos de poder, não movimentos em direção à verdade.”

### 3 GÊNERO E (BI)SEXUALIDADE

*“O que o meu pai e minha mãe protegiam não eram os meus direitos de criança, mas as normas sexuais e de gênero que dolorosamente eles mesmos tinham internalizado, através de um sistema educativo e social que castigava todas as formas de dissidência com a ameaça, a intimidação, o castigo, e a morte.”*

*(Paul B. Preciado, 2013, p. 98).*

Neste capítulo, apresento uma revisão bibliográfica a partir de conceitos e pesquisas que permeiam sexualidade e gênero para, em seguida, discutir os estudos sobre bissexualidade. Na primeira parte contextualizo sexualidade sob a ótica da construção social com foco nas noções de orientação sexual e identidade sexual, que é central na pesquisa, articulada com o conceito de dissidência. Para tratar de sexualidade e orientação/identidade sexual, aciono conceitos como gênero, heteronormatividade e heterossexualidade enquanto ferramentas de estranhamento de categorias que se supõem universais.

Na segunda parte, busco delinear um campo de estudos sobre a bissexualidade destacando seus consensos e possíveis direções para avançar teoricamente, colocando também algumas de minhas ponderações. Apresento obras que têm a bissexualidade como objeto (especialmente teses e dissertações brasileiras) e que são importantes para que essa dissertação estabeleça suas bases. Em seguida, destaco conceitos centrais para tratar da bissexualidade e abordo especificidades desta como identidade política.

#### 3.1 SEXUALIDADE, IDENTIDADE SEXUAL E DISSIDÊNCIA

Retomando a abordagem presente em meu trabalho de conclusão de curso (KLIDZIO, 2019) entendo que analisar sexualidade requer pensar em relações de poder e em identidade por uma perspectiva construcionista e não essencialista. Do ponto de vista dos estudos queer e pós-estruturalistas a pesquisadora brasileira Guacira Lopes Louro pontua que há uma “pedagogização” do corpo, do gênero e da sexualidade que são “renovadamente reguladas, condenadas ou negadas” (LOURO, 2000, p. 7) sendo produzida uma sexualidade “normal” a partir de aprovações e desaprovações. Nessa lógica, abordo sexualidade como caminho para pensar a bissexualidade como identidade sexual (e social), que em seu sentido mais básico é um movimento de categorização e

agenciamento de disputas. Conforme Louro (2000, p. 9) “as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais.”.

Entendendo sexualidade como socialmente produzida por dispositivos de poder, o filósofo e historiador francês Michel Foucault, referência consolidada nos estudos sobre sexualidade, tratou desta em suas obras a partir da genealogia do poder tendo-a como campo de destaque em sua teoria sobre bio-poderes (REVEL, 2005). Em “História da sexualidade: a vontade de saber”, Foucault (1988) trabalha o conceito de dispositivo da sexualidade, podendo ser esta própria compreendida como um dispositivo histórico. Dispositivo, por sua vez, remete a discursos, instituições, leis, enfim, um conjunto de formulações que se ramificam e que atuam sobre o dito e o não dito (FOUCAULT, 1988; REVEL, 2005). Na compreensão do autor, poder produz discursos e práticas discursivas a partir de tecnologias disciplinares “[...] que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento do indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos” (REVEL, 2005, p. 35). Nesse sentido, mesmo quando poder incute uma auto-vigilância interna às instituições, ainda trata-se de uma dimensão produtiva e criativa, pois o silêncio também compõe uma formação discursiva (FOUCAULT, 1988).

Ao fazer uma retomada histórica pensando mais em descontinuidades do que em uma história que desdobra-se a partir de si mesma, Foucault traz que ao contrário das livres “pavoneações” de corpos e prazeres em “indecências” no início do século XVII, nas noites monótonas da burguesia vitoriana (século XIX) a sexualidade passa a ser encerrada dentro de casa (FOUCAULT, 1988). Assim, ao mesmo tempo em que as práticas procuram um segredo, estão sendo produzidas mas subjugadas a um modelo.

Semelhantemente a Foucault, o filósofo canadense Ian Hacking considera que as categorias não são estáticas e a partir do “nominalismo dinâmico” trata da invenção de tipos humanos. O autor defende que não existe um tipo de pessoa que a partir de certo momento passa a ser reconhecido como tal, mas sim que “[...] um tipo de pessoa passa a existir no mesmo instante em que o próprio tipo estava sendo inventado” (HACKING, 2009, p. 123). Não há natureza, universalidade ou essência das coisas, dos fenômenos, ou da sexualidade, e sim, tendências subjetivas e inventadas socialmente. Portanto, não há uma sexualidade ou uma identidade sexual em absoluto, pois esta é criada conjuntamente com a sua nomeação ou tipificação, emergindo em uma significação histórica e social, tendo sentidos políticos ao mesmo tempo em que é pessoal.

O pesquisador brasileiro César Aparecido Nunes no livro “Desvendando a sexualidade” ao abordar a temática da educação sexual enfatiza a sexualidade como esfera ampla da vida humana dotada de “intencionalidade, no sentido de consciência e de experiência de sentido, no sujeito humano” sendo, portanto, “dialética, dinâmica e processual” (NUNES, 2005, p. 17). O autor entende a sexualidade como dialética em sua história, e que deve ser compreendida pela sua historicidade e pelas transformações em seus sentidos e atividades sexuais, mais ou menos lineares pela lógica da dialética. Além disso, Nunes destaca que esses debates não devem ser restritos ao campo das ciências biológicas ou das políticas institucionais, pois a sexualidade é uma dimensão ontológica, e portanto, “existencial humana” (2005, p. 23).

Grande parte das discussões sobre identidades sociais como as dissidentes de gênero e sexualidade ou raciais partem do termo “identitarismo”. O pesquisador e militante político norte-americano filho de imigrantes paquistaneses Asad Haider (2019) no livro “Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje”, pensa o identitarismo como sendo uma armadilha presente na forma de considerar a identidade sem olhar para sua história e suas implicações na vida material dos sujeitos. Conforme destaca o pesquisador brasileiro Silvio Almeida (2019) no prefácio à edição brasileira do referido livro, muitas vezes a identidade atravessa o sujeito mesmo que este não a queira, mas ao pôr-se no movimento de questionar e refletir sobre si e a sociedade, a identidade passa a ser uma questão a ser enfrentada. Em concordância com Almeida (2019), considero que na medida em que sujeitos são vistos e pensados a partir de determinada lente ou identidade externa, muitas vezes estereotipada e que lhes coloca em um lugar de abjeção, põe-se a eles a necessidade de nomear-se social e politicamente<sup>8</sup>.

Adicionalmente, o historiador e sociólogo britânico Jeffrey Weeks ao falar sobre corpo e sexualidade, entende identidade sexual como culturalmente significativa e moral e politicamente carregada, tendo a sexualidade, por sua vez, a ver com “nossas crenças, ideologias e imaginações” (WEEKS, 2000, p. 37). Por essa via, identidade sexual emerge como produto de arranjos sociais não tendo, assim como corpo e sexualidade, um sentido em si mesma pois é um construto social definido relacionalmente, constituindo-se na relação com outras identidades e olhares identitários que perpassam os sujeitos.

---

<sup>8</sup> Cito esses dois tipos de nomeação porque entendo a nomeação social como relacionada com iniciativas de “sair do armário” e de colocar-se publicamente com determinada identidade, enquanto nomear-se politicamente não é muito diferente mas requer a intencionalidade do sujeito acerca das necessidades e impactos que dão a essa identidade um sentido político.

Conforme Weeks (2000) identidade é um paradoxo e ao mesmo tempo uma ficção necessária. Ao mesmo tempo em que dá existência e facilita a assimilação, pode ser idealista e é contraditória porque o sujeito está em constante formação, mesmo quando se constitui pelo olhar do outro, que também não é fixo. Portanto, o que almejo contextualizar é que abordar identidade requer compreender um campo de contradições onde a fixidez e a unidade só possuem sentido pleno se ignorado seu caráter contraditório e constitutivo pela diferença, inclusive em suas práticas. Porém, com isso, a identidade tende a prescrever e não descrever sujeitos (BUTLER, 2020), sendo esta uma das armadilhas do identitarismo (HAIDER, 2019).

Em “Quem precisa da identidade?” o sociólogo e teórico cultural Stuart Hall, propõe duas formas de pensar identidade: através da crítica que visa desconstruir o essencialismo sem jogar fora a categoria; e, por meio da análise de “[...] onde e em relação a qual conjunto de problemas emerge a irreduzibilidade do conceito de identidade” (HALL, 2000, p. 104). A primeira proposição dialoga com o seguinte contexto: na perspectiva pós moderna, identidade refere-se a um “eu” que será sempre performativo (HALL, 2000; BUTLER, 2020), portanto, ao falarmos em identidade cabe a crítica à concepção essencialista, ou seja, àquela que toma identidade como a nomeação da essência imutável do indivíduo. Já a segunda proposição, toma como frutífera certa irreduzibilidade da categoria identidade em relação a ideias de agência e de política, pois abandoná-la impossibilitaria a construção de movimentos políticos. Assim, o autor propõe uma síntese ao discutir identidade enquanto um conceito estratégico e posicional, que não pressupõe estabilidade ou um “eu verdadeiro” em essência e que tem menos a ver com “‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’” e mais com “‘quem nós podemos nos tomar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios.’” (HALL, 2000, p. 107).

Visto isso, recorro ao conceito de “dissidência” para colocar em foco o que diverge da norma, trazendo um estranhamento sobre esta e entendendo-a como não natural mas naturalizada. O pesquisador brasileiro Leandro Colling (2015), contextualiza dissidência ao tratar do ativismo a partir da proposta do artista visual e pesquisador chileno Felipe Rivas San Martin, de questionar o simplismo do conceito de “diversidade” sexual. Em entrevista a Colling, Martin afirma que, “o termo ‘diversidade’ parece ser demasiado normalizado, muito próximo do discurso da tolerância, demasiado multicultural e neoliberal” (COLLING, 2015, p. 151). Além disso, Martin encara “dissidência” como pós-identitário, pois “[...] não fala de nenhuma identidade em

particular, mas põe o acento na crítica e no posicionamento político e crítico” (COLLING, 2015, p. 151). Nesse sentido, o conceito auxilia na desnaturalização de padrões heterocisnormativos e também pode ser acionado para estranhar a monossexualidade a partir do conceito de “monossidência”, conforme tratarei mais adiante. Além do mais, dissidência me parece colocar ênfase na diferença que precisa ser vista e admitida em uma abordagem construtiva, sem buscar adequação a uma identidade fixa e determinada e também sem produzir apagamento sobre diferentes sujeitos de cada letra da sigla LGBTQIAP+, como por exemplo, bissexuais.

### **3.1.1 Gênero, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade**

Pensando diferença e dissidência, e tendo a esfera social como constitutiva das identidades sexuais, sexualidade não é campo isolado e intersecciona-se com identidade de gênero e raça, por exemplo. Me atendo aqui tanto a “gênero” quanto “sexualidade” como eixos analíticos para pensar as representações para além da cisgeneridade, da heterossexualidade e da monossexualidade, enquanto dissidências. Em vista disso, aciono gênero, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade como conceitos centrais neste primeiro momento.

Utilizado primeiramente como sinônimo de “estudos da mulher”, “gênero” é um conceito fruto dos estudos feministas para diferenciar “gênero” de “sexo”, partindo deste primeiro como uma construção social dos sexos. Assim, o conceito objetiva questionar as noções do binário “homem” e “mulher”, entendendo-as como culturalmente definidas e relacionadas a papéis, práticas e identidades sexuais. Este é um pensamento centrado na díade natureza *versus* cultura onde o que antes entendia-se como dado da natureza passa a ser problematizado como produção social.

Uma das referências mais citadas sobre o conceito de gênero é a historiadora norte-americana Joan Scott (1995) que o elabora enquanto categoria de análise histórica, entendendo-o como construção social pela linguagem falada, escrita, e pelas representações imagéticas no cinema, por exemplo. Guacira Lopes Louro (1995) também discute o conceito relacionando-o com a área da educação, compreende que o gênero é

[...] mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em

todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, 1995, p. 103).

Assim, sexualidade e gênero como categorias de análise demarcam dissidências e denunciam uma norma inventada (e reafirmada cotidianamente como tal), possibilitando um horizonte analítico acerca, e a partir, de sujeitos e identidades.

Mas adicionalmente, em “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade” a filósofa norte-americana Judith Butler (2020) aponta que não apenas as categorias “gênero” e “corpo” que fundamentam as construção de identidade são construídas culturalmente, mas também “sexo” que, portanto, não é elemento da natureza e sim do social. Esse é um convite que Butler faz para ultrapassarmos a noção de que gênero é construção social sobre um sexo “biológico” e “natural”, sendo tanto “gênero” quanto “sexo” categorias “apresentadas como produções a criar o efeito do natural, original e inevitável” (BUTLER, 2020, p. 9). Conforme a autora, a ideia de um “sexo original e verdadeiro” é constituída por uma construção performativa escancarada em paródias e situações risíveis que dramatizam, como faz a drag queen, por exemplo. São paródias que mostram como gênero e também sexo são construções sociais a partir da repetição de gestos e onde cabe o questionamento sobre a lógica binária das distinções entre “natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo – por meio das quais operam quase sempre os discursos sobre gênero” (BUTLER, 2020, p. 9). A partir disso, a autora elabora a crítica a uma matriz de inteligibilidade que produz e pressupõe um contínuo entre gênero, sexo e desejo.

Por sua vez, sobre heterossexualidade compulsória uma referência consolidada é a poeta, ensaísta e professora norte-americana Adrienne Rich que no artigo “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica” aborda esta como instituição política que retira o poder das mulheres (RICH, 2010). Ao colocar a heterossexualidade em uma perspectiva crítica a autora aponta a necessidade de examinar a heterocentricidade pois por conta dela “[...] a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou [passa] a ser simplesmente apresentada como invisível”. (RICH, 2010, p. 21). Para a autora, “uma crítica feminista da orientação compulsoriamente heterossexual das mulheres já está longamente atrasada” (RICH, 2010, p. 22) e assim é possível construir pontes entre feministas e lésbicas.

De certa forma, a heterossexualidade compulsória se insere na lógica da heteronormatividade. Por sua vez, o conceito de heteronormatividade também merece ser

abordado. Atribuído à teorização do crítico literário e teórico social americano Michael Warner no início da década de 1990 (MISKOLCI, 2009) o conceito é atualmente trabalhado em diversas produções acadêmicas relacionadas aos estudos de gênero e sexualidade. Conforme trabalhado pela cientista política, feminista e ativista norte-americana Cathy Cohen heteronormatividade refere-se “[...] tanto as práticas localizadas quanto as instituições centralizadas que conferem legitimidade e privilégios à heterossexualidade e aos relacionamentos heterossexuais como fundamentais e ‘naturais’ na sociedade.” (COHEN; ALMEIDA, 2019, p. 26). Como contextualizam Analídia R. Petry e Dagmar E. E. Meyer (2011, p. 196) pensando a heteronormatividade em relação a corpo e sexualidade, o termo é “[...] compreendido e problematizado como um padrão de sexualidade que regula o modo como as sociedades ocidentais estão organizadas.”

Nesse sentido, as inglesas Jane Ward e Beth Schneider destacam que “[...] examinar a produção de identidades e culturas heterossexuais (e seus efeitos de gênero) marca um passo importante para mapear os contornos da heteronormatividade.” (2009, p. 434, tradução minha)<sup>9</sup>. As autoras chamam a atenção para o fato de que heteronormatividade não é simplesmente sinônimo de heterossexualidade e afirmam que para compreender a primeira “[...] é preciso uma análise das formas como corpos, sujeitos, normas e práticas heterossexuais são sempre articulados e naturalizados em relação a gêneros e sexualidades não normativas e ‘modos de vida’ queer (Halberstam 2005; Warner 1991)” (WARD; SCHNEIDER, 2009, p. 434, tradução minha)<sup>10</sup>.

Assim, como lembra o sociólogo e pesquisador brasileiro Richard Miskolci, “muito mais do que o *aperçu* [pressuposto] de que a heterossexualidade é compulsória, a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto.” (MISKOLCI, 2009, p. 156). Miskolci também faz uma distinção histórica acerca desses dois termos na qual aponta que:

historicamente, a prescrição da heterossexualidade como modelo social pode ser dividida em dois períodos: um em que vigora a heterossexualidade compulsória pura e simples e outro em que adentramos no domínio da

---

<sup>9</sup> “Examining the production of heterosexual identities and cultures (and their gendered effects) marks an important step towards mapping the contours of heteronormativity.”

<sup>10</sup> “Yet heterosexuality and heteronormativity are not synonymous, and to understand the latter requires analysis of the ways that heterosexual bodies, subjects, norms, and practices are always articulated and naturalized in relation to nonnormative genders and sexualities and queer ‘ways of life’ (Halberstam 2005; Warner 1991).”

heteronormatividade. Entre o terço final do século XIX e meados do século seguinte, a homossexualidade foi inventada como patologia e crime, e os saberes e práticas sociais normalizadores apelavam para medidas de internação, prisão e tratamento psiquiátrico dos homo-orientados. A partir da segunda metade do século XX, com a despatologização (1974) e descriminalização da homossexualidade, é visível o predomínio da heteronormatividade como marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas, não mais para que se “tornem heterossexuais”, mas com o objetivo de que vivam como eles. (MISKOLCI, 2009, p. 157).

Em suma, tanto sobre a sexualidade como sobre gênero e ainda, sobre sexo, não existe normalidade ou naturalidade e sim discursos e práticas constituídas como anormais e ilegítimas para fundamentar a invenção do que é “normal”, “legítimo” e tomado como “natural”. O objetivo não é de forma alguma reprimir ou extinguir determinadas práticas, mas elencá-las como categorias que são relegadas a lugares sociais específicos (FOUCAULT, 1988). Visto isso, aponto a necessidade de avançar no debate que coloca em cheque também o binarismo da sexualidade, como propõe a ótica bissexual e monodissente a fim de construir um olhar mais amplo sobre as dissidências sexuais.

Em movimento semelhante ao de Rich (2010) que denuncia e apresenta contrapontos ao apagamento da existência lésbica na literatura acadêmica feminista, proponho aqui o desafio ao apagamento bissexual nos estudos feministas, bem como nos estudos de gênero e sexualidade. Considerando igualmente, que não há apenas um apagamento da bissexualidade com a falta de pressupostos de existência acerca das experiências monodissidentes, mas também a distorção<sup>11</sup> destas a partir de estereótipos como categorias acusatórias (LEÃO, 2018) na busca pela manutenção e purificação simbólica (DOUGLAS, 1976) da equação heterossexualidade *versus* homossexualidade. Em vista disso, na próxima seção, trago foco sobre a bissexualidade a partir de pesquisas e conceitos para em seguida elaborar pontos de partida desta pesquisa retomando os conceitos até então contextualizados de forma geral.

### 3.2 BISSEXUALIDADE

---

<sup>11</sup> Menciono distorção em referência aos estereótipos sobre as experiências bissexuais, como por exemplo, quando bissexuais são vistos como pessoas potencialmente mais infiéis ou indecisas, mas não menciono na ideia de que se busque simplesmente rechaçar esses estereótipos e sim como provocação para perguntar a quem eles interessam e qual pode ser sua função para a manutenção do binarismo da sexualidade. Falo mais sobre isso nas próximas seções.

Embora mantenha diálogo direto com as questões de sexualidade e gênero anteriormente apresentadas, trago esta seção para delinear um campo teórico sobre a bissexualidade como tema e objeto de pesquisa que constrói-se alinhado aos estudos sobre sexualidade e gênero, mas que tem o potencial de trazer à atenção especificidades a partir da **monodissidência**. As discussões sobre bissexualidade e monodissidência tensionam o já mencionado binarismo “hétero” e “homo” da sexualidade, e a partir disso destaco a carência de estudos por essa perspectiva nas teorias sobre sexualidade, gênero, mulheres, e população LGBTQIAP+. Aliás, destaco também a insuficiência da produção de quaisquer dados, nas pesquisas acadêmicas e demais debates da comunidade científica que permeia os temas de gênero e sexualidade, que considerem sujeitos e populações para além dos eixos de identidades heterossexual ou lésbica/gay. No entanto, é importante que essa carência não seja confundida com inexistência ou invisibilidade posta, mas sim o que identifico é um movimento de apagamento, ou pelo menos, uma não circulação.

Em uma busca no Google Acadêmico<sup>12</sup> pelas palavras “bissexualidade” e “bissexuais” encontrei muitas menções em títulos de trabalhos e até mesmo no corpo do texto, porém são citações que identifiquei como “protocolares”. A bissexualidade não era levada em consideração nas análises, apesar do cenário de crescimento de pesquisas acadêmicas sobre dissidências sexuais e de gênero, especialmente nas últimas duas décadas. Tenciono este como um ponto importante de análise e que pode refletir também na invisibilidade das pesquisas já feitas sobre o tema, pois a grande questão é que, ainda que escassas, existem pesquisas sobre bissexualidade, porém estas parecem não circular mesmo entre seus pares. Isso leva muitas pessoas pesquisadoras do tema da bissexualidade a situações de solidão e angústia pela falta de referências, bem como tendência a repetições em pesquisas em um movimento de descobrir/construir dados sem mencionar outros semelhantes que já foram pontuados mas que não circularam nos estudos sobre sexualidade e gênero.

Conforme já mencionei na introdução, este foi em grande medida o meu processo de pesquisa em meu trabalho de conclusão de curso (KLIDZIO, 2019) e, a partir da minha inserção em grupos de pesquisa sobre o tema, percebi que foi o de muitas pessoas pesquisadoras da bissexualidade, mesmo na pós-graduação. Por conta disso, na presente revisão de literatura objetivo ressaltar o campo de estudos sobre bissexualidade no Brasil

---

<sup>12</sup> A escolha por esse buscador se deu por considerar a facilidade de acesso e busca para acadêmicos e para um público mais amplo por ser um dos repositórios mais comuns e de fácil uso.

não apenas como passo para contextualizar o tema e minha problematização de pesquisa, mas para destacar consensos e até mesmo discontinuidades. Proponho pensar a comunidade científica com a qual dialogo com o tema da bissexualidade, em termos de: 1) quais foram os passos dados até então, e 2) como é possível avançar com determinados consensos, mas também desestabilizar outros?

Focando primeiramente em dissertações de mestrado e teses de doutorado, buscando manter uma linearidade cronológica, destaco a pesquisa intitulada “Faca de dois gumes: Percepções da Bissexualidade Masculina em João Pessoa”. Dissertação apresentada no ano de 1999 por Valdeci Gonçalves da Silva junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), essa pesquisa foi discutida em junho de 2021 junto ao encontro on-line do GAEBI<sup>13</sup> como sendo um dos primeiros trabalhos brasileiros sobre bissexualidade. A seguir destaco pontos desta pesquisa que entendo como construtivos para os estudos sobre a bissexualidade hoje.

Visando entender mais sobre as estratégias para realizar práticas sexuais na clandestinidade, a pesquisa teve quatorze sujeitos entrevistados e o autor se propôs a analisar a construção social da bissexualidade de homens *michês* e não *michês*, vistos socialmente como desviantes. A partir de seu campo de pesquisa, o autor trata de experiências e percepções de homens que nomeia como bissexuais e que “comportam-se no cotidiano como indivíduos heterossexuais” (SILVA, 1999, p. 24). Considera que “[...] a homofobia na sociedade brasileira, em particular na paraibana, talvez induza muitos homossexuais e bissexuais a fazerem uso da ‘fachada’ heterossexual, protegendo-os, assim, da discriminação social.” (SILVA, 1999, p. 20). Esse é um fenômeno social que se relaciona com a heteronormatividade (WARD; SCHNEIDER, 2009, COHEN; PETRY; MEYER, 2011), e com a noção de “armário” da sexualidade (SEDGWICK, 2007) enquanto processo de negociação individual conforme as condições dos sujeitos.

Além disso, o autor destaca temáticas atualmente – mais de vinte anos depois – ainda pertinentes sobre a situação da bissexualidade como temática invisível ou visibilizada somente a partir de determinadas visões:

[...] pouco discutida em profundidade, ainda que a mídia brasileira crie em torno dela um território fortemente simbólico e a profetize como a sexualidade do novo século, conforme se pode observar nas manchetes seguintes: “Bissexuais – Nem gays. Nem Heteros. Talvez o sexo no futuro. “O enigma

---

<sup>13</sup> Como dito na introdução, o GAEBI é o Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade e tem colaboração importante para o conhecimento e discussão das bases teóricas dessa pesquisa.

bissexual – A opção de transitar por ambos os sexos começa a ser visível e aponta o caminho da sexualidade no futuro”. Os veículos de comunicação parecem fustigar o imaginário do senso comum, chamando a atenção para o fato da bissexualidade ser uma realidade que se impõe cada vez mais, e de que o adultério já não ocorre nos moldes das décadas passadas em que a esposa era traída pelo marido com a “outra”. O jornal noticia: “Novidade no Piauí: queixa de adultério bissexual – Mulheres vão à delegacia reclamar de maridos que as traem com outros homens”; a televisão mostra depoimentos e exibe imagens de detetives autônomos em plena atividade, e conclui que “A experiência dos detetives comprova: mais da metade dos casos de adultério é de mulheres que traem os maridos com outras mulheres, e de homens que enganam as esposas com outros homens”. A imprensa parece destacar a bissexualidade como um fenômeno decorrente dessa década. Mas será que esse tipo de sexualidade não ocorria antes e somente agora está sendo divulgado? Que mudanças estão acontecendo? (SILVA, 1999, p. 18).

No trecho acima é interessante o contexto dos imaginários sobre o que seria a bissexualidade na mídia jornalística da época, colocando-a como “enigma”, “sexo do futuro” ou invenção do agora, que se assemelha com estereótipos e com a negação da bissexualidade elencados em pesquisas atuais (LEÃO, 2018; MONACO, 2020b). Ademais, essa reflexão me interessa nesta pesquisa pois dá a dimensão da invenção social de categorias, ou em outros termos, da invenção e construção social de uma sexualidade ou identidade conforme tratado anteriormente, que passa a existir a partir de quando comunica-se sobre ela (FOUCAULT, 1988; HACKING, 2009).

No mesmo ano de 1999 a dissertação intitulada “Bissexualidade masculina: dilemas de construção de identidade sexual” foi defendida por Regina Ferro do Lago junto ao programa de mestrado em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Assim como Silva (1999), a autora analisou a construção da bissexualidade masculina a partir da categoria “identidade sexual”. A pesquisa teve como metodologia a análise de questionários respondidos para o Projeto Praça Onze<sup>14</sup>, que foi um estudo epidemiológico realizado no estado do Rio de Janeiro no qual a autora desempenhava a função de coordenadora. A partir dos questionários acessou informações sobre um grupo de homens bissexuais, além disso colheu histórias de vida de voluntários do projeto que

---

<sup>14</sup> Conforme a autora este projeto foi “[...] realizado em conjunto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Universidade de Pittsburgh. Seu objetivo primário é estimar a incidência de infecções pelo HIV numa coorte de 1000 homens que façam ou tenham feito sexo com homens, mesmo que mantenham ou tenham tido relações sexuais com mulheres. Essa pesquisa ainda contempla alguns objetivos secundários, como: investigar fatores biológicos e comportamentais associados ao risco de infecção pelo HIV; demonstrar que o número de participantes é suficiente para participar de testes de vacinas anti-HIV/AIDS caso estes venham a ser realizados no Brasil; averiguar o interesse dos voluntários em participar desses testes e estocar soro, plasma e células sanguíneas coletadas em cada visita para futuros estudos. Os critérios de inclusão são: pertencer ao sexo masculino; relatar comportamento homossexual ou bissexual; situar-se na faixa etária de 18 a 50 anos e concordar em fornecer um endereço para contato.” (LAGO, 1999, p. 3).

trataram de suas construções identitárias como bissexuais articulando categorias de gênero e sexualidade.

Seu interesse pela bissexualidade masculina vem do contexto da pandemia da AIDS em que homens bissexuais eram acusados de “espalhar a doença” para heterossexuais, sendo considerados “traidores”, inclusive por “indivíduos engajados na luta pela causa homossexual ou gay” (LAGO, 1999, p. 2). Nesse sentido, a autora afirma que “a pouca visibilidade pública de uma identidade bissexual (caso ela exista) não parece contribuir para a valorização social das identidades sexuais alternativas” (LAGO, 1999, p. 2). Uma das contribuições de sua pesquisa foi questionar esse olhar social sobre homens bissexuais, buscando desnaturalizar a ideia de que a estigmatização era mera consequência das categorias epidemiológicas em meio à pandemia da AIDS, e pensando nas percepções sociais, para além da pandemia, que afetam a construção da identidade desses homens. Jeffrey Weeks, uma de suas referências bibliográficas, ao falar sobre corpo e sexualidade, considera que “a AIDS tornou-se mais do que um conjunto de doenças: ela se tornou uma poderosa metáfora para nossa cultura sexual” (WEEKS, 2000, p. 36). Em consonância, Lago destaca que houve

[...] o aumento da ocorrência do número de casos em mulheres, supostamente infectadas por “bissexuais masculinos” e “heterossexuais usuários de drogas injetáveis” (BRASIL, 1998, p.17). Porém, essa conclusão necessita ser relativizada, pois menos de 12% dos casos de AIDS em mulheres notificados ao Ministério da Saúde, no período de 1980 a fevereiro de 1995, são de parceiras de bissexuais masculinos ou pelo menos assim referidos (idem). (LAGO, 1999, p. 2).

Ao longo do trabalho Lago contextualiza a homossexualidade especialmente a partir dos pesquisadores brasileiros Richard Parker e Peter Fry para tratar da noção de identidade sexual, e depois pensar a bissexualidade. Percorrendo esse caminho a autora traz que:

a bissexualidade, por ser uma categoria intermediária, permanece marginal e obscura no interior desse **gradiente marcado por uma forte oposição**. Ela é alvo da desconfiança tanto de hetero quanto de homossexuais. Isso transparece claramente nas acusações por parte desses últimos de que os bissexuais são “enrustidos”, de que não se “assumem” e que, dessa forma, “traem a causa homossexual”. FRY e MCRAE (1985) salientam que a afirmação e a adoção de uma “identidade gay” também representam a aceitação de uma nova categoria sexual imposta socialmente, que tem seus próprios códigos de regulação. Destes, o mais importante seria a restrição das relações sexuais a pessoas do próprio sexo. Daí a percepção das práticas bissexuais como uma **burla a regras estabelecidas**. (LAGO, 1999, p. 13, grifo meu).

As conclusões de Lago nessa pesquisa acerca da construção identitária bissexual indicam que “[...] a ‘identidade’ bissexual representa mais uma escolha ‘não homossexual’ do que a elaboração de elementos identificatórios próprios daquela formulação.” (LAGO, 1999, p. 106). Assim, os dois trabalhos de 1999 até então contextualizados sinalizam a importância da esfera social como constitutiva das identidades sexuais e em ambos a bissexualidade se mostra como identidade insuficientemente elaborada para os sujeitos sociais abordados, ao mesmo tempo que se faz presente e visível (ainda que pejorativamente) no imaginário social.

Já em 2003, mais uma pesquisa voltada para a bissexualidade masculina foi defendida, porém desta vez uma tese de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Neste trabalho intitulado “Derivas da masculinidade: Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual” o autor Fernando Seffner trata de identidades bissexuais em meio a representação a partir dos estudos culturais e pós-estruturalistas. A tese deriva de uma pesquisa feita entre os anos 1995-2000 junto a Rede Bis Brasil<sup>15</sup>, que foi criada pelo autor e que consistia na correspondência postal entre homens bissexuais de diferentes regiões do Brasil, representando um marco na produção de vínculos e contatos entre bissexuais. Além das correspondências, foram analisados sites e programas para entender mais sobre representação também a partir das mídias. O autor parte, inclusive, do depoimento de homens e mulheres homossexuais para entender as diferentes visões sobre as masculinidades bissexuais.

Considerando que o sujeito é produto de dispositivos históricos e pela perspectiva da construção social Seffner articula sexualidade e gênero para pensar sexualidades masculinas e a masculinidade bissexual, ao mesmo tempo que esta é também um recurso para olhar para os atravessamos sobre sexualidade e gênero de maneira ampla. Citando os trabalhos de Silva (1999) e Lago (1999) discutidos aqui anteriormente o autor destaca que “[...] neles aparecem claros nexos da bissexualidade com aids, prostituição e homossexualidade.” e contextualiza que também, “[...] a maior parte dos artigos e citações que envolvem o personagem ‘homem bissexual’ faz referência à epidemiologia da aids e

---

<sup>15</sup> Nas palavras do autor, “a Rede Bis-Brasil foi um projeto desenvolvido em boa parte com financiamento do Fundo de Capacitação e Desenvolvimento de Projetos da MacArthur Foundation, no período 1995/2000, através de uma bolsa individual.” (SEFFNER, 2003, p. 21). Bolsistas do projeto deveriam realizar pesquisa juntamente com uma atividade de intervenção social, que no caso do autor foi a criação da Rede Bis-Brasil e a elaboração desta tese como modo de tornar públicas as informações.

de outras doenças sexualmente transmissíveis.” (SEFFNER, 2003, p. 22).

Suas contribuições com a pesquisa apontam quatro representações da bissexualidade, que são classificações de traços fortes que apareceram na pesquisa e não tipos de pessoas ou de estilos de vida, e que se assemelham ao que hoje é amplamente trabalhado em diversas pesquisas como “estereótipos”. São estas: 1) a bissexualidade como uma fase ou indefinição (o que, conforme o autor, dificulta a sua compreensão enquanto identidade por uma noção que requer estabilidade e definição, principalmente se vista em relação a homossexualidade e a heterossexualidade); 2) a bissexualidade como sexualidade do futuro (já mencionada no imaginário que os trabalhos anteriores contextualizam); 3) a bissexualidade como promiscuidade e, por fim, 4) a bissexualidade masculina como um tipo de amizade mais íntima e verdadeira entre homens.

O trabalho de Seffner é base duplamente importante para minha pesquisa porque além de tratar do tema a partir de referências semelhantes sobre identidade, o autor foi, de certa forma, precursor na criação de uma rede e de uma comunidade entre bissexuais a partir da Rede Bis-Brasil. Embora não de caráter ativista e não visualizando a bissexualidade como tendo condições e espaço em termos de uma identidade política dado o contexto, essa iniciativa de intervenção social e estratégia metodológica do autor pode ser considerada um marco para a bissexualidade no Brasil na medida em que produziu formas de saber sobre a bissexualidade, como o próprio autor destaca. Além disso, proporcionou um espaço social para a bissexualidade a partir dessa rede de correspondências, considerando que, com a discriminação enquanto vetores de ISTs esses homens enfrentavam o sofrimento e o silêncio como consequência da discriminação “[...] que vinha das mulheres, dos homens homossexuais e dos homens heterossexuais, bem como das autoridades de saúde que lidavam com a epidemia de aids.” (SEFFNER, 2003, p. 18). O autor conclui que as possibilidades de identidade e representação bissexual masculina permeiam uma posição de sujeito enraizada na masculinidade hegemônica e tendo-a como modelo de referência, enquanto a homossexualidade masculina é modelo de afastamento.

Já o primeiro trabalho que aborda a bissexualidade em meio a organização política e como identidade a partir de movimentos sociais foi a dissertação de Camila Dias Cavalcanti intitulada “Visíveis e invisíveis: práticas e identidade bissexual” defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Com o objetivo de tratar de diferentes discursos sobre a bissexualidade, a autora abordou seus processos de construção no ativismo, entendendo-

a enquanto uma identidade não encerrada em que discursos criam relações de coletividade e de pertencimento. A pesquisa teve como foco principal o Núcleo de Bissexuais de Brasília, mais conhecido como Núcleo Bis, que integrava o Grupo Estruturação, uma ONG denominada homossexual criada em 1997 que atuava na luta contra a homofobia na região centro-oeste do Brasil. Assim, o Núcleo Bis se propunha a ser um espaço de acolhimento das especificidades de bissexuais em conjunto com pautas de outras minorias sexuais. Conforme a autora, ao mesmo tempo em que visava a construção de um espaço específico para falar sobre a bissexualidade essa demanda não impedia a compreensão e busca por uma noção de identidade desestabilizada (CAVALCANTI, 2007).

A iniciativa para a criação do Núcleo Bis veio da percepção de que havia preconceitos sobre a bissexualidade junto ao XI Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis (EBGLT) em 2003, onde foi discutida e efetivada a retirada do “B” em menção à bissexuais da sigla oficial do evento. Isso se deu por conta do argumento de que não existia organização política em torno da bissexualidade e que, portanto, não faria sentido a letra estar ali (CAVALCANTI, 2007). Conforme entrevista à Cavalcanti, a coordenadora do núcleo naquele período havia percebido piadas em torno da bissexualidade após essa decisão e identificou a necessidade de um espaço bissexual, proposta que foi acolhida pela ONG Estruturação. Para Cavalcanti esse foi um marco de autocrítica do movimento homossexual, podendo abrir espaço para outras minorias sociais terem suas especificidades levadas em consideração em meio a espaços de inflexibilidade. Além disso, como parte de seu objetivo de informar e combater preconceitos contra a bissexualidade, o Núcleo Bis construiu o Jornal Bis, um informativo impresso que funcionava como ferramenta de expansão da comunicação sobre a bissexualidade. O informativo teve dez edições até o momento de levantamento de material da autora e tinha como objetivo “explicar melhor o que é a bissexualidade e de desmistificar algumas opiniões que fazem dessa prática algo invisível” (CAVALCANTI, 2007, p. 61). Apesar de ter maior foco sobre o Núcleo Bis, a autora também se debruçou sobre listas de discussões na internet do Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB), que existiu entre 2005 e 2008, e do Espaço B de São Paulo, que atuou de 2004 a 2005, organizações que foram historicamente importantes para o ativismo bissexual brasileiro (LEÃO, 2018; MONACO, 2020b).

Trazendo uma visão panorâmica sobre movimentos de bissexuais no Brasil desde o início da década de 2000, a pesquisa de Cavalcanti denuncia a presença do binarismo da sexualidade – da polarização heterossexual *versus* homossexual – nos movimentos

homossexuais ao não considerarem a existência de um sujeito político da bissexualidade, onde bissexuais, como ilustra a demanda pela criação do Núcleo Bis, eram vistos de maneira negativa, muitas vezes como indecisos ou em cima do muro. Essa questão também apareceu de modo semelhante nas representações da bissexualidade, porém não relacionada à política e movimentos sociais, que Seffner (2003) apontou e que ainda hoje é tratada como um estereótipo em meio a resistências a vê-la como identidade possível e igualmente política, mesmo entre homossexuais.

Cavalcanti destaca que, portanto, “o preconceito contra homossexuais é diferente do preconceito contra bissexuais. Assim como as discriminações que atingem gays são diferenciadas daquelas que recaem sobre as lésbicas.” (CAVALCANTI, 2007, p. 81). A partir da interlocução com pessoas coordenadoras do Núcleo Bis sobre a elaboração de uma das edições do informativo, a autora identificou que “[...] o preconceito contra os bissexuais pode chegar ao ponto deles não conseguirem expressar suas idéias em plenárias, fóruns e encontros promovidos pelo movimento GLBT.” (CAVALCANTI, 2007, p. 81). Essa questão aparece em outros trabalhos sobre bissexualidade e ativismo como o de Maria Leão (2018) que trago mais adiante.

No ano de 2012 mais duas pesquisas dedicadas a pensar discursos sobre a bissexualidade foram defendidas. Uma delas foi a dissertação de Elizabeth Sara Lewis intitulada “‘Não é uma fase’: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais” junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Entendendo a bissexualidade como construção sócio-histórico-cultural e com o objetivo de analisar suas construções identitárias performativo-discursivas, Lewis fez pesquisa etnográfica ao longo de vinte e dois meses, no período de 2010 a 2012, junto ao Grupo Arco-Íris (GAI), uma associação de conscientização e ativismo LGBT do Rio de Janeiro. Teve como foco estereótipos e preconceitos bifóbicos em processos de “saída do armário”. Além das observações junto aos encontros do GAI, entrevistou três jovens ativistas de um subgrupo exclusivamente composto por mulheres. Suas interlocutoras foram chamadas na pesquisa de Olímpia, Nádia e Flávia e a escolha por entrevistar mulheres se deu por ser este subgrupo sua possibilidade de melhor inserção no campo, e também por não ter encontrado homens que se identificassem como bissexuais.

Lewis tem como base a Linguística aplicada, a Linguística *queer*, a Teoria *Queer* e também a Antropologia, bem como parte das Epistemologias bissexuais e de referências da Análise das narrativas. A autora dá atenção especial para tensões e aproximações entre

as Epistemologias bissexuais e a Teoria *queer*, entendendo a bissexualidade como potencialmente desestabilizadora dos binários do sexo, gênero e sexualidade, mas não reconhecida como tal pela Teoria *queer*. Além disso, suas análises apontam que a bissexualidade é pouco aceita em meio à diversidade sexual e ao ativismo na medida em que as discriminações sobre bissexuais não são levadas em consideração.

A autora argumenta que as construções performativo-discursivas de bissexuais são permeadas por tentativas de fuga de estereótipos e provações, sendo frutos de um policiamento sobre o ato de identificação com o rótulo bissexual e também sobre menções a desejos e práticas de bissexuais (LEWIS, 2012). Esses policiamentos “[...] criam pressão para os membros do GAI se encaixarem totalmente no lado homossexual do binário da sexualidade heterossexual/homossexual” (LEWIS, 2012, p. 99) e podem ser fator influente para que bissexuais geralmente não se sintam confortáveis assumindo esse rótulo (LEWIS, 2012). Nesse sentido, distanciando-se da ideia de que a bissexualidade é apenas um fenômeno jovem, que tende a existir na juventude e que depois se consolida enquanto outra identidade, a autora descreve:

quando comecei a fazer o campo etnográfico no Grupo Arco-Íris há aproximadamente dois anos, tinha somente uma participante do subgrupo Laços e Acasos que se assumia como bissexual: a agente “Olímpia”. Depois de um ano, outra participante, “Nádia”, começou a participar e se assumir como bissexual e depois de 18 meses uma terceira, “Flávia”, que antes usava o rótulo de lésbica, começou a se rotular como bissexual. Depois das entrevistas com essas três mulheres, “Nádia”, “Flávia” e eu começamos a falar da possibilidade de realizar um Café com Bolacha sobre a bissexualidade. Interessantemente, durante essa reunião, várias mulheres que antes tinham participado dos encontros sem falarem diretamente de como se identificam em relação à sexualidade, também se rotularam como bissexuais. Isso sugere que se sentiam mais cómodas se assumindo como bissexuais na presença de outras mulheres que também se identificavam assim, e que pessoas que se identificam como bissexuais frequentemente não assumem publicamente esse rótulo por medo de não serem aceitas dentro do GAI. (LEWIS, 2012, p. 100).

Lewis (2012) aponta que a bifobia precisa ser encarada como preconceito que não irá se dissipar com um suposto fim da homofobia, ou seja, que bissexuais possuem enfrentamentos específicos em função do binarismo da sexualidade. Também sintetiza estereótipos e preconceitos em dois eixos: apagamento da bissexualidade, com a negação de sua existência ou a visão desta como apenas uma fase em comparação com a heterossexualidade e a homossexualidade; e super-sexualização das pessoas que se identificam como bissexuais, e nesse eixo apresentam-se estereótipos como promiscuidade e infidelidade. A autora destaca que em resposta a essas deslegitimações

sobre a identidade de bissexuais há, muitas vezes, uma construção performativo-discursiva essencialista de identidade, como duradoura e estável.

Assim como a tese de Seffner (2003), a outra pesquisa de 2012 foi uma tese de doutorado que tratou sobre masculinidades bissexuais. De autoria de Ismar Inácio dos Santos Filho e intitulada “A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística *queer*”, foi elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Além de situar-se também em um curso de letras e de ser do mesmo ano que a pesquisa de Lewis (2012) esta tese possui semelhanças teórico-metodológicas com o trabalho discutido acima pois configura-se como um estudo em Linguística Aplicada, tendo a Linguística *queer* como base e a etnografia como metodologia ao realizar análise de narrativas de si. Com o objetivo de compreender posicionamentos e performances de homens bissexuais em relação às masculinidades heterossexual e homossexual, o autor pesquisou em *chats* UOL na internet e entrevistou homens que se posicionavam como bissexuais e que conversavam para estabelecer relações sexuais. Tratando disso como homoerotismo entre homens, considera que nas dinâmicas dos *chats* é possível identificar a emergência de homens que se colocam como bissexuais em meio a reconfigurações das masculinidades (SANTOS FILHO, 2012). Outro ponto de compreensão buscado foi se isso produz fissuras no sistema de gênero inteligível estabelecido.

Suas considerações identificam a produção de novas formas de ver o mundo a partir de masculinidades não heterossexuais, que constroem outros significados do que é “ser homem”. Em síntese, na pesquisa são identificadas seis faces da masculinidade bissexual (ora nomeada também como homoerotismo virtual) a partir do que o autor chama de conversas tecladas no espaço virtual: 1) bissexual não declarado/heterossexual *queer* (sendo o primeiro aquele que não deixa explícito que é bissexual, embora tenha interesse no homoerotismo, e o segundo aquele que se posiciona como heterossexual); 2) bissexual declarado direto (que não marca outros aspectos, apenas se diz “bi”); 3) bissexual declarado hegemônico (que se posiciona como bissexual com características como virilidade e conjugalidade, o que para o autor é uma marcação de cumplicidade com um modelo de homem hegemônico); 4) bissexual declarado não hegemônico/lenda (que se declara como bissexual afeminado e portanto desviante e não hegemônico); 5) homossexual *queer* (que, nas palavras do autor “se constrói bissexual, e mantém relações sexuais por causa da aparência feminina, que pode lhe provocar atração. Mas, sente-se um homossexual, passível de heteroafinidade” (SANTOS FILHO, 2012, p. 231-232), e,

6) bissexual falso (que se declara bi porque entende que é esta a identidade que lhe permite construir-se como homem, em detrimento da identidade gay).

Como considerações finais o autor afirma que essas faces se misturam e que envolvem ressignificações de termos pejorativos como o de “punheteiro<sup>16</sup>”. Identifica que as fissuras no sistema de gênero heteronormativo legível são poucas pois há uma cumplicidade com a heterossexualidade que é zelada. Mesmo quando foca-se em novos sentidos homoeróticos para o gênero, os “velhos” se mantêm (SANTOS FILHO, 2012), ou seja, mesmo com as fugas no sentido homoerótico, as características que se destacam em homens bissexuais em relação ao gênero são as exigidas pela heteronormatividade.

Em 2018, colocando-se também como militante, Maria Leão apresentou sua dissertação intitulada “Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ao questionar quais são os critérios para que uma identidade sexual seja considerada “real”, sua principal problemática na dissertação gira em torno de que pessoas bissexuais costumam ser vistas como unicórnios, enquanto seres míticos, na medida em que a bissexualidade é acusada de não ser uma identidade suficientemente real. Além disso, o título desta pesquisa e outras passagens do trabalho representam a ressignificação da frase “você pode dizer que é bi, pan, uma árvore, um jacaré ou um unicórnio, mas nada disso é real” (LEÃO, 2018, p. 14) que a autora ouviu em um espaço destinado a discutir vivências bissexuais que ela mesma estava mediando<sup>17</sup>.

É junto ao Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE) que se deu o campo da pesquisa de Leão (2018) e uma das questões que a autora analisa são os tensionamentos em torno da mudança da sigla oficial do evento. O Senale foi fundado em 1996 tendo nove edições até o ano de 2016 onde participaram desde pessoas inseridas em gestões governamentais e construções de políticas públicas, até acadêmicas. É em memória ao primeiro encontro do Senale, em 29 de agosto de 1996 que foi instaurado o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica, tendo o Senale importância indiscutível para a consolidação do ativismo lésbico no Brasil. Mas, dada a participação também de mulheres bissexuais junto

---

<sup>16</sup> Termo comumente utilizado para designar uma pessoa com pênis que se masturba muito.

<sup>17</sup> As conjugações do verbo “mediar” referem-se a uma função comumente tida junto a encontros e reuniões de grupos ativistas mas também em mesas de debate em outros espaços, nomeando a tarefa de coordenação da discussão e de organização do espaço enquanto outras pessoas se pronunciam, bem como de inserção de elementos na discussão. Outro termo utilizado para isso é “facilitadora”.

ao seminário, foi feita a reivindicação destas pela inclusão da menção a bissexuais no nome do evento, o que se deu no ano de 2010 quando o seminário passou a se chamar “Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais (SENALE)”. No entanto, a alteração oficial da sigla do evento deu-se apenas em 2014. Porém, após isso ainda se tencionavam debates sobre a possibilidade de reverter o nome do evento para o anterior. Leão pensa em termos de tensões e alianças lésbicas e bissexuais na perspectiva dos movimentos sociais a partir da análise de atas de reuniões, relatórios e cartas e também de entrevistas semiestruturadas com 7 mulheres lésbicas e bissexuais em 2017, mulheres estas que estavam familiarizadas com o ativismo e o SENALE.

Como contribuições da pesquisa Maria Leão pontua que o apagamento sobre a identidade política “mulher bissexual” tem relação com a ausência da construção de sua memória no ativismo. Destaca que a bissexualidade enfrenta dificuldades em ser vista como identidade “real” e política, sendo vista por meio de estereótipos que funcionam como categorias acusatórias. A partir de seu campo aponta estereótipos como: 1) mulheres bissexuais são apenas curiosas ou só estão experimentando; 2) são insaciáveis sexualmente, sendo hipersexualizadas e fetichizadas; 3) são indecisas; e, 4) são parte da “ponte bissexual” (YOSHINO, 2000) de contaminação do HIV. Inspirada na teoria da antropóloga Mary Douglas sobre a construção social de noções simbólicas de “pureza” e “perigo” (DOUGLAS, 1976) e considerando que a bissexualidade borra fronteiras entre “hétero” e “homo”, a autora contextualiza que é construído um imaginário em torno de mulheres lésbicas como seres de pureza, em detrimento das bissexuais. Uma das categorias acusatórias e estereótipo que a autora identifica e que é um diferencial em seu trabalho é o tratamento da mulher bissexual como “falocentrada” ou “peniscentrada”, que leva o sujeito “mulher bissexual” a ser vista como traidora, contaminada e insuficientemente LGBT por se relacionar ou ter a possibilidade de desejo por homens.

Também em 2018, Melissa Bittencourt Jaeger apresentou a dissertação intitulada “Experiência de minas bissexuais: políticas identitárias e processos de marginalização”. Sendo mais uma pesquisa focada em mulheres (minas<sup>18</sup>) bissexuais, esta foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e teve como objetivo problematizar experiências e discursos em relação a marginalização bissexuais, bem como as implicações de políticas identitárias em meio a isso. Assim como Lewis (2012), a autora entrevistou individualmente três mulheres

---

<sup>18</sup> Gíria utilizada para nomear meninas ou mulheres.

bissexuais cisgêneras e jovens: Sofia, Emília e Nicole, embora com outra metodologia, a cartografia por uma perspectiva ético-política. A pesquisadora também participou de atividades de ativismos relacionadas a mulheres bissexuais: a Roda de Conversa sobre Bissexualidade em Florianópolis; a 15ª Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo e a 21ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. O material da pesquisa foi organizado conforme estratégias da Análise Temática e analisado com base na filosofia da diferença, nas perspectivas queer, no feminismo negro e nos estudos sobre as bissexualidades. A autora trata seu tema no plural a partir do termo “bissexualidades” ao invés de “bissexualidade”, assim como também utiliza “sexualidades” no plural, o que pode ser um mecanismo de visibilização da pluralidade e da dissidência das diferentes vivências e características sexuais e bissexuais.

Além de contextualizar a criação do coletivo Bi-Sides e o ativismo bissexual brasileiro a partir das experiências de minas bissexuais, as contribuições de Jaeger (2018) localizam as bissexualidades como afetadas pelo que a autora discute em três eixos: 1) apagamento (consideradas inexistentes não cabendo no binário heterossexual *versus* homossexual); 2) hipersexualização (erotização e associação automática com não monogamia, infidelidade, promiscuidade e transmissão de doenças; 3) patologização das experiências (reprodução de bifobia por profissionais de psicologia). Além disso, considera que políticas identitárias em movimentos sociais implicam em processos de controle e vigilância além da marginalização das bissexualidades. Isso se dá por meio do policiamento de rótulos e por conta de uma “ideologia lésbica” que idealiza a identidade lésbica, informação semelhante ao que Leão (2018) trata em sua pesquisa em termos de uma pureza idealizada para a identidade lésbica. Adicionalmente, Jaeger (2018) propõe o questionamento sobre identidades idealizadas que se supõe fixas e hegemônicas ou originais e mais verdadeiras.

Por fim, trago duas dissertações defendidas no ano de 2020. A primeira é intitulada ““A gente existe!”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente” de autoria de Helena Motta Monaco junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas entre março e abril de 2019 com 12 pessoas bissexuais integrantes do Coletivo B de São Paulo, a autora analisou produções discursivas e usos políticos da bissexualidade. Além das entrevistas seu campo de pesquisa compreendeu estabelecer contato com pessoas junto a página do coletivo no Facebook e analisar documentos ali publicados e realizar observação participante em uma

roda de conversa que aconteceu na cidade de São Paulo - SP em 2019, que era uma atividade regular quinzenal organizada pelo Coletivo B e mediada por um psicólogo.

A pesquisa de Monaco (2020a) tem ganhado destaque como referência para outras pessoas pesquisadoras e até como base para a criação de conteúdo na internet sobre bissexualidade<sup>19</sup>. Um dos diferenciais desta pesquisa é a apropriação de teorias bissexuais estrangeiras, preponderantemente em língua inglesa e que, com raras exceções<sup>20</sup>, encontram-se inexistentes em língua portuguesa pois não têm traduções e, portanto, tendem a permanecer desconhecidas no campo teórico que se constrói no Brasil. Assim, a dissertação dá um contexto sobre o ativismo em outros países a partir da literatura que traz, bem como uma discussão acerca dos fundamentos da bissexualidade historicamente e teoricamente apresentando campos como o das epistemologias bissexuais – já trabalhadas por Lewis (2012) – que tomam a bissexualidade como ponto de partida para a produção do conhecimento. As epistemologias bissexuais organizam-se em torno da bissexualidade como transformadora da noção da sexualidade humana pela qual organiza-se o binário heterossexualidade *versus* homossexualidade (GARBER, 1997).

Além disso, as observações que Monaco (2020a) apresenta a partir de seu campo indicam a constituição de uma unidade entre bissexuais a partir da lógica monodissidente orientada pela contraposição a monossexuais (seja heterossexuais, gays ou lésbicas). Bissexuais reivindicam direitos e representatividades, mas em meio a isso a autora chama a atenção para as formas assimilacionistas pelas quais isso pode, muitas vezes, se dar no sentido de que se busca a manutenção da imagem de “boa bissexual” (EISNER, 2020) e de uma fixidez em contraposição a estereótipos como o da promiscuidade e da confusão, por exemplo. Ela também contextualiza, a partir das narrativas das pessoas interlocutoras, que a “descoberta da bissexualidade” (MONACO, 2020a) é fio condutor e que há processos de sofrimento de pessoas enquanto bissexuais em meio a violências bifóbicas e monossexistas, inclusive em espaços LGBT. Conforme a autora, isso contribui para que parte do ativismo bissexual se afaste de um “nós LGBT” (MONACO, 2020b) na medida

---

<sup>19</sup> Um exemplo é Nick Nagari, criador de conteúdo no Instagram que tem feito posts ao longo deste ano de 2021 a partir de estudos e leituras que faz de maneira independente de teses, dissertações e artigos buscando entender melhor o contexto da bissexualidade para trazer em seu conteúdo no perfil. Disponível em: <https://www.instagram.com/nicknagari> Acesso em: 21 ago. 2021.

<sup>20</sup> Uma das exceções é o livro de Shiri Eisner, uma pessoa ativista bissexual e não binária israelense. “Bi: notas para uma revolução bissexual”, foi publicado originalmente em inglês em 2013 e traduzido e lançado em 2021 pela editora brasileira Linha a Linha, que com apoio da autora organizou um financiamento coletivo a partir da plataforma Catarse, para cobrir parte dos custos de tradução e impressão da obra. A divulgação se deu em especial pelo perfil da editora no Instagram e contou com amplo apoio e compartilhamento de coletivos bissexuais.

em que movimentos LGBT hegemônicos não reconhecem as pautas bissexuais. Seu trabalho destaca a coletividade bissexual tem sido central nessa descoberta da bissexualidade pois assim visualizam a possibilidade de narrar-se como bissexuais e organizar suas narrativas. Além disso, seus textos publicados para além da dissertação têm sido referências sobre esse movimento e as mídias digitais na atualidade, pensando a bissexualidade.

A segunda dissertação que trata sobre bissexualidade e que foi apresentada no ano de 2020 tem como título “Representação cultural e reconhecimento da bissexualidade: uma análise de Minha Mãe É Uma Peça 2 e The bisexual”, é de autoria de Fernanda Santos Rossi e foi realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). A autora se debruça sobre os significados culturais da bissexualidade em representações midiáticas tendo como objeto o filme brasileiro “Minha Mãe É Uma Peça 2” (2016) com o personagem Juliano (Rodrigo Pandolfo) e a série britânica “The Bisexual” (2018) com a personagem Leila (Desiree Akhavan).

Apoiada na teoria do reconhecimento do filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth, a autora elabora críticas em relação à luta por reconhecimento da bissexualidade. Algumas das contribuições dessa pesquisa são que o desenvolvimento do personagem Juliano como bissexual no filme não apenas não possui relação com o que pode ser pensado como uma luta por reconhecimento, como agencia estereótipos e apagamentos sobre a bissexualidade e a pessoa bissexual como sendo um “problema” ou uma fase que é superada. Já Leila pode ser vista como um exemplo contributivo à luta por reconhecimento na medida em que estereotipada a personagem desenvolve-se pelo que a autora considera como subversão ou apropriação na medida em que mostra que não há um jeito certo de ser bissexual. No entanto, Rossi (2020) também pontua que embora a ficção de Leila represente tudo isso, para a pessoa expectadora e na “realidade” podem existir respingos desses estereótipos que afetam vivências de bissexuais.

Em 2021, mais duas dissertações sobre bissexualidade foram defendidas: a de Dani Vas (2021) e de Jamilie Souza (2021). Vas (2021) se dedicou a desenvolver teoricamente a ideia de monodissidência enquanto ferramenta dialógica e traz questionamentos importantes em seu texto, pensando o lugar da bissexualidade, da pansexualidade e da polisssexualidade, por exemplo. Ou, melhor dizendo, o lugar de vivências e pessoas que não se identificam com a monossexualidade (que são identidades semelhantes):

os questionamentos que faço, a partir dessa percepção de que há orientações sexuais bastante parecidas, são: por que se precisou ao longo do tempo criar tantos rótulos e identidades para designar experiências tão parecidas e por que elas são mantidas? Não pressuponho que esses termos não sejam válidos ou importantes, dado que são orientações sexuais genuínas, produtoras de subjetividade. Percebo, contudo, que as experiências homoafetivas de pessoas que se dizem homossexuais estão enquadradas apenas sob os nomes de gay e lésbicas, sem existir outras orientações sexuais parecidas, como é no caso das experiências monodissidentes. (VAS, 2021, p. 24).

Já Souza (2021), em uma pesquisa realizada na pandemia e de forma on-line se dedicou a pensar as relações entre a construção de uma estética, especialmente a partir da vestimenta, de mulheres bissexuais. Apoiando-se nos estudos de moda e de psicologia social, teve como metodologia narrativas de história de vida e sua coleta de dados se deu, principalmente, com entrevistas com integrantes do grupo mantido pelo Coletivo Bi-Sides no Facebook. A análise de dados se deu a partir da identificação de núcleos de significação da identidade bi das mulheres entrevistadas. Partindo da percepção de que “entre a não existência e a fragmentação, muitas mulheres bis passam por dificuldades de reconhecimento e de entendimento de si mesmas” (SOUZA, 2021, p. 42) e em posições de não lugar e de fronteira. Assim, em meio ao que a autora trata como “existências fronteiriças” e “identidades movediças” “a relevância da reafirmação da bissexualidade como identidade para mulheres bis estaria na necessidade de formar comunidades de reconhecimento, de afeto e de acolhimento”. (SOUZA, 2021, p. 57).

De forma geral, após esta revisão de literatura, vê-se que muitos estereótipos da bissexualidade se assemelham nas pesquisas, desde os que encaixam nas representações que Seffner (2003) identificou até os que Leão (2018) pontua como categorias acusatórias que, muitas vezes, tendem a inviabilizar que a bissexualidade seja vista como identidade “suficientemente real”. Essa questão dos estereótipos, juntamente com a temática da invisibilidade e apagamento são também alguns dos tópicos mais discutidos em pesquisas e no ativismo acerca de outras identidades LGBTQIAP+ como a identidade e orientações sexual lésbica, e as identidades de gênero transgênera e travesti. Em contrapartida, grupos, coletivos e trocas com outras pessoas bissexuais se destacam também nos dados de pesquisas como base construída pelos sujeitos para operacionalizar uma identidade bissexual. A exemplo do que traz Souza:

uma das primeiras percepções que tive foi a euforia que minhas interlocutoras transbordavam em suas falas. Elas estavam extremamente felizes por encontrar um espaço para falar sobre suas experiências como bissexuais e em que é

possível existir de maneira não fragmentada, e sim inteira, contando com a compreensão de outras semelhantes (2021, p. 57).

Ademais, Cavalcanti (2007), Lewis (2012) e Leão (2018) são as que identifiquei como algumas das mais citadas em trabalhos de conclusão de curso e artigos sobre a bissexualidade até então. Estes são trabalhos que têm em comum a característica de precursoras das formulações da bissexualidade como identidade política que é uma das questões centrais de interesse em minha pesquisa. Também, a pesquisa de Seffner (2003), uma das precursoras sobre a bissexualidade, e a pesquisa de Monaco (2020b) uma das mais recentes, são referências especiais a este trabalho porque me ajudam a pensar a bissexualidade em relação a redes de sociabilidades, seja por meio de correspondências em cartas com a Rede Bis Brasil sobre as quais o autor trata, ou com as aproximações de Monaco no tocante a espaços de atuação bissexual na internet e a partir da etnografia, questões trabalhadas também com maior atenção em seus artigos (MONACO, 2020a, 2020c).

### **3.2.1 Monodissidência, monossexismo e bifobia**

Para dar mais um passo nesta revisão, aciono monossexismo e bifobia como categorizações de discriminações a partir da ótica da monodissidência para com bissexuais. Rompendo com o binarismo da orientação sexual a noção de monodissidência é fruto da articulação do ativismo bissexual brasileiro (LEÃO, 2018), mais precisamente foi articulada por Dani Vas e disseminada a partir do Coletivo Bi-Sides, de São Paulo criado em 2010 e do qual é integrante, se aproximando a partir de 2014 e passando a fazer parte efetivamente em 2016 (VAS, 2020; MONACO, 2020b). No texto “Minha militância monodissidente” publicado no blog<sup>21</sup> do coletivo, Dani Vas, que se identifica como uma pessoa não binária e bissexual, traz sua trajetória em relação a bifobias, e também enquanto estudante de graduação em psicologia na Universidade de São Paulo (USP) na época. Nesse contexto, a criação da noção de monodissidência emergiu como nome para um grupo de acolhimento que criou após ver a necessidade e o espaço a ser ocupado pela dissidência da monossexualidade como uma forma de resistência. Esse grupo durou cerca de um ano e acabou se dispersando, mas a noção de monodissidência continuou se

---

<sup>21</sup> Na mesma lógica da contextualização feita na nota de rodapé acima, materiais de blogs e demais sites por vezes serão tomados como referências nesta dissertação. Em relação à caracterização de blogs, estes podem ser entendidos como sites utilizados para atualizações rápidas, geralmente com textos informativos, literários ou sobre os mais diversos assuntos.

espalhando pelo Brasil e depois de um episódio onde uma pessoa assexual e aromântica lhe relatou que também se sentia contemplada pela noção de monodissidência por conta de não ser monossexual já que, “[...] monossexuais se atraem apenas por um gênero e pessoas ace aro<sup>22</sup> se atraem por ninguém” (VAS, 2020, n. p.). Assim, em suas palavras:

Levando isso em conta, e pensando que monodissidência busca falar sobre a presença de atração por mais de um gênero, passo a tratar monodissidência como uma **proposta político comunitária** que contempla todas as pessoas que se atraem sexual e/ou romanticamente por mais de um gênero, não mais como dissidência da monossexualidade. A ideia de dissidência ainda está presente, como uma forma de resistência ao monossexismo e à bifobia, mas já não é a ideia estruturante do termo. **Monodissidência fala de pessoas bi, pan, polisssexuais, com identidades fluidas, sem rótulo ou que possam a vir ser nomeadas ainda.** (VAS, 2020, n. p., grifo meu).

Encaminhando-se para o final deste texto de 2020, Dani Vas conta que estava no mestrado no curso de psicologia e que tinha a Monodissidência como tema de pesquisa. Já em 2021, sua dissertação (VAS, 2021) (citada anteriormente) foi defendida e publicada, sendo referência base para o entendimento do surgimento e articulação da ideia de monodissidência em um trânsito entre ativismo e acadêmica, contextualizando que:

Monodissidência é um termo que propus em 2015 (VAS, 2020a) na tentativa de unificar e fortalecer as militâncias bissexuais e pansexuais. Ele surgiu da leitura de um artigo do blog de Eisner (2011), em que a autora diferencia bi e pansexualidade e, como conclusão de sua discussão, diz que, mesmo que diferentes, essas orientações sexuais são próximas entre si e seria interessante pensar numa luta unificada. Motivado por essa ideia, criei a noção de monodissidência para designar, na época, todas as orientações sexuais que dissidiam da 22 monossexualidade<sup>2</sup>, e uso essa palavra como nome para o grupo de acolhimento para pessoas bissexuais e pansexuais que criei naquele ano na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP. O grupo ocorreu ao longo de um ano e meio, em que fui me instrumentalizando e aprendendo mais sobre a militância bissexual. Ao longo dos anos seguintes, propus para outros militantes e pessoas monodissidentes a ideia de monodissidência, que ganhou espaço e aderência. (VAS, 2021, p. 22)

De acordo com sua proposta sobre essa noção, enquanto “político comunitária”, abre-se possibilidades de abarcar identidades semelhantes a partir do que têm em comum, como é o caso da bissexualidade e da pansexualidade. Assim, monodissidência emerge, então, não como uma identidade, mas como termo guarda-chuva que unifica e propulsiona forças políticas por uma lógica de comunidade de dissidências. Abrindo espaço de expressão e afirmação de um lugar, inclusive, para identidades que, enquanto

---

<sup>22</sup> As abreviações “ace” e “aro” se referem a pessoas assexuais e aromânticas.

fluidas e que recusam rótulos, propõem-se distantes de uma noção identitária fixa que categorize traços específicos e de fácil identificação e assimilação.

Adicionalmente, pensando na noção de termo guarda-chuva, algumas pesquisas como a de Leão (2018) e de Monaco (2020b) contextualizam a própria bissexualidade de forma semelhante na medida em que contempla outras nomeações existentes para orientações sexuais como a pansexualidade e também a polisssexualidade a partir das pautas unidas pelo fio condutor da possibilidade de atração afetivo/sexual por mais de um gênero. De modo geral, destaco que “monodissidência” tem aparecido em pesquisas como fundamento de uma posição crítica e resistência à monossexualidade como norma (YOSHINO, 2000; EISNER, 2021) e passou a ser tomada como linguagem corrente no ativismo e como conceito teórico no Brasil situando a bissexualidade e outras identidades que fluidas e sem rótulos que se identificam, portanto, nessa gama de dissidências. Em decorrência, “monossexismo” tem sido acionado no juntamente com o termo “bifobia” para nomear discriminações com pessoas cuja orientação sexual compreende o desejo afetivo e/ou sexual por mais de um gênero e que tendo como base a “crença social de que as monossexualidades (heterossexualidade, homossexualidades e lesbianidades) são superiores e mais legítimas do que as não monossexualidades” (JAEGER; LONGHINI; OLIVEIRA; TONELI, 2019, p. 7).

Considerando que identidade é uma posição social (HALL, 2000), esta é relacional e só faz sentido falar da bissexualidade se operacionalizarmos a ideia de diferença em relação a outras identidades. Em sua dissertação, Lewis (2012, p. 14) traz apontamentos sobre a bifobia, caracterizando-a como “[...] estereótipos, preconceitos e discriminações contra pessoas que se identificam como bissexuais”. Leão (2018) também contextualiza as implicações da bifobia e seus sintomas no ativismo bissexual e lésbico, bem como na inviabilização da construção de uma memória bissexual no ativismo LGBT, e Jaeger (2018, p. 19) afirma que

a bifobia tem sido definida como uma forma de discriminação em relação às bissexualidades, reproduzida tanto por pessoas que se identificam como heterossexuais, como por pessoas que se identificam como gays e lésbicas. Neste sentido, o movimento bissexual tem considerado importante o uso desse termo a fim de reconhecer as especificidades da discriminação bissexual (Lewis, 2012).

Isso posto, diferença e “dissidência” são importantes na existência e reivindicação da bissexualidade como identidade política em relação à heterossexualidade e também à

homossexualidade (embora em posicionamentos diferentes). Além disso, o conceito de monodissidência também traz ponderações sobre a maneira como convencionalmente são pensadas as identidades sexuais tendo em vista uma negação da identidade em termos de busca por estabilização.

Anteriormente, contextualizei gênero, heteronormatividade e heterossexualidade e aqui discorro sobre como é possível ir além. É necessário pensar em pontes entre as críticas à heteronormatividade, à heterossexualidade compulsória e ao masculino universal e pressupostamente genérico do gênero como posições igualmente críticas e contributivas juntamente com a monodissidência e suas suscitações. Assim, em função do que pretendo desenvolver como avanços nesta dissertação retomo meu trabalho de conclusão de curso (KLIDZIO, 2019) no que diz respeito ao posicionamento do conceito de heterossexualidade compulsória como ferramenta crítica e às suas influências no contexto da heteronormatividade sobre as experiências bissexuais:

[...] na consolidação da ideia de que essas identidades [as bissexuais] são uma fase, é [está] o fato de um grande número de mulheres lésbicas, ao estarem em processo de descoberta da sexualidade, após anos encarceradas em uma série de relacionamentos heterossexuais compulsoriamente, afirmarem-se, em um primeiro momento, como bissexuais. A partir disso, muitas vezes, se toma como regra a bi e a pansexualidade como sendo então essa fase. Também não é incomum que entre casais [...] bi e pansexuais tenham sua identidade manipulada quando comunicada, por serem definidos em relação ao gênero da pessoa que estão se relacionando no momento. (KLIDZIO, 2019, p. 41-42).

O conceito de heterossexualidade compulsória, se articulado com a perspectiva crítica da monodissidência, permite elaborações importantes sobre como o monossexismo e a bifobia moldam uma ótica discriminatória sobre a bissexualidade e sobre as monodissidências. Assim sendo, para considerar a existência bissexual é importante não dicotomizar a análise, ou seja, não partir do pressuposto de que por a heterossexualidade compulsória existir e produzir relações, automaticamente toda a bissexualidade, especialmente de mulheres, será sintoma e estágio desta.

Nessa perspectiva é possível identificar, de certa forma, a reprodução de discriminações dentro da discriminação. Lewis (2012) argumenta que dentro dos movimentos LGBT opera uma “matriz homonormativa” que exige a expressão de desejo por pessoas do mesmo sexo/gênero, contribuindo para a marginalização de pessoas bissexuais e demais agentes que não necessariamente correspondem a esta norma. Estas construções negativas acerca da bissexualidade fazem com que os indivíduos se sintam

pouco à vontade em declarar uma identidade bissexual (CAVALCANTI, 2007), o que contribui para a invisibilidade deste grupo.

Conforme já contextualizado na dissertação de Lago (1999) há mais de 20 anos, a homossexualidade também tem seus códigos de regulação e sobre a bissexualidade recai uma percepção de que esta bagunça as regras estabelecidas. De forma semelhante, Lewis (2012, p. 87) sintetiza que “há uma tendência nas matrizes heteronormativa e homonormativa de apagar a bissexualidade, deslegitimando as performances identitárias bissexuais e tentando colocá-las em um dos extremos do binário heterossexual/homossexual.” Muitas vezes, em ambientes LGBTQIAP+ a inteligibilidade exigida coloca-se a partir de um parâmetro homossexual, e não estou considerando que entendo isso como tendo o mesmo peso da heteronormatividade, mas sim, meu objetivo é apontar para uma necessidade de adequação ao binário da sexualidade hétero e homo que não dá conta da bissexualidade como possibilidade. Por isso, novos conceitos precisam ser somados às análises de gênero e sexualidade, considerando o não binarismo da sexualidade e a necessidade de mais pesquisas sobre diferentes orientações sexuais em meio a comunidade LGBTQIAP+ para além da homossexual e das identidades gay e lésbica.

### *3.2.1.1 Delineamentos da bissexualidade como identidade sexual e política*

A identidade sexual é uma identidade social e refere-se às características de uma pessoa e do seu entorno, tendo a ver com “lugar” e com a representação que a pessoa tem de si especialmente conforme o meio e suas vivências lhe exigem uma identificação. Como visto anteriormente, as pesquisas acadêmicas sobre bissexualidade, realizadas majoritariamente por mulheres e com foco sobre mulheres bissexuais, têm delineado um cenário de estereótipos e invisibilidade acerca da sexualidade. Com base nisso, a bissexualidade enquanto uma orientação sexual também é reivindicada como identidade na medida em que sujeitos colocam-se publicamente, e politicamente, enquanto bissexuais.

A linguista brasileira Maria José Coracini, ao pensar “representações do estrangeiro sobre o Brasil e sobre o brasileiro e representações do brasileiro sobre o estrangeiro e sobre si mesmo” (CORACINI, 2003, p. 202), parte do pressuposto de que o “outro” nos constitui e forja ou influencia nosso discurso. Isso, somado à gama de considerações sobre identidade já trazidas na seção 2.1 permite ver a existência discursiva

como central. O que Coracini trata como sendo o sujeito do discurso e da linguagem em uma perspectiva lacaniana, formado pelo “eu no ‘olhar’ do outro” inserido em “[...] vários sistemas de representação simbólica, dentre os quais [estão] a língua, a cultura e a diferença sexual.” (CORACINI, 2003, p. 203). Sujeitos sociais se constituem a partir de uma “[...] identidade [que] não é inata nem natural, mas naturalizada, através de processos inconscientes, e permanece sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação.” (CORACINI, 2003, p. 203).

Na medida em que a sexualidade torna-se uma “questão”, ou seja, precisa ser afirmada e reafirmada pois ao ser simplesmente vivida passa a ser questionada e violentada, a afirmação pública perante o outro escancara relações de poder e controle que perpassam as fronteiras tênues entre público/privado e pessoal/político. Não há, de fato, uma separação entre público e privado, pois são fronteiras que se misturam e âmbitos da vida que se refletem, como propõe a teoria feminista desde a ideia de que “o pessoal é político”. E é pensando, justamente, em como o pessoal é político que pretendo olhar para como o que é pautado sobre a bissexualidade por movimentos ativistas e pelas pesquisas acadêmicas, se relaciona com a esfera pessoal de bissexuais e como a identidade bissexual pode ser articulada em meio a isso.

Como também contextualizado anteriormente, Cavalcanti (2007), Lewis (2012) e Leão (2018) trazem pesquisas que têm em comum a contribuição para delineamentos da bissexualidade como uma identidade “real” e política. Especialmente Leão (2018) aponta a construção de uma identidade política de mulheres a partir de alianças e tensões entre bissexuais e lésbicas. Segundo a autora, a construção de uma identidade política bissexual vem da atuação e reivindicação majoritariamente de mulheres inseridas em movimentos sociais de lésbicas e bissexuais, ou a partir de coletivos especificamente bissexuais que tendem a ser criados a partir das tensões nos espaços de lésbicas e bissexuais. Desse modo, tem-se cenário semelhante ao que se dá em relação a construção do sujeito político da identidade lésbica que, conforme Facchini (2008), desenha-se em um processo de tensões com outros sujeitos do movimento LGBT como homens gays, bem como com o movimento feminista.

Conforme Leão (2018, p. 32), “[...] de um lado, as questões marcadas pelo gênero e diretamente associadas a ser mulher seriam relegadas a segundo plano nos movimentos ligados à (homo)sexualidade e, de outro, o feminismo hegemônico afastava e até mesmo repelia as lésbicas e qualquer tema relacionado à lesbianidade.” Nesse sentido, assim como lésbicas em relação a esses outros grupos, na construção de um sujeito político

bissexual tem-se a dinâmica de criação de seus próprios espaços a parte, não isolados de outros movimentos, mas exclusivos, com condições de dedicação a pautas e demandas específicas. Em consonância, Monaco (2020b) apresenta a caracterização do ativismo bissexual como em atitudes de afastamento de um ideal de “nós LGBT” na medida em que busca o centramento em um “nós” exclusivamente bissexual e monodissidente.

Assim, identificar-se como bissexual é um processo permeado de tensões. Um exemplo disso é Virgínia, uma das interlocutoras da pesquisa de Leão (2018), que enquanto mulher lésbica coloca sua preocupação de não reproduzir o apagamento sobre bissexuais, salientando que lésbicas também passam por apagamentos dentro do movimento feminista. Nesse sentido, coloca-se como necessária a atenção para a não reprodução dessa contradição contextualizada pela autora, que indica o apagamento de sujeitos perpassados por outros marcadores sociais na luta por espaços e direitos próprios.

Na pesquisa referida também se destaca o apontamento de mulheres lésbicas e bissexuais para que estas últimas consigam organizar-se a ponto de construir seus próprios movimentos e espaços, de modo que a identidade de mulheres bissexuais possa ser mais do que um “apêndice retórico em uma equação linguística das lésbicas-e-bissexuais” (LEÃO, 2018, p. 16) em nível pessoal ou microsocial, e do que “um apêndice no final do arco-íris simbólico” (LEÃO, 2018, p. 25) em nível mais abrangente e do movimento político. Ainda conforme Facchini (2008) e Leão (2018), com base em Yoshino (2000), a bissexualidade passa por apagamentos que se mostram de maneiras contextuais em cada pesquisa, mas que se assemelham em mecanismos gerais de apagamento. Uma das afirmações de Leão sobre esta discussão é que “[...] a mulher bissexual habita o espaço do Outro, não importa onde esteja.” (LEÃO, 2018, p. 38). Essa análise cabe também para a bissexualidade de modo geral. Porém, no caso de mulheres bissexuais esta identidade é vista como um desvio, e inscrita em noções de “impureza” e de “perigo” na medida em que estas mulheres têm a possibilidade de se relacionar também com homens. Ao pensar o que é exigido para que estas tenham uma identidade que seja considerada suficientemente “real” (LEÃO, 2018) a autora constata que o exige-se é quase que uma estabilidade e um padrão de pureza que viria com uma atitude dessas mulheres de assumirem-se como, na verdade, lésbicas. Assim sendo, “as mulheres bissexuais surgem como uma identidade política em uma relação igualmente imbricada e tensa com as lésbicas.” (LEÃO, 2018, p. 32).

Nos termos da antropóloga Mary Douglas (1976), essas noções de pureza e perigo dizem respeito a um todo maior e funcional, servindo como analogia para uma visão geral

de classificação de mundo e de manutenção da ordem. Nesse sentido, pureza e perigo não existem em si, mas são binários relativos e simbólicos nomeando objetos diferentes conforme as posições que ocupam, sendo a sujeira e o perigo aquilo que transgride as margens e desafia a estabilidade de determinada ordem, e podem compreender rituais de alimentação, higiene, religião e também tabus sexuais. O que relaciono com a bissexualidade na medida em que esta desafia a ordem heterocisnormativa<sup>23</sup> e monossexual onde a lógica social que opera em relação à bissexuais é a de que “é necessário “definir-se” para possuir uma identidade verdadeira.” (SEFFNER, 2003, p. 175).

Eve Sedgwick (2007), teórica norte-americana dos estudos de gênero e da teoria queer, trata o “armário” para gays e lésbicas como dispositivo que regula a vida. Nessa perspectiva, “assumir-se”, “sair do armário” e “identificar-se” publicamente configuram-se como sendo muito mais um estado permeado por diferentes formas de regulamentação do que uma simples porta que só precisa ser aberta uma vez durante a vida.

Apesar de Sedgwick não considerar bissexuais<sup>24</sup>, sua teoria permite entender especificidades de bissexuais em meio a seus movimentos de saída do armário, como é comumente chamado o processo de pessoas da comunidade LGBTQIAP+ explicitarem publicamente sua identidade, seja para a família, entre amigos, ou nos demais espaços sociais de convivência, e no caso de pessoas famosas para a mídia e conseqüentemente para um grande público. De acordo com Sedgwick (2007), não há uma situação permanente que configure um sujeito como dentro ou fora do armário. Essa separação binária entre “dentro” e “fora” não é possível de visualização, pois na prática “até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (SEDGWICK, 2007, p. 22). Isso se dá pelo fato de que a estrutura que presume que todo mundo é heterossexual (e no caso da bissexualidade, que presume também todo sujeito como sendo monossexual) é elástica, configurando-se de diferentes formas em diversos

---

<sup>23</sup> A definição de bissexualidade como sendo a atração independente do gênero ou por todos os gêneros, ou ainda, por “homem”, “mulher” e outros gêneros configura-se como desafio à cisnormatividade na medida em que compreende gênero como para além do binário homem e mulher. Por conta disso, o termo “cisheteronormatividade” para, além da heteronormatividade, marca essa transgressão à cisnormatividade.

<sup>24</sup> Há críticas bissexuais à teoria queer, inclusive em relação a autores como Sedgwick, que pontuam que não somente a bissexualidade não é citada mas é desconsiderada como possibilidade. Um exemplo pode ser encontrado já na introdução do livro “A History of Bissexuality” de Steven Angelides (2001).

contextos, havendo sempre “[...] novos muros que surgem à volta delas [das pessoas] até quando cochilam” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Os movimentos de “saída do armário” e de reivindicação de uma identidade para si, desestabilizam fronteiras entre esfera privada e pública são desestabilizadas em uma caracterização do pessoal como político. Assim, “assumir-se” ou sair do armário são atitudes que extrapolam a compreensão de que sexualidade diz respeito apenas à vida privada e questões pessoais, íntimas e emocionais. Além disso, considerando que não há uma essência da sexualidade a ser desnudada, a identidade é performativa e precisa ser construída constantemente, sendo assumir-se ou sair do armário repetidamente e entre tensionamentos como parte do que Lewis (2012) aponta quando argumenta que, “[...] bissexuais não simplesmente (re)produzem suas identidades nas interações, devem negociar e até lutar discursivamente para que suas performances identitárias não sejam rejeitadas e apagadas.” (LEWIS, p. 87).

A identificação com o termo “bissexual” e o processo de reconhecimento de si enquanto bissexuais tem sido apontado como um movimento de afirmação, e muitas vezes de contestação de outras definições externas fixadas aos sujeitos. Em síntese, identificar-se como bissexual é colocar-se em um território de tensões e disputas, principalmente por conta do não pertencimento ao meio heteronormativo, somado à inadequação com espaços LGBTQIAP+ pela falta de acolhimento com identidades monodissidentes.

Visto isso, considero que, especificamente se tratando da bissexualidade dentre identidades de gênero e sexualidade dissidentes, o uso de “identidade” enquanto conceito estratégico e posicional mostra-se necessário em um contexto de apagamento desta sexualidade, inclusive em meio a comunidade LGBTQIAP+ e nos estudos de gênero e sexualidade. Destaco que a fluidez da bissexualidade enquanto sexualidade monodissidente não impede sujeitos de reivindicarem para si uma afirmativa identitária. Pelo contrário, a aparente complexidade da identidade bissexual – que, por sua vez, relaciona-se com a segunda maneira de recepção do tema – coloca-se como fator exterior de invalidação e estereotipação constante sobre comportamentos de sujeitos bissexuais a partir da invisibilidade do tema em diferentes ambientes. Assim, a necessidade cotidiana de afirmação e de estabilidade que identidade mostra-se atrativa e até mesmo produtiva, na medida em que identidade configura-se como ferramenta política de luta contra um cenário de invisibilidade bissexual e violências bifóbicas.

No entanto, também friso o perigo da busca por um sujeito bissexual universal ou por uma identidade bissexual unívoca, pois para além de ter-se daí uma identidade essencialista e limitadora e artificial, sua artificialidade pode levar a um ideal de comportamento bissexual e de policiamentos sobre a bissexualidade, podendo direcionar, inclusive, à busca por uma bissexualidade puritanista. Segundo Shiri Eisner (2021) essa é uma dinâmica comum quando se busca simplesmente negar e alinhar-se ao extremo oposto dos inúmeros estereótipos que permeiam essa sexualidade: a de que esta é apenas uma fase de experimentação e que bissexuais são pessoas confusas e mais propensas à infidelidade, ou ainda, que bissexuais são sexualmente insaciáveis e portanto inaptos ou incapazes de manter relacionamentos sérios em uma perspectiva monogâmica. Com a negação sem reflexão sobre causas e dinâmicas sociais de construção destes estereótipos se cria uma imagem espelhada de um ideal de pessoa bissexual enquanto se promove um certo rechaçamento da “[...] pessoa bissexual imaginada pelos estereótipos” que passa a ser vista como “ameaçadora, perigosa, contaminante e instável” na busca por uma figura bissexual representativa que seja “boa” e “normal” (EISNER, 2021, p. 37).

Na lógica de inteligibilidade de uma matriz que exige, basicamente, que bissexuais sejam outra coisa: heterossexuais, gays, ou lésbicas, “se assumir ou não bissexual pode ser um jogo constante, onde nem sempre afirmar uma identidade significa ser mais respeitado.” (CAVALCANTI, 2007, p. 105). Nesse sentido, a bissexualidade coloca-se como identidade política social muito por conta da afirmação de quebra do binarismo da sexualidade a partir de lutas e existências que buscam fazer-se visíveis e conquistar direitos. Mas, se essa construção for pensada conforme as epistemologias bissexuais (GARBER, 1997; LEWIS, 2012; MONACO, 2020b) e a partir das ponderações que a monodissidência traz – como uma certa recusa à noção identidade estável e na mesma lógica das monossexuais – “[...] para ser efetiva (isto é, transformadora), a construção de uma política bissexual não pode se basear em uniformidade, mas na inclusão da diferença” (MONACO, 2020b, p. 15).

### 3.2.1.2 (In)visibilidades como ponto de partida

*“A aparência de ineditismo em uma pesquisa sobre bissexualidade [...] é um sintoma da invisibilidade bissexual, inclusive na academia. Valeria perguntar, assim, por que os trabalhos que existem não são traduzidos e publicados no Brasil e por que seu acesso é tão difícil,*

*enquanto, comparativamente, o acesso à teoria queer, por exemplo, não é.”*  
(Helena Monaco, 2020a, p. 19).

As pesquisas mais antigas no Brasil que tratam da bissexualidade como identidade, ou mesmo como práticas sexuais bissexuais mas por um olhar social, têm o postulado da invisibilidade como base e na maioria das muitas vezes também como constatação, igualmente ao que apontam muitas das pesquisas mais recentes. Silva (1999, p. 20) afirma que “[...] o Brasil **não dispõe de dados** sobre a sua população bissexual” e Lago (1999, p. 1) inicia a escrita de sua pesquisa com a assertiva “o tema deste trabalho é a bissexualidade, ainda **insuficientemente problematizada** enquanto categoria e **pouco explorada** no campo das pesquisas sobre sexualidade.” A autora destaca que:

[...] no campo dos estudos sobre a sexualidade, são **poucas as referências** à bissexualidade, especialmente se comparada à volumosa e recente produção sobre a homossexualidade. A bissexualidade permanece como uma categoria ambígua, sendo que no entendimento de alguns, sequer deveria ser uma categoria. (LAGO, 1999, p. 19).

Cavalcanti (2007) articula desde o título de sua dissertação a equação “visíveis e invisíveis” e aponta que em sua pesquisa,

a escolha desta estratégia foi adotada pela **falta de trabalhos**, tanto bibliográficos quanto políticos, que tratam diretamente da bissexualidade e de movimentos articulados que visem uma maior visibilidade de indivíduos que se assumam bissexuais. Não que eles não existam e é isso que tentarei demonstrar neste trabalho, porém a resistência em reconhecer um sujeito político bissexual e ao que diz respeito à própria existência da bissexualidade é, ainda, muito forte, mesmo dentro dos movimentos que podemos classificar como homossexuais. (CAVALCANTI, 2007, p. 18).

Leão (2018, p. 25) também contextualiza que há poucos dados sobre bissexuais:

**a escassez de dados** quantitativos e qualitativos sobre o perfil das pessoas que se identificam como bissexuais no Brasil torna-se um empecilho para averiguar quais questões seriam prementes aos bissexuais e qual o seu lugar dentro da dita comunidade LGBT. Com isso, é comum que constantemente **não haja lugar** algum para bissexuais em movimentos e espaços da comunidade ou que esse lugar seja um adendo, um apêndice no final do arco-íris simbólico. (LEÃO, 2018, p. 25).

Muitas das pesquisas pensam a bissexualidade a partir da invisibilidade tendo como orientação a análise de narrativas, de vivências, de experiências e até memória – ou ausência de uma memória coletiva sobre um sujeito político bissexual – especialmente a mulher bissexual. Especialmente sobre experiência, Joan Scott – já citada no presente trabalho no que diz respeito ao conceito de gênero –, em outro artigo trata especificamente

da invisibilidade da experiência em uma perspectiva histórica. Conforme Scott (1998), tornar-se visível enquanto desafio a história normativa é um movimento coletivo, pois, em tese, abre oportunidade para outras diferenças e se dá a partir da documentação da experiência. Porém, “[...] a asserção de referencialidade é mais reforçada, o que afinal de contas poderia ser mais verdadeiro do que o relato da própria pessoa a respeito do assunto que ela vivenciou?” (SCOTT, 1998, p. 31). Desse modo, “[...] a visibilidade da experiência se torna então evidência para o fato da diferença, em vez de se tornar uma forma de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que veem e atuam no mundo.” (SCOTT, 1998, p. 31-32).

Chamo a atenção, portanto, para como na busca por uma certa “validação” de experiências ou de provação de que uma identidade é “real”, é fácil que se tome invisibilidade como situação fixa, ou que se busque uma imagem bissexual ideal e limpa de estereótipos (MONACO, 2020b; EISNER, 2021), sem abrir espaço para maior questionamento sobre por quê existem e como os estereótipos influenciam uma visão social da identidade. Ou então, na busca por um final do arco íris que é impossível alcançar (LEÃO, 2018), esquece-se de pensar quais respostas estão sendo dadas por bissexuais, ou simplesmente quais narrativas de visibilidade estão sendo produzidas.

Segundo Leão (2018, p. 37),

“a bissexual” construída nas representações discursivas dos materiais analisados não se refere a mulheres concretas que se identificam como bissexuais ou que tenham práticas bissexuais e se identificam de outras formas, mas a um conjunto de noções que funcionam como categoria acusatória para demarcar comportamentos inaceitáveis e unificar a “comunidade imaginada” de mulheres lésbicas.

Derivando dessa constatação e de outras reflexões semelhantes já apresentadas sobre a identidade bissexual, trago foco sobre a equação invisibilidades/visibilidades, mas a articulo no plural por entender que não há uma invisibilidade ou uma visibilidade posta, mas sim espaços e lógicas de (in)visibilidades. Para isso, busco pensar a equação enquanto conceito e não apenas termo êmico ou categoria, pois entendo que há um vício – comum em pesquisas que tratam sobre temas hegemonicamente marginalizados como a bissexualidade – de tomar invisibilidade como sempre ponto de chegada nas análises. Foi isso o que eu também fiz em meu trabalho de conclusão de curso (KLIDZIO, 2019), mas que nesta pesquisa proponho uma virada ao ter visibilidades e “existências em rosa, roxo e azul” como central.

Com base nas pesquisas apresentadas, sequer há margem para negar que certa invisibilidade e apagamento existem sobre a bissexualidade pela lógica do binarismo da sexualidade, portanto, não nego isso, apenas objetivo ir além. Vê-se que a afirmação de uma invisibilidade necessita de um referencial comparativo: invisibilidade em relação ao que/a quem? O antropólogo Tim Ingold (2008) e em seu texto “Pare, Olhe, Escute! Visão, audição e movimento humano”, e as antropólogas Ceres K. Brum e Suzana C. de Jesus (2015) no artigo “Mito, diversidade cultural e educação notas sobre a invisibilidade guarani no Rio Grande do Sul e algumas estratégias nativas de superação” auxiliam na aproximação com uma definição de invisibilidade: implica ausência de percepção mútua, como se víssemos o outro mas não fôssemos vistos. É a indicação de uma falta de referência que dá margem, conseqüentemente, à produção de estereótipos e categorias acusatórias (LEÃO, 2018; KLIDZIO, 2019), bem como demais violências e silenciamentos.

Desse modo, invisibilidade é uma certa ausência de reciprocidade, onde não ser visto ou não ser notado traz um distanciamento em relação a si mesmo e implica em uma falta de referências sobre si e sobre o grupo. Configura-se uma “perda de consciência de si enquanto imagem/representação” (BRUM; JESUS, 2015, p. 203). Assim, aponto o lugar da criação de conteúdo (especialmente conteúdo crítico), que mobiliza e comunica através das mídias digitais, construindo espaços bissexuais de acolhimento e afirmação quando invisibilidade pode significar, por exemplo, não ter reconhecimento em um território. Território, por sua vez, pode ser pensado como diferentes espaços ou ambientes de vida onde existem relações sociais: família, escola, universidade, ambiente de trabalho ou de lazer que são forjados também a partir (e nas) mídias digitais.

Foucault (1988) entende que a tese da simples repressão moderna do sexo não contempla a realidade. No entanto, isso não quer dizer que o autor contrapõe-se à ideia de repressão do sexo com o pressuposto da não repressão, mas sim, intenciona questionar para além de “por que somos reprimidos?”, “por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?” (FOUCAULT, 1988, p. 10). Nesse sentido, tensiono: a quem interessa a invisibilidade da bissexualidade? E a quem interessa que bissexuais reproduzam apenas o discurso de sua situação de invisibilidade? Essa reflexão será desenvolvida no quarto capítulo e dialoga com a virada que proponho: focar mais em termos de “visibilidades” do que “invisibilidades” como tentativa de sair de um círculo vicioso de apagamento, bem como, pretendo pensar a partir de meu campo: quais

visibilidades bissexuais têm sido buscadas e como ambientes on-line têm contribuído para isso?

#### 4 EXISTÊNCIAS E ATIVISMOS EM ROSA, ROXO E AZUL

*“Não parece meio perverso criar a expectativa de que eu que sou bissexual posso ir a esses lugares, mas chegando lá tenho de estar contemplada em falar apenas de uma parte de mim, de meus desejos e das minhas vivências?”*

*(Tatiana Ranzani Maurano, Regina Facchini e Fabiana Karine de Jesus - Carta a uma amiga bissexual, 2010)*

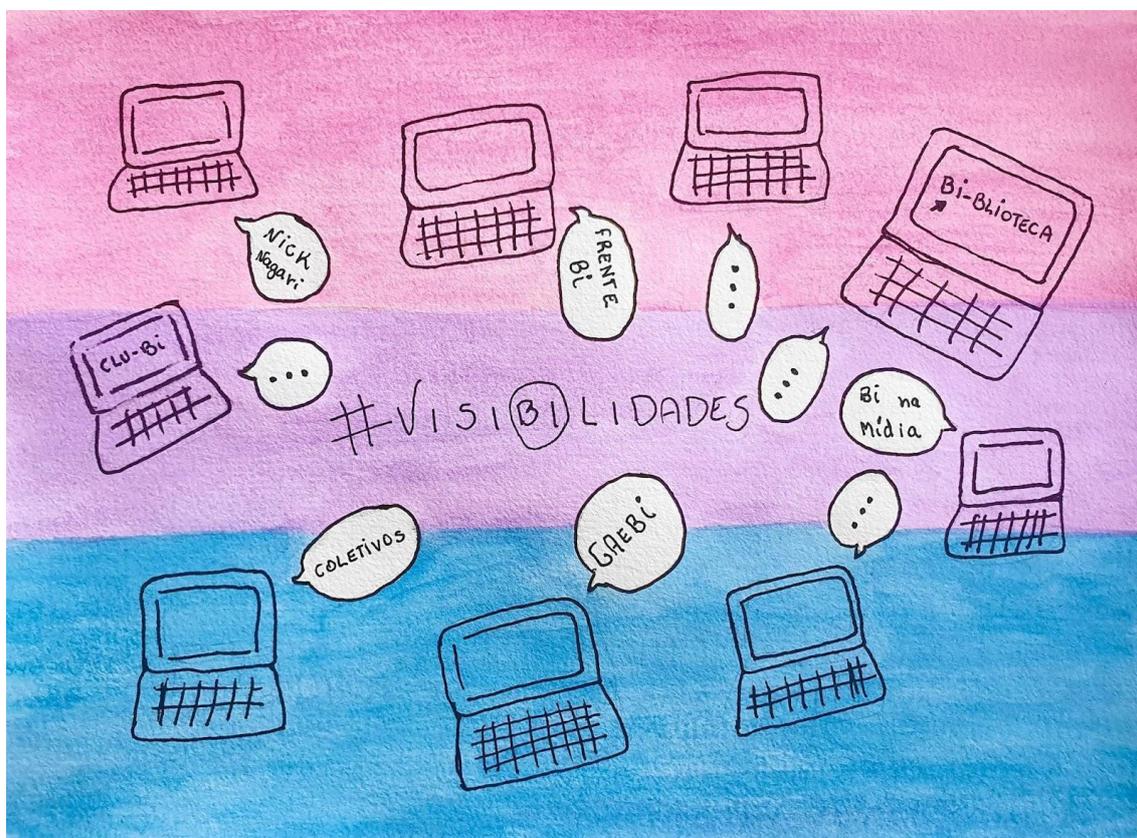
*“De forma geral a produção acadêmica sobre bissexualidade é escassa no Brasil, mas na região norte é muito mais. E nós aqui de cima, nós também não temos esse direito se sermos reconhecidos? De ter nossas experiências atravessadas sim por uma regionalidade, por uma história específica, pela colonialidade, reconhecidas... De conhecer as particularidades da nossa população, os nossos recortes e a nossa pluralidade. E, se a gente, por acaso, depois de fazer todos esses estudos que eu tô demandando aqui a gente descobrir que todo LGBT no Brasil é tudo igual, sobre as mesmas coisas, vive as mesmas coisas (o que eu duvido muito e acho que vocês vão concordar comigo nisso), tudo bem, paciência... Mas pelo menos a gente vai saber quem nós somos, quem são as pessoas que vivem ao nosso redor e as pessoas num geral, no Brasil e no mundo vão saber que nós estamos aqui também.”*

*(Trecho da fala de Triz Cruz, 23 anos, pesquisadora e ativista criadora do GAEBI, no 4º Congresso Internacional de Direito da Diversidade da OAB SP, em 10 de junho de 2021).*

Considerando que identidade diz respeito a aspectos históricos e sociais para além de características biográficas, tratar de identidades LGBTQIAP+ tem sido um movimento ancorado em vivências e experiências, buscando não apenas a afirmação, mas a reivindicação de melhores condições de existência. O título desta pesquisa e do presente capítulo fazem menção à bissexualidade como existente considerando, assim, que a existência ou não de pessoas bissexuais não é uma questão que está aberta para discussão. Nesse sentido, faço coro com falas e postagens em redes sociais de pessoas bissexuais ativistas que dizem estar cansadas de “(re)afirmar o básico”. Nem por isso deixo de considerar críticas à noção de experiência como única embasadora da existência e de demandas de uma identidade social. Mas, especialmente o que guia essa pesquisa é a existência coletiva e histórica, não linear e não sem disputas, da bissexualidade enquanto uma orientação sexual reivindicada como identidade social e política. Esse é o ponto de partida: tratar mais sobre o que bissexuais constroem para si e menos sobre o que precisaria ser dito para quem acredita que “a bissexualidade não existe”.

A dissertação de Souza (2021), e outros trabalhos recentes (CRUZ, 2021; ORTIZ, 2021) apontam o fortalecimento da bissexualidade tanto no que diz respeito às movimentações ativistas quanto nas produções acadêmicas e é nesse cenário que se insere a construção dessa pesquisa. Assim, este capítulo é dedicado a discutir ativismos e visibilidades bissexuais que acessei de 2020 a 2023, especialmente durante o período da pandemia de Covid-19. Percorrendo perfis, produções, eventos e reuniões on-line encontrei as visibilidades bissexuais abraçadas como campo de pesquisa, o qual foi contextualizado no capítulo metodológico e será aprofundado a seguir. Considerando que as redes sociais e a internet como um todo têm sido terreno de visibilidades bissexuais, principalmente em (e a partir de) 2020 com a pandemia de Covid-19, com produções de visibilidades como formas de mobilizações existenciais e políticas e a relação disso com a produção acadêmica sobre bissexualidade no Brasil.

#### 4.1 FAZER-SE ÁGUA: VISIBILIDADES BISSEXUAIS BRASILEIRAS



*Neste desenho etnográfico perfis no Instagram são representados por notebooks que formam uma “roda de conversa”. Dessa roda emergem diálogos e diferentes pautas que*

*são visibilidades produzidas em torno do tema da bissexualidade nas mídias digitais e a partir da pandemia. As palavras “Bi-Biblioteca” e “Clu-Bi” dispostas sobre as telas representam o perfil da @bi\_\_biblioteca como uma iniciativa minha que me possibilita um olhar também “de dentro”, ou seja, enquanto inserida nessa produção de visibilidades. Tanto o perfil quanto o clube de leitura têm me possibilitado uma aproximação com outros perfis importantes na pesquisa como os exemplos citados nos balões de fala no desenho: “Nick Nagari” - produtor de conteúdo sobre bissexualidade (e transgeneridade) no Instagram; “Frente Bi” em referência à Frente Bissexual Brasileira; “Bi na Mídia” - perfil de Talitta Cancio, estudante formada em comunicação pela UFRN, que trata de representações bissexuais no audiovisual de modo geral a partir de suas pesquisas; “GAEBI”, em menção ao Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade; por fim, a menção a “coletivos” é genérica mas representa diferentes coletivos bissexuais brasileiros, além disso a palavra pode nomear uma coletividade que congrega o ativismo e as articulações acadêmicas, por exemplo, em torno da bissexualidade. Outros balões são trazidos apenas com reticências representando uma abstração de inúmeros perfis encontrados. De modo geral, cada notebook desenhado representa uma percepção. Com discordâncias e pontos de vista próprios, diferentes perfis e iniciativas estão em uma roda de produção de visibilidades sobre a bissexualidade (representada na medida em que todo o desenho está sobre as cores da bandeira bissexual). Também, no centro dessa conversa está uma hashtag como representação de uma forma de encontrar estas visibilidades. Por fim, a grafia da palavra “visi(bi)lidades” com destaque sobre o “bi” chama a atenção para o uso recorrente desse tipo de trocadilho, como sendo algo característico de diferentes perfis e de uma “cultura bissexual”.*

*(Diário de campo da autora, 30 de agosto de 2021)*

---

De modo geral, ativismo diz respeito à defesa de algo: uma ideia, um grupo e até mesmo um indivíduo. É composto por movimentos sociais organizados, podendo ser institucionalizados ou não, ou por ativistas independentes, que, por sua vez, podem ser parte de um movimento como uma frente ampla ou os chamados “coletivos”. Nesse sentido, o ativismo ou ações ativistas podem estar presentes em diferentes espaços, como dentro de um movimento maior e geral, como o ativismo LGBTQIAP+ e dentro das universidades, inclusive, em meio à produção científica.

Considerando a defesa de uma causa em torno de interesses em comum, a tendência é que o ativismo reclame uma oposição ou reivindicação, por exemplo, ativismo contra ou a favor do quê? Bem como, a existência e o comportamento de um movimento ativista depende da posição social que a causa ocupa e o que as consequências danosas a ela produzem em seus sujeitos. No caso da bissexualidade a noção de identidade é central e organiza-se em torno do isolamento de bissexuais que a bifobia produz e pelo que também é gerada. O ativismo tem se preocupado em apontar a bifobia e o monossexismo a partir da disseminação de informações ao mesmo tempo em que precisa e tem a intenção de forjar espaços de acolhimento e de organização entre bissexuais. Nesse sentido, busca visibilizar a bissexualidade, problematizar a bifobia e o monossexismo, ao mesmo tempo em que reivindica para si condições para iniciativas como: produzir dados sobre bissexuais, desenvolver políticas públicas e criar espaços de expressão e escuta nos quais a bissexualidade pode ser colocada em foco em seus diferentes aspectos e possibilidades de desejos e relacionamentos.

Esse “combate” engloba ações mais comuns nos chamados “novos movimentos sociais” pós os anos 1970, que são mais diversificados em suas pautas e meios, infiltrando-se em brechas em um “aprofundamento dos mecanismos e instituições democráticas nas sociedades ocidentais capitalistas” (MACHADO, 2007, p. 253). Portanto, muitas vezes, não se trata de combater um “inimigo”, mas de voltar-se para si a fim de criar espaços de acolhimento e políticas de afirmação, que podem ser compreendidos também como um conjunto de visibilidades bissexuais. Sendo assim, constantemente são produzidos e reivindicados símbolos em grande medida a partir de redes on-line, contribuindo para a consideração de que “as demandas dos movimentos sociais são tão variadas, específicas e, inclusive, peculiares a certos contextos sociais, históricos e culturais” (MACHADO, 2007, p. 253).

Conforme Machado:

tais formas de ação coletiva têm como objetivo, a partir de processos freqüentemente não-institucionais de pressão, mudar a ordem social existente, ou parte dela, e influenciar os resultados de processos sociais e políticos que envolvem valores ou comportamentos sociais ou, em última instância, decisões institucionais de governos e organismos referentes à definição de políticas públicas. (2007, p. 252).

Assim, produções e existências bissexuais têm gerado tensionamentos e fissuras em uma lógica monossexista. Nesse sentido, o título desta seção remete a um movimento

de “fazer-se água” que tem a ver com, unir-se para procurar e produzir brechas para avançar, ganhar volume e força na correnteza para alastrar-se coletivamente por brechas. O encontro das águas gera condições de expansão e faz com que saberes, linguagens e memórias sejam construídas e visibilizadas a partir da coletividade, em um fortalecimento de si e entre si. Trago essa observação a partir do contato etnográfico com meu campo de pesquisa que engloba existências como perfis, grupos e produções importantes para o ativismo bi e a academia no Brasil conforme se costumam com a construção de meu campo e/ou com a atuação das pessoas entrevistadas. Esse contato e a convivência com essa rede bissexual foi aprofundado com entrevistas com nove pessoas realizadas em janeiro e fevereiro de 2022 envolvidas nesse cenário que proponho chamar de rede de visibilidade, que serão apresentadas nas seções a seguir. Ao longo dos primeiros meses letivos de meu mestrado em 2020, que caminhou conjuntamente com o acirramento da pandemia, fui estabelecendo organicamente uma série de contatos e conhecendo diferentes pessoas e conteúdos que vieram a se tornar meu campo de pesquisa, como contextualizado no capítulo 2, e que serão apresentados neste capítulo.

Conforme mencionado na introdução, ao conhecer Helena, pesquisadora e amiga, no curso “Etnografia em Tempos de Pandemia” em 2020, tive a oportunidade de conversar com alguém que pesquisava o mesmo tema. Em agosto de 2020, conheci o Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade (GAEBI) e pude encontrar um grupo de pessoas interessadas em discutir o tema academicamente. Também em agosto de 2020 tomei conhecimento de uma reunião por videochamada, convocada informalmente a partir das redes sociais, que juntou pessoas bissexuais de todo o Brasil e que deu origem a Frente Bissexual Brasileira (FBB).

Portanto, criada on-line e durante a pandemia em 2020, conforme a descrição em sua “bio”<sup>25</sup> do Instagram, a FBB é “uma rede nacional composta por coletivos e ativistas independentes e voltada para a articulação do movimento bissexual brasileiro”. No Instagram também é possível que os perfis que utilizam a conta do tipo profissional façam sua autoclassificação entre as categorias: artista, blog pessoal, blogueiro(a), causa, comunidade, criador(a) de conteúdo digital, educação, empreendedor(a), saúde/beleza, *podcast*, produto/serviço, gamer, restaurante, criador de vídeo, etc. No caso da FBB sua classificação é “causa”.

---

<sup>25</sup> Bio é um espaço para descrição, elementos gráficos como emojis e links que servem como uma pequena biografia do perfil, sendo visível até para quem não segue o perfil.

A FBB pode ser considerada uma das mais importantes organizações ativistas bissexuais brasileiras na atualidade, sendo a única que reúne coletivos de diferentes regiões e propõe representação e atuação nacional. Além da FBB, outra organização de abrangência nacional foi o Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB) que existiu entre 2005 e 2008. Teve, portanto, uma existência breve e seu fim ocorreu por conta de conflitos relacionados à representatividade e tentativas de apagamento. Conforme contextualiza Maria Leão (2018) a partir da interlocução com Regina (uma de suas entrevistadas), a desarticulação do CBB foi fortemente influenciada por uma situação específica quando

um conflito por representação em um fórum do Ministério da Saúde (MS) onde um ativista que publicamente se identificava como gay assumiu a cadeira destinada à representação de bissexuais. As pessoas de referência no Ministério, responsáveis por legitimar as representações, não levaram em consideração os questionamentos dos membros do CBB. Tal desfecho teria sido, segundo Regina, uma derrota crucial, que determinou fortemente a desarticulação daquela geração de ativistas bissexuais brasileiros, que naquele momento tentava construir a bissexualidade como uma identidade política autônoma e consolidar reconhecimento de suas pautas junto ao Estado assim como as identidades gay, lésbica e trans haviam logrado antes. (LEÃO, 2018, p. 52).

A FBB foi criada tendo em vista a falta de uma organização abrangente sobre bissexualidade no Brasil e passou a cumprir papel de articulação e divulgação da bissexualidade valorizando o contexto brasileiro e reunindo, além de coletivos, ativistas independentes em uma frente ampla de mobilização. Apesar de ter uma página também no Facebook e no Twitter, o Instagram é a rede mais “movimentada”. Além disso, em 2021, a Frente criou um site para reunir informações e ampliar sua comunicação. Conforme consta no site, ainda em construção, o tópico “Festival Bi+” contextualiza que a Frente surgiu a partir de uma reunião on-line no dia do Orgulho LGBTQIAP+:

com a reunião inédita de coletivos e ativistas bissexuais ocorrida em 28/06/2020, surgiu a vontade de realizar uma ação coletiva e de acolhimento em prol da visibilidade bi naquele ano, e que pudesse amenizar o impacto do distanciamento social na saúde mental das pessoas bissexuais, já bastante agravada por conta da pandemia de COVID-19 que rapidamente se alastrava pelo país. (Site da Frente Bissexual Brasileira).

O Festival Bi+ tem sido uma das principais realizações da Frente e “nasce desse desejo para se transformar num marco do movimento bissexual brasileiro: no dia 26/09/2020 colocamos no ar quase 9 horas de programação cultural ininterrupta,

planejada, produzida e protagonizada inteiramente por pessoas bissexuais na frente e atrás das telas” (site da Frente Bissexual Brasileira). Conforme programação representada no Anexo B, o evento foi on-line, com transmissão ao vivo no canal do YouTube, o Festival teve, portanto, sua primeira edição em 2020, pretendendo-se de realização anual<sup>26</sup>.

Em 2021, sua segunda edição foi nos dias 25 e 26 de setembro (Anexo C), em períodos da tarde e da noite. Acompanhando as duas edições do Festival percebi que este se colocou como espaço de convergência de pessoas artistas, ativistas/militantes e acadêmicas, cumprindo um papel de marco positivo no movimento bissexual brasileiro, conforme objetivado. Bem como, esse marco tem se construído conforme se dão outras ações, para além de sua simples presença enquanto organização nacional que por si só já demarca um espaço e uma mobilização em torno da bissexualidade no ativismo brasileiro.

Além disso, como consta em seu site:

Em referência a realização da primeira e histórica edição do FESTIVAL BI+ em 26/09/2020, a Frente Bissexual Brasileira celebra a data de 26 de Setembro como o **Dia Nacional do Orgulho Bissexual**, imbuído de significados próprios que dialogam com a atualidade do movimento bissexual brasileiro contemporâneo. [...] Considerando as nossas especificidades enquanto pessoas bissexuais e brasileiras, compreendemos necessário a reivindicação de um dia específico para celebrar a população bissexual, assim como três ativistas estadunidenses viram essa necessidade e criaram o dia Internacional da Celebração Bissexual no dia 23 de setembro de 1999. Poucas pessoas entendem a bissexualidade como uma orientação sexual válida, por isso entendemos que estabelecer o Dia Nacional do Orgulho Bissexual é um momento fundamental para conscientização sobre a necessidade de inclusão da comunidade bi na formulação de políticas públicas e na atuação em prol da comunidade LGBTI+ no Brasil. A Frente Bissexual Brasileira também articula junto à parlamentares a institucionalização do dia 26 de setembro no calendário de lutas nacional. (Site da Frente Bissexual Brasileira, grifo meu).

Desde seu surgimento a FBB mantém-se aberta para novas pessoas integrantes e tem mantido reuniões mensais on-line. Algumas de suas ações no período do primeiro ano de atuação, além da realização do Festival, foi o mapeamento de candidaturas bissexuais eleitas no Brasil; a participação de congressos e seminários como o 18º Seminário LGBTQIA+ do Congresso Nacional e o 4º Congresso Internacional de Direito da Diversidade da OAB/SP, e a realização de lives para discutir temas como mulheres e bifobia, racismo e bifobia, existências e resistências trans e bifobia, bem como as lives “Orgulho LGBT+ também é Bissexual: um resgate da memória ativista bissexual” e

---

<sup>26</sup> Mas em 2022 não ocorreu e em 2023 não se sabe se será realizado, acredito que por uma dificuldade de reunir pessoas com tempo e disponibilidade para a demanda que a organização e a estruturação que um evento, ainda que on-line, exige.

“Cidadania Bissexual: O que as eleições de 2020 têm a ver com isso?” (eleições municipais) que trazem temas amplos ao encontro da bissexualidade enquanto identidade política.

A FBB também tem escrito e publicado textos nas redes sociais como o intitulado “A Bissexualidade é Revolucionária” assinado pela ativista e pesquisadora Nanda Rossi publicado em 24 de dezembro de 2020, o chamado “Manifesto pelas dissidências” publicado em 29 de janeiro de 2021 (dia da visibilidade trans) e o texto “Dia Internacional das Pessoas Não Binárias” em 14 de julho de 2021. Também foi escrito pela Frente o texto “*Building Bisexual Visibility in Brazil*” (Construindo Visibilidade Bissexual no Brasil) para o número 37 da revista alemã sobre bissexualidade *BiJou Magazine*, publicado em 25 de março de 2021. Essa publicação marcou uma importante relação com outros países a partir da existência da FBB para demarcar especificidades da bissexualidade no Brasil e reconhecer a existência de um movimento de visibilidade que vem se construindo.

Na segunda edição do Festival Bi+ em 2021 foi lançado o Manifesto Bissexual Brasileiro. Já existe, desde 1990, o que tem sido chamado de Manifesto Bissexual (ADORE, 2017) por bissexuais de diversos países, mas a construção de um manifesto especificamente brasileiro por ativistas da Frente e demais pessoas (não integrantes da Frente) que se somaram a esse movimento, bem como a sua leitura também coletiva na programação do Festival Bi+ simbolizou a necessidade e a capacidade do movimento de olhar para o contexto brasileiro como campo independente na produção de saberes bissexuais e como realidade social específica.

Acompanhando a segunda edição do Festival Bi+ em 2021, observei que o evento foi percebido tanto como espaço revolucionário de organização e acolhimento de bissexuais, como uma oportunidade da sociedade ouvir a população bissexual. Isso foi ressaltado tanto pela audiência que ali se sentia representada como também por ativistas e militantes, artistas e pessoas pesquisadoras que participaram dos debates ao vivo. Em uma mesa do segundo dia de evento, com parlamentares bissexuais, a fala de uma delas me chamou a atenção ao falar de um “mandato pedagógico bissexual”, que teve como centro uma das ações da Frente Bissexual Brasileira em andamento, que foi a protocolação da data de 26 de novembro (dia da realização do primeiro Festival Bi+) como o Dia do Orgulho Bissexual Brasileiro. Isso dialoga com um entendimento amplo de fazer política institucional e sua relação com o ativismo e a militância independente, trazendo uma perspectiva interessante acerca dos mandatos de deputadas bissexuais como

projetos políticos históricos e coletivos na construção de uma nova pedagogia democrática, que tem uma crescente de mulheres parlamentares bissexuais negras e periféricas.

Portanto, assim como o GAEBI é imprescindível para pensar a produção acadêmica, a Frente Bissexual Brasileira é uma organização central para o movimento ativista bissexual brasileiro hoje e ambos representam uma convergência de saberes. Na medida em que pessoas que estudam a bissexualidade na academia também integram a Frente podem ser construídas pontes entre artistas, ativistas e a academia. Em meio a isso, muitas das pessoas com as quais conversei ao longo da pesquisa integram essa rede bissexual que converge diferentes campos em que a Frente Bissexual Brasileira, o GAEBI e outras iniciativas se integram como podcasts e perfis de produção de conteúdo no Instagram.

#### **4.1.1 Existências acadêmicas e encontros**

Fui me percebendo imersa nas águas e com o intuito de seguir seu fluxo entre existências e encontros, a primeira pessoa que entrevistei<sup>27</sup> foi Elisa Volpato, uma das pessoas que mais me aproximei nesse percurso. Elisa (ela/dela), 23 anos, é uma mulher branca, cis e bissexual, natural de Curitiba - PR. É psicóloga, integrante do Bi Sides pesquisadora sobre bissexualidade e idealizadora do perfil Entre (In)visibilidades - @entreinvisibilidades no Instagram (imagem abaixo), a partir do qual tem a proposta de falar sobre saúde mental bissexual, sendo o primeiro post dedicado a pensar o papel da psicologia no movimento bissexual.

Captura de tela do perfil de Elisa no Instagram feita em 31/01/2023

---

<sup>27</sup> Todas as informações trazidas ao longo do texto como, por exemplo, idade ou escolaridade das pessoas entrevistadas se referem ao momento de realização das entrevistas, no início de 2022.



Fonte: Elaboração própria.

Elisa tem graduação em Psicologia pela UniBrasil, uma faculdade privada de Curitiba, terminou o curso em 2020 mas se formou, de fato, em 2021 por conta da pandemia. Também por conta da pandemia nos conhecemos nos encontros on-line do GAEBI em 2020 e conversamos no Telegram, no WhatsApp e no Instagram. No momento da entrevista já havíamos organizado o I SENABI juntas e coordenado o primeiro Simpósio Temático sobre bissexualidade nas Jornadas Antropológicas da UFSC. Ela se coloca como bissexual, mas entende que “tudo é mais complexo”, comenta que poderia se identificar com outros termos que também existem pois considera que há diferenças pequenas entre eles, mas acaba valorizando aquele que percebe como mais fácil de ser entendido em sua vida pública. Ela frisa que não tem nada contra outros possíveis termos, dando a entender que apenas escolheu um. Em suas palavras, “as pessoas entendem a bissexualidade muito mais né, do que outras identidades que se atraem por mais de um gênero, mas né, é isso, não fecho exatamente em uma, mas na vida... acho que a gente acaba se identificando pra tornar mais fácil de as pessoas entenderem.” Ela ainda acrescenta: “e, já é difícil em termos de bissexualidade de explicar, enfim...”.

A partir do que Elisa coloca, o primeiro parágrafo deste capítulo pode ser recuperado: a bissexualidade, mais que uma identidade individual, tem uma função social e política de comunicar. Assim, não vem pronta e não é linear, mas negociada

cotidianamente. Sem ser perguntada diretamente sobre isso, ela trouxe uma justificativa acerca de porque identifica-se dessa forma. Isso remete ao que VAS (2021) traz ao tocar no ponto de que há uma infundável busca dos limites entre uma identidade monodissidente e outra, como por exemplo, da bissexualidade e da pansexualidade. No entanto, uma visão mais produtiva, de forma geral, pode ser encontrada a partir da compreensão dos sentidos e usos de cada identidade pelos sujeitos. Além disso, a dificuldade que Elisa aponta sobre a compreensão externa de identidades que nomeiam uma sexualidade que não é monossexual (inclusive a bissexualidade) deriva de um apagamento de várias identidades e, de algum modo, da perspectiva monodissidente. Em meio a isso, a busca por uma visão mais produtiva indica uma direção em que, “trabalhando em conjunto, bi e pansexuais conseguem construir mais ferramentas e agir de forma mais efetiva na luta contra o binarismo de gênero. Somam-se esforços e se articulam os movimentos.” (VAS, 2021, p. 97).

Já quando perguntei, especificamente, como foi seu processo de identificação como bissexual, Elisa destacou: “eu sempre entendi que eu gostava de meninas, sempre me senti atraída, namorei assim namoradinho de escola um menino, mas não foi algo que mexeu muito com a minha sexualidade e por muito tempo eu não entendia exatamente porquê que eu precisava me identificar como algo”. Porém, a partir da época do ensino médio, quando suas vivências e sociabilidades aumentaram, ela afirma que sentiu uma pressão para encontrar um rótulo.

Eu senti uma certa pressão pra me identificar como algo, mas o termo bissexual pra mim era uma coisa que me escapava o tempo todo. Quando eu conseguia resolver internamente: “não, ok, eu sou bissexual, tá tudo certo, isso não é ruim”, isso me escapava de uma forma absurda em momentos assim, os mais diversos, de bifobia. Já tive professores falando em sala de aula que bissexuais não existem e eu lembro que isso foi bem marcante no sentido de que era um momento que eu tava começando a pensar “não, tá tudo certo, eu posso me identificar assim, né, ninguém vai... ninguém vai falar nada, não é errado” e aí ele disse que bissexuais não existem. Enfim, tem vários outros momentos em que aconteciam essas situações de bifobia, então, **esses momentos, eles iam fazendo com que toda a construção que eu tinha feito internamente num processo muito complicado, muito difícil, fosse escapando** em todos esses momentos. (Elisa, 23 anos).

Ao narrar essa pressão por um rótulo, Elisa descreve a busca pela função prática da identidade que é comunicar, que lhe veio como uma demanda externa de seu círculo social escolar, o que costuma fazer parte de uma identificação. No entanto, em seu processo se faz presente o cansaço pela repetição em um círculo vicioso, que, por sua vez,

não é comum a qualquer identidade, trazendo à tona as especificidades da construção e manutenção da identidade bi e outras identidades monodissidentes.

Elisa conta que sempre soube que gostava de meninas e chegou a considerar ser lésbica, mas também teve um “namoradinho” na escola e mesmo assim não considerou a bissexualidade como uma identidade para si. Ela afirmou que sabia da existência da bissexualidade, e inclusive a maioria dos seus amigos eram bissexuais, mas mesmo assim relutava muito em se identificar como bi e acredita que isso se deu por influência de uma visão muito ruim que alguns de seus amigos que não eram bissexuais tinham de bissexualidade. Em suas palavras: “eu sentia que se eu me identificasse dessa forma poderia, enfim, **acabar enfrentando alguma coisa e na época eu não tava disposta**, isso no ensino médio.” Ou seja, seu processo de identificação enquanto bi teve um determinado caminho por conta de suas relações públicas em seu círculo social. Foi em 2016/2017 quando estava na faculdade e após perguntarem mais sobre sua forma de identificação é que timidamente começou a dizer-se bissexual. No entanto, depois de contar sobre isso ela colocou: [...] em todos esses momentos eu sei que **eu sempre me identifiquei como bissexual**, mas era uma identidade que eu nunca conseguia **externalizar** de alguma forma. Então era uma identidade que eu guardava muito para mim e deixava que as pessoas presumissem que eu era hétero ou lésbica.” Portanto, sua identificação como bi além de cumprir uma função prática de comunicar, foi uma ação social e política ao nomear uma existência, pois a identidade bissexual passou a existir após a sua externalização. Ao mesmo tempo, podemos dizer que as características dessa identidade estavam ali o tempo todo e uma construção identitária foi necessária. Nesse sentido, faz-se entender a reflexão que Elisa trouxe sobre esse seu relato: “eu entendo que em todos os processos, tanto de eu conseguir me identificar para mim mesma, como pras outras pessoas é algo que a gente vê como coisas separadas mas às vezes vão se tangenciando de uma forma né, que não dá, não tem uma separação tão nítida.”

Elisa também contou que antes de elaborar uma identidade para si: “já tinha mães de amigas minhas falando que eu era lésbica completamente e daí eu ficava muito ofendida, mas não no sentido de ser algo ruim, era no sentido de que eu estava sendo identificada de uma forma que eu não era... que não me contemplava.” Ela acrescentou que “então, até essas discriminações elas vinham muito de um lugar em que as pessoas não me viam dessa forma [como bissexual].” Assim, a simples questão de nomear-se publicamente como bi significa tornar a bissexualidade uma existência possível e coletiva e uma identidade política. O que, por sua vez, leva à compreensão de que há

enfrentamentos que pessoas monodissidentes encaram quando o que buscam ao não adotarem uma identidade para si é, justamente, evitar enfrentamentos. Como, por exemplo, no caso de Elisa enquanto adolescente que diz que não estava disposta a lidar com questionamentos, estereótipos e discriminações, mas que, no fim das contas, por sua identificação não ser nem lésbica e nem hétero sexual uma simples não identificação não “resolveria” seu problema pois uma “não identidade” acaba sendo um rótulo de lésbica ou hétero.

Para chegar a se identificar como bi, Elisa teve momentos “bem pesados”:

[...] fui né pro consultório da minha psicóloga, enfim, muito abalada me perguntando “mas eu acho que eu nem sou isso mesmo” e desisti de tentar me identificar com algo e aí ela teve todo o tato de sentar comigo e me mostrar e falar assim “olha...”. Eu tava com ela já há um bom tempo daí ela teve todo o tato, toda a paciência de tipo falar assim “olha, o tempo todo você trouxe que você sentiu atração por mais de um gênero né, enfim, o que está acontecendo?” E daí a gente conseguiu trabalhar mais a questão, mas eu recorri à psicoterapia. Depois disso não teve momentos assim. Tiveram momentos em que, por exemplo, amigos perguntavam “**se era realmente isso?**”. E aí é toda aquela questão né, “por que que as pessoas tão me perguntando **o tempo todo se eu sou bissexual mesmo?**” E em algum nível é natural que talvez isso deixe alguma dúvida, no sentido de que as pessoas perguntam com uma intensidade tão forte, e com uma certeza tão forte de que você está em dúvida que isso talvez acabe ocasionando algo, mas não é algo que assim, tira meu sono à noite. Hoje em dia eu tenho uma **certeza muito forte**, então não me afeta tanto, mas em alguns momentos da minha vida foi bem complexo... de não conseguir entender e não conseguir aceitar. Mas depois, enfim, com anos de terapia também, deu tudo certo. (Elisa, 23 anos).

No relato de Elisa vê-se uma sensação final de que “deu tudo certo” que corresponde a quando, mesmo com questionamentos externos constantes, conseguiu alcançar um estado de certeza. Essa sensação de certeza pode ser atribuída a quando ela passou a ter cada vez mais momentos em que conseguia dizer-se bissexual, ainda que recebendo questionamentos. O ato de nomear-se para os outros faz diferença. Inclusive, esse foi um dado que Elisa destacou como percepção em suas próprias pesquisas sobre bissexualidade.

Por ser também pesquisadora sobre bissexualidade, nossas conversas e convívio on-line foram muito importantes para essa pesquisa em diferentes âmbitos, até mesmo quando desabafamos sobre como é ser bissexual e também pesquisar o tema. Por isso, muito do que me interessou em Elisa é sua característica de pesquisadora que busca extrapolar os limites da academia. E, a ideia de seu perfil no Instagram é um bom exemplo disso. No Entre (In)visibilidades ela leva seu campo de pesquisa sobre bissexualidade a

contribuir para reflexões para a sua profissão de psicóloga. Apesar de, até o momento o perfil ter apenas uma postagem, sua existência comunica um movimento importante, pensando a relação da psicologia com o movimento bissexual.

O post inicia chamando a atenção para como “a psicologia exerce uma importante função social nos processos de educação, na disseminação de informações e na inclusão social” e conduz a defesa do papel da psicologia no combate de “negligências, discriminações, violências e opressões”. Denuncia que “no contexto brasileiro, temos poucos dados e pesquisas na área da Psicologia sobre saúde mental bissexual, o que também pode ser considerada uma consequência da invisibilidade” e afirma que:

é necessário considerar que, embora as discriminações vivenciadas pela população LGBTQIAP+ tenham similaridades, também possuem diferenças. Portanto, há importância social em explorar **como cada letra da sigla** enfrenta as discriminações e opressões sociais para que possam ser criadas intervenções que considerem as especificidades. A bifobia é constantemente menosprezada e, diante do apagamento bissexual, não é discutida socialmente com frequência, e conseqüentemente, o que dificulta encará-la como um problema social que requer atenção. **A falta de discussão** também faz com que muitos bissexuais tenham dificuldades para reconhecer quando ela ocorre.

Mesmo não sendo um perfil “grande”, comparado com o número de pessoas seguidoras de outras iniciativas trazidas na pesquisa, o Entre (In)visibilidades (que tem mantido entre 100 e 150 pessoas seguidoras) cumpre e demarca um papel interessante, que é o de uma psicóloga e pesquisadora pondo-se em movimento em torno da bissexualidade. Há uma mobilização de ferramentas que derrubam os limites postos entre estes campos: o de profissional e de pesquisadora, e o de profissional/pesquisadora e ativista. Além disso, esses pontos que Elisa traz em nossa conversa e em seu trabalho como um todo remetem à questão de como nomear, afirmar e denunciar são verbos essenciais para existências bissexuais. Tanto em seu próprio processo de identificação como ao contar sobre as principais percepções em suas pesquisas enquanto acadêmica, Elisa destaca o que uma frase elaborada sobre sua experiência de entrevistas com outras mulheres bissexuais pode resumir: “como que elas vão manter essa identidade se elas não podem falar dela, né?” Trata-se, portanto, da manutenção de uma identidade em contextos de invisibilidade que podem significar a falta de pertencimento. Acerca disso e com base em suas contribuições de pesquisa, Elisa trouxe o que constatou com suas interlocutoras:

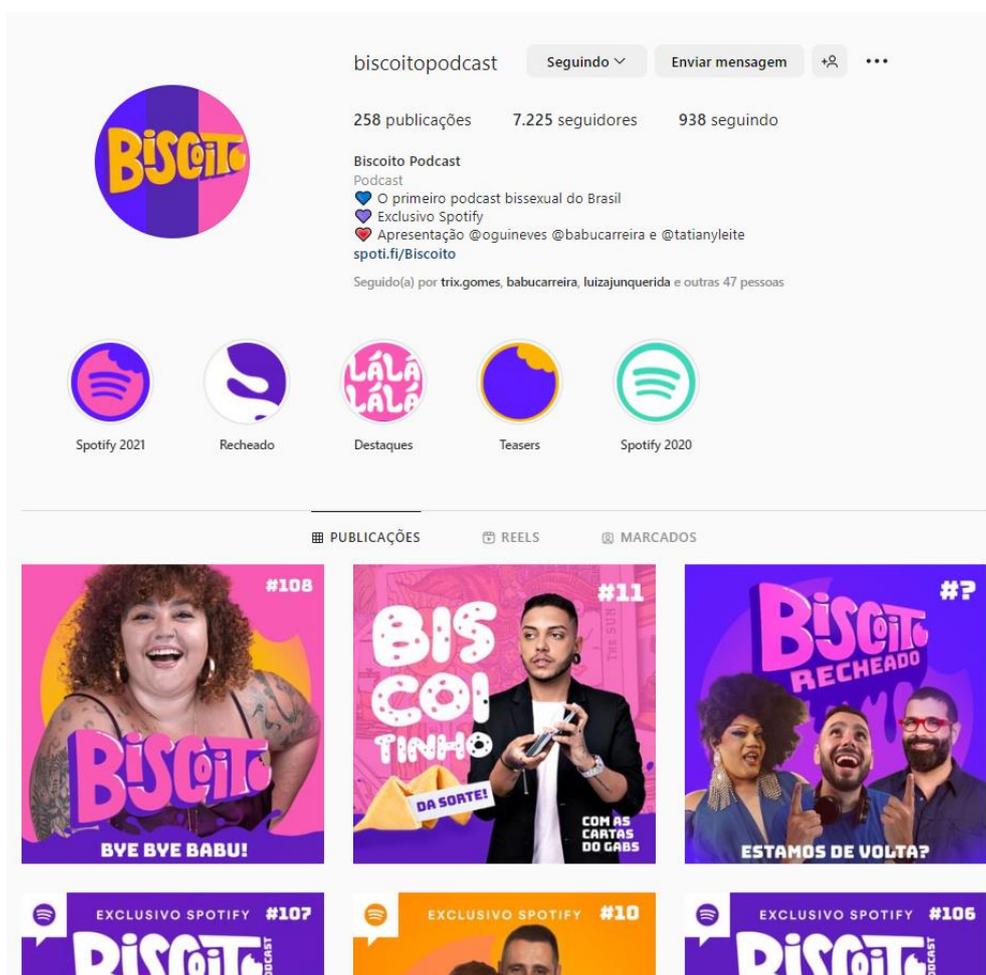
não veem invisibilidade como esse “não estar” nos lugares. Mas elas entendem muito mais a invisibilidade enquanto elas não podem falar, né. Elas podem...

elas vão ser aceitas nos grupos de amigos como bissexuais em alguns momentos, em algumas situações elas vão ser invalidadas por esse discurso de “fase transitória”. Mas em outros momentos não, elas vão poder e elas são reconhecidas como bissexuais. Mas elas não falam sobre isso, elas não podem e toda vez que elas falam o que acontece né, não todas exatamente porque não é um dado que veio com todas entrevistas, mas majoritariamente, é essa sensação de virar piada no grupo de amigos. Então, se elas estão, por exemplo, com amigos heterossexuais elas são a piada num sentido de um ménage. E aí elas viram uma figura muito supersexualizada e tudo o que as pessoas vão tomar liberdade de falar com elas é sobre sexo, né. Elas se tornam completamente objetificadas assim nessa questão. E se elas estão um grupo de amigos de gays e lésbicas elas viram piada porque daí elas são a hétero curiosa que está ficando com uma menina apenas para se sentir pertencente a algo, sabe? Então **nunca é validado**. Então assim, nesse sentido elas nunca podem falar de bissexualidade. E aí a gente pensa assim: o que exatamente acontece nesse sentido? Porque como a gente pode chamar isso de pertencimento de alguma forma, né? Você não poder falar, você não poder **contar das suas vivências**. Muitas delas trouxeram que nunca falaram das vivências delas para ninguém assim. Como exatamente você passa uma vida sem falar nas suas vivências pra alguém, né? Então tudo isso eu vejo como muito delicado, essa **falta de espaço de troca** é algo extremamente complicado em termos de como elas conseguem manter a identidade? Porque se essa invalidação muito forte para elas, elas vão precisar de uma rede de apoio para conseguir sustentar tanto em termos de saúde mental como né, a gente fala muito de redes de apoio em termos de prevenção suicídio porque o que é mais usado na literatura, mas as redes de apoio elas servem pra absolutamente tudo. (Elisa, 23 anos).

#### 4.1.2 Produções de conteúdo bi na internet

Seguindo nessa linha de acolhimento e criação de espaços para suprir uma troca, trago Gui Neves (ele/dele), quarta pessoa que entrevistei, que é um homem cis, branco e bissexual de 36 anos, natural de Florianópolis - SC mas que depois de adulto mudou-se para São Paulo - SP onde mora atualmente. Gui Neves é produtor de um *podcast* sobre bissexualidade, o Biscoito *Podcast* (imagem abaixo), que considero uma possibilidade de pensar como através da comunicação e do humor pode se construir uma produção de acolhimento e afeto, criando visibilidades bissexuais por uma via diferente da acadêmica.

Captura de tela do perfil no Instagram do Biscoito Podcast produzido por Gui Neves



Fonte: Elaboração própria.

Eu segui o Biscoito no Instagram pouco antes da pandemia, mas foi a partir do período pandêmico, quando já estava delineando o que viria a ser o projeto desta pesquisa que desenvolvi o hábito de ouvir os episódios. Um dos episódios que mais me chamou a atenção foi o que conta com a participação de Regina Facchini (ativista e teórica dos estudos de gênero e sexualidade), episódio 6, intitulado “Botando os pingos nos bis” pois marcou uma troca instigante e simbólica para mim.

Gui Neves, anfitrião do *podcast*, se identifica como bissexual desde os 30 anos e entende esse momento como uma construção, e, antes mesmo de eu perguntar sobre a influência da internet e das mídias, conta que sente sua identificação como bi tem a ver com,

[...] **essa coisa da internet**, você vai buscar alguma coisa, você vai ler alguma coisa, você vai ver alguma coisa que vai dar... que vai dar esse... esse... essa “chavinha” vai virar assim. Eu acho que já falei até, eu falo bastante no podcast que antes disso eu me identificava como “guissexual”, porque eu falava “eu fico com quem eu quero, eu sou guissexual”, mas isso né, num lugar mesmo de não entendimento, de não... de não validação da bissexualidade, acho que

era mais lugar de um não entendimento mesmo assim, de **nem considerar como uma possibilidade** e acho que aí no momento que eu vou entendendo o que que é a bissexualidade isso vai sendo um grande alívio pra mim, um **lugar de conforto** assim, porque eu sempre me senti... primeiro que eu sempre tive muuuuita homofobia internalizada né, eu venho do sul do país, eu tenho 36 anos então eu cresci num momento, eu cresci numa época em que eu não tinha referências gays perto de mim, eu não tinha um amigo gay, eu não tinha um parente gay, não tinha uma pessoa gay na minha vida que não fosse marginalizada, então pra mim não era uma opção ser gay, não era uma opção, jamais seria vivendo aquela vida que eu vivia lá, e eu tinha a noção, eu tinha a certeza de que eu tinha relações... que eu tinha... que eu sentia atração sexual, que eu me apaixonava por mulheres, então assim, eu me apegava muito nessa... eu me apegava muito nesse aspecto e embotava o aspecto da minha homoafetividade né, isso muito na época da adolescência. (Gui Neves, 36 anos).

Assim como as outras pesquisas entrevistadas, Gui teve seu processo de identificação marcado por uma demora para se enxergar e uma certa repressão de características de sua sexualidade e afetos que fugiam de uma lógica heterossexual e monossexual. Isso, somado a aspectos de viver em uma região mais conservadora e circunscrito em uma linha de pensamento familiar fundamentada em determinados princípios de qual é a família e a sexualidade ideal. Gui conta que muitas outras mudanças aconteceram após sua mudança para São Paulo:

[...] bem mais adulto já aqui morando em São Paulo, longe da família, longe dessas experiências de criação mais conservadoras eu fui estudar teatro e aí abre um outro campo, né, de uma percepção mais subjetiva do corpo, das relações... e eu fui me permitindo. Eu era casado com uma mulher na época e eu fui me permitindo, né, entender aquilo junto com ela e falei “olha, eu to começando a sentir necessidade, vontade de ficar com caras, de beijar homens” e fui levantando isso, fui trazendo isso. E é aí acho que 2015 foi o ano que eu falei “vou **me permitir explorar isso... vou me permitir explorar isso**”. É... foi quando eu comecei a fazer teatro, agora eu nem sei se já em 2015 eu me permiti dizer bissexual, acho que sim, acho que sim... não, sim! Com certeza, até o final de 2015 eu já me dizia bissexual até porque eu já tava ouvindo... eu tava ouvindo *podcast* sobre bissexualidade em 2015. Vai ser um processo assim, não foi de cara, sabe, não... **é uma coisa que eu nunca trouxe comigo** sobre bissexualidade como opção. (Gui Neves, 36 anos).

Percebe-se como sua identificação também não foi linear, inclusive, deu-se em torno de uma identidade que não existia como opção em seu imaginário, que não estava inteligível para ele. Foi um processo de exploração, de associação de informação e de encontrar um lugar de conforto para e ao nomear-se, ao ponto de hoje trabalhar com a produção de um *podcast* que parte da bissexualidade para tratar de temas a partir do humor. Na fala acima, quando Gui menciona que já “tava ouvindo *podcast* sobre bissexualidade” referiu-se principalmente ao “Bisexual Real Talk”,

[...] que é um *podcast* americano, (americano ou canadense?) do Alex alguma coisa... Alex Anders, que é um homem bissexual e foi muito importante esse *podcast* pra mim, primeiro que é um homem falando então tive teve essa perspectiva de ter um cara e era um conteúdo muito didático. E aí também é muito isso, né, como isso foi uma ferramenta pra mim e é uma ferramenta em inglês, e eu tinha fluência eu tinha essa possibilidade, esse privilégio de consumir conteúdo e eu **comecei a me questionar muito porque que não tinha esse conteúdo no Brasil** e esse foi um... acho que por causa desse *podcast* que eu tive vontade de fazer o Biscoito. (Gui Neves, 36 anos).

[...] eu queria fazer uma coisa minha com essa... com esse vazio né de *podcast* de bissexualidade no Brasil, e aí tem aquela máxima que fala né que você produza, faça... por exemplo, um livro né, “escreva o livro que você gostaria de ler”, “faça a peça que...”, aí eu pensei **“vou fazer o *podcast* que eu gostaria de ouvir**, vou fazer o Biscoito”. (Gui Neves, 36 anos).

Ouvir um *podcast* estrangeiro sobre bissexualidade e identificar uma “falta”, um “vazio” desse tipo de conteúdo no Brasil foi uma brecha para criar um espaço de visibilidade bi, principalmente ao conseguir trabalhar com outras pessoas bissexuais para colocar seu projeto em pé. Quando formou-se em Design em 2008, Gui já começou a trabalhar com humor, e exatamente no dia da visibilidade bi, em 23 de setembro de 2018 Gui teve a ideia de criar o Biscoito, mas ainda ficou um tempo amadurecendo esse plano. Apenas em dezembro resolveu falar com Tati Leite, jornalista e criadora de conteúdo que ele já conhecia, e em março de 2019 gravaram o episódio piloto, juntamente com Babu Carreira que é comediante e que, nesse meio tempo, Giovana, uma amiga em comum de Babu e Gui fez com que se conhecessem e engrenagem juntos no projeto do *podcast*. O *podcast* surgiu antes da pandemia e o trio fez o acordo de se encontrar para gravar a cada 15 dias, por conta de estarem envolvidos em outros projetos paralelos e necessitar de organização do tempo e da produção. É também por este motivo que desde outubro de 2022 Babu não integra mais o projeto. Outra mudança é que desde o início do *podcast*, além de apresentador, Gui teve a função de editor, produtor e apresentador. Atualmente, segue a mesma configuração, exceto que ele não é mais responsável pela edição dos episódios. Contratar uma pessoa para a edição foi possível após o Biscoito tornar-se um *podcast* exclusivo do Spotify. A partir desse contrato de exclusividade também veio a preocupação e interesse em estudar questões como algoritmos, audiências e pautas. Mas, o que move o Biscoito é o humor.

Na finalização da sua graduação em Design em 2008, Gui comentou que estudou sobre humor gráfico para entender o “poder” do humor, e quando estudou teatro em São Paulo especializou-se em humor, entendendo-o como ferramenta de comunicação que mais do que um gênero é, em suas palavras, um “dispositivo pra acessar muita coisa”,

que “desarma”. Ele comenta que é preciso ter muito cuidado para produzir conteúdo a partir do humor, no caso do podcast é preciso ter “tato” pois nem tudo pode virar piada. Além disso, Gui comenta que sente necessidade de estudar sobre a própria comunidade LGBTQIA+ e se manter atualizado pois, “toda semana tem coisas, tem novas palavras que não podem ser ditas, tem novas expressões que não podem ser faladas e eu sou uma pessoa de quase 40 anos.”

Gui ainda comentou:

[...] eu to começando a sentir que a velocidade do mundo tá indo pra um lugar e eu não tô mais conseguindo acompanhar. Sabe assim de todas as... as... os tratamentos, as expressões, tudo isso... Volta e meia... E esse... É muito louco, mas de um ano pra cá eu tenho sentido que cada vez que eu vou gravar é um desafio pra mim não dar uma bola fora e eu dou, dou um monte de bola fora. E isso é uma outra coisa muito louca que é assim, a gente tá sempre falando de uma comunidade inclusiva, de acolhimento e tal, mas **é muito difícil você ser LGBT em 2022, porque você tem que tá estudadíssimo**. (Gui Neves, 36 anos).

Ele tem uma preocupação de saber a forma “certa” de falar, tratar as pessoas e até mesmo se colocar enquanto homem bi, e enquanto homem branco, de 36 anos, do sul do Brasil. A preocupação e desejo de Gui diz respeito às minhas próprias tensões acadêmicas e pessoais de buscar não cometer erros e manter uma imagem pessoal “intacta”. Também me identifico quando Gui fala sobre ser necessário estar “estudadíssimo” para ser LGBT, que diz respeito a existência de um intenso fluxo de saberes, identidades e informações que estão sendo produzidas e compartilhadas de forma rápida, em especial a partir das mídias digitais, e que sem sempre estão em concordância, mas em disputa ou coexistência. Nesse sentido, “ser LGBT” é dizer-se LGBT, e para tanto é preciso ter conhecimento suficiente para reivindicar e fazer a manutenção de uma identidade. Além disso, cabe considerar o lugar do qual vem a preocupação com aprender, que é aquele em que, enquanto LGBT, há uma propensão a se ter uma sensibilidade em relação a termos e formas de tratamento inclusivas, mas trata-se de um senso que precisa de envolvimento e aprendizado para ser colocado em prática. Ou ainda, é preciso conhecimento e uma certa didática ou discernimento sobre dados e conceitos, para que seja possível lidar, explicar ou distanciar-se de comentários lgbtfóbicos e conservadores.

Outra contribuição que Gui trouxe foi sobre como, enquanto comunicador, aspira produzir de uma forma que estoure a bolha.

A minha preocupação primeiro como Gui, né, como comunicador, é continuar produzindo coisas e conseguir produzir mais coisas pra eu me desassociar da pauta bi, pra eu não ser só chamado pra fazer *podcasts* sobre bissexualidade, [...] eu já tenho um *podcast* pra falar só disso, tanto é que eu adoro o Recheado porque eu vou falar de outra coisa, então eu tenho essa preocupação e uma preocupação nossa que é estourar a bolha, que o Biscoito seja ouvido por mais pessoas pra além da comunidade LGBT, porque eu acho que é muito fácil de ficar pregando a palavra pra bissexuais, tipo o mais legal é quando pessoas heterossexuais vêm conversar comigo e falam sobre o Biscoito, quando homens gays falam sobre o Biscoito, quando mulheres lésbicas falam sobre o Biscoito, acho que pra mim a parada mais legal é essa, é a gente falar sobre bissexualidade pra outras pessoas porque eu acho que já tem canais, não tem muitos, mas a gente já tem canais nossos e tipo até mesmo a Talitta do Bi na Mídia, a gente já tá se comunicando e acho que tem inclusive canais que fazem melhor do que a gente, uma comunicação mais... mais aprofundada sobre bissexualidade, mas eu acho que o Biscoito é uma ótima porta de entrada pra falar sobre, porque a gente tá, porque a gente convida pessoas que não são só bissexuais, a gente não tá, a gente não fecha o papo, saca. A gente tenta abrir muito o papo pra pessoas de fora. (Gui Neves, 36 anos).

Nesse sentido, considero que existe um desejo de fortalecimento de uma comunidade, ao mesmo tempo que esse fortalecimento não tem um fim em si mesmo, mas deseja alcançar pessoas para além de grupos específicos. Trata-se do que identifico como uma **expansão em rede**. No trecho citado acima, o perfil Bi na Mídia é mencionado, e quando entrevistei Gui, o Biscoito já havia aparecido como referência de conteúdo bi na internet na fala de outra entrevistada. Essa pessoa foi Talitta Cancio, criadora do perfil “Bi na Mídia”, sobre quem falarei a seguir. Ela contou que foi um exemplo que lhe acompanhou, especialmente no início de seu perfil Bi na Mídia no Instagram, em 2020 “eu comecei a pesquisar, eu saí caçando coisas sobre e achei o *podcast* e aí eu ouvia assim o tempo inteiro e ficava muito feliz. Nunca tinha pegado algo assim que falava só sobre bissexualidade e aí foi uma sensação de ‘meu deus, outras pessoas existem e falam sobre isso’ e essa sensação mesmo de se encontrar, de ver que não tá sozinha.” (Talitta, 29 anos).

Há essa característica de compartilhar existências e inspirações, em um sentimento de rede e de comunidade que mesmo indiretamente se relaciona e co-produz. Portanto, pensando em comunidade por uma noção de rede, destaco o que Gui trouxe acerca dos espaços escolhidos (ou espaços possíveis) para serem terreno desse movimento:

[...] por isso que o Instagram é importante, por isso que nosso perfil no Twitter era importante, porque **é um espaço que as pessoas vão e se encontram e se apoiam** e aí mais do que o Instagram porque como no telegram, porque aí as conversas dependem da gente, tipo eu abro aqui o Telegram... eu fui abrir o Telegram ontem, meu, tipo, tinha umas 400 mensagens da Biscoitaria, a galera

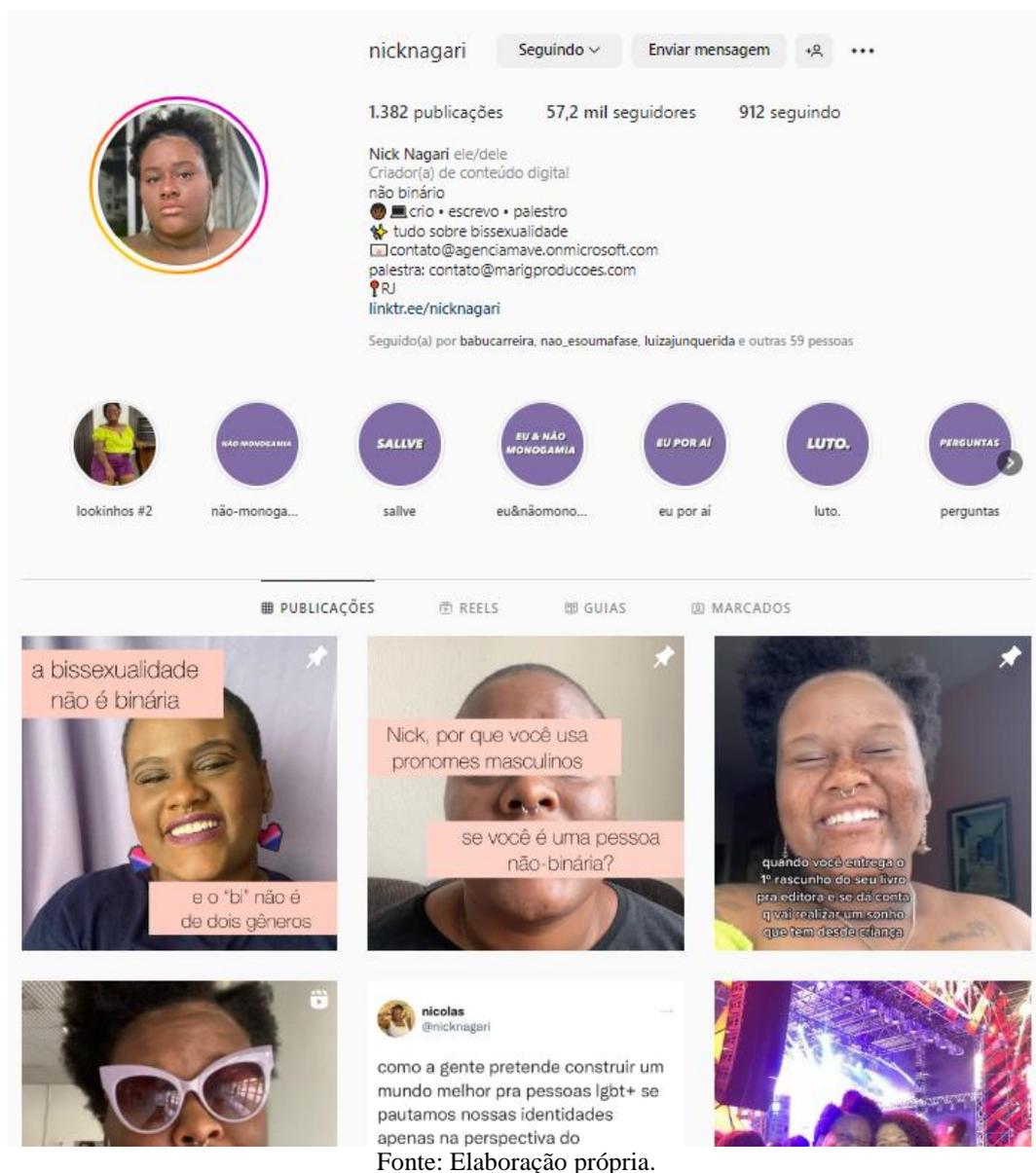
tá trocando ideia, tá trocando umas ideias super legais e aí acho que... cara, acho que essa é a parada mais foda, no fim das contas, pessoalmente, pra mim que já tive vários rolês na minha vida antes de vim pro rolê do *podcast*, sempre tive essa questão de anfitriar e... anfitriar, sustentar e gerir comunidades e aí ver essa comunidade nascendo é muito foda, essa específica da biscoitaria, e a comunidade bissexual tá nascendo também, né de uma certa forma, **de formas distribuídas nos perfis, nos grupos, nos podcasts, nos canais, nos coletivos**. Essa comunidade tá acontecendo e a gente tem sido parte disso e a gente tá sendo... a gente também tá sendo... a gente tá sendo gasolina pra isso a gente não só tá ali fazendo o nosso como o que a gente faz acelera outras coisas acontecerem. Hoje outros *podcasts* bissexuais vão... acontecem porque viram a gente e falaram “puta que legal, vamo fazer também” e isso pra mim é a parada mais foda que tem, porque eu fiz a mesma coisa, eu olhei um *podcast* e falei “quero fazer também”, então é sobre isto, tá ligado? (Gui Neves, 36 anos).

Essa ideia de uma rede, distribuída e interligada, também foi possível de visualizar nas falas de Nick Nagari, a quinta pessoa que entrevistei. Ao falar sobre o ambiente que se cria nos comentários de um vídeo no Instagram, Nick mencionou que:

Eu gosto muito dessa ideia de iniciar uma conversa [com a postagem de um vídeo], e aí a galera sempre complementa, sempre tem discussões legais nos comentários, porque uma das preocupações é criar um ambiente onde as pessoas se sintam **confortáveis** pra chegar e falar “pô, gostei disso aqui”, “adiciona uma coisa”, ou critica mesmo, ou enfim, “não, eu penso diferente”, e aí já coloca uma outra coisa, sabe? Eu gosto bastante de criar esse ambiente, realmente um **lugar seguro** pra pessoas bissexuais. (Nick Nagari, 24 anos).

Nick (ele/dele) é negro, não binário e bissexual, tem 24 anos e é natural do Rio de Janeiro - RJ. É um ex-estudante de matemática que produz conteúdo principalmente sobre bissexualidade mas também sobre transgeneridade, não monogamia e negritude na internet, em especial no Instagram. Também circula em diferentes espaços e empresas ministrando palestras e realizando formações para públicos e marcas interessados em manterem-se atualizados em relação às questões de gênero e sexualidade. Acompanho Nick desde 2020, o conheci durante a pandemia, enquanto rolava a tela do Instagram para me entreter. Seu perfil (imagem abaixo) foi mais um sugerido pelo algoritmo por falar sobre bissexuais.

## Captura de tela do perfil de Nick Nagari no Instagram



Ele começou a levar a sério a produção de conteúdo no Instagram e partir de 2020 quando um vídeo seu, produzido para o Instagram a partir de um texto já publicado no Medium<sup>28</sup>, “viralizou”:

em 2020 eu fiz um texto sobre não binariedade que é tipo um básico assim, uma coisa que eu reuni todas as coisas que eu achava importantes e fiz. E aí eu falei “cara, isso aqui em formato de vídeo, se eu pegar um trecho desse texto e jogar em formato de vídeo eu acho que faz sentido, acho que é uma coisa rápida que as pessoas vão absorver fácil, né, o texto tem, sei lá, oito minutos, então é

<sup>28</sup> Disponível em: <https://medium.com/@nicknagari> Acesso em: 13 jul. 2023.

algo que realmente não é tão fácil de ser publicado né, enfim, compartilhado. E aí eu fiz esse vídeo assim, mal editei, botei uma legenda porque eu já tinha essa noção de acessibilidade e postei e só aí esse vídeo hitou assim, eu ganhei mais de mil seguidores em um dia e eu tinha... eu era um perfil pessoal, né, eu tinha dois mil e poucos seguidores e aí nesse dia teve isso assim, várias pessoas que eu já acompanhava passaram a me seguir. E aí eu vi que tinha um caminho assim, que eu podia... que tinha uma abertura ali pra eu falar das coisas. E aí o segundo post que eu fiz, ou o terceiro, já foi sobre bissexualidade também porque é algo que eu me sinto mais confortável ainda falando né, já tem esse tempo todo que eu compartilho sobre isso na internet. E aí eu fui vendo que tava dando certo, dando certo, dando certo... e aí passei a encarar dessa forma mais profissional, né. Então... e aí um mês depois eu fui chamado pra participar de um evento Twitch Brasil pra palestrar assim né, pra participar do evento falando e tal e aí foi uma remuneração legal eu falei cara tem um futuro profissional aqui, sabe? Eu posso trabalhar com isso porque eu tenho de onde tirar uma renda e aí duas semanas depois desse evento, da palestra eu fui demitido do trabalho que eu tinha que eu era CLT e tal, trabalhava com matemática porque eu estudava matemática e aí eu meio que apostei nisso assim, falei “cara eu tenho seis meses pra fazer isso dar certo, vou receber esse dinheiro da rescisão, né, então eu vou poder me organizar com calma e vou me jogar nisso e vou ver se em seis meses eu consigo rentabilizar esse processo assim”. E aí foi quando eu comecei a fazer roteiro pra vídeo, sabe? Gravar, realmente me organizar de forma profissional nisso em vez de de como antes no Twitter, que era uma coisa mais realmente casual. (Nick, 24 anos).

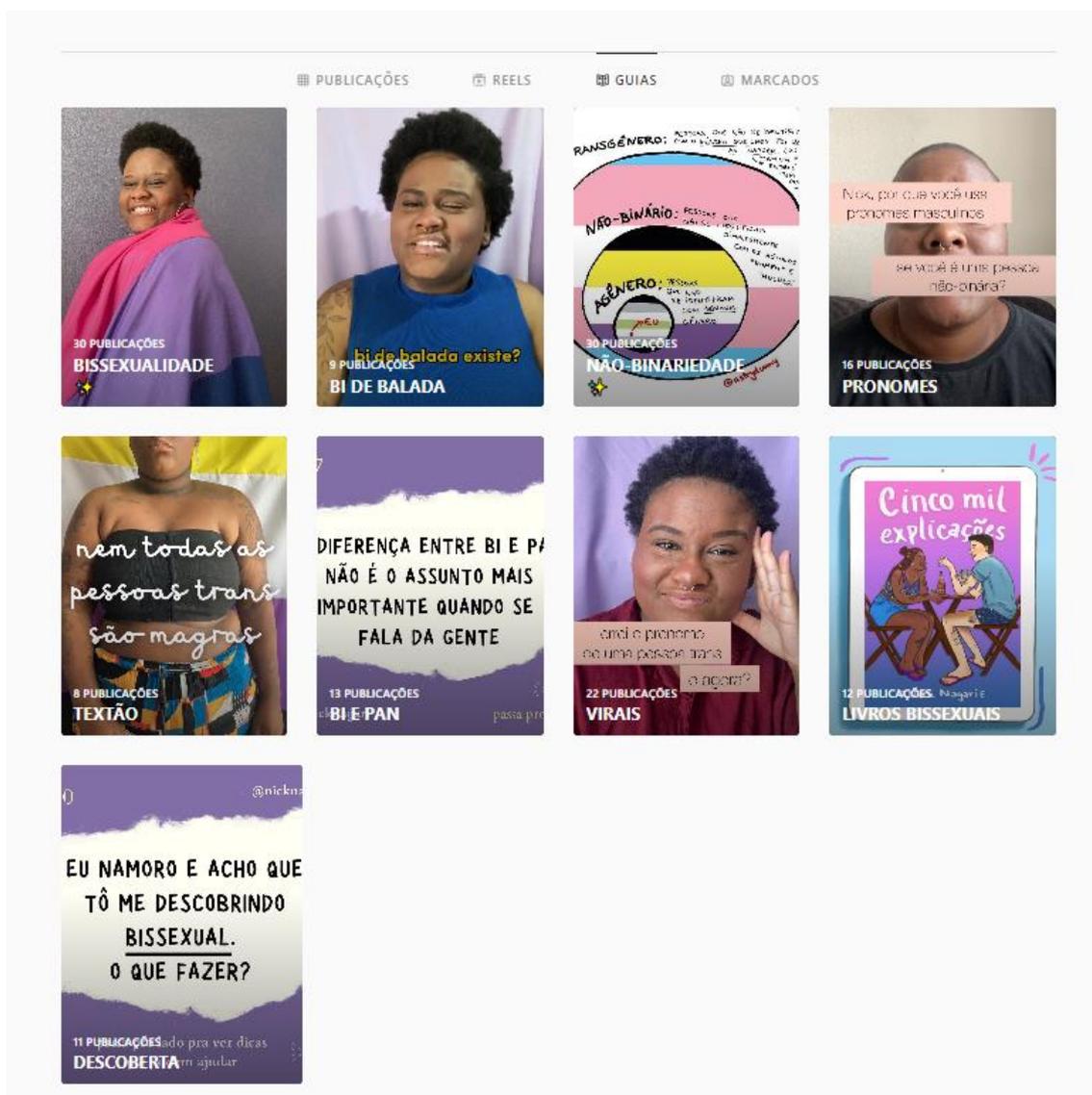
Seu perfil pessoal no Instagram passou a ser seguido, levando-o a tornar-se uma figura pública e um profissional produtor de conteúdo como é hoje, com mais de 50 mil pessoas seguidoras. Aos poucos Nick passou de uma produção casual para a elaboração de roteiros e planejamento de conteúdo. A partir de um exercício de didática, acredito que o maior alcance e diferencial de Nick são seus vídeos explicando e desmistificando questões sobre bissexualidade. Além disso, também produz postagens com textos curtos em imagens, em que também se destaca sua didática e senso explicativo. Como trata sobre muitos vários temas, a organização do seu conteúdo se utiliza das ferramentas do Instagram como “destaques” para stories e a barra de “Guias” para os posts, conforme imagens abaixo. Nos stories seu conteúdo varia desde fofoca até fontes com referências de teses, dissertações e artigos científicos e masculinidades e bissexualidade. Já no *feed* Nick tem, por exemplo, publicações sobre “descoberta” e “definição” de bissexualidade, sobre estereótipos e sobre diferenças entre bissexualidade e pansexualidade e também sobre seu livro “Cinco Mil Explicações”, um conto com protagonismo bissexual que ele escreveu e publicou de maneira independente em formato *e-book* na Amazon.

Captura de tela da organização do conteúdo de Nick Nagari em destaques de *stories* no Instagram



Fonte: Elaboração própria.

## Captura de tela da organização do conteúdo de Nick Nagari em Guias no Instagram



Fonte: Elaboração própria.

Uma das principais características do seu conteúdo sobre bissexualidade é o apoio que tem buscado em referências acadêmicas, transformando teorias e até conceitos trabalhados nas pesquisas sobre bissexualidade, brasileiras e estrangeiras, em séries de vídeos nos quais deixa as referências. Nesses conteúdos, Nick parte da perspectiva de que é importante que o amplo acesso a informações sobre bissexualidade ou sobre a bissexualidade como possibilidade. Ele conta que começou a tratar do tema na internet a

partir do Twitter desde 2016/2017 (e também escrevia textos no Medium<sup>29</sup>) onde passou bastante tempo falando sobre isso e, portanto, já tinha uma noção do que queria trazer no Instagram e para quem queria falar: “[...] eu sinto que no Instagram eu não comecei do zero justamente porque eu já tinha bem definido que eu queria falar para pessoas bissexuais, eu não queria falar pra cishétero.” (Nick, 24 anos). Nick ainda acrescenta:

E eu acho que isso é um marco bem grande de diferença do conteúdo, que a gente consegue observar quando a pessoa tá falando pra comunidade de fora, pros aliados né, no sentido “ei não fala isso pra gente, não diz que bissexual é confuso”, e quando a pessoa quer falar entre a gente, então assim “pô vamo conversar sobre isso aqui, esse discurso que a gente tem dentro da comunidade, essa situação que a gente tá tendo aqui, vamo falar sobre isso?”, que é o meu objetivo. Então eu já pensava em temas que vinham nesse sentido de conversa com pessoas bissexuais e aí ia atingir cis-hétero, como... mas assim, como consequência e não como objetivo. (Nick, 24 anos).

É com essa preocupação de falar com bissexuais que Nick faz o movimento de ler bissexuais que estão na academia. Essa é uma forma de fazer circular as informações produzidas por pessoas pesquisadoras a ativistas que estão produzindo cientificamente ou que estão doando seu tempo e conhecimento para integrarem pesquisas que já foram e que estão sendo realizadas, como no caso desta. Nick conta que ler mais sobre bissexualidade é importante para localizar-se e conseguir produzir um conteúdo crítico e de qualidade, confiável e construtivo, que é o que ele tem feito, tocando inclusive em “polêmicas”.

E aí eu comecei a querer fazer conteúdo sobre bissexualidade e pansexualidade, né, que tem essa polêmica tão grande. E aí eu comecei a ver que até eu mesmo reproduzia coisas que eu tinha visto no Twitter mas que eu não sabia de onde vinha, não sabia a fonte, não sabia se era verdade e aí eu conheci vocês da Bi-Biblioteca e vi que tinha material, que tinha coisas da onde tirar informações confiáveis. E aí eu falei cara, é isso, vou começar a ler sobre, e tirar essa informação de lugares que, enfim, de pesquisadores e tal, um conteúdo até mais sério mesmo, sabe? Algo que tivesse essa preocupação de passar informações confiáveis, porque eu sentia que tudo o que eu tinha que conversar com as pessoas, toda a minha experiência em relação a bissexualidade na prática assim, dentro da comunidade eu já tinha conversado muito. (Nick, 24 anos).

É importante não tomar uma perspectiva unilateral de que somente o conteúdo acadêmico é confiável, sendo a fonte da verdade, mas entender que existe muito conteúdo sobre bissexualidade espalhado e que lê-lo, assim como assistir vídeos e ouvir podcasts é

---

<sup>29</sup> O site pode ser acessado em: <https://medium.com>

uma forma de fazer circular essas visibilidades bissexuais, não buscando concordância mas tendo como princípio essa criação de ambientes de debate, de conversa e, conseqüentemente de visibilidade. Além disso, essa preocupação com estudar para criar conteúdo é semelhante com o que Gui Neves levantou anteriormente, que mostra que é necessário um trabalho de crítica, aprendizado e sensibilidade para falar sobre bissexualidade.

Nick teve dois processos de identificação (que ao mesmo tempo são de desidentificação) semelhantes, em relação a bissexualidade e da não binariedade. A invisibilidade e a falta de referência foram marcantes em seu processo, ele relatou que:

[...] desde pequeno assim, hoje eu consigo enxergar esses comportamentos que a gente entende hoje como bissexuais, mas, **eu não sabia que era uma possibilidade**. Então passei muito tempo sentindo **coisas que eu não sabia que tinham um nome**, sabe? Então eu vejo assim... eu tenho Twitter há mais de dez anos então bastante dos processos estão documentados lá. E aí teve uma época da adolescência que eu sempre falava “aí eu tô muito hétero hoje”, aí no dia seguinte “aí eu tô muito lésbica hoje”. Então ficava naquela assim, de tipo, eu me sentia metade de alguma coisa mas ao mesmo tempo não é metade suficiente, né, porque a gente não se sente.... não tá ali, não cabe dentro dessas caixinhas. (Nick, 24 anos).

E na minha sala tinha muitas meninas que já tinham ficado com meninas mas eram chamadas de “pé na poça” porque a gente tinha um pé na poça do lesbianismo ou então que a gente... aí como que era palavra? Era alguma coisa tipo... “hétero aventureira”, é isso! Que hoje eu vejo que era o avô do “bi de balada”, é a mesma noção. Então tipo era, essas meninas se... todas, muitas delas já tinham ficado com meninas mas a gente não conseguia ter uma orientação ali que abarcasse a gente, a gente não conhecia essa possibilidade. Então era aquela coisa “ah eu gosto de homem então eu sou hétero”. Eu sempre soube que gostava de homem. Então eu sabia que lésbica eu não era, e se eu não tinha outra possibilidade então era isso: eu sou hétero. E aí só depois, assim, que eu fui percebendo, a minha atração por meninas foi ficando cada vez mais clara. (Nick, 24 anos).

Assim como para outras pessoas, com Nick a bissexualidade enquanto possibilidade demorou para existir mesmo convivendo com outras pessoas LGBTQIAP+, no caso gays e lésbicas na época no colégio. Nick estudou no CEFET, um colégio federal no Rio de Janeiro que tinha um ambiente mais liberal. Mesmo assim, precisou de um espaço na internet para conhecer outras pessoas bissexuais que falassem sobre isso, e conseqüentemente dar um nome para sua bissexualidade, que de certa forma já existia mas não era nomeada.

[...] conheci outras pessoas bissexuais que falavam de si assim, não pessoas que criavam conteúdo nem nada porque eu acho que nem tinha isso nessa época, foi em 2015 mas eu entrei em grupo de bissexualidade no Facebook então tinha várias pessoas comuns sendo bissexuais, falando sobre bissexualidade e eu falei “ah então tem um nome pra isso aqui, então não é coisa da minha cabeça”, sabe? Se toda essa galera é bi eu também posso ser. E aí foi só nesse momento em que eu passei a realmente me entender bissexual e foi muito por isso que eu comecei a falar de bissexualidade na internet, né.  
**Porque eu queria ser essa referência que eu não tive.** (Nick, 24 anos).

Da mesma forma, como Gui Neves disse que iria fazer o *podcast* que gostaria de ouvir, Nick empenhou-se para ser uma referência enquanto existência bissexual para outras pessoas. Esse processo foi importante para Nick, que hoje trabalha com a internet e ao mesmo tempo sintetiza o que esta pesquisa destaca como sendo as existências em rosa, roxo e azul. O que ele encontrou no grupo do Facebook foram informações sobre a existência dessas pessoas bissexuais que lhe significaram também acolhimento. O simples encontro e diálogo, ou até mesmo a leitura do que pessoas bi tinham para dizer, fizeram a diferença em seu processo de identificação pois deram existência para a bissexualidade. E é isso que se faz presente nas intenções de Nick com seu trabalho enquanto produtor de conteúdo e comunicador sobre bissexualidade.

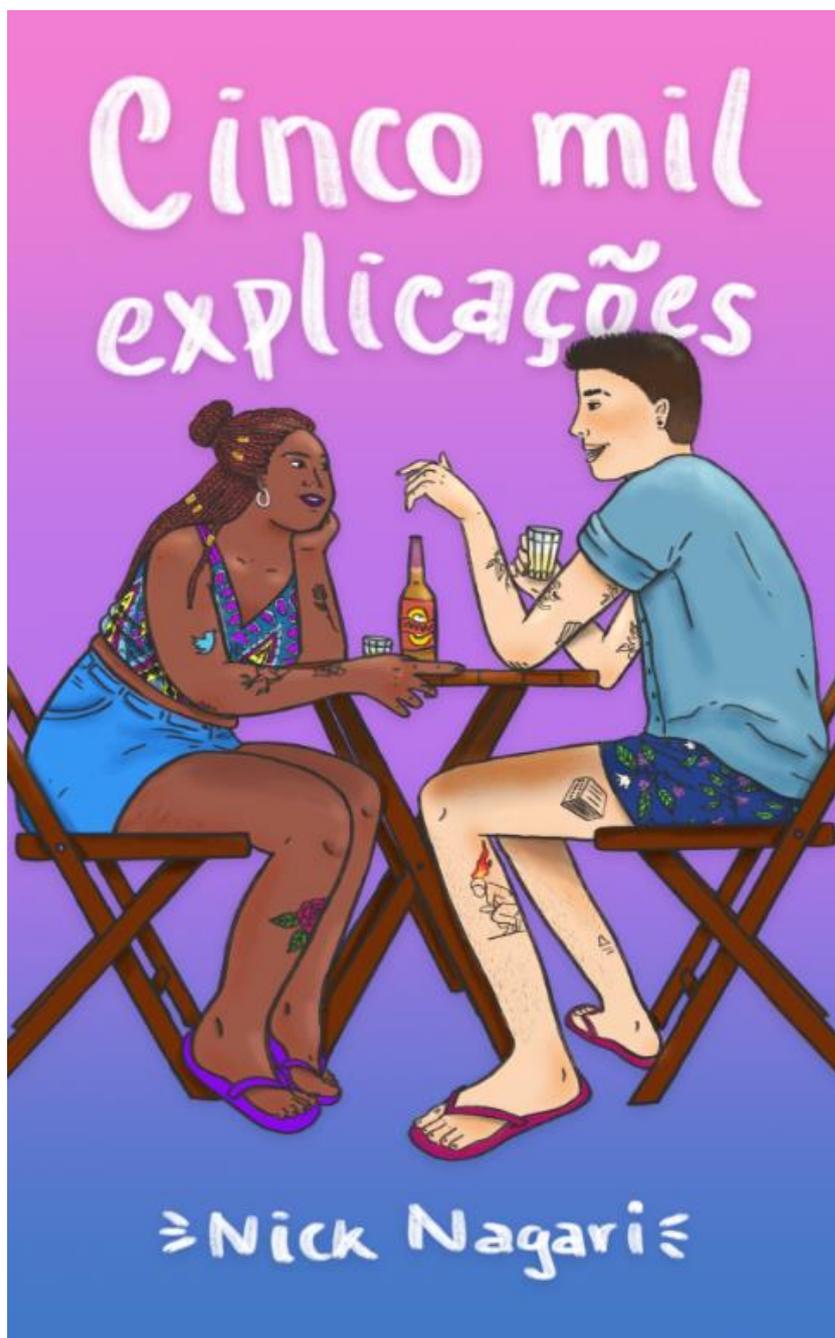
Mas além disso, Nick também tem escrito literatura bissexual. O conto “Cinco Mil Explicações”, citado anteriormente, foi fruto de mais um movimento de produção de visibilidade bissexual motivado pela falta. Nick consumia literatura desde adolescente porém não se via nas narrativas, tanto nos cenários, por serem estadunidenses com sujeitos brancos, cis e heterossexuais, por exemplo. Por isso recorria à fantasia, que por ser uma literatura na qual ninguém estava se vendo, amenizava sua sensação de solidão pela falta de identificação. Mas, em 2020 a partir da internet começou a ver pessoas bissexuais que estava lendo livros com protagonismo LGBTQIAP+ e colocou como meta ler pelo menos um livro assim naquele ano.

O primeiro livro que Nick leu foi “Mas... e se?” de Maria Freitas. Maria é não binária e bissexual, é uma escritora independente de São João do Manteninha - Minas Gerais que já escreveu muitos livros com protagonismo bissexual além de ter feito um trabalho importante de divulgação e curadoria de literatura LGBTQIAP+ com o projeto “Cadê LGBT”. Publicando seus livros na Amazon, em sua maioria em formato de conto e disponíveis gratuitamente ou com preços muito baixos como menos de 10 reais, Maria é uma das escritoras de personagens bissexuais mais conhecidas no Brasil. E foi um desses livros, com protagonismo de uma mulher negra e trazendo esses temas que Nick se identificou pensando “nossa, então tem gente como eu aqui nesse meio”. Ele descreveu

que “foi uma delícia ler livros onde eu me identificava, ler uma coisa que fazia sentido da minha realidade, conhecer outras realidades do Brasil também.”.

No entanto, o que levou Nick a escrever seu primeiro conto sobre bissexualidade foi que, mesmo lendo literatura LGBTQIAP+ e especificamente literatura com protagonismo, ele ainda lidava com a falta de protagonismos específicos em relação a como a bissexualidade aparecia: “[...] eu lia muitas coisas com o protagonismo bissexual mas geralmente era um amor entre duas meninas ou o amor entre dois meninos e eu falava “cara, mas e aí, sabe?” A gente também é bissexual quando a gente se relaciona com alguém de gênero diferente, então por que que eu não estou vendo isso?”. Daí, nasceu o “Cinco Mil Explicações”, publicado em novembro de 2020 na Amazon em formato *e-book*, inspirado em sua vida e que traz na capa as cores da bandeira bi, conforme imagem abaixo.

Captura de tela da capa do livro de Nick Nagari



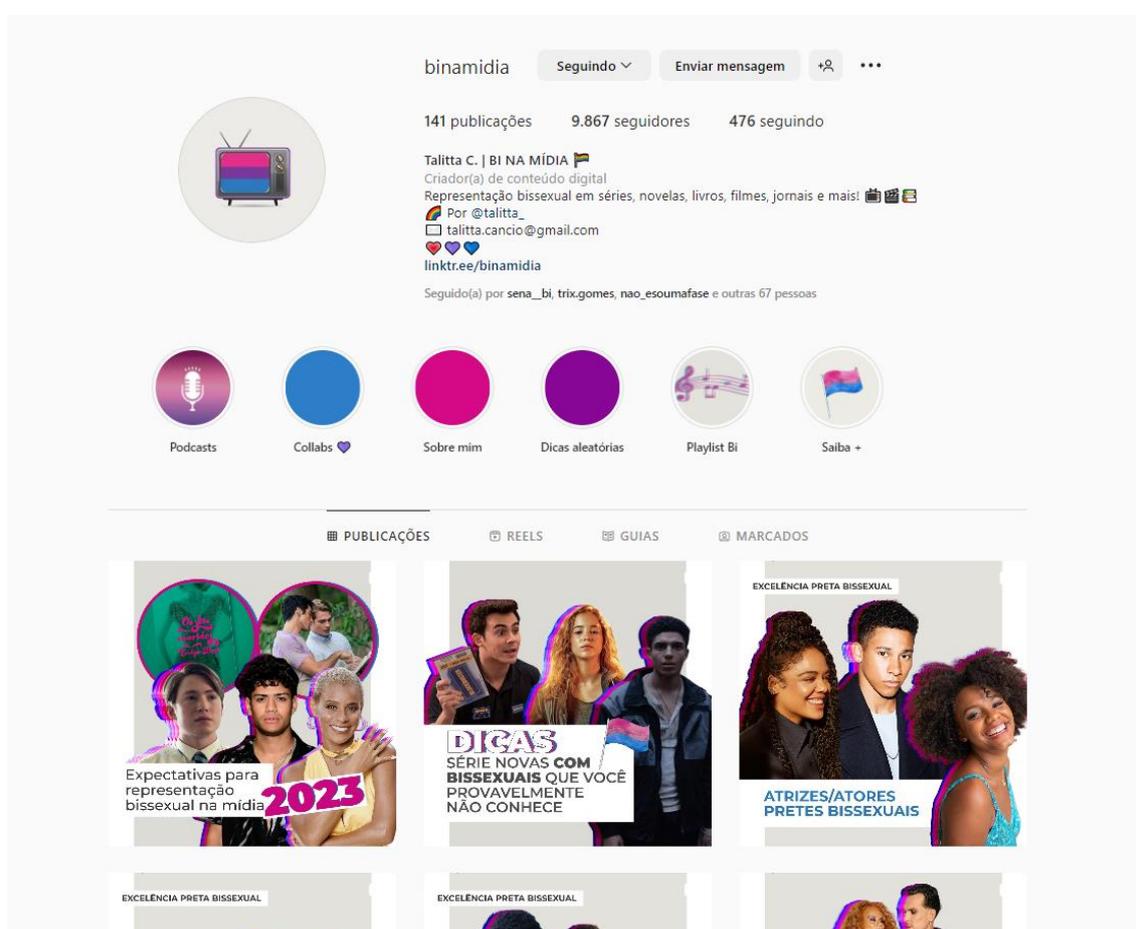
Fonte: Elaboração própria.

Em março de 2022 Nick já publicou seu segundo livro também em formato de conto chamado “Num Estalar de Dedos”, que em janeiro de 2023 já tem mais de 80 avaliações, enquanto as avaliações de “Cinco Mil Explicações” são mais de 700, muitas destacando a representatividade negra e LGBTQIAP+ das narrativas, e em especial a bissexual. Esses comentários, que são a repercussão da obra, abrem espaço para mais um

campo de visibilidades bi, de diálogos e de trocar, dessa vez a partir da literatura independente.

Já Talitta Cancio, segunda entrevistada, é criadora de conteúdo no perfil “Bi na Mídia” - @binamidia no Instagram (imagem abaixo) e que também ocupa um lugar de pesquisadora. Talitta (ela/dela) é uma mulher branca de 29 anos, se identifica como cis e bissexual e nasceu em Natal - RN mas já passou uma parte de sua vida em São Paulo, onde voltou a morar em março de 2022.

### Captura de tela do perfil de Talitta no Instagram feita em 31/01/2023



Fonte: Elaboração própria.

Talitta pesquisa academicamente sobre representação bissexual na mídia, especialmente sobre novelas brasileiras, tema de sua monografia (CANCIO, 2021). Graduou-se em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela UFRN em 2021 e em 2022 ingressou no mestrado em Ciências da Comunicação na USP. Seu trabalho de conclusão de curso, intitulado “Sim, elas são bissexuais: representação

de personagens bissexuais femininas nas telenovelas da Globo”, foi uma análise de personagens femininas das telenovelas que podem ser lidas como bissexuais. O trabalho mobilizou discussões sobre estereótipos, identidade e apagamento, tencionando a mídia e a influência das telenovelas na formação de uma percepção de existência de determinadas identidades e até mesmo na afirmação de quais são os tipos de existências possíveis. Como Talitta me contou, para ela as principais considerações da pesquisa dizem respeito a como “a bissexualidade, ela não é dita”.

São poucas obras que dizem e que colocam especificamente a palavra bissexual, então na minha monografia eu analisei personagens femininas das novelas da Globo e no levantamento que eu fiz a palavra bissexual apareceu só **uma vez em 40 anos** de novela em mais de... agora eu não lembro exato quantas novelas foram, mas foram muitas novelas e só tinha aparecido uma vez a palavra bissexual e nem foi dita pela própria personagem. Então o apagamento é enorme. Então **os personagens não dizem ser bissexuais e a leitura do público e da audiência no geral e da própria mídia sobre essas novelas, sobre essas obras também não são de que aqueles personagens são bissexuais.** (Talitta, 29 anos).

A monografia trouxe uma questão simbólica e prática muito interessante para a discussão de minha pesquisa, que foi a constatação de que ainda há uma certa evitação da palavra bissexual, de nomear personagens como bissexuais. Conforme Talitta escreveu em sua pesquisa, “apesar dos esforços em inserir temáticas sociais, no caso da bissexualidade, a maioria das telenovelas analisadas acabaram por alimentar estereótipos e estigmas. E todas reforçaram o apagamento bissexual ao não explicitar a sexualidade de nenhuma das personagens”. (CANCIO, 2021, p. 69).

O perfil criado por Talitta refere-se a isso. O Bi na Mídia tem sua classificação no Instagram como “criador(a) de conteúdo digital” e é uma iniciativa independente para expandir os debates a partir das percepções de pesquisa dela, abordando representação bissexual no audiovisual de modo geral, e até mesmo na literatura. Conforme contextualiza a descrição na bio, é voltado para tratar de “Representação bissexual em séries, novelas, livros, filmes, jornais e mais!”. Também na descrição em sua bio está disponível um link que direciona para *lives* e trabalhos acadêmicos sobre bissexualidade e representatividade na mídia selecionados ou realizados por ela. A primeira publicação do perfil foi feita em 1 de setembro de 2021 e aproximadamente um ano depois o perfil estava com 3.700 pessoas seguidoras. E, no momento em que finalizo esta pesquisa está com mais de 9.800 pessoas seguidoras e com mais de 140 publicações que seguem uma

linha visual e textual analisando as mais diversas produções midiáticas em que a bissexualidade está presente.

Durante a pesquisa, acompanhei Talitta desde o início do perfil e a encontrei também na Frente Bissexual Brasileira, nos encontros do GAEBI e na organização do I SENABI. Com um trânsito interessante entre o ativismo, a academia e a produção de conteúdo no Instagram, Talitta ocupa um lugar de criação de visibilidade bissexual. Isso tudo, especialmente a partir das mídias digitais. Ao ser perguntada sobre como, desde seu processo de identificação pessoal até seu uso e trabalho/pesquisa/ativismo com a internet, tem percebido as mídias digitais em relação a bissexualidade, ela contou que:

o contato com coletivos em torno da bissexualidade todos aconteceram **durante a pandemia**. Antes eu me organizava ou militava em torno de outras questões, mas em torno da bissexualidade eu nunca tinha de fato encontrado um espaço de militância ou um espaço coletivo dedicado especificamente à bissexualidade e isso foi acontecer na pandemia mesmo só... Então, foi durante a pandemia que eu fui encontrar esses espaços **especificamente sobre bissexualidade**. Aqui em Natal, fisicamente, presencialmente falando eu nunca tinha encontrado um coletivo ou um grupo de bissexualidade, de bissexuais aqui em Natal. E na pandemia com as reuniões virtuais né, e pessoas do Brasil inteiro se conectando de outras formas é que eu fui conhecer outras pessoas e também esses grupos. (Talitta, 29 anos).

Nesse sentido, a importância do acesso e a criação de espaços que as mídias digitais possibilitam é notável. Quando lhe pedi para falar mais sobre essa diferença que o uso da internet tem tido em sua vida, Talitta descreveu:

[...] no dia a dia na vida off-line a gente não tem um espaço escrito “bissexuais”, não tem uma placa que as pessoas carregam dizendo que são bissexuais, então é muito mais difícil ter espaços específicos pra isso ou, ao menos na minha experiência de vida eu não encontrei, apesar de existir na pré-pandemia já espaços que eram especificamente de bissexuais, que se encontravam presencialmente. Mas eu não tinha, **e é na internet que fui de fato achar grupos e pessoas que estavam ali dizendo que queriam debater aquilo**. Então tem essa identificação na internet né, de encontrar pessoas ou grupos, ou páginas **exclusivamente voltadas pra isso** e que você consiga encontrar facilmente sem você precisar se locomover. E eu acho que a pandemia também gerou esse espaço de encontro de pessoas no Brasil inteiro que conseguiram se encontrar. Então a internet facilita muito em todos os sentidos, tanto de convívio com outras pessoas, de conversar com outras pessoas, mas também de ter acesso a conteúdos, de ter acesso à informação que no dia a dia de fato assim, na vida off-line, você não sai esbarrando com as coisas. Até mesmo o acesso a saber quais, por exemplo, séries que têm bissexuais, se você pesquisa isso você acha na internet. Foram poucas as séries que eu estava assistindo por outros motivos e “ah, olha, apareceram bissexuais”, geralmente eu fui assistir porque eu tive informação de que ali tinha personagens bissexuais. Ou, **a partir do que eu tive acesso na internet, eu fui perceber personagens bissexuais**. (Talitta, 29 anos).

Esse cenário de familiaridade com as mídias digitais também teve influência na identificação de Talitta como bi. Assim como Elisa, Talitta foi ver-se como bissexual a partir do convívio que teve ao entrar na universidade e também tinha pessoas próximas que eram bissexuais. Apesar disso, seu processo também pode ser descrito como demorado por, conforme suas palavras, ter tido dificuldade para “se aceitar”. Talitta diz que até os 18 anos com toda a certeza sempre entendeu-se como hétero, e mesmo aos 19/20 anos, a partir desse contexto da universidade e relacionando-se com outras mulheres essa percepção permanecia:

Falava que ficava com mulheres só por diversão, só em festa assim, mas que não gostava, que gostava de ficar mesmo com homem. E eu tinha amigas que eram bissexuais, que são bissexuais e que falavam “Talitta, eu acho que tu não é hétero” e eu falava “não, gente eu sou, com certeza eu sou hétero”. E eu fiquei durante muito tempo batendo na tecla, fiquei acho quase dois anos batendo na tecla mesmo depois de já ficar com mulheres... que eu era hétero. Então foi o processo pra mim mesmo assim interno difícil, de eu me assumir enquanto bissexual e falar “é isso que eu sou”. (Talitta, 29 anos).

Depois desse tempo, foi por volta de seus 21 anos que, quando perguntada, passou a dizer “com todas as letras” que era bissexual. Mas seu processo de identificação e de saída do armário teve diversas camadas, pois aos 23 anos começou a namorar uma outra mulher e como sua identidade bi ainda não tinha sido exposta para a família, esta passou a lê-la como lésbica. O ato de Talitta apresentar a namorada para a família deu-lhes indícios suficientes para presumirem que ela, que antes era heterossexual passou a ser (ou era, na verdade) lésbica. Diante disso, por medo de quebrar uma expectativa e uma perspectiva sobre sua sexualidade que foi naturalmente aceita, ela não discordou dizendo-se bissexual. Assim, foi em 2021, com 28 anos, que Talitta contou para sua mãe que era bi e a mãe contou para outras pessoas da família. Isso se deu pois era o momento de defesa de seu trabalho de conclusão de curso sobre bissexualidade, cuja apresentação se deu publicamente e seus pais também assistiram. Portanto, para evitar que isso fosse uma surpresa na apresentação, ela obrigou-se a fazer esse movimento de dizer-se bissexual para a mãe e, conseqüentemente, para seu núcleo familiar, finalizando mais uma etapa de sua identificação, descrita por Talitta como uma fase em que, “[...] por muitos anos minha mãe achava que eu era lésbica e eu deixei ela achar porque era mais fácil, pelo menos na minha cabeça era mais fácil.”

Uma questão é que mesmo já tendo o perfil Bi na Mídia, seus pais não a seguiam no Instagram e não conheciam o projeto, que é um reflexo de sua identidade bissexual e,

inclusive, com um sentido político. Talitta conta que desde 2011 tem uma trajetória na militância bissexual de coletivos e movimentos sociais e, por conta disso, tinha a percepção de que é importante dizer-se bi,

no sentido de reafirmar uma identidade enquanto uma identidade política de reexistência de um lugar que é importante, mas não era algo que ocupava espaço importante na minha vida nem era tipo algo tão assim pelo menos na minha cabeça tão importante, começou a ser a partir do momento que eu comecei a pesquisar sobre bissexualidade. (Talitta, 29 anos).

Vejo que o Bi na Mídia sintetiza essa relação de Talitta com a internet para conhecer referências acadêmicas sobre bissexualidade e também obras artísticas e literárias. E essa relação exemplifica um movimento (individual e coletivo nas redes) necessário de busca. É preciso colocar-se à procura de tudo o que diz respeito à bissexualidade e esse movimento tende a ser demorado pois desde referências acadêmicas até obras artísticas e midiáticas sobre bissexualidade não são populares, não porque não existem mas porque passam por um sistema de apagamento.

Além de produzir o Bi na Mídia e de pesquisar o tema, Talitta integra a Frente Bissexual Brasileira e auxiliou na organização dos Festivais Bi+, citados anteriormente. Ela participou da reunião, em junho de 2020, na qual foi pensada a existência de uma Frente:

[...] foi uma reunião chamada pelo ComBi de Santa Catarina como uma reunião de coletivos bissexuais do Brasil inteiro e ativistas em geral e outras pessoas bissexuais, e eu participei da reunião, foi a reunião que decidiu a criação da Frente e foi virtual, enfim, pessoas do Brasil inteiro, e a partir disso se iniciou a construção da Frente que também até agora se deu 100% on-line e a distância e né, nesse tempo de pandemia. E os outros grupos também né, o GAEBI e todos também foram durante a pandemia, todos 100% on-line porque são pessoas de vários cantos do Brasil que nunca se encontraram presencialmente mas tiveram essa oportunidade a partir da impossibilidade de ter reuniões presenciais, então foram todos durante a pandemia, a partir de 2020. (Talitta, 29 anos).

A descrição de Talitta abrange o cenário em que essa pesquisa foi realizada, em um contexto de cruzamento de uma pandemia e de vínculos a partir das mídias digitais que criaram um terreno e condições necessárias para organizações e acontecimentos em torno da bissexualidade. Isso impactou muitas pessoas que participaram desta pesquisa, inclusive eu, de forma semelhante à descrita por Talitta:

a partir de 2020 quando eu comecei a encontrar pra conhecer essas pessoas é que eu fui ter contato com uma maior bibliografia sobre bissexualidade. Foi quando eu me aprofundei na minha pesquisa. Então teve um impacto muito grande na parte acadêmica na minha pesquisa, mas pessoal também porque é isso, até então eu estava começando a entender a bissexualidade de uma forma mais política e conhecer essas pessoas e ter esse contato mais próximo e de alguma forma inserir a bissexualidade de outras formas na minha vida teve um impacto muito grande tanto no fortalecimento de mim enquanto bissexual no sentido de que não é fácil, né, se você não tem uma rede de apoio e ser bissexual por toda invalidação que a gente ouve sempre teve um impacto pessoal nesse sentido de me fortalecer enquanto pessoa e de ser... de fato é difícil de descrever e explicar porque a gente se sente muito sozinha enquanto bissexual no fundo, porque parece que né, ou que a gente não existe ou que não tem outros bissexuais mas quando você começa a ter esse contato pelo menos compensa né, conhecer tantas pessoas e que são pessoas que também assim como eu colocam a bissexualidade nesse lugar bastante político e que ocupa um espaço muito grande na nossa vida foi incrível assim, que me fez ter mais vontade de pesquisar sobre sua bissexualidade, me fez ter mais vontade de lutar pela pauta, me fez ter mais vontade de ser bissexual, me fez ter mais vontade de tudo. Então foi um ânimo muito grande mesmo que eu nunca nem tenha encontrado essas pessoas pessoalmente. Então teve impacto muito grande na minha vida em todos os aspectos possíveis assim de ânimo mesmo, de um motivo pra continuar e pra fazer mais coisas. (Talitta, 29 anos).

Além de encontrar outras pessoas, somar na organização de eventos, pesquisar sobre o tema, gravar episódios de *podcast* como convidada e produzir conteúdo sobre bissexualidade na mídia em seu perfil, Talitta realizou palestras e ministrou atividades como o minicurso “Representação bissexual no audiovisual”. O minicurso foi ministrado juntamente com Nanda Rossi, ativista e pesquisadora bissexual já citada anteriormente, que também pesquisa representação da bissexualidade a partir da comunicação, e fez parte da II Semana LGBTQI+: movimentos políticos e de resistência. Foi um evento organizado pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, entre os dias 06 e 10 de setembro de 2021, de forma on-line. Além disso, no mesmo evento ocorreu o minicurso “Bissexualidade: sentidos, políticas e tensionamentos” proposto por Helena Monaco e Inácio Saldanha (pesquisador e coordenador do GAEBI) e idealizado com Beatriz Cruz, criadora e coordenadora do GAEBI.

A II Semana LGBTQI+ foi um acontecimento acadêmico simbólico para bissexuais pois, assim como para mim, foi a primeira vez que vimos um minicurso sobre bissexualidade e em um evento geral sobre questões LGBTQIAP+<sup>30</sup>. Considero que essa

---

<sup>30</sup> Na ocasião, comentamos junto ao GAEBI sobre como foi maravilhosa e até engraçada a situação em que precisamos escolher em qual ir pois tínhamos mais de uma opção (e todos os minicursos do evento aconteceram nos mesmos dias e horários: 09 e 10 de setembro, a partir das 14h) e em um evento on-line e gratuito, relativamente acessível conforme alguns parâmetros como gastos financeiros e tempo de locomoção.

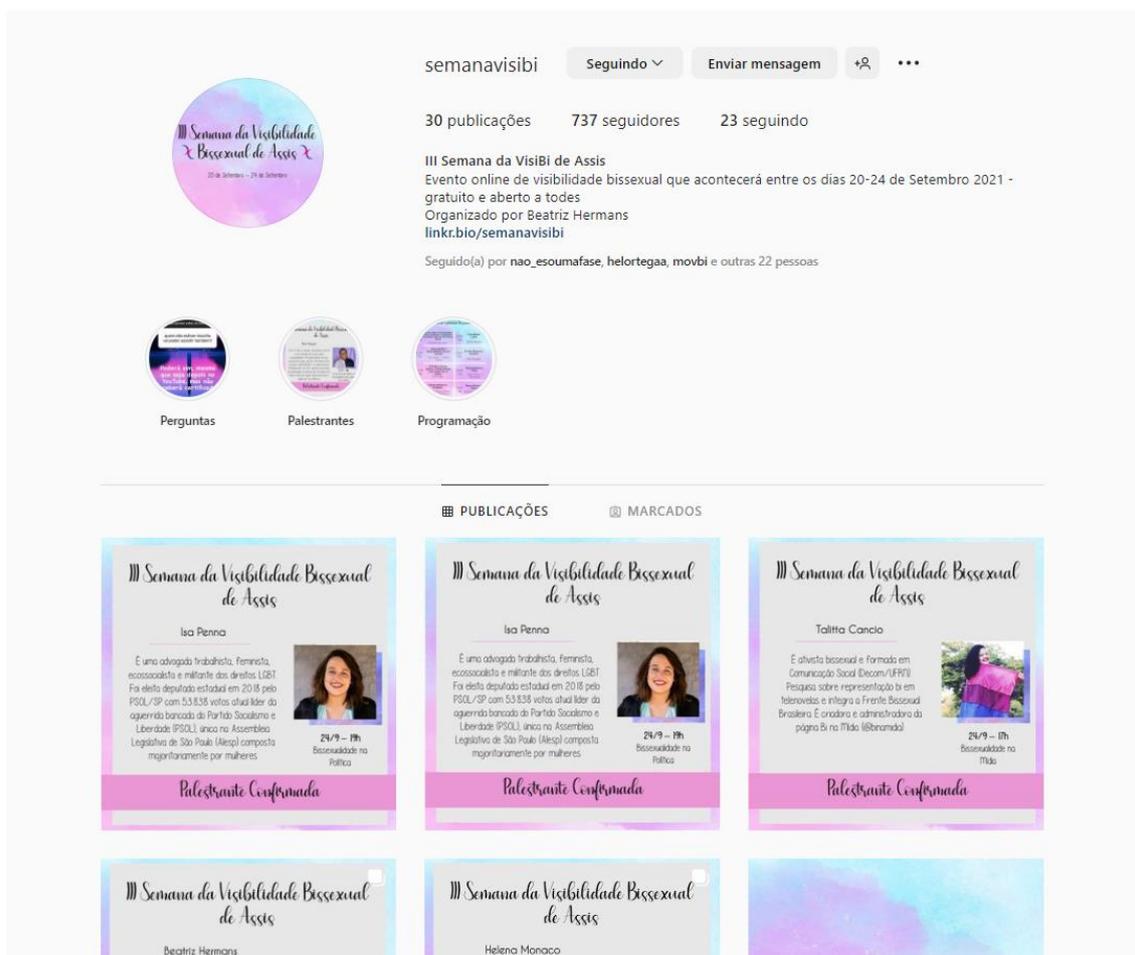
circulação de informação e criação de espaços pedagógicos em torno da bissexualidade influenciou o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema, através de diversas vias como o afeto e a criação de um sentimento de comunidade.

#### **4.1.3 Do GAEBI à REBIM**

Já inserido-se na discussão de um cenário de produção acadêmica bi mas sem desconectar a reflexão dos princípios que nomeiam as seções anteriores, trago Beatriz Hermans, terceira entrevistada. Beatriz (ela/dela) é uma mulher cis e bissexual de 24 anos que nasceu em Munique - Alemanha e reside em São Paulo - SP. Recém graduada em Psicologia pela UNESP, campus de Assis - SP, eu a conhecia a partir de textos no blog do Bi Sides e me aproximei de Beatriz quando em 2021 ela organizou a Semana de Visibilidade Bissexual de Assis, evento para o qual eu e Helena fomos convidadas a partir da Bi-Biblioteca para uma das falas no evento, na ocasião falamos sobre pesquisa acadêmica e divulgação científica sobre bissexualidade a partir de nosso trabalho e pesquisas.

Beatriz criou a Semana da Visibilidade em 2019, as duas edições anteriores aconteceram de forma off-line nas dependências da universidade em Assis, mas por conta da pandemia Beatriz diz que arriscou-se a organizar a terceira edição de forma on-line com divulgação a partir do Instagram. Ela criou um perfil para o evento “III Semana da VisiBi de Assis” - @semanavisibi (imagem abaixo), que traz em sua bio as informações básicas: “Evento online de visibilidade bissexual que acontecerá entre os dias 20 - 24 de Setembro 2021 - gratuito e aberto a todes. Organizado por Beatriz Hermans”, e também um link de acesso que direciona à página inicial do canal do evento no YouTube, e individualmente a cada palestra que foi veiculada.

## Captura de tela do perfil no Instagram do evento organizado por Beatriz



Fonte: Elaboração própria.

A programação do evento, conforme imagem abaixo, consistiu em palestras em reuniões pelo Google Meet que tiveram uma fala da pessoa palestrante seguida de um momento para debate a partir de perguntas/considerações do público. As reuniões no Meet foram gravadas ao vivo com transmissão para o YouTube, sendo uma forma de compartilhar ao máximo e “eternizar” o conteúdo. Mesmo depois dos dias que duraram o evento as palestras seguiram sendo visualizadas.

## Folder de divulgação do evento

III Semana da Visibilidade Bissexual de Assis

20/9 17h	Discursos, dildos e bissexualidades: sobre a produção e apagamento de sujeitos a partir de suas práticas sexuais Elizabeth Sara Lewis	23/9 13h	Cine-Debate: Collete Beatriz Hermans
21/9 17h	Assexualidade e Bissexualidade, uma luta conjunta Sara Hanna - Coletivo AbrAce	23/9 17h	Se Sentir Bissexual o Suficiente Belle Marques
21/9 19h	O Bi Não é de Dois Gêneros: a bissexualidade como quebra de um binário Nick Nagari	24/9 17h	Bissexualidade na Mídia Talitta Cancio - @binamidia
22/9 17h	A Bissexualidade na Academia Danieli Klidzio e Helena Monaco - @Bi_Biblioteca	24/9 19h	Bissexualidade na Política Isa Penna - Deputada Estadual

Fonte: Divulgação do evento.

Pelo receio de o evento não dar certo de forma on-line, Beatriz investiu seu próprio dinheiro para pagar a indicação do perfil e promoveu sorteio de brindes como bandeira, botons e livro para que o máximo de pessoas soubesse da existência do evento. Anteriormente sua realização se dava de forma local, sendo acessado apenas por pessoas interessadas de Assis e região e em sua maioria estudantes da universidade. Com o formato on-line Beatriz conta que ficou feliz ao perceber que

acabaram aparecendo alguns adolescentes de uns 13/14 anos que não faziam ideia do que que era o evento, não faziam ideia de que tinha evento sobre bissexualidade, não tinham ideia de quem eram esses palestrantes que eu tava trazendo mas queriam o livro e queriam a bandeira e a partir disso começaram a entrar em contato com os palestrantes, seguir essas pessoas nas redes sociais, **conseguir ter referências bissexuais que eles não faziam ideia de que existiam.** (Beatriz 24 anos).

Beatriz também pesquisa sobre bissexualidade e mediou um dos espaços do evento, que foi um cine-debate do filme “*Collete*”, no entanto essa atividade, juntamente

com a palestra de Talitta Cancio sobre bissexualidade na mídia, não estão salvas no YouTube por conta de direitos autorais pelo uso de imagens do filme e de novelas. Atualmente, em janeiro de 2023, o canal do evento no YouTube tem 103 inscritos e as palestras têm um número de visualizações que varia entre 150 e 400.

Além disso, para Beatriz o evento foi uma oportunidade para realizar um sonho, que é coletivo, de reunir referências brasileiras de diferentes regiões em um espaço dedicado especificamente ao tema da bissexualidade e relacionando-o com diversos assuntos que a atravessam, como destacam os títulos das palestras. Seu curso não teve um trabalho de conclusão de curso mas durante a graduação ela foi bolsista de iniciação científica e pesquisou sobre as origens patriarcais da bifobia, trabalho que foi finalizado em 2021 e que estava em processo de tradução pois ela tem como intenção principal a publicação da pesquisa no *Journal of Bisexuality* e comenta:

eu penso que a partir do momento em que essas pesquisas são feitas, elas serem traduzidas e publicadas internacionalmente também é muito importante porque a gente consegue trazer uma rede maior, a gente consegue fazer comparativos maiores, podem ter pesquisadores que vão fazer comparações: como é que é a situação no México? **Qual que é a situação no Brasil, qual que é a situação na América Latina** versus América do Norte. Enfim, eu acho que quanto mais contato a gente tem em relação a isso pro mundo, melhor. Mas eu também acho muito importante que a gente tenha um referencial nosso, nacional, pra conseguir ter uma noção do que que tá acontecendo. (Beatriz, 24 anos).

Assim, indo em uma direção diferente mas ao mesmo tempo conjunta de divulgação de visibilidades bissexuais brasileiras, Beatriz toca em um ponto importante, que é a internacionalização dos estudos brasileiros sobre bissexualidade. Um momento importante para ela e para outras pessoas bissexuais pesquisadoras como Helena Monaco e Talitta Cancio, foi a participação na *Bisexual Conference* em 2021, evento mencionado anteriormente a partir da linha do tempo bissexual. Beatriz contou que se emocionou com a participação:

[...] eu fiquei muito muito muito feliz de poder apresentar, de ter o trabalho aprovado e de tá na mesma sala mesmo que virtualmente que a Shiri Eisner, Shiri Eisner estava ouvindo o que eu estava falando e eu fiquei “não é possível que isso esteja acontecendo” assim apesar de ela ser um ícone 100% acessível, eu ainda fiquei muito chocada. Eu fiquei muito feliz que a gente tava tendo as pesquisas brasileiras, eu fiquei chocada com a quantidade de pesquisas brasileiras que a gente teve. (Beatriz, 24 anos).

Contudo, Beatriz também trouxe uma crítica ao modo como essa internacionalização deve se dar, de forma que seja para além de um compartilhamento que ainda aparenta ser muito mais valorizado entre as pessoas brasileiras.

[...] na minha roda foram quatro eu acho, três ou quatro e eram todas [pesquisas] brasileiras. Mas isso foi uma coisa que eu fiquei um pouco chateada. Eu sinto que eles deviam ter misturado um pouco mais, porque acabou ficando “o bloco brasileiro de pesquisas” e eu sinto tipo, eu ouvi a Talitta falando sobre a pesquisa dela três vezes nos últimos meses, o que é ótimo, incrível, mas eu tenho acesso a isso o tempo inteiro. Eu acho que teria sido muito mais interessante se tivesse colocado ela em outras, com outras pessoas, em outros momentos e isso com todos os grupos pra não ficar o bloco brasileiro de pesquisas. Eu senti que acabou ficando um pouco assim e me deixou um pouco chateada isso especificamente, mas eu achei incrível, achei fantástico assim seria o sonho da visibilidade bi minha concretizada assim tipo, se eu pudesse sonhar o mais alto possível o que eu quero que a Semana Bi se tornasse é o *Bisexual Research Group*, o que eles acabaram fazendo. (Beatriz, 24 anos).

Cabe destacar que isso não diminui o mérito desse espaço de visibilidade criado, pois foi considerado por ela um bom começo para abrir brechas em novos espaços e territórios. Mas para chegar a esses espaços e construir a Semana da Visibilidade Bissexual de Assis, Beatriz teve contato com questões de gênero e sexualidade (inclusive, também trabalha com educação sexual) desde a época do cursinho pré-vestibular quando adolescente.

[...] eu já tinha saído do armário pra família inteira, eu já tava muito explicitamente falando sobre isso e eu falava sobre isso no cursinho também. E a gente montou um grupo assim, as pessoas que eram o Coletivo Objetivo, que era do Objetivo aqui da Santo Amaro e era um grupo destinado pras pessoas LGBTs do cursinho. E foi quando eu comecei a me sentir um pouco mais inserida no movimento, mas ainda era uma coisa **muito LGBT e não era exatamente bissexual**, apesar de que a maior parte das pessoas que estavam dentro desse grupo do WhatsApp eram bissexuais. Mas quando eu chego na faculdade no ano seguinte eu já chego com muita motivação pra fazer alguma coisa em relação à comunidade LGBT no geral, e eu comecei a vivenciar umas bifobias que eu achei muito estranhas, assim tipo, era logo no começo na recepção dos bixos, ainda tinha um coletivo feminista da UNESP e a gente foi lá, fui eu e uma amiga e a gente tinha uma colega na época, a gente foi lá e... primeiro que tinham muitas feministas radicais, que **falavam que a bissexualidade era péssima porque se você tem a escolha de sair com mulher porque é que você teria coragem de sair com um homem**, e no dia seguinte ou alguns dias depois eu não lembro certinho, teve a reunião das mulheres lésbicas e eu ainda tava um pouco com a mentalidade de que **o lugar que eu podia ocupar era um lugar também lésbico e eu entendo que não é exatamente assim** hoje, não só por uma questão dos preconceitos mas também porque da mesma forma como... cada um pode ocupar o seu próprio espaço, mas eu pensava muito “não, eu gosto de mulheres então realmente eu vou ser bem-vinda nesse local”, então eu fui e foi um show de bifobias, assim, eu nem lembro mais as bifobias, eu só lembro de ficar chocada e sair 15 minutos depois me sentindo um lixo. E foi aí que eu percebi que eu precisava fazer alguma

coisa **especificamente pra bissexuais**. E aí na verdade, os meses passaram e eu não tava pensando mais no assunto. Eu não sabia o que eu queria fazer com a IC [iniciação científica], eu só sabia que eu queria fazer uma IC. E aí chegou agosto e teve o Dia da Visibilidade Lésbica na UNESP. E aí beleza ok, era mais um dia de showzinhos no RU [restaurante universitário], não era um evento mesmo mas elas botavam a fachada e me veio a ideia de fazer o “Dia da Visibilidade Bissexual”. Beatriz (24 anos).

Esse é um exemplo de disputas discursivas que, muitas vezes, impossibilitam que bissexuais se sintam à vontade para estarem presentes em espaços que teoricamente poderiam ocupar. Assim, foi a partir de situações como essa que vieram as motivações para que Beatriz criasse e realizasse de maneira independente as três edições do evento que veio a se tornar a “Semana da Visibi” (apelido que ela dá para o evento) mas que começou como o Dia da Visibilidade Bissexual, em 2017. Inclusive, a realização de forma independente não foi uma opção de Beatriz que após ter a ideia do evento contou que:

[...] eu entrei em contato com o coletivo LGBT da UNESP que não me deu resposta nenhuma. E aí eu acabei fazendo o evento sozinha basicamente com a ajuda de algumas outras pessoas pra fazer o evento em si tipo limpar o local, pendurar as coisas, mas a organização em si foi basicamente minha mesmo e a gente fez na cidade, a gente não fez na UNESP, então foi o primeiro Dia da Visibilidade Bissexual de Assis, em 2017 e foi no galpão cultural que existe até hoje. E esse foi o primeiro evento e não foi um grande sucesso, foram poucas pessoas porque ele também era meio contramão pros unespianos e pras pessoas da cidade, as pessoas da cidade foi mais de 90% votou no Bolsonaro é uma cidade muito complicada então acabou sendo poucas pessoas que foram mesmo.

Mas, apesar disso, Beatriz considerou a realização desse evento como algo que deu certo e conta que motivou-se para fazer ainda mais, focando em levar referências teóricas sobre bissexualidade para estarem presencialmente em Assis. Isso tudo fez parte de seu engajamento cada vez maior na pesquisa acadêmica sobre bissexualidade.

Mas aí me surgiu a ideia de realmente fazer a Semana da Visibilidade Bi porque eu vi que eu dava conta de fazer o dia e eu queria fazer uma coisa um pouco mais voltada pra academia mesmo, chamar pessoas que falassem sobre bissexualidade, intelectuais que estavam me movimentando, então foi nesse ano também que eu li as dissertações da Elizabeth Sara Lewis, do Fernando Seffner que enfim, abriram os meus olhos e eu comecei a pensar sobre a bissexualidade por um olhar diferente. E logo no começo do ano de 2018 foi quando eu comecei a entrar em contato com pessoas que participariam, que poderiam participar da Semana. E essa foi uma organização 100% sozinha, autônoma e foi quando eu comecei a perceber a dificuldade de conseguir financiamento que era um problema [...]. Mas com a Semana foi quando também eu tive a primeira oportunidade de pesquisa [...] foi meu primeiro contato com uma pesquisa realmente acadêmica em relação à gênero e sexualidade, porque toda a parte introdutória, apesar de falar sobre políticas afirmativas e políticas públicas, eu falei muito sobre gênero e sexualidade, eu

comecei a ter mais contato com Butler e outros autores e a partir dali eu decidi, eu queria, já em 2018 eu queria porque eu queria fazer a pesquisa “As origens patriarcais da bifobia” acabei só fazendo ali em 2020, mas foi ali que eu falei “é isso, farei isso”. E foi mais ou menos essa trajetória, aí teve a segunda Semana da Visibilidade, foi a mesma ideia. E em 2020 eu não fiz porque foi o ano da pandemia e eu não tinha pensado em fazer on-line ainda e em 2021 foi agora a terceira Semana da Visibilidade e foi também o ano que eu fiz... que eu acabei a pesquisa das origens patriarcais da bifobia. (Beatriz, 24 anos).

Para custear os gastos de levar Fernando Seffner, de Porto Alegre - RS e Elizabeth Sara Lewis do Rio de Janeiro - RJ para Assis - SP, dessa vez, para essa segunda edição, Beatriz conseguiu um financiamento mínimo de Departamentos da Psicologia da sua universidade a partir de procedimentos burocráticos necessários. Mas ainda assim, precisou arcar com investimentos do seu próprio bolso, além do cansaço de organizar um evento sozinha (como foi também na terceira edição, on-line). Mas em meio a isso, o que abalou Beatriz foram falas que se repetiram em forma de questionamentos acerca de “por que um evento sobre bissexualidade e não um evento LGBT?”. Com isso, é preciso retornar à situação exemplificada acima que a levou a ter a ideia do evento, que foi marcada pela bifobia e que demarcou a necessidade de espaços **especificamente bissexuais**, sem menosprezar espaços LGBTQIAP+, mas apenas trazendo foco sobre as particularidades da bissexualidade.

É importante considerar que essa sinalização das necessidades acerca da pauta da bissexualidade não prejudica espaços gerais sobre questões de gênero e sexualidade, pelo contrário, contribui para que se tenha uma base mais ampla e coerente para pensar dissidências para além de uma lógica monossexual e binária. Graças a identificação dessa necessidade é que Beatriz chegou ao ponto de, em 2021, criar um espaço de visibilidade bissexual que chegou a centenas de pessoas. A terceira edição do evento recebeu muitas inscrições no formulário disponível para cada pessoa inscrita acessar a reunião no Meet e a transmissão, e não apenas inscrições como comparecimentos e participações. Teve dias em que a sala do Google Meet que suportava 100 pessoas estava lotada e há vídeos das reuniões transmitidas para o YouTube com centenas de visualizações. Inclusive, esse foi um diferencial que Beatriz identificou realizando o evento de forma on-line, pois ela menciona que jamais conseguiria atingir um público maior que 50 pessoas e que, por exemplo, enchesse o anfiteatro da UNESP para assistir uma palestra sobre bissexualidade.

Mas, ainda que tudo isso tenha acontecido, desde a organização do evento, os encontros com outras pessoas bissexuais, Beatriz menciona que seu sentimento é de que, poderia ter acontecido antes. Apesar de ter envolvimento com as questões de gênero e

sexualidade desde a época do ensino médio, seu processo de identificação como bi não deixou de ser semelhante ao de Elisa e Talitta, pois ela também teve dificuldade para conseguir ver-se como bissexual enquanto estava se relacionando com uma mulher. Para ela, a demora e a dificuldade desse processo de identificação ocorreu

[...] não por uma questão de que eu não gostava de homens mas porque a possibilidade de gostar dos dois não... não me foi dada, eu não sabia que isso era uma opção na época e como eu sabia que eu estava perdidamente apaixonada por uma mulher eu falei: “então, pronto eu sou lésbica, é isso”. (Beatriz, 24 anos).

Em contrapartida, ela acrescenta:

[...] mas isso durou relativamente pouco porque eu estava meio angustiada nessa época e eu joguei no famoso Google “que que eu sou” e veio o termo “bissexual” e na época isso completamente me satisfez assim, eu fiquei “ok, é isso, eu sou bissexual” e eu ainda não comecei a repensar isso até 2018. 2018 eu tinha alguns amigos não binários e eu percebi que eu também me sentia atraída por pessoas não binárias e eu não sabia que você podia se sentir atraída por pessoas não binárias estando dentro da sigla bissexual. Aí eu tive uma conversa com o Dani Vas do Bi-Sides que foi um dos principais convidados da primeira Semana da Visibilidade Bissexual, e ele me apresentou o termo “monodissidente” que era o grupo de pessoas que se atraem por mais de um gênero e eu falei: “é isso”, e ele também me trouxe a definição de bissexualidade que seria atração por mais de um gênero, podendo ser dois, três ou todos e essa é a definição que eu uso hoje em dia. Eu sou bissexual porque eu me atraio por mais de um gênero, não definindo exatamente quantos e desde então eu estou completamente em paz com a minha definição sem ter tido nenhum outro problema. (Beatriz, 24 anos).

A partir do relato de Beatriz, percebe-se que, considerando que uma identidade social não é rígida, fixa ou eterna, o processo de identificação merece períodos de questionamentos e de descontinuidades. Mas, ao mesmo tempo, a identidade importa para o sujeito viver confortavelmente, pois situações sociais exigem um rótulo, especialmente quando impõem a necessidade de comunicar demandas, denunciar violências ou desenvolver afetos. Portanto, identidade tem a ver com bem-estar social. E no caso, o acolhimento da identidade bissexual para si no caso de Beatriz, também teve a ver com o conhecimento da palavra bissexual, sua definição e possibilidades que abarca. Nesse sentido, conhecimento acadêmico e comunicação sobre a bissexualidade andam de mãos dadas com uma dimensão de acolhimento e existência.

Isso tudo conecta-se as entrevistas com Triz Cruz e Inácio Saldanha (Triz foi a sexta entrevistada e Inácio foi o nono e último). Os entrevistei separadamente mas os conheci da mesma forma: através do GAEBI, do qual ambos são coordenadores. Triz

Cruz (ela/dela) é negra, não binária e bissexual, tem 23 anos, nasceu em Belém do Pará e quando a entrevistei morava em Macapá, capital do Amapá. É graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, onde, em 2019, o Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade foi criado.

Inácio Saldanha (ele/dele) diz que pode ser lido como homem cisgênero, se identifica como bissexual ou pansexual pois as duas definições lhe servem. Tem 24 anos e não exatamente se identifica, mas se apresenta como pardo, e não por ser negro mas por sua ascendência indígena. Nasceu e cresceu em Ananindeua, região metropolitana de Belém do Pará, e reside em Campinas, interior de São Paulo, onde cursa o mestrado em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O processo de identificação bi de Triz foi trazido por ela como espontâneo, quase que “natural” aos 16/17 anos, enquanto ainda estava na escola e era influenciada por seriados de TV. Em especial, lembra de um que ela assistia com as amigas que tinha um casal de duas mulheres que contribuiu para que ela visse esse tipo de configuração de relacionamento como natural. Em meio a isso, uma amiga se “assumiu” bi, influenciada pela série, não reivindicando uma identidade para si mas dizendo que estava interessada em outra mulher. Triz disse que pensou e aproveitou o momento para se dizer bissexual, passando a se ver assim e não mais como heterossexual. Ela diz que sempre soube que gostava de homens e quando percebeu sua atração e admiração também por mulheres, isso simplesmente se fundiu ao que já existia e constituiu a bissexualidade para ela. Não foi, por exemplo, um momento de pensar em heterossexualidade compulsória e questionar sua atração por homens.

Esse momento foi tranquilo, com acolhimento em um círculo de apoio em que outras pessoas passavam pelo processo de assumir-se. Mas foi um período de não ter vivências e não saber exatamente o que estava encarando, pois como ela ainda não conhecia referências bissexuais também não conhecia estereótipos sobre a bissexualidade. Por isso, até então era apenas algo que ela sentia que poderia ser vivido com naturalidade. Mas isso mudou pois quanto mais pública sua identidade bissexual se tornava, mais foi mudando sua forma de se comportar, de falar, de fazer certos comentários. Ao tratar com naturalidade e publicizar, percebeu que algumas pessoas, principalmente na escola, o ambiente de maior convívio social, não recebiam essa declaração com tanta naturalidade pois estranhavam e faziam comentários.

Quando eu comecei a me aproximar de uma outra garota na escola foi do dia pra noite comentários sobre nós duas e eu não carregava bandeira nenhuma, não falava sobre isso, sabe? Mas a minha forma de me portar mudou um pouco. E aí os comentários apareceram então eu tive que meio que segurar a minha onda, então tinha esse... **era como se eu vivesse em dois mundos**, tipo com meus amigos eu podia ser eu mesma e podia falar o que quisesse, mas aí quando eu estava em espaços com pessoas não tão próximas eu tinha que **gerenciar essa outra parte da minha vida**. Foi mais ou menos isso. (Triz, 23 anos).

Triz contou que as coisas mudaram quando começou a assumir relacionamentos se afirmando bissexual pois nesses casos não importava a definição que reivindicava para si mas sim com quem estava. Era questionada a respeito e em seguida lhe diziam que precisava se decidir.

Essa identidade era colocada em dúvida assim, e aí foi quando eu comecei a enxergar como a bissexualidade tá inserida na sociedade e quais são os discursos que se tem sobre. Mas antes disso eu não tive nenhum contato, assim, com nada em relação à bissexualidade, tipo zero. Tanto que esse seriado que influenciou né a minha vez identificação, era um casal lésbico, digamos assim, acho que dá pra dizer que era um casal lésbico porque durante a história elas não se envolveram com outro gênero além delas duas, pelo menos não que eu lembre e também é meio que é cânon assim no *fandom* de que elas são lésbicas, sabe. Mas pra mim, como eu falei, **foi como se eu agregasse mais uma possibilidade, não como se outra fosse excluída**. Então pra mim funciona dessa forma. (Triz, 23 anos).

Também existiram mudanças quando ela passou a ter contato

[...] com o que se retrata sobre bissexualidade, tanto de uma forma positiva quanto negativa depois que eu comecei a ocupar certos espaços e a me inserir em certos espaços [...]. Então quando **eu fui pra internet falar sobre isso ou me informar** é que eu descobri que existiam, que existem pessoas bissexuais que sofrem bifobia, por exemplo, ou que representações bissexuais na mídia são muito estereotipadas, são um desserviço... **quando elas existem, né**. (Triz, 23 anos).

Tanto em relação à naturalização da bissexualidade para Triz, quanto no acesso a um imaginário social sobre a bissexualidade enquanto identidade, as mídias e a internet fizeram parte. Essa foi uma característica comum para as pessoas bi participantes da pesquisa e encaro como um dos principais traços da relação da bissexualidade com a internet. Seja como complemento ou como descoberta, a busca por informações e o entendimento de pessoas bissexuais acerca desse universo que é “dizer-se bissexual” precisa recorrer à internet. Isso se dá porque a visualização e a inteligibilidade dessa sexualidade e identidade no cotidiano, em meio a uma imensidão monossexual em bissexuais estão espalhados e geralmente distanciados, é difícil. Nesse sentido, a internet

se torna um lugar para bissexuais que se percebem isolados formarem uma rede. Podendo ser um lugar em alguma medida seguro, de conforto ou desconforto com o acesso a informações. São redes virtuais que têm essa capacidade de conectar e isso pode ser visto também em relação a história do GAEBI.

O Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade foi criado por Triz em 2019 junto com outros estudantes do curso de Psicologia da UFPA que tinham o desejo de formalizar um espaço em que poderiam falar sobre bissexualidade “sem medo”. Na turma de Triz existiam muitas pessoas bissexuais, ela comenta que essa era uma característica do curso, que parecia que cada vez havia mais bissexuais ao seu redor. Ela mencionou que há o estereótipo de que existem muitas pessoas LGBTQIAP+ nos cursos de humanas que geralmente refere-se apenas a gays, mas ela sentia que no seu curso a maioria era bi. Em meio a isso, Triz comentou:

lembro da sensação de que a gente só poderia conversar sobre as nossas vivências bissexuais, as nossas práticas bissexuais entre nós porque como a gente tava num grupo maior, a impressão que eu tinha era que nós não podíamos falar, tipo assim num grupo maior que eu digo é entre outros LGBTs, a gente não tinha muito espaço pra falar sobre ficar com pessoas de outro gênero, entendeu? Então a gente podia falar sobre, eu por exemplo, na época eu poderia falar sobre ficar com uma menina e tal, mas quando eu cheguei... na época lembro que eu namorava um cara, e tinha um relacionamento aberto e tal e aí eu namorava um cara, ele até frequentava lá, e eu não tinha muito como falar abertamente sobre o meu relacionamento com ele porque era tipo estranho, sabe? Parecia que eu tava ocupando um papel de heterossexual ali e ninguém queria ouvir sobre isso, sabe, tipo "ah, os problemas de um casal heterossexual", sabe? **Tipo, ninguém quer saber disso, mas eu sentia que, tipo, era uma demanda minha, sabe?** E por outro lado eu me sentia à vontade pra falar sobre isso com outras pessoas que eram bissexuais, **me sentia ouvida, sentia que as pessoas tavam interessadas em ouvir.** (Triz, 23 anos).

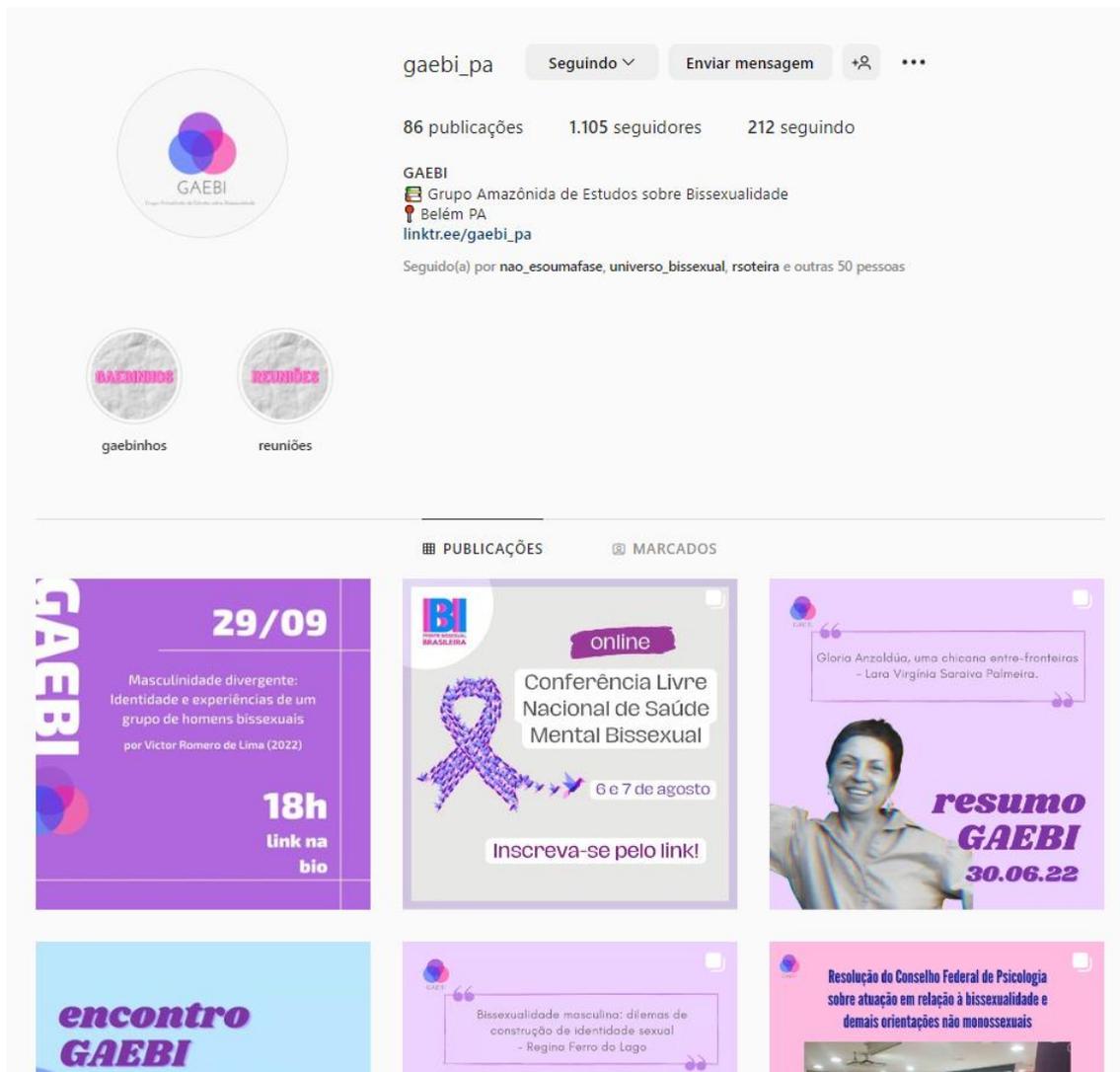
Com base nesse cenário, Triz e Gilda Letícia, uma amiga do curso, tiveram a ideia de criar o GAEBI após um evento acadêmico sobre Orgulho LGBT e Psicologia. Na ocasião, Triz, que participou da organização e também fez uma fala em uma mesa, abordou o tema da bissexualidade para além de algo considerado como apenas protocolarmente mencionado na sigla, por exemplo, “gays, lésbicas, bissexuais...”.

Ninguém falava sobre bissexualidade ou direcionava a discussão naquele sentido nem nada e a gente, de forma geral, assim eu e essa minha outra amiga a gente percebeu que se ninguém tava falando sobre isso, sabe, de uma forma séria e comprometida levando essa discussão pra espaços seja **acadêmicos** quanto de **sociabilidade** mesmo, **se não fossem os bissexuais a fazer isso ninguém mais ia fazer**, sabe. E aí a gente, não sei, conversando no centro acadêmico pensou assim: “ah, e se a gente montar um grupo pra ler artigos sobre bissexualidade, né?”, pra discutir sobre bissexualidade, pra discutir sobre

bissexualidade, reunir pessoas bissexuais, tanto da psicologia quanto de outros cursos, pra falar sobre isso e aí talvez fazer eventos, né. **E aí basicamente o GAEBI surgiu dessa ideia então a gente fez uma arte e fez um perfil no Instagram em que a gente usa até hoje e marcou uma reunião, tipo divulgou assim nos grupos mesmo da faculdade, na internet.** (Triz, 23 anos).

Mas mesmo com a divulgação do GAEBI na internet, com a criação de um perfil no Instagram (ver imagem abaixo), que Triz mencionou ser a rede escolhida pois possibilitava um contato direto e imediato, o grupo teve três reuniões e encerrou suas atividades temporariamente. Nas palavras de Triz, naquele momento, o grupo “se dissolveu muito rápido”. Na primeira reunião foram cinco ou seis pessoas no máximo, incluindo Inácio que mais tarde assumiu a coordenação do grupo juntamente com Triz. Ele foi a única pessoa de fora da UFPA (pois cursava História na Universidade Estadual do Pará - UEPA) a comparecer, sendo todas as outras pessoas do curso de psicologia que eram bi ou estavam em um processo de identificação e queriam saber mais sobre bissexualidade. Na segunda reunião apenas Triz e Inácio foram, e no que seria o terceiro encontro ninguém foi, pois somente ela aguardou na sala até que Inácio chegasse atrasado já que precisou se deslocar da UEPA. Com isso, ambos concordaram em dar uma pausa nos encontros.

Captura de tela do perfil do GAEBI no Instagram



Fonte: Elaboração própria.

A decisão de um grupo recém nascido encerrar suas atividades, mesmo que temporariamente, não foi fácil mas foi o que coube para um momento de desmotivação política pós eleição do governo Bolsonaro e em meio a uma paralisação em função de uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Educação em 2019, que levou estudantes a ocuparem a reitoria da UFPA, dentre outras manifestações. Triz ainda considera que além da dificuldade de encontrarem pessoas de fato interessadas e que se comprometessem com o tema em um grupo que não se propunha como de acolhimento mas de estudo sobre bissexualidade, o fato de que por ser um evento presencial e exigir o deslocamento no final do dia, de outros bairros que eram longe, para o ambiente da universidade era um compromisso cansativo.

A partir disso, o que aconteceu para que, em 2020, o GAEBI renascesse foi narrado por Triz da seguinte forma:

[...] durante a pandemia eu não tinha nenhuma expectativa de recuperar o grupo, o que aconteceu foi que um evento organizado pela Unicamp se eu não me engano, ou pela USP, acho que foi pela Unicamp... um evento da Unicamp marcou o GAEBI num post no Instagram, marcou o nosso perfil né num post, não sei se era sobre o mês da visibilidade bi ou se era um post sobre o orgulho LGBT, não sei se foi em junho ou se foi em setembro, marcou o GAEBI como uma indicação, né, só que o GAEBI tava desativado, não funcionava mais, tipo as pessoas que foram seguir começaram a seguir o perfil por causa dessa indicação e o grupo não funcionava mais, não tinha nenhum post, nenhum conteúdo novo, nada. Aí eu não tinha visto isso porque eu não tava nem logada na conta mais, quem viu foi o Inácio e aí ele me mandou mensagem falando né, “olha Triz isso aconteceu e tal, a galera seguindo o grupo” e sugeriu que a gente retornasse com as atividades. Ele falou que poderia me ajudar porque eu falei que eu não tinha condição de organizar o grupo sozinha e ele falou “não, eu te ajudo, a gente vai junto e tal, eu te ajudo a coordenar”. E aí como tava em pandemia né, a gente falou “ah, a gente faz on-line” e aí com essa possibilidade do formato on-line a gente falou “ah, vamo abrir pra quem quiser se inscrever, se inscrever” e então outras pessoas de outros estados, de outras cidades né começaram a se inscrever. (Triz, 23 anos).

O que pareceu ser obra do acaso para que o grupo voltasse a existir de fato foi, certamente, o impacto de um movimento de circulação de saberes, de movimentação de debates on-line. Encontrar, seguir, indicar e conhecer grupos, pesquisas e sujeitos em torno dos mais variados temas de pesquisa foram verbos colocados em prática no período pandêmico por conta da ideia de facilidade de acesso e de encontro a partir das redes ter se popularizado. São ferramentas, ambientes e possibilidades que já existiam mas que não eram visualizadas, ou não se recorria a elas com a frequência observada nesse período. A partir disso, Inácio e Triz divulgaram o grupo, fizeram posts e passaram a marcar reuniões quinzenais para discussão de textos, realizando encontros no Google Meet que tivessem até 30 pessoas ou mais, de diferentes estados. Triz trouxe que,

[...] eu acho que além de mim e do Inácio tem pessoas esporádicas do Pará que participam das reuniões mas não são participantes fixos, participantes fixos mesmo são de outros estados e aí o grupo foi crescendo mas a gente divulgou por um tempo, fez as artes e divulgou bastante e as pessoas começaram a aparecer de forma primeiramente bem tímida assim, e aí foi crescendo, foi crescendo a página aí a gente conseguiu, principalmente o Inácio conseguiu bastante visibilidade assim por participar de eventos e conhecer bastante gente, ele sempre divulgava o grupo e as pessoas foram aparecendo e hoje a gente tem tipo um grupo bem consolidado né, com pessoas que vêm... como que eu posso dizer, que marcam presença em todos os encontros, a gente tem o grupo no telegram que as pessoas mais assíduas assim têm um espaço pra conversar diariamente sobre qualquer assunto, principalmente relação ao tema da bissexualidade. Mas sobre o grupo também, sobre outros eventos, outros grupos e outras possibilidades de tá falando sobre isso tanto na internet quanto nas suas universidades, nas suas escolas e o grupo não tem nenhuma restrição em relação a idade ou sexualidade, então pessoas de diferentes orientações sexuais participam, pessoas de todos os gêneros, de todos os campos do conhecimento. (Triz, 23 anos).

Quando participei do GAEBI pela primeira vez foi porque vi no Instagram a chamada para o encontro. Encontrei o perfil numa das buscas pelo tema e a oportunidade de participar de uma reunião para conversar sobre um texto sobre bissexualidade que era e é uma das minhas referências, sendo uma importante produção brasileira sobre o tema, me marcou muito. Lembro que foi uma das primeiras reuniões on-line que participei além das aulas do mestrado (depois vieram muitas), assisti de um cenário improvisado na cozinha, que só mostrava uma parede bege ao fundo. Cheguei tímida para conversar com pessoas que eu não conhecia e de vários estados do Brasil. Minha sorte é que mais gente estava na mesma situação, pois sempre foi característica do GAEBI que nos encontros houvesse uma pessoa nova além das participantes fixas, que raramente faltavam uma reunião (do tipo que eu passei a ser) e que mantinham e mantêm uma relação através do grupo do Telegram. O grupo tem a função de compartilhar textos, publicações em redes sociais, eventos e apresentações de trabalhos, recrutar pessoas para organizar outros eventos como o SENABI e até mesmo comentar sobre como cada reunião repercute em nós. Além disso, principalmente nos momentos de pausa dos encontros do grupo, cumpre um propósito de manter o vínculo entre os participantes.

Outra característica é que, como Triz mencionou na citação acima, a proposta explicada em cada reunião era uma abertura para todos os públicos e comentários sobre bissexualidade, que discordassem da argumentação da leitura proposta para cada encontro ou que partissem de outros lugares que não a abordagem estritamente acadêmica sobre o tema. Considero esse um potencial no GAEBI no sentido de, mesmo sendo um grupo de estudos acadêmicos, abraçar públicos mais jovens que não têm o hábito de ler tantos artigos, dissertações e teses, tampouco já são autores ou pesquisadores, mas que igualmente se interessam pela temática em seu cotidiano e lhes interessa saber da existência de referências brasileiras.

Triz também contou que a participação, principalmente de Inácio, em eventos acadêmicos foi alimentando uma visibilidade para o grupo, foram perambulações acadêmicas responsáveis por um crescimento orgânico do grupo. Por ser, por muito tempo, o único grupo de estudos sobre bissexualidade no Brasil, nós participantes sempre comentamos sobre ele nos espaços em que apresentamos trabalhos, por exemplo. Mas em 2022 além do GAEBI, o NEBi passou a existir. Como descrito em seu perfil no Instagram (@nebi\_uff),

o Núcleo de Estudos sobre Bissexualidade (NEBi) é um projeto que nasceu em 2021 e tomou forma em fevereiro de 2022. O projeto surgiu a partir da organização de um grupo de graduandos de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal Fluminense - Campus de Rio das Ostras/RJ, que tem suas vivências atravessadas pela temática da Bissexualidade. A partir disso, o projeto vem sendo constituído e concretizando a ampliação das parcerias dentro da Universidade, principalmente em julho de 2022.

Em setembro de 2022 o NEBi realizou o “I Evento de Visibilidade Bissexual UFF CURO” (Universidade Federal Fluminense, Campus de Rio das Ostras) com certificação e cuja programação foi híbrida, tendo espaços presenciais na UFF, sendo alguns com transmissão on-line. A programação completa pode ser vista na imagem abaixo. Um dos espaços, a palestra do dia 23 de setembro, foi ministrada por Inácio do GAEBI, que também integra a FBB e a representou em uma fala sobre o Movimento Bi no Brasil, trazendo um apanhado geral sobre movimentações ativistas juntamente com produções e perspectivas acadêmicas que têm se desenvolvido. Foi trazida, inclusive, uma crítica em relação a quais são as perspectivas bissexuais que mais têm tido espaço, que tendem a ser as que partem das regiões sul e sudeste.

Captura de tela da programação do I Evento de Visibilidade Bissexual UFF CURO,  
disponível no site do evento

### Sobre o evento

O Núcleo de Estudos sobre Bissexualidade (NEBi) convida todos para participar do I Evento de Visibilidade Bissexual UFF CURO:

- 19/09/22, segunda de 16h às 18h - presencial (auditório IHS - CURO)

**Bissexualidade e orientações não-monossexuais na atuação em Psicologia: reflexões sobre a resolução CFP 08/2022.**

Palestra ministrada por Maycon Pereira, representante do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro - CRP05 e membro do Eixo de Gênero e Diversidade Sexual para debater acerca da resolução 08/2022, a qual refere-se à atuação de psicólogo(as) em relação às bissexualidades e demais orientações não-monossexuais.

- 21/09/22, quarta de 16h às 18h - presencial (auditório IHS - CURO)

**Saúde mental na comunidade Bissexual: narrativas de estudantes universitários sobre suas vivências e experiências.**

Roda de conversa destinada aos discentes com enfoque nas vivências de indivíduos bissexuais na sociedade contemporânea e como essas afetam sua saúde mental.

- A roda é aberta para todos.

- Ao fim dessa atividade haverá uma oficina de cartazes que serão espalhados pela UFF posteriormente.

- 23/09/22, sexta de 18h às 20h - online

**Memória e Resistência: História do Movimento Bissexual Brasileiro.**

Palestra ministrada pela Frente Bissexual Brasileira para discorrer sobre a história do Movimento Bissexual Brasileiro, traçando seu desenvolvimento e repercussões.

Fonte: Elaboração própria.

Ainda sobre Triz, além da coordenação do GAEBI e do envolvimento com o tema que isso lhe traz, bem como a participação e organização de outros eventos acadêmicos, o seu trabalho de conclusão do curso de psicologia (CRUZ, 2021) e a publicação de sua pesquisa em formato de artigo (CRUZ, 2022) a colocam em um lugar de pesquisadora sobre bissexualidade, assim como outras pessoas participantes desta pesquisa. Seu TCC, intitulado “Invisi(bi)lidades: vivências bissexuais na comunidade LGBTQIA+ na região metropolitana de Belém-PA” (CRUZ, 2021) deu origem ao artigo “FACES DA BIFOBIA

dentro (e fora) da comunidade LGBTQIAP+: reflexões a partir de narrativas de pessoas bissexuais” (CRUZ, 2022) que aborda as principais bifobias e os enfrentamentos por bissexuais. Cruz (2021; 2022) destaca como bissexuais também são capazes de reproduzir a ideia de que a bifobia é um preconceito ameno, sendo mais branda que a homofobia. A partir disso vê-se que, assim como outras discriminações, a bifobia se alicerça socialmente e é presente também nas falas de pessoas dessa identidade, que, aliás, agrega pessoas bissexuais diversas, com experiências e opiniões diferentes. No entanto, Cruz (2021; 2022) argumenta que para as pessoas interlocutoras de sua pesquisa está presente uma noção de “privilégio hétero” para bissexuais, mas diz que isso se dá muito mais em um campo do abstrato já que os relatos são carregados de experiências de violências. Porém, são microviolências e danos psicológicos que são tratados como menos graves, daí a ideia da bifobia ser amena e existir um usufruto de privilégios de outra identidade (heterossexual) para pessoas bi.

A fala dos participantes carrega a ideia de que a materialidade da violência homofóbica se encontra em um nível superior de gravidade quando comparada à bifobia. Esta, é verdade, possui como principal repercussão danos psicoemocionais; sob esse prisma, segundo uma lógica biomédica, o adoecimento mental é percebido como menos alarmante em face aos danos físicos provocados pela maioria das agressões dirigida a homossexuais. Contudo, ignora-se o fato de que pessoas bissexuais também são alvo de violência física [...] (CRUZ, 2021, p. 31).

Além disso, Triz trouxe reflexões importantes para a bissexualidade no Brasil a partir da visualização da falta de valorização e remuneração das iniciativas de divulgação científica. Ao lhe perguntar sobre como se sentia em relação a sua participação em eventos, aulas e acesso a espaços a partir do GAEBI, ela destacou:

ano passado especificamente foi quando caiu a ficha assim que foi o mês do orgulho né, que aí todo mundo tava sendo convidado pra falar sobre tudo e assim, em parte é legal, ver que tanta gente que fala sobre bissexualidade tava sendo convidado pra falar sobre diferentes temas assim, então a gente ficou muito sobrecarregado nessa época, o Inácio bem mais que eu até. Mas por outro lado eu também tenho uma crítica em relação a isso que é, parece que a gente tá fazendo um favor, sabe, então não tem, digamos assim... não é nem reconhecimento que eu falo, porque reconhecimento até tem mas tipo assim, não tem sei lá, um pagamento, mas não sei qual é a palavra pra isso, sabe, mas tipo um trabalho, sabe, e aí tu não recebe nada por isso, tipo nada nada nada. (Triz, 23 anos).

Ela e Inácio se revezam para darem conta de falas em eventos e demais convites e buscam trazer críticas pertinentes a suas localidades no norte do Brasil. Um exemplo

foi quando Triz participou de uma mesa no 8º dia do 4º Congresso Internacional de Direito da Diversidade da OAB SP<sup>31</sup> que aconteceu em 10 de junho de 2021, uma semana após ter defendido seu TCC. Na ocasião, Triz contextualizou o GAEBI, seu surgimento e atuação enquanto grupo de estudos que reúne pessoas de diferentes lugares.

Ela trouxe uma perspectiva acadêmica sobre o que tem sido feito no Brasil, inclusive pelo ativismo, e focou no que tem sido produzido na região norte apontando a falta de trabalhos sobre bissexualidade que pensem a existência bissexual no norte e também para além de um contexto urbano. Mencionou que a produção sobre bissexualidade tende a ser sobre populações urbanas, identificando-se, assim, uma ausência de perspectivas interioranas, rurais, ribeirinhas e originárias acerca da bissexualidade, e mesmo da sexualidade, em meio a pesquisas acadêmicas. Ela trouxe o questionamento: “Não existem pessoas bissexuais nesses espaços também? Por que ninguém tá interessado em pesquisar, em estudar sobre isso?”

Inclusive, o próprio nome do GAEBI foi pensado com esse propósito. Triz contou que:

a principal ideia do grupo era trazer a discussão de gênero e diversidade sexual, principalmente da bissexualidade, pra um contexto amazônico, sabe? E aí o que acontece: quando a gente para pra pensar no contexto da academia em produção científica, em relação, amplamente falando de gênero e sexualidade, tudo o que a gente tem é muito escasso, enfim, né, tipo, **a gente sabe que os grandes polos de produção científica no Brasil são de região sudeste e sul e quando a gente fala de diversidade sexual na região norte é sempre de um ponto de vista muito... eu julgo superficial, sabe?** (Triz, 23 anos).

Nesse sentido, cabe pensar: quais são as visibilidades bissexuais brasileiras que são produzidas? Quais são as existências em rosa, roxo e azul que são visibilizadas, que conseguem fazer-se visíveis?

Na entrevista com Inácio, ele contou que sua vida em relação a sua bissexualidade, antes mesmo de ele se reconhecer como tal, foi permeada por questionamentos do tipo “será que essa pessoa é, ou não?”. Apesar de nunca ter sido taxado como “viadinho” ou “gayzinho” ele sentia que sempre ficava em suspenso e atualmente relaciona isso com sua identidade bissexual.

Até os 18 anos, quando já estava na universidade, ele disse que ainda acreditava que era heterossexual.

---

<sup>31</sup> Disponível em: [https://youtu.be/ooxsfoQ5\\_Lg?t=7525](https://youtu.be/ooxsfoQ5_Lg?t=7525) Acesso em: 31 jan. 2023.

[...] eu demorei muito, por exemplo, pra perder a virgindade e mesmo o BV, eu não namorava, eu não namoro, eu sou péssimo pra essas coisas então eu não tinha experiência, o que eu tinha era o desejo e a forma como eu pensava o meu desejo dentro da minha própria intimidade. Então, é... eu tinha consciência de que eu sentia atração por mulheres, mas o que eu sentia por homens eu tinha dificuldade de pensar o que poderia ser, porque eu pensava “se eu sinto atração por mulheres então eu não sou gay”, mas aí o que é que eu fazia com o que eu sentia por homens? E aí, algo que eu já conversei com outras pessoas e que eu sei que não é uma coisa só minha, é que às vezes eu pensava que era sei lá, admiração ou inveja, tudo menos desejo. E, às vezes, também não precisa ser desejo né pra ser um sinal de bissexualidade. (Inácio, 24 anos).

Em seu processo de identificação ele teve dificuldade para entender uma suposta definição binária da bissexualidade como sendo a atração apenas por mulheres e homens, e aproveitou o “*CuriousCat*<sup>32</sup>” que é um site para enviar perguntas para outra pessoa, para perguntar anonimamente a uma amiga não binária como ela entendia o fato de se identificar como bi sendo uma pessoa não binária. E foi a partir da resposta dela, de que bissexual poderia ser a atração por mais de um gênero e que, para ela, era indiferente o rótulo de bissexual ou pansexual pois ambos lhe contemplavam, que ele passou a sentir confiança para se dizer bi e se assumir enquanto uma pessoa LGBTQIAP+.

A partir disso, Inácio diz que “[...] eu geralmente me apresento como uma pessoa bissexual mas eu nunca senti uma urgência, por exemplo, de definir se eu era bi ou era pan.” E contextualizou esse processo e as formas de lidar com sua identificação da seguinte maneira:

[...] eu tinha muito problema com definição... [...] mas é porque na verdade eu comecei a me identificar assim quando algumas pessoas começaram a sugerir que eu fosse pansexual, e eu nunca tinha parado pra pensar sobre não ser hétero e aí eu fui pesquisar e eu via muitas coisas sobre diferença que não faziam sentido pra mim [...] e **eu vi que as duas definições cabiam em mim**. E a partir do momento que eu soube que existem pessoas que se identificam das duas formas ao mesmo tempo e tá tudo bem, eu vi que não tinha problema nenhum pra mim. Só que como eu não tenho contato, e eu acho que também não existem coletivos de pansexuais no Brasil ou polissexuais, ou páginas ou produção acadêmica que eu acho que hoje o meu contato vem muito pela produção acadêmica, eu circulo mais em espaços bissexuais mesmo, ou, eu circulo basicamente em espaços bissexuais tratando dessas coisas. Então eu acho que fica assim “o Inácio - bissexual”. Também assim por vocabulário político, né, falar de bifobia e apagamento. Então acho que fica muito essa coisa assim do “bissexual”, mas nunca foi uma coisa que eu restringi. (Inácio, 24 anos).

Nesse contexto, ingressar na universidade ampliou sua visão de mundo com o acesso à internet em casa e a livros e materiais que não fossem os livros didáticos, o rádio

---

<sup>32</sup> O site pode ser acessado em: <https://curiouscat.live>

e a televisão, meios de comunicação que até então fazia uso. Assim, passou a ter contato com pessoas e informações além das que circulavam no cotidiano de sua família e como visto, o acesso a internet e a outras pessoas para além de seu núcleo familiar e sua localidade é intrínseco a sua identificação como bissexual. Principalmente com o acesso ao Twitter em 2014, e depois com maior frequência a partir de 2016, encontrou outras pessoas, informações e sites como o próprio *CuriousCat*. Para ele, o ingresso na universidade foi um momento de abertura às informações, que foi complementado pelas discussões que acessava na internet.

[...] em 2016 por aí, tava se falando cada vez mais em LGBT, em pessoas trans, por exemplo, em homofobia e em coisas assim com as quais eu praticamente não tinha contato, tinha só pela televisão e aí algumas pessoas me questionaram por algumas coisas assim “bobas”. Tipo, eu olhei uma pessoa numa biblioteca em que eu tava estudando com um grupo meu, sem interesse nenhum, eu só olhei pra pessoa que passou porque eu sou uma pessoa muito curiosa, fico olhando e aí disseram... acharam que eu tava com algum interesse e aí falaram “ai eu acho que tu é pansexual porque tu flerta com todo mundo e não sei o quê”. E aí isso me levou a questionar, mas ao mesmo tempo isso não chegava muito na universidade que eu tava. Chegava? chegava. Mas de uma forma muito rasa. (Inácio, 24 anos).

Inácio também contou que sua identificação como bissexual lhe trouxe alguns problemas com a mãe. Em um dado momento ela perguntou se ele era gay, ao que ele respondeu ser bissexual, no entanto, a interpretação dado para ela a essa identidade seguiu sendo por um tempo a de que seu filho era como se fosse gay. Ela passou um tempo tentando evitar que ele fizesse tarefas domésticas consideradas femininas como contrapartida à sua criação, que havia sido de aprendizado e dedicação a esses afazeres, ao demonstrar que sentia-se perdida pois argumentava que não sabia mais se seu filho era homem ou mulher, ou gostava de homem ou de mulher. Quando passava algo na TV relacionado à Parada do Orgulho, por exemplo, sua mãe mudava de canal, dando a entender que a evitação foi um recurso, até que houve um esquecimento e hoje não há mais conflitos. Isso “passou” e o assunto não é mais presente na família. Enquanto na universidade, Inácio seguiu em tentativas de trazer a bissexualidade, antes mesmo de pensar em pesquisar o tema. No entanto ele virava “chacota”, pois as outras pessoas não viam como necessário falar sobre bissexualidade, enquanto ele enxergava essa necessidade e pensava que é por existir um apagamento que deveria-se falar cada vez mais. Mas, naquele período ele também acabou deixando o tema de lado.

Em relação à sua trajetória de pesquisa sobre bissexualidade, Inácio se formou em História pela (UEPA) em 2018 e seu TCC foi sobre ribeiridade. Em 2021, quando

ingressou no mestrado em Antropologia Social na Unicamp, começou a pesquisar formalmente sobre bissexualidade. Inácio passou três anos depois de formado em História, se aproximando do tema da bissexualidade, processo que começou com o GAEBI em 2019. Procurando possibilidades de orientação em um Programa de Pós-Graduação em que se sentisse acolhido chegou até Regina Facchini<sup>33</sup> na Unicamp.

Mesmo que a experiência de Inácio com os estudos tenha sido em melhores condições que a de seus pais, para ele, estudar nunca foi fácil por conta das restrições financeiras e suas consequências. Durante sua graduação não se sentia parte da universidade e quando chegou a hora de elaborar o TCC queria dedicar-se à elaboração de uma pesquisa que se voltasse à sua comunidade de origem, e por isso tratou sobre Igarapé Grande, localizada na ilha de João Pilatos em Ananindeua - Pará (SALDANHA, 2018). Após isso sentiu-se mais confortável com a pesquisa acadêmica e sua ideia era trabalhar com algumas constituições históricas da bissexualidade em um Programa de Pós-Graduação em História, porém, precisou lidar com a dificuldade de reconhecimento do tema como válido por parte das pessoas da área que não facilitaram seu ingresso. Pelo contrário, Inácio relatou ter sido desrespeitado pelas bancas nos processos seletivos de mestrado, em especial nas etapas de entrevista. Sua primeira tentativa foi em 2018 e nas próximas tentativas de ingresso na pós-graduação nos anos seguintes, Inácio teve a preocupação de elaborar um projeto bem fundamentado teoricamente quanto à bissexualidade com a ideia de que precisava “provar” que seu tema era consistente, enquanto algo que existia e poderia ser pesquisado. Mas mesmo assim, seu tema não era visto como pesquisável. Em meio a isso, acabou ampliando suas opções de programas de Pós-Graduação para Ciências Sociais e Antropologia. Tentou ingresso em programas do norte do Brasil, até que, durante a pandemia, teve a oportunidade e o incentivo de amigos para inscrever-se no mestrado em Antropologia Social na Unicamp, cujo processo seletivo foi feito de forma on-line e gratuito, o que facilitou bastante. Durante a seleção na Unicamp, Inácio não teve seu tema questionado em relação ao seu caráter enquanto “pesquisável”, ao que ele estava tão acostumado com experiências e até mesmo exaltações negativas das bancas anteriores. Ele contou que a recepção positiva, sem

---

<sup>33</sup> Professora que é referência para bissexuais no Brasil. Apesar de não ter pesquisas especificamente sobre bissexualidade publicadas, o tema permeia suas produções sobre gênero e sexualidade e sua participação em eventos e na colaboração com o ativismo atualmente, além de ser uma importante ativista para a história da bissexualidade no Brasil.

confrontos, foi uma surpresa pois estava habituado a seu projeto não ser compreendido mesmo com seu esforço constante de “aparar todas as pontas”.

Nota-se que os enfrentamentos na busca por um espaço institucional para pesquisar sobre bissexualidade não necessariamente são frutos do nível de qualidade da fundamentação teórica e/ou metodológica do projeto de pesquisa, mas sim têm a ver com o lugar de incredibilidade que o tema ainda ocupa. Por exemplo, se determinada pesquisa, em moldes idênticos, for apresentada objetivando analisar identidades homossexuais, as chances de ser entendida, sendo vista como válida, são maiores. Em suas palavras, Inácio percebeu que “[...] tinha que provar uma coisa que mesmo que você apresentasse provas isso não seria o suficiente porque havia uma desconfiança em relação ao tema. E é uma desconfiança que dados e referências não derrubam porque se trata de preconceito.” (Inácio, 24 anos).

Anteriormente foi narrada a perspectiva de Triz acerca da criação e das primeiras reuniões do GAEBI, sendo Inácio uma das poucas pessoas que frequentaram o grupo e a que mais participou daqueles encontros. Para ele, saber da existência do GAEBI foi importante pois estava se aproximando do tema que pretendia estudar no mestrado, mas sentindo falta de um espaço que o abordasse.

[...] eu acho que nesse momento depois que eu passei a me identificar como bissexual, assim, tinha um debate rolando no Twitter, na internet, Facebook... mas, não se fazia tanta live como se faz hoje na pandemia, as coisas aconteciam mesmo nesse sentido acho que muito em ambientes universitários ou de partidos, o que às vezes acabavam dando no mesmo. Então, não tinham eventos específicos pra falar sobre bissexualidade, ou grupos, ou cursos... em Belém, especificamente. E aí nos que haviam, mais amplos sobre LGBT, eu tentava trazer essa questão e aí, enfim, eu tava num ponto que tava ficando chato isso. (Inácio, 24 anos).

A primeira exceção que ele encontrou em relação a esse cenário foi quando soube, através do Facebook, de uma roda de conversa sobre bissexualidade, organizada por uma Rede de mulheres negras em Belém. Foi uma oportunidade inédita já que Inácio nunca tinha visto um evento próximo a ele sobre o tema. Ele já sabia da existência de iniciativas no Brasil (citou as rodas de validação do Bi-Sides em São Paulo) mas ter um evento em Belém foi um marco: “[...] eu fui porque era o primeiro evento que eu via sobre bissexualidade na minha vida, no Pará pelo menos.” A roda de conversa aconteceu em setembro de 2018, no mês da visibilidade bissexual, e compareceram Inácio e mais 5 pessoas. Ele lembrou que uma das questões comentadas no evento foi a dificuldade de realizá-lo pois outras pessoas da Rede não consideravam necessário esse recorte para a

bissexualidade em vez de uma abordagem menos específica como uma roda de conversa sobre lésbicas e bissexuais, por exemplo. Mas, mesmo sendo com poucas pessoas, a roda de conversa foi muito boa, como mencionou Inácio “foi a primeira vez que eu pude sentar e falar sobre bissexualidade com outras pessoas e que eu percebi coisas básicas que eu achava que eram muito próprias minhas, mas não eram só minhas.”. Isso ressalta como a simples existência/criação de um espaço para a bissexualidade, independente de sua amplitude, certamente fará diferença em seu contexto.

Já no ano de 2019, mais dois eventos foram criados em Belém. Inácio teve a oportunidade de participar de um deles como palestrante. Foi um espaço sobre visibilidade bi criado pelo centro acadêmico de Ciências Sociais da UEPA e como Inácio já havia apresentado alguns resumos de trabalho, alguém da organização lembrou que ele estudava sobre bissexualidade e o convidou para dar uma palestra. Ele foi a única pessoa do meio acadêmico a palestrar no evento, que aconteceu no dia da visibilidade bi (23 de setembro) de 2019<sup>34</sup>.

Mas, voltando ao evento em que Inácio participou como palestrante, foi nessa época que um amigo de uma amiga sua compartilhou no Twitter que iria ser lançado na UFPA um grupo de estudos sobre bissexualidade chamado GAEBI. Inácio foi, o evento aconteceu na sala de reuniões na Faculdade de Psicologia na UFPA que o pessoal havia conseguido autorização para utilizar através de uma professora que apoiou a ideia. Era o primeiro encontro do GAEBI e todo mundo se apresentou, exaltando a oportunidade de um espaço para falar sobre bissexualidade e foi apresentado pelas pessoas idealizadoras um cronograma de leituras para discussão. Estavam presentes 5 pessoas além de Inácio, e exceto ele, todas eram do curso de Psicologia da UFPA e o texto que foi discutido foi um capítulo da dissertação de Elizabeth Sara Lewis. Já no encontro seguinte, compareceram apenas Inácio e Triz, e esse encontro foi em uma sala diferente, que era como um miniauditório e os dois conduziram o encontro conversando sobre o texto indicado. Triz estava sentada em uma das cadeiras na “plateia” e Inácio no “palco”. Curiosamente, era do lado da sala de um grupo de pesquisa de gênero da UFPA. Mas no encontro seguinte Inácio não conseguiu chegar a tempo, restando somente Triz e a reunião não aconteceu. Essa foi a sequência de encontros que levou ao que ela descreveu

---

<sup>34</sup> Vale mencionar que, na outra ponta do Brasil, essa foi a mesma época em que eu também tive a oportunidade de participar de um evento sobre bissexualidade, que eu e um amigo e colega organizamos na UFSM. Foi em junho (mês do orgulho LGBTQIAP+) de 2019, e se tratou de uma roda de conversa sobre visibilidade bissexual. O espaço que conseguimos para a realização do evento foi a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Naturais e Exatas em que ele era bolsista.

anteriormente como uma dissolução muito rápida do grupo recém criado. Mas, como visto, no contexto da pandemia, o grupo conseguiu se reerguer com uma estrutura on-line e se tornou um dos espaços mais importantes do Brasil de apoio às pesquisas sobre bissexualidade. Ainda assim, até hoje não é um grupo de estudos formalmente vinculado a uma instituição de ensino superior, apenas têm integrantes que têm vínculos.

Na narrativa sobre o seu envolvimento com a bissexualidade enquanto tema de pesquisa e pauta de eventos, Inácio disse que quando participou da roda de conversa, jamais se imaginaria em meio a organização de um espaço para tratar sobre bissexualidade. Mas, no momento da realização dessa pesquisa, ele está ocupando um lugar bem diferente, principalmente com a coordenação do GAEBI passou a idealizar e organizar espaços como o I SENABI, cuja realização (como já mencionado) teve grande significado para nós, para mim e outras pessoas participantes dessa pesquisa. Se tratou, inclusive, de um engajamento afetivo, pois nos dedicamos para realizar um evento que era o nosso “evento dos sonhos” com uma programação (conforme imagem abaixo), que reuniu, criou condições ainda mais estreitas de diálogo entre diferentes gerações de pessoas pesquisadoras sobre bissexualidade. Idealizado pelo GAEBI e que teve sua primeira edição realizada juntamente com o Departamento do Curso de Comunicação da UFRN, com o apoio de ativistas independentes e coletivos e organizações. Para além do propósito de reunir pessoas pesquisadoras da bissexualidade e fomentar um campo de estudos e celebrar sua memória, o SENABI é símbolo, assim como o Festival Bi+, de uma caminhada para construir uma memória bissexual e produzir e reunir dados sobre a bissexualidade.

### Programação I SENABI

<p> <b>01 de dezembro</b> quarta-feira</p> <p><b>CONFERÊNCIA DE ABERTURA:</b> 19h às 21h – com Regina Facchini</p> <p> <b>02 de dezembro</b> quinta-feira</p> <p><b>MESA:</b> "30 anos de Estudos sobre Bissexualidade no Brasil" 9h às 11:30h – com Fernando Seffner, Helena Motta Monaco, Ismar Inácio dos Santos Filho e Maria Leão</p>	<p> <b>02 de dezembro</b> quinta-feira</p> <p><b>RODA LIVRE DE CONVERSA</b> <b>SOBRE VIVÊNCIAS BISSEXUAIS:</b> 15h às 17h – com mediação de integrantes do GAEBI</p>
<p> <b>02 de dezembro</b> quinta-feira</p> <p><b>MESA:</b> "Ativismos bi: políticas dissidentes e relações de poder" 19h às 21h – com Camila Dias Cavalcanti, Dani Vas e Danieli Klidzio</p> <p> <b>03 de dezembro</b> sexta-feira</p> <p><b>MESA:</b> "Bissexualidade na mídia: representações e representatividades" 09h às 11h – com Nanda Rossi, Talitta Cancio e Thaynan Bandeira</p>	<p> <b>03 de dezembro</b> sexta-feira</p> <p><b>MESA:</b> "Saúde Mental Bissexual: patologização, silenciamento e enfrentamentos" 15h às 17h – com Kaique Oliveira Fontes, Melissa Jaeger e Santiago de Paiva</p> <p> <b>03 de dezembro</b> sexta-feira</p> <p><b>CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO:</b> 19h às 21h – com Elizabeth Sara Lewis</p>

Fonte: Organização do I SENABI.

Assim como Inácio, muitos de nós partimos de um contexto em que nunca tínhamos tido oportunidade de participar de um evento sobre bissexualidade, seja ele acadêmico ou uma roda de conversa ou de acolhimento. E o I SENABI trouxe consigo a proposta de, tendo como princípio a apresentação, revisão e integração das pesquisas acadêmicas sobre bissexualidade no Brasil, abrir espaço para a validação, o acolhimento e o reconhecimento da bissexualidade.

Como menciona Jamilie Santos de Souza (2021), já citada na revisão de literatura e que também escreveu sua dissertação durante a pandemia e integra o GAEBI, a inserção em ambientes digitais de discussão e pesquisa sobre bissexualidade foi importante para a construção de sua dissertação. Ela cita o GAEBI, o grupo Bissexuais Brasil e o grupo do

Coletivo Bi Sides no Facebook como espaços que lhe permitiram desde o acesso a interlocutoras de pesquisa até o encontro com outras pessoas pesquisadoras do tema da bissexualidade. E para mim não foi diferente, sendo, inclusive, Jamilie uma das pessoas que conheci durante o trabalho de campo e minha trajetória enquanto pesquisadora sobre bissexualidade.

Nessa linha de movimentos, no início de 2023, o GAEBI passou a ser a Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência. Essa mudança aconteceu, de certa forma, organicamente, pois ao longo de sua atuação, o GAEBI teve papel central na integração de pessoas pesquisadoras de diferentes regiões do Brasil em torno do tema da bissexualidade. Isso tem sido consequência das realizações das leituras e reuniões do grupo, bem como tem sido motivo de orgulho para quem delas participa. Apesar de a cada encontro chegar gente nova, há um público fixo, que dialoga também a partir do grupo no Telegram e assim uma rede se fortalece chegando ao planejamento do I SENABI. E, essas pessoas (inclusive eu) com a intenção de chegar cada vez em mais pessoas pesquisadoras, mas também como tentativa de adequar-se nominalmente e em uma ampliação de proposta ao que na prática já tem acontecido, intencionamos essa transformação do GAEBI.

#### **4.1.4 Ativismo, afeto e regionalidades**

Por fim, trago Trix (elu/delu) e Roney (ele/dele) como participantes entrevistados durante a pesquisa para a discussão de um último tópico que objetiva sintetizar questões sobre ativismo a partir das noções de afeto e o debate acerca de regionalidades constituintes das existências visibilidades bi brasileiras, pensando que a diferença regional afeta essa rede de visibilidades bi da qual trato. Sobre Trix e Roney, os conheci em 2020 pelo Bissexuais BR, perfil que administram no Instagram e conversamos em uma entrevista em dupla, apesar de que Trix precisou sair mais cedo para um compromisso. Essa foi a única entrevista nessa configuração e foi feita pelo fato de eu conhecê-los muito mais enquanto “Bissexuais BR”, enquanto uma dupla, do que individualmente em seus trabalhos e trajetórias.

Trix Gomes tem 25 anos e é uma pessoa branca, não binária e bi, nasceu em Teresina/Piauí e cursa Psicologia na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Roney Rodrigues tem 30 anos, é um homem branco, cisgênero e bi e nasceu em Teresina - Piauí mas se criou em Cabeceiras do Piauí - Piauí.

Desde criança Trix gostava de meninos e meninas ao mesmo tempo em que pensava se era errado gostar de meninas tendo presente uma sensação de culpa e de erros. Seu primeiro relacionamento sério foi com um homem e viu como uma oportunidade para descobrir se realmente gostava de homens. Ele entrou na universidade em 2014 e sabia o que era alguém bissexual e que era “de boas” gostar de pessoas independente de gênero, mas ainda não se sentia à vontade para dizer o que ele era, queria ou sentia.

Trix conta que foi na universidade que conheceu pessoas que não tinham medo de dizer que eram bissexuais, onde o movimento LGBTQIAP+ e criou um círculo de afeto com outras pessoas bi, sendo Roney uma delas e se aproximaram a partir de suas identidades. Conhecer Roney foi importante porque ele lhe foi uma representação da bissexualidade masculina importante já que é um recorte da identidade bi que ele menciona entender como “extremamente invisível, apagada e esquecida”. Assim, uma das questões que se destacou em seu processo de identificação foi o ambiente da universidade enquanto espaço de socialização e de acesso a outras pessoas bissexuais. Uma das primeiras frases de Trix e Roney quando se conheceram foi “tu é bi?”, “eu sou bi!”, “nossa, somos bi!”.

Para Roney o processo foi muito semelhante pois contou que também “sempre soube que gostava de meninos e de meninas, né, desde criança mas não conhecia a palavra bissexualidade, não entendia nada sobre isso e como a sociedade e no interior as pessoas sempre me leram como gay e eu fui me identificando como gay” (Roney, 30 anos). Ele destacou que, “mesmo passando por violências, eu fui deixando as pessoas dizerem que eu era gay porque elas me liam daquela forma, né, pelos trejeitos afeminados e tudo, por andar sempre mais com meninas”. Mas, foi quando começou a estudar na UFPI e morar na capital que pode “entender quem realmente era”. “Eu entrei em 2012 aí já fui de cara entrando no movimento estudantil já participando de movimentos LGBTQIA+ na época, e em 2014 a minha vida cruzou com o Trix na eleição do DCE.” (Roney, 30 anos).

Já Trix, além do contexto da universidade em si, também pode conhecer outras pessoas LGBs a partir do Cajuína, um centro de assessoria jurídica em que estagiava. Ali Trix conheceu mulheres bi que tinham relacionamentos e uma vida pública enquanto tais que não precisavam se esconder e isso foi inspiração e força para ela. Ao mesmo tempo, ter Roney na sua vida também lhe permitiu entender quais eram os apagamentos que ela enfrentava sendo uma pessoa bi em um relacionamento com um homem cisgênero. Além disso, ela apontou que percebe apagamentos de forma geral sobre a bissexualidade a partir do entendimento equivocado de que o prefixo “bi” significa que

a bissexualidade só se refere aos gênero feminino e masculino por conta da binariedade, do binarismo que existe na nossa sociedade de tentar separar todas as coisas em duas coisas. Então eu acho que parte primeiro daí, de que a bissexualidade não é só a atração por homens e mulheres, mas é uma atração independente de gênero e a gente precisa entender que existem pessoas não binárias e que essas pessoas não binárias podem sim ser bissexuais da mesma forma que uma pessoa bissexual pode amar e desejar uma pessoa não binária e aí a gente já fala do apagamento das pessoas não binárias dentro do meio LGBT como um todo.

Além desse acesso a informações e construção de entendimentos que o ambiente universitário lhes trouxe, a internet, tanto sobre bissexualidade como não binariedade, foi importante. A relação de Trix com a internet vem de muito antes da pandemia, em 2014. Ele não “mexia muito com internet” e destacou que “o contato com pessoas reais” foi muito mais importante mas lembra que para ensinar outras pessoas pois participava de projetos e precisava se dedicar a esse lado educativo sobre sexualidade e gênero, para ele,

não era só uma questão de vivência pois eu precisava alinhar as questões de teoria com a prática e aí eu lembro que descobrir o blog do Bi-Sides para mim foi algo extremamente importante, ler um texto do Bi-Sides que o nome era ‘Quem tem medo de bissexual?’ foi extremamente importante. Esse texto, ele me marcou muito, sabe, então eu acredito que esse processo de mídias digitais sobre bissexualidade foi importante pra mim quando eu encontro o blog do Bi-Sides, quando eu passo a conhecer um pouco mais sobre a teoria, sabe? (Trix, 25 anos).

Especificamente sobre a não binariedade a internet foi importante pois, embora não tenha certeza, ele acredita que possa ser a primeira pessoa, ou foi uma das primeiras a ter se identificado como não binária em Teresina, ou pelo menos, a dizer publicamente o termo. A partir delu, foi vendo outras pessoas falarem abertamente sobre e percebeu que depois que falou, muitas chegaram para ele para perguntar sobre. E esse processo “só veio por causa do meu contato com as redes sociais, por causa do meu contato com o Twitter, com o Instagram, por achar pessoas não binárias pela internet, em um processo em que eu tava a todo momento tentando sair do que era colocado pra mim enquanto mulheridade.”

Trix e Roney já haviam aparecido nas falas de Talitta, e Roney mencionado por Inácio justamente como referência na crítica sobre a invisibilização do norte de forma geral, mas também com atenção especial à bissexualidade. Eles se destacam como pessoas importantes no ativismo bissexual do Piauí sendo responsáveis, juntamente com Emanuele e Hano, por fundarem a Frente bissexual do Piauí em 2018.

## A criação da Frente se deu

porque aqui em Teresina aqui no Piauí a gente não via nenhuma forma de articulação de pessoas bissexuais, a gente não conhecia outras pessoas bissexuais e o movimento em si, ele já tava muito carregado, né, por questões da lesbianidade e pelas questões da homossexualidade, e aí era muito difícil a gente criar pontes de diálogo, criar pontes de conversa com essas outras pessoas que já tavam há tanto tempo no movimento. Tanto é que eu participei do Conselho Estadual LGBT daqui do meu estado e eu sofri tanto um apagamento da minha identidade de gênero a ponto de eu sair do Conselho da mesma forma que... e não foi nem um apagamento, foi um ataque mesmo pessoal pela minha identidade de gênero, por ser uma pessoa não binária. E, no Conselho também tinha apagamentos e tinha piadas bifóbicas que eram ditas a todo momento e a gente não podia falar nada sobre porque era minoria, sabe? Então, a gente já vem de uma cidade que ela não tá aberta pra esse campo de diálogo, não tá aberta para um campo de diálogo sobre bissexualidade e sobre as transgeneridades. (Trix, 25 anos).

Trix afirma que a criação da Frente Bissexual foi um sonho feito com “muita garra” e o relato de Roney descreve esse processo como uma necessidade.

A Frente foi uma necessidade urgente de acolher pessoas bissexuais a gente pensou o acolhimento no primeiro momento porque a gente já participava de um movimento social e estudantil então a gente percebia o quantas pessoas bissexuais eram retraídas e o quanto não tinham vontade de militar no movimento LGBT, não tinham vontade de participar de nada que pautasse a sexualidade, então a gente pensou a Frente Bissexual do Piauí num primeiro momento como acolhimento organizando rodas de conversa e de acolhimento pra gente trocar afetos e abraços. Foi nesse sentido que a gente pensou, né, primeiramente pra fortalecer essas pessoas pra que elas se sentissem à vontade pra inclusive militar se assim quisessem [...] (Roney, 30 anos).

De forma geral, Trix e Roney sintetizaram um sentimento importante nas mobilizações bissexuais: para que visibilidades bi existam o afeto como motivação e construção de vínculos é muito importante. Construir um movimento ativista ou fazer uma pesquisa acadêmica acerca de uma identidade que, muitas vezes, sequer é entendida como existente por outros grupos é um desafio emocional, sendo o encontro com pares uma das saídas de fortalecimento. Como descreveu Roney:

[...] aqui acho que a maioria é militante e a gente sabe como a gente se sobrecarrega e como a gente esquece os nossos limites e acaba passando por cima, inclusive, das nossas vidas, que é algo que eu venho trabalhando desde 2019 e por isso eu melhorei bastante nesse sentido, não que a militância seja algo negativo ou ruim pois foi importante inclusive nos nossos processos de existência e de reconhecimento, né, mas a gente acredita que, em um primeiro momento eu sempre acreditei nisso e Trix me acompanha desde o início, eu

sempre acreditei no afeto, né, como algo transformador, que é o que eu faço. Eu faço um trabalho aqui, né, relacionado com adolescentes e eu sempre acreditei que o afeto com relação a bissexuais também seria importante. (Roney, 30 anos).

No entanto, já em relação às mídias digitais, Trix e Roney afirma que as redes sociais foram importantes para aproximações com outras pessoas porém muito mais no período pré e pós-pandemia, especificamente no período pandêmico elu e Roney tiveram enfrentamentos diferentes pois sentiram-se desgastados ao se verem obrigados a interromper as mobilizações da Frente Bi do Piauí. A Frente acessava pessoas e estava presente em espaços públicos como as Paradas da Diversidade e prezava muito por isso, por acessar pessoas do nordeste. Enquanto no período pandêmico, integrando-se a outros coletivos como a Frente Bissexual Brasileira precisaram lidar com as diferenças regionais. Roney contou que sentiram dificuldade de se verem acolhidos na Frente Bissexual em alguns momentos, por conta de traços de xenofobia que foram identificados e a partir do diálogo conseguiram apontar e evitar o esvaziamento de pessoas de regiões como o norte e o nordeste.

Outra consideração é que Trix e Roney (nordestinos) se somam à Triz e Inácio (nortistas) em relação a valorização do sul e sudeste, seja em referências, espaços, sujeitos e até mesmo ativismos que são visibilizados. Nota-se que há uma localização dos saberes majoritariamente visibilizados a partir de determinadas regiões do Brasil, do eixo RJ-SP e por uma lógica preponderantemente urbana e não interiorana. Ao longo da pesquisa percebi posicionamentos de coletivos junto à Frente Bissexual Brasileira e os relatos das pessoas participantes reiteraram a necessidade dessa descentralização do ativismo e da produção de conhecimento sobre as demandas das população bissexual. Isso também se faz presente como uma preocupação junto às discussões acadêmicas que apontam para visibilidades que se dão majoritariamente a partir de determinados contextos e sujeitos, sendo necessária uma abordagem da bissexualidade e do ideal de “sujeitos bissexuais” por um olhar interseccional pensando categorias como raça e regionalidade.

Portanto, pensar regionalidades permite perceber que há localidades nas mídias digitais seja em relação às regiões do Brasil, ou em relação às diferentes experiências entre quem vive em contextos interioranos ou rurais. Assim como, é possível observar entrelaçamentos nacionais do ativismo, também há regionalismos nas visibilidades bissexuais produzidas e acessadas e em meio às mídias digitais. Entendo que “regional”

não diz respeito somente a regiões sub-representadas, mas grandes metrópoles também podem ser encaradas como regionais, enquanto região privilegiada. Conforme Leitão e Gomes (2017), há terrenos a serem povoados no digital e isso não se dá de maneira totalmente desligada da constituição das cidadanias off-line. Ou seja, ao contrário do que previa o entusiasmo com uma comunicação democrática e democratizadora a partir das mídias digitais e com as tecnologias da comunicação, estas também reproduzem desigualdades de pautas e sujeitos.

Por fim, destaco que, nessa rede de afetos e encontros a partir do on-line, enquanto bi e estudante de psicologia, Trix sendo Frente Bi do Piauí, juntamente com outros coletivos protagonizaram um acontecimento importante para a bissexualidade no Brasil que foi a criação de uma normativa para bissexuais pelo Conselho Federal de Psicologia em 2021.

Tanto o Bissexuais BR, tanto a Frente Bi quanto outros coletivos como o Bi-Sides, o Maria Quitéria, o Coletivo Bil, a gente entrou com um pedido no Conselho Federal de Psicologia pra que se criasse uma normativa... Óh, pronto! Aí a gente já tem a realidade concreta também, né, de dialogar com o sistema, com o conselho, de que o Conselho criasse uma normativa específica pra mostrar pra esses profissionais de Psicologia como deve ser o acolhimento a pessoas bissexuais, por quê? Porque a normativa que a gente tem hoje é só uma normativa relacionada a pessoas trans e uma normativa relacionada a homossexualidade no geral, só que quando a gente vai analisar as demandas das pessoas bissexuais que são levadas e como elas são acolhidas dentro dos espaços terapêuticos ou dentro dos espaços que a psicologia tá inserida, a gente percebe que ainda tem muitos transtornos que estão associados a bissexualidade, que não necessariamente deviam tá associados. (Trix, 25 anos).

A proposta foi aprovada sendo a Resolução 08/2022 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), publicada em 17 de maio de 2022 e “estabelece normas para o exercício profissional da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais, isto é, orientações sexuais nas quais a atração afetivo-sexual está direcionada a mais de uma identidade de gênero.”<sup>35</sup> Fruto de uma articulação que começou com reuniões e notas há anos diante da constante reivindicação de bissexuais que, de forma geral, não apenas no Brasil, sentem dificuldades no acesso à atendimentos psicológicos, pois muitas práticas bifóbicas são comuns. Nesse sentido, a Resolução 08/2022 foi um marco de luta de um movimento articulado em direção à conquista de respeito às identidades bissexuais e monodissidentes nos serviços de saúde. Sendo o acesso à saúde mental uma pauta ampla dos direitos humanos e também cara para pessoas

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-8-2022> Acesso em: 13 jul. 2023.

bissexuais, esse é um exemplo de articulação nacional do movimento bi que se organiza para comunicar e lutar por mudanças. Essa é uma característica do amadurecimento de movimentos sociais que aos poucos estabelecem suas bases para atuarem em articulação institucional para representar seus sujeitos sociais (MACHADO, 2007).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Contra a vergonha que nos impõem, contra o ódio que nos separa, contra o apagamento que nos fere. Lutamos por orgulho, respeito e visibilidade. Lutamos pelas nossas vidas. E continuaremos vencendo, pois a luta bissexual, assim como nós, não tem fronteiras nem conhece limites.”*

*(Manifesto Bissexual Brasileiro, 2021).*

A partir do mapeamento de existências em rosa, roxo e azul tenho identificado movimentos de defesa de um “ponto de vista bissexual” para que sejam possíveis novas políticas e espaços de acolhimento que interpretem a sexualidade de maneira não binária. O conceito de monodissidência como proposta político-comunitária (VAS, 2021) vem sendo, embora aos poucos, cada vez mais conhecido servindo como lente também epistemológica, que permite ressignificar e não apenas negar estereótipos sinalizando a importância de bissexuais falarem com suas próprias vozes e não lutar contra o que um olhar externo diz ou deixa de dizer.

Construindo suas próprias bases, com ativismo que pode ser também afeto e acolhimento é possível abraçar a fluidez da bissexualidade e estimular intersecções com outras vivências como as não binárias, não monogâmicas e assexuais. Ao tensionar a compreensão binária hétero *versus* homo da sexualidade a bissexualidade pode abrir espaço para desestabilizar outros binários como o do gênero (homem e mulher como únicas e existências possíveis); da sexualidade na medida em que coloca em voga a possibilidade de desejo e relacionamentos não centrados no sexo e sim no afeto, por exemplo; ou ainda sobre ideais de relacionamentos e família para além da monogamia.

São geradas fissuras até na forma de fazer ciência e de divulgação científica, afetada pelas tecnologias da informação e por novas epistemologias que se fortalecem nesse trânsito de saberes entre academia, arte e ativismo. Além disso, se baseia em uma estrutura de conhecimento que considera emoções, corpo e sexualidade como ponto de partida de uma visão de mundo que não é privilegiada em si, mas traz uma ótica

“privilegiada” para um campo de estudos no qual a perspectiva monossexual da sexualidade tem tido predominância epistêmica. Isso se reflete nas produções de dados e científicos e também nas políticas para a população LGBTQIAP+.

Pode-se pensar até mesmo em uma coprodução de saberes com base no Manifesto Bissexual Brasileiro (2021). Assim como o Manifesto Bissexual de 1990 (ADORE, 2017), o manifesto brasileiro anuncia enfrentamentos e demarca a existência de vozes e de um movimento. Com 31 anos de diferença, ambos partem de problemáticas em torno do não reconhecimento da sexualidade para além da lógica binária monossexual. Nesse sentido, acionam a mesma noção para pensar o lugar social da bissexualidade academicamente que é a perspectiva crítica à monossexualidade. Pontuada como categoria analítica para interpretar a realidade, “monossexualidade” serve para analisar opressões e como elas se inserem nas práticas sociais e na história pela ótica das monodissidências. É ferramenta epistemológica para nomear o monossexismo, para acusar a diferença e para que seja possível nomear desigualdades e violências, entendendo que não há como analisar determinado fenômeno, como a bifobia ou o monossexismo, sem categorias que traduzem esse tipo de preconceito.

De certa forma, semelhante à heterossexualidade, a monossexualidade é um sistema modelo e compulsório porque é, de certa forma, imposto quando generalizado documentos que suprem uma necessidade de recursos e união de informações que tem sido importante para um movimento bissexual que está em construção, mas que de algum modo já existe há muito tempo. A construção coletiva de documentos como os manifestos, torna público as demandas da população e coloca em debate a existência e resistência da bissexualidade enquanto identidade política. Em meio a isso, as produções ativistas, artísticas e acadêmicas são movimentos e registros de um modo de ver o mundo a partir de demandas e construções de espaços por e para bissexuais.

E, do mesmo modo como o ativismo também é lugar de produção e divulgação de conhecimento, a universidade é lugar de criação e inserção de diferentes saberes e que não se pressupõem neutros. O movimento social bissexual atua sobre a academia e vice-versa e as produções nas redes sociais sinalizam uma preocupação para que a produção do conhecimento acadêmico sobre a bissexualidade ultrapasse os muros da universidade.

Portanto, a intenção foi pensar a identidade e produções bissexuais partindo da compreensão de que bissexuais estão falando sobre suas condições a partir das mais diversas produções de conteúdo e criação de espaços, e inclusive, de suas pesquisas científicas. Bem como, percebe-se o impacto da coletividade e dessas próprias produções

como estratégias de manutenção e incentivo para a permanência na universidade e o seguimento de suas pesquisas, de seus projetos e demais visibilidades nesse movimento em rede. Trata-se de um movimento cujas condições de existência dependem das mídias digitais e do acesso à internet para que pessoas, iniciativas, conteúdos, e articulações possam se integrar para dar forma à uma rede bissexual a partir do contexto de pandemia. Em meio às mais adversas condições, esse período pandêmico possibilitou que visibilidades bi on-line se fortalecessem entre si e até mesmo se reconhecessem em suas potencialidades. Identifiquei um movimento com capacidade de representação ampla a partir de suas localidades, sendo a comunicação e a discussão em, e a partir de, conexões on-line fundamental.

Assim, uma rede de existências em rosa, roxo e azul está em constante construção e, não sem disputas, podem ser vistas como proposta político-comunitária que é um convite à desestabilização e tensionamentos das fronteiras academia-ativismo-arte. Não busquei um mapeamento completo, mas a identificação de entrelaçamentos e criação de condições de existências a partir das mídias, visualizando que há uma potente produção coletiva que intersecciona produções artísticas, ativismo e academia. Com isso, contribuo para que se pense em um movimento bissexual no Brasil que tem se tornado mais abrangente a partir das mídias digitais. No entanto, não se trata de “um movimento” uno, mas de uma rede de iniciativas e saberes plurais, que parte de diferentes campos de referência e que se fortalece entre si, que é como uma comunidade, em ambientes de acolhimento forjados a partir das mídias digitais que produzem suas próprias condições para se expandir, acolhendo e atingindo mais pessoas. As narrativas de si e as experiências são elencadas nas produções artísticas, estão presentes nas produções e relatos e também são elemento chave para a motivação de boa parte das pesquisas científicas sobre bissexualidade.

Nas existências em rosa, roxo e azul, a linguagem é também visual e cria, ilustra e demarca espaços on-line, pois ocupar as mídias também é ocupar o espaço público. E assim como qualquer espaço público, estruturas de poder e disputas estão presentes, as postagens dos perfis e as produções artísticas, bem como os comentários e compartilhamentos fazem circular saberes e colocam em cheque diálogos e contrapontos, especialmente em relação a uma perspectiva binária da sexualidade que teima em preponderar. Por isso, é preciso um olhar crítico sobre as mídias digitais, desde seus impactos na comunicação até as disputas presentes com um olhar atento para a não homogeneização, inclusive dessas existências e visibilidades bi.

Nesse sentido, o ativismo bissexual brasileiro procura conjugar perspectivas, não em visões homogêneas, mas a partir da percepção de que mesmo em extremos diferentes do Brasil, a bifobia é a mesma. Nesse cenário, além da Frente Bissexual, além de uma busca de um propósito de ampliação, é um exemplo simbólico o GAEBI transformar-se na REBIM assumindo uma abrangência nacional ao abraçar uma carência de espaços acadêmicos e ativistas próprios e seguros de incentivo coletivo à uma produção almejada. Vejo isso como o cenário que localiza minha intenção com essa pesquisa de ter (in)visibilidades como ponto de partida propondo uma virada discursiva para que essas iniciativas possam ser cada vez mais vistas.

É possível concluir que o ativismo bissexual no Brasil se dá como uma costura de elos entre bissexuais, o que tenho visto como uma grande rede que tem potencial de se consolidar a partir das diferenças entre motivações, linguagens, meios e até mesmo regiões e culturas. É um ativismo constituído, predominantemente, pelos ativismos cotidianos de “pessoas comuns”, que se expande num movimento de “fazer-se água” e constrói espaços e estratégias que aos poucos invadem ambientes institucionais e acadêmicos, além dos espaços públicos das redes e mídias sociais. Em uma rede, orgânica, não fixa e em crescimento, visibilidades bissexuais brasileiras conversam a partir de diferentes linguagens e elaboram caminhos ou brechas para si, movidas pela perspectiva de cada vez menos terem o sentimento de “falarem sozinhas”.

## REFERÊNCIAS

ADORE, Ava. Manifesto Bissexual. Medium Ava Adore, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@avaadore/manifesto-bissexual-449500cd3bf> Acesso em: 20 set. 2021.

ALMEIDA, Silvio L. de. Prefácio da edição brasileira. In: HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.

ANGELIDES, Steven. **A history of bisexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BAUER, Martin W.; GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BITTENCOURT João Batista de Menezes; PEREIRA, Alexandre Barbosa. Isolamento e distanciamento social: o impacto do coronavírus na vida dos jovens brasileiros, 2020, p. 343-346. In: GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. (orgs). **Cientistas sociais e o coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 343-346. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/ciencias-sociais/destaques/2458-livro-cientistas-sociais-e-o-coronavirus-ebook-download-gratuito> Acesso em: 28 jun. 2021.

BONI Valdete; SÍLVIA J. QUARESMA. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976> Acesso em: 24 ago. 2021.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia de pesquisa na sociologia**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 2015. p. 9-44.

BRUM, Ceres K.; JESUS, Suzana C. de. Mito, diversidade cultural e educação: notas sobre a invisibilidade guarani no rio grande do sul e algumas estratégias nativas de superação. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, p. 201-227, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JNCg4MjRwrKFtZxCfRmjwNC/?lang=pt> Acesso em: 24 ago. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CANCIO, Talitta S. **Sim, elas são bissexuais: representação de personagens bissexuais femininas nas telenovelas da Globo**. 2021. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2021. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/11508> Acesso em: 24 ago. 2021.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CAVALCANTI, Camila D. **Visíveis e invisíveis: Práticas e identidade bissexual**. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9574/1/arquivo9196\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9574/1/arquivo9196_1.pdf) Acesso em: 24 ago. 2021.

CHENEY-LIPPOLD, John. A New Algorithmic Identity. **Theory, Culture & Society**, v. 28, n. 6, p. 164–181, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263276411424420> Acesso em: 24 ago. 2021.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COHEN, Cathy; ALMEIDA, Valeria L. de. Punks, sapatonas e welfare queens - potencial radical da política queer? **Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 21-58, dez. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/46807> Acesso em: 24 ago. 2021.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer**. Salvador: Editora Edufba, 2015.

CORACINI, Maria J. R. F. A celebração do outro na constituição da identidade. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 201-220, 2003. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/30024/18620> Acesso em: 24 ago. 2021.

CRUZ, Beatriz F. Faces da bifobia dentro (e fora) da comunidade LGBTQIAP+: reflexões a partir de narrativas de pessoas bissexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/NP3S8R3yYnfHrpwfPVhDgVG/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 31 jan. 2023.

CRUZ, Beatriz F. **Invisi(bi)lidades: vivências bissexuais na comunidade LGBTQIA+ na região metropolitana de Belém-PA**. 2021. 46 f. Monografia (Bacharelado em Psicologia) Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter '*anthropological blues*'. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. p. 23-35.

DESLANDES, Suely F. O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 10, p. 3133-3136, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/qmYg4yygsjgWwmQ8MvHVM5N/?lang=pt> Acesso em: 24 ago. 2021.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: uma análise dos conceitos de poluição e tabu**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EISNER, Shiri. **Bi: Notas para uma revolução bissexual**. São Paulo: Editorial Linha a linha, 2021.

ENGER, Victor. **(BI)CHAS: A Bissexualidade e o Ser Afeminado**. 2020. Memorial Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação e Mídias) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2020.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras:** mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280657> Acesso em: 24 ago. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREITAS, Eliane T. Linchamentos virtuais: ensaio sobre o desentendimento humano na internet. **Antropolítica**, Niterói, n. 42, p. 140-162, 1. sem. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41893> Acesso em: 24 ago. 2021.

**Frente Bissexual Brasileira.** Disponível em: [www.frentebissexualbrasileira.org](http://www.frentebissexualbrasileira.org). Acesso em: 28 out. 2021.

GARBER, Marjorie. **Vice-versa:** bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HACKING, Ian. **Ontologia Histórica.** Porto Alegre: Ed. Unisinos, 2009.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade:** raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 3, p. 103 - 133.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7 - 41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> Acesso em: 24 ago. 2021.

HILST, Hilda. **Rútilos.** São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz A. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 2, 2020, p. 1-42. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370> Acesso em: 24 ago. 2021.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. **Ponto Urbe**, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1925> Acesso em: 24 ago. 2021.

JAEGER, Melissa B. **Experiência de minas bissexuais**: políticas identitárias e processos de marginalização. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205732> Acesso em: 24 ago. 2021.

JAEGER, Melissa B.; LONGHINI, Geni N.; OLIVEIRA, João M. de; TONELI, Maria J. F. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 2, n. 11, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011> Acesso em: 23 ago. 2021.

KLIDZIO, Danieli. “**Será que realmente existe isso?**”: Reflexões acerca da bissexualidade e da pansexualidade femininas. 2019. 64 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19897> Acesso em: 24 ago. 2021.

KLIDZIO, Danieli; MONACO, Helena M. Bi-biblioteca: divulgação científica sobre bissexualidade e monodissidência no Instagram. **Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 5, 2022. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3721> Acesso em: 10 abr. 2023.

LAGO, Regina F. do. **Bissexualidade Masculina**: dilemas de construção de identidade sexual. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1999.

LEÃO, Maria. **Os unicórnios no fim do arco-íris**: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais. 2018, 117 f. Dissertação (Mestrado) - Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-909618> Acesso em: 24 ago. 2021.

LEITÃO, Débora K; GOMES, Laura G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica**, n. 42, 1 sem. 2017, p. 41-65. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/12043> Acesso em: 24 ago. 2021.

LEWIS, Elizabeth S. “**Não é uma fase?**”: Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. 267 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20671@1> Acesso em: 24 ago. 2021.

LEWIS, Elizabeth Sara. O ciclo paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade nos movimentos LGBT: resistências em narrativas de ativistas bissexuais. **Anais do Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, Salvador, v. 1, n. 1, p.1-12, set. 2017.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane T. de. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo** (São Paulo -1991), v. 29, n. 2, p. e181821-e181821, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181821> Acesso em: 24 ago. 2021.

LOURO, Guacira L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722/40669>. Acesso em: 24 ago. 2021.

LOURO, Guacira L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUCCHESI, Yasmin. **Bi: um olhar sobre os entraves enfrentados pela comunidade bissexual na contemporaneidade**. 2018. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) - Universidade Federal Fluminense. 2021. Disponível em: <https://www.academia.edu/41856756> Acesso em: 24 ago. 2021.

MACHADO, Ali; SILVA, Sandra R. da. “Lá eu posso ser mulher”: cotidiano e sociabilidade travesti em trajetórias digitais. **Contracampo**, v. 36, n. 3, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17623> Acesso em: 28 out. 2021.

MACHADO, Jorge A. S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, p. 248-285, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/JKWntC6dkPCjpRXtXfFzYzk/> Acesso em: 24 ago. 2021.

MACHADO, Leila D. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, p. 146-150, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 ago. 2021.

MARTINS, Heloisa H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 ago. 2021.

MAURANO, Tatiana R.; FACCHINI, Regina; JESUS, Fabiana K. de. **Carta a uma amiga bissexual**. 2010. Disponível em: <http://blog-espaco->

[b.blogspot.com/2010/06/carta-uma-amiga-bissexual\\_21.html](http://b.blogspot.com/2010/06/carta-uma-amiga-bissexual_21.html) Acesso em: 28 out. 2021.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 91-111, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334/352> Acesso em: 24 ago. 2021.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, vol. 10, n. 21, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/?lang=pt> Acesso em: 24 ago. 2021.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, p. 150-182, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpnrcJvdn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 ago. 2021.

MONACO, Helena M. Acolhimento como ativismo: ações de um coletivo bissexual na criação de espaços “monodissidentes.” **Simbiótica Revista Eletrônica**, v. 7, n. 3, jul.-dez., p. 228-251, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/33701> Acesso em: 24 ago. 2021.

MONACO, Helena M. “**A gente existe!**”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. 2020b. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020b. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19897> Acesso em: 24 ago. 2021.

MONACO, Helena M. Quem cala consente? Ambientes digitais e suas implicações para a pesquisa antropológica. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), v. 29, n. 2, p. 1-19, 2020c. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175295> Acesso em: 24 ago. 2021.

MONACO, Helena; KLIDZIO, Danieli. O digital é político: ativismo bissexual e apropriações das mídias digitais. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, v. 5, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/13089> Acesso em: 13 ago. 2023.

MOURA, Maria A. Ciência da Informação e humanidades digitais: mediações, agência e compartilhamento de saberes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, p. 57-69, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/GzKTfV7D4s7RLMM6qgpHkJF/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 28 out. 2021.

NERI, Nátaly. **O algoritmo vai matar o criador de conteúdo:** maquia & fala com produtos veganos importados da milk, YouTube, 14 set. 2021. 26 min. 50 s. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=n14ye\\_LvIoM](https://www.youtube.com/watch?v=n14ye_LvIoM) Acesso em: 15 set. 2021.

NUNES, César A. **Desvendando a sexualidade.** 7 ed. Campinas: Papyrus, 2005.

ORTIZ, Renato. Ordem/desordem em tempos de pandemia. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, p. 181-186, 2021. Disponível em: [http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2021/08/11\\_v11n-especial\\_RenatoOrtiz-RP5.pdf](http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2021/08/11_v11n-especial_RenatoOrtiz-RP5.pdf) Acesso em: 28 out. 2021.

PARISER, Eli. **O Filtro Invisível:** o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PETRY, Analídia R.; MEYER, Dagmar E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/7375> Acesso em: 24 ago. 2021.

PRECIADO, Paul; NOGUEIRA, Fernanda Ferreira Marcondes. Quem defende a criança queer? **Revista Jangada**, Viçosa, n. 1, p. 96-99, 2013. Disponível em: <https://revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17> Acesso em: 24 ago. 2021.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01> Acesso em: 24 ago. 2021.

REVEL, Judith. **Foucault:** conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

REZENDE, Camila R. de A. Escrita Epistolar - cartografias de uma epistemologia feminista. **RELAcult Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1444> Acesso em: 24 ago. 2021.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays:** gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309> Acesso em: 24 ago. 2021.

ROSSI, Fernanda S. **Representação cultural e reconhecimento da bissexualidade:** uma análise de Minha Mãe É Uma Peça 2 e The Bisexual. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020. Disponível em:

[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/ComunicacaoSocial\\_FernandaSantosRossi\\_8670.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/ComunicacaoSocial_FernandaSantosRossi_8670.pdf) Acesso em: 22 ago. 2021.

SANTOS FILHO, Ismar I. dos. **A construção discursiva de masculinidades bissexuais**: um estudo em linguística queer. 2012. 248 f. 2012. Tese (Doutorado em Letras ) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11663> Acesso em: 24 ago. 2021.

SCOTT, Joan W. *et al.* A invisibilidade da experiência. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 16, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183> Acesso em: 24 ago. 2021.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 24 ago. 2021.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 ago. 2021.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003, 261 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4340> Acesso em: 24 ago. 2021.

SEGATO, Rita L. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. **Mana**, v. 12, p. 207-236, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/tRYDbBv8ZQf9SJmpvSywtjb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 7 set. 2021.

SILVA, Sandra R. da. A globalização como desafio para o trabalho de campo e a produção etnográfica. In: Bruno Campanella, Carla Barros (orgs.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016. p. 47-67.

SILVA, Valdeci G. da. **Faca de dois gumes**: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa. 1999. 168 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

SIQUEIRA, Monalisa D. de; KLIDZIO, Danieli. Bissexualidade e pansexualidade: identidades monodissidentes no contexto interiorano do Rio Grande do Sul. **Revista Debates Insubmissos**, v. 3, n. 9, p. 186-217, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/246520> Acesso em: 7 set. 2021.

SOUZA, Jamilie S. de. **Tecendo identidades nas fronteiras:** o vestir em narrativas de mulheres bissexuais. 2021. 157 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/24785> Acesso em: 13 jul. 2021.

SOUZA, Patrick B. R. de. **Bixa, Preta, Trans e Periférica:** Linn da Quebrada e as performatividades de gênero dissidentes com as mídias digitais. 2019. 246 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/18652> Acesso em: 14 set. 2021.

VAS, Dani. **Militância enquanto convite ao diálogo:** o caso da militância monodissidente. 2021. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-09112021-140959/publico/vas\\_corrigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-09112021-140959/publico/vas_corrigida.pdf) Acesso em: 13 jul. 2023.

VAS, Dani. Minha militância monodissidente. **Bi-Sides**, São Paulo, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bisides.com/post/minha-milit%C3%A2ncia-monodissidente> Acesso em: 22 ago. 2021.

VAS, Dani; GUIMARÃES, Danilo Silva. Militância enquanto convite ao diálogo: o caso da militância monodissidente. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/jtnDrbLMBsfjhB8hRHN9X4K/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 13 jul. 2023.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. p. 121-132.

WARD, Jane ; SCHNEIDER, Beth. The Reaches of Heteronormativity. **Gender & Society**, Illinois, v. 23, n. 4, p. 433-439, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891243209340903>. Acesso em: 24 ago. 2021.

WARNER, Michael. Introduction. In: WARNER, Michel (edit.). **Fear of a queer planet:** Queer politics and social theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOPES, Guacira L. (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

YOSHINO, Kenji. The Epistemic Contract of Bisexual Erasure. **Yale Law School Legal Scholarship Repository**, New Haven, v. 1, n. 1, p. 353-461, 2000. Disponível em: [https://digitalcommons.law.yale.edu/fss\\_papers/4384](https://digitalcommons.law.yale.edu/fss_papers/4384) Acesso em: 24 ago. 2021.

## **ANEXO A – MANIFESTO BISSEXUAL BRASILEIRO**

**Lutamos.** A luta bissexual não é recente e tampouco silenciosa. Há décadas batalhamos por nossos direitos contra as muitas opressões que buscam apagar a nossa existência. Lutamos para nos vermos, nos cuidarmos e nos orgulharmos de quem somos. O monossexismo impõe um padrão que privilegia monossexuais (heterossexuais, lésbicas e gays) em detrimento das pessoas bissexuais. É dele que deriva a bifobia: a opressão social que tem como alvo a não monossexualidade. Este sistema reforça oposições binárias e a norma cisheterossexual e machista, limitando as possibilidades do ser.

**Existimos.** Bissexuais são pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva. Não existe um jeito certo ou errado de ser bissexual, apenas somos. Nossa sexualidade existe de forma plena e possui uma história própria que nos permite estarmos hoje aqui, com orgulho de ser quem somos. Somos também pessoas negras, gordas, trans, com deficiência, neurodivergentes, indígenas, pobres, intersexo, vivendo com HIV/AIDS e de todas as regiões do país. Somos mais.

**Enfrentamos.** A violência bifóbica tem muitas formas. A bifobia faz com que seja ainda mais difícil e exaustivo sairmos do armário para as pessoas importantes das nossas vidas, em locais de trabalho, de estudo, mais ainda no ambiente familiar. Nossos índices de saúde mental e uso abusivo de álcool e outras drogas são extremamente preocupantes. Somos suscetíveis a violência conjugal e sexual com mais frequência. Repetidamente pessoas bissexuais são rotuladas de forma bifóbica como vetores de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Há uma associação da bissexualidade com comportamentos patológicos que nos torna “objeto de correção” em consultórios psicológicos e médicos. O número de tentativas de suicídio de bissexuais é tão alto que ignorá-lo contribui para nossa morte. É inaceitável a existência do estupro corretivo, que vitima predominantemente mulheres negras, e que acontece sob o pretexto de correção da sexualidade por meio da prática de violência sexual contra quem não está dentro da cis e/ou heterossexualidade.

**Rompemos.** A bifobia opera de forma estruturante em todos os espaços da sociedade, apagando, agredindo e discriminando a monodissidência, termo que se refere às pessoas para quem o gênero não é um fator determinante em sua atração sexual e/ou romântica,

como bissexuais e outras pessoas não monossexuais. Tal apagamento constrói camadas silenciosas de violência que degradam o bem-estar das pessoas bissexuais. A heterossexualidade compulsória intersecciona esta opressão, cerceando qualquer expressão ou vivência dissidente do padrão. Como a atração afetiva e sexual direcionada a um gênero distinto do nosso é parte da nossa sexualidade, muitas pessoas bissexuais entendem-se de tal forma em momentos mais avançados na vida. Nos negam o direito a uma autodescoberta alinhada ao desenvolvimento da infância e adolescência.

**Transgredimos.** Os papéis engessados de gênero nos oprimem e ditam como e para quem devemos direcionar nosso afeto e atração. Das mulheres cis espera-se uma sexualidade centrada no homem cis hétero, em que nossos desejos e práticas existam para servir ao outro; o relacionamento entre mulheres cis é frequentemente deslegitimado e fetichizado. Dos homens cis nos é cobrada uma masculinidade rígida e dominante, pois qualquer ideia que fuja à heterossexualidade desmonta a figura do macho, como se todo homem bi fosse, no fundo, um gay enrustido. Travestis e pessoas trans, por outro lado, são destratadas como uma miscelânea desviante de gênero e sexualidade, como meras aberrações, objetos sexuais, excluídas de qualquer conversa dentro da norma social. O CISTema nega nosso direito à educação, empregos, oportunidades, moradia e até mesmo o direito de usar banheiros, fazendo questão de nos privar do mais básico para sobreviver, ao mesmo tempo em que passamos por puro terror no sistema de saúde como um todo, mais causando problemas de saúde do que tratando.

**Exigimos.** Quando profissionais da saúde nos recebem nos serviços públicos e privados presumindo que somos monossexuais, torna-se evidente o controle da nossa sexualidade ditado por padrões corporais e de gênero. O sistema de saúde não pode seguir negando nossas existências. É urgente compreender as bissexualidades nos protocolos de atendimento e nas práticas de promoção da saúde e prevenção de doenças. Exigimos que as políticas públicas garantam nosso acesso à saúde de forma universal e igualitária. Nossa Saúde Sexual e Reprodutiva deve entender que, no caso de pessoas com útero o direito ao aborto seguro protege nossas vidas, assim como no caso de pessoas intersexo a extinção de intervenções cirúrgicas e medicamentosas sem consentimento, garante o nosso direito de existir. Preservar e promover nossa saúde mental amplia o exercício de nossas potencialidades e garantir o uso do nome social reconhece nossas identidades. É a partir do engessamento das construções sociais dos corpos e descaso da saúde que coisas

tenebrosas como cirurgias invasivas e não consentidas em pessoas intersexo se proliferam desde literalmente o nascimento, negando a existência às pessoas que nascem com configurações genitais e reprodutivas diferentes do binário idealizado. Propomos o rompimento das caixas em que nos obrigaram a entrar.

**Persistimos.** Nós nos vemos de fora dos espaços LGBTI+, pois insistem em afirmar que nossa identidade bissexual “não é desviante o bastante”, que “podemos nos disfarçar de heterossexuais” ou devemos “nos assumir gays e lésbicas”. Somos aquelas pessoas toleradas quando é interessante, raramente citadas e ativamente excluídas das decisões de nossa comunidade. O acolhimento frente à exclusão social que a comunidade LGBTI+ presta de forma geral não abrange nossa população, como podemos observar no nosso afastamento de vários desses lugares enquanto transitamos por um não lugar, até encontrarmos o movimento bissexual ou as raras exceções realmente bi-inclusivas de movimentos mistos. Apesar disso, seguimos fazendo o que muitas pessoas antes de nós fizeram: demarcando nossa presença e utilizando nossa voz para levar nossas pautas em comum adiante. Há décadas, militantes e ativistas bissexuais estão combatendo na linha de frente junto a lésbicas, gays e pessoas trans monossexuais, enfrentando a LGBTfobia e trabalhando pela nossa comunidade. Mas também surgiu a necessidade de trilharmos um caminho de uma Frente Bissexual Brasileira autônoma, para que nossa voz seja cada vez mais ouvida e a bifobia seja reconhecida e enfrentada. Que a nossa história seja conhecida e lembrados nossos nomes como quem realmente somos ou fomos: bissexuais. Respeite a verdade das nossas vidas em detrimento de uma noção binária de sexualidade. Em nome de Marielle Franco, Renildo dos Santos, e tantas outras pessoas que ousaram se declarar bissexuais e não devem ter sua memória desrespeitada.

**Construímos.** Não somos ameaça a lésbicas e gays. Estamos em aliança contra a heteronormatividade, porém, mesmo sofrendo opressões em comum com lésbicas e gays, o combate à lesbofobia e à homofobia não encerra todas as nossas lutas, pois sofremos opressões específicas enquanto bissexuais. Nossa existência pode desafiar noções da monossexualidade, mas não temos o propósito de impedir que as pessoas se atraiam por apenas um gênero. Queremos eliminar o padrão de que toda pessoa deveria se atrair apenas por um. Precisamos acabar com a equivocada ideia de que o gênero da pessoa com quem nos relacionamos redefiniria magicamente a nossa bissexualidade para algum dos extremos binários da monossexualidade. Não defina relações ou demonstrações de afeto

como hétero, lésbicas ou gays, porque relações não têm orientação sexual. Aliás, temos todo o direito de nos identificarmos como sapatão e viado, identidades que derivam de palavras direcionadas a nós para oprimir e são usadas como armas contra pessoas que transgridem a heteronormatividade.

**Desestabilizamos.** A bissexualidade desafia todas as outras identidades por não ter fronteiras, assim como pessoas intersexo e trans, especialmente não binárias, fazem com os gêneros masculino e feminino. Da mesma forma, a bissexualidade desestabiliza a divisão binária entre homossexualidade e heterossexualidade. Alertamos que existe uma tentativa de esvaziar o teor combativo de identidades LGBTI+, resumindo a luta ao direito de amar e menosprezando as pautas sobre direitos sociais e políticos, como uma vida digna, com autonomia e livre de violência. O dito direito de amar é excludente, pois busca um amansamento das identidades desviantes. Na nossa luta por equidade, não podemos nos limitar a reproduzir o padrão rígido e violento de família, baseado no patriarcado, na cisheteronormatividade, na endossesexualidade, no capacitismo, no racismo e no capitalismo.

**Descolonizamos.** A pessoa bissexual é múltipla, pois é na pluralidade de corpos, desejos e ideias que o potencial humano é ampliado. E do nosso lado surge nosso ideal de sociedade livre e genuinamente plural, onde os limites são definidos apenas por nós. Não é possível entender a bissexualidade sob a ótica monossexual. As formas humanas de ser não cabem em padrões, são atravessadas pelos marcadores sociais que nos compõem, somente uma perspectiva interseccional é capaz de abranger o complexo em sua totalidade. Afirmamos nossa presença em todas as etnias, povos e regiões, e inclusive apoiamos a retomada pelos povos originários de suas terras exploradas e exauridas pelo colonialismo. O Brasil é Terra Indígena. A relação de territorialidade dos povos indígenas ensina muito sobre pertencimento e coletividade, que são grandes pilares da organização política e revolucionária. Ao constatar a pluralidade de indivíduos bissexuais e monodissidentes, propomos um olhar para a potência da diversidade. É necessário descolonizar o nosso entendimento de sexualidade, gênero e atração. Em um país continental de maioria negra, o racismo impõe situações de violência extrema, definindo quais são os corpos que têm direito à vida e ao exercício de sua sexualidade. Não nos vejamos sob uma ótica higienizada, racista e xenofóbica, como se a maioria das pessoas bissexuais fosse a mulher branca, cis, magra, sem deficiências e de classe média-alta.

**Agregamos.** A luta bissexual sempre teve e continua tendo o compromisso de ser inclusiva e de se colocar em oposição à cisheteronormatividade, à endossexualidade e à corponormatividade. O movimento político que construímos convoca a toda pessoa monodissidente, pois nossos objetivos e pautas por muitas vezes se mesclam. A nossa atuação é conjunta, uma vez que só assim seremos fortes o suficiente para a grande tarefa que temos. Nossas cores são abrangentes, não buscamos definir nenhuma outra identidade que exista ou que venha a existir. Ao respeitar todas as identidades monodissidentes, precisamos acrescentar que não permitiremos que estas se afirmem de forma bifóbica. Por isso, apenas a militância bissexual pode definir o que é bissexualidade. Nossa identidade é fruto de muito sangue, suor e luta.

**Mobilizamos.** Convidamos a pessoa militante cansada, a que está se questionando, a jovem monodissidente, a que está desesperançosa, para somarem às muitas pessoas bissexuais e monodissidentes como um todo a andarmos lado a lado, de mãos dadas, seja para abraçarmos quem precisa, para avançarmos contra quem nos agride, ou apenas resistir sabendo que nunca estaremos sós. Quando parte de nós avança, todo nosso grupo deve avançar em união. Ninguém fica para trás, pois toda opressão que afete alguém como nós afetará todas as demais pessoas. Somos como cores em uma aquarela, podendo existir sozinhas, em conjunto, separadas ou misturadas, tudo para criar uma imagem que nos represente e nos emancipe das expectativas que não nos servem, nunca nos serviram nem nunca nos servirão.

**Bissexualizamos.** Somos pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva. Atuamos na organização de um movimento bissexual que contemple nossas especificidades, lutando para que nossas sexualidades sejam vistas como válidas. Nosso ativismo é político, pois entendemos nossa participação na sociedade como transformadora e conhecemos o papel daqueles que detêm o poder de nos oprimir. Somos sapatonas, viados, unicórnios e bisões, e levantamos a bandeira rosa, roxa e azul contra o cisheteropatriarcado. Não buscamos a “normalidade”. Queremos expor as hierarquias que definem quem são corpos desviantes e tentam exterminar a fluidez e a mudança. O capitalismo não nos cabe, porque ansiamos por um horizonte colaborativo, onde a coletividade guie nossas vidas. O sistema que impõe a monogamia como o único modelo possível de relação, ou como um modelo superior aos demais, não

nos abarca pois ele impõe um único e rígido padrão aos afetos. O binarismo de gênero não nos serve, visto que violenta nossos corpos e cerceia nossas existências. As políticas públicas atuais não nos representam, exigimos o acesso à saúde mental e física que tanto nos é negado, à educação antibifóbica, ao pleno emprego, à cultura, ao esporte, a espaços de lazer, a uma vida digna e livre da bifobia. E por isso lutamos. Contra a vergonha que nos impõem, contra o ódio que nos separa, contra o apagamento que nos fere. Lutamos por orgulho, respeito e visibilidade. Lutamos pelas nossas vidas. E continuaremos vencendo, pois a luta bissexual, assim como nós, não tem fronteiras nem conhece limites.

### **Glossário**

Binariedade: situações onde há somente duas possibilidades de existência.

CisHeterossexual: pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascer e que se relaciona sexualmente com pessoas de gênero diferente do seu.

Cis: pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer.

CIStema: sistema de hierarquização social que privilegia pessoas cis.

Endosexualidade: ideia hegemônica de que há uma combinação entre cromossomos, hormônios e formações genitais, que são ou devem ser correspondentes e alinhados a definição padrão de feminino e masculino.

Intersexo: pessoas que têm características sexuais congênitas, não se enquadrando nas normas médicas e sociais para corpos femininos ou masculinos, e que criam riscos ou experiências de estigma, discriminação, ódio e danos.

**Brasil, 25 de setembro de 2021**

O Manifesto Bissexual Brasileiro foi lido pela primeira vez ao vivo durante a segunda edição online do Festival BI+ ocorrida em 25 de setembro de 2021 no canal do YouTube da Frente Bissexual Brasileira.

**ANEXO B – PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL BI+ 2020****15h a 16h: MESA TEMÁTICA 1**

A Frente Bissexual Brasileira e o Festival Bi+ com os coletivos

Com: Combi/SC, MovBi, Vale PCD, Maria Quitéria, Visibilidade Bahia, Frente Bi de BH, Bisibilidade, Coletivo BIL, Frente BI PI, Bi-sides e Coletivo Amora.

**16h a 16h30: MESA TEMÁTICA 2**

A Frente Bissexual Brasileira e o Festival Bi+ com Ativistas independentes

Com: Dav Sandstorm, Caio Passos, Talitta Cancio e Zé Henrique Freitas

**16h30 a 16h43: APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS**

Aléxia Silva, Tani, Lyra D. Lírio, Lorre Motta

**16h45 a 17h15: BATE PAPO AO VIVO**

// "Amplificando sentidos" sobre arte e comunicação.

Com Bruna Klein, Gabriella Kuima, Luana Lacerda

// "Transformarte" sobre multiartes

Com Bruna Klein, Kurt, Trix

## 17h15 a 18h05: MESA TEMÁTICA 3

//desafios do movimento bissexual

Com: Vitória Régia da Silva, Juno Nedel, Leonardo Peçanha, Julia Piccolomini, Ivonete Kariri

## 16h30 a 16h43: APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Lina Tag, Jessica Preta, Johanna Hirschler

## 18h25 a 18h55: BATE PAPO AO VIVO

//"Corpos Rabiscados" sobre tatuagem

Com: Erika Nicacio, Zon4, Jeison Miranda, Margot

//"Com que roupa eu vou?" sobre moda

Com: Sam Cardoso, Forasteira, Letícia Helena

## 18h55 a 19h05: APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Duda Meneghetti , Sara Não Tem Nome, Vale PCD

## 19h05 a 19h40: BATE PAPO AO VIVO

// "HQ Histórias Queer" sobre histórias em quadrinhos

Com: Ká, Aline Lemos, Matheus Folha, Nimbus Viridis

// "Traçando a História" sobre desenho

Com: Dav Sandstorm, Bernardo Guterres, Luiza Kasper e Thinaí Gonçalves

## 19h40 a 19h50: APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

PsicoAfrodite, Ruimvdd//balbina de Sá,  
Gabrielle Dal Molin e Rick Listraso

## 19h50 às 20h40: MESA TEMÁTICA 4

// sobre o movimento bissexual ontem

Com: Érika Nicacio, Daniela Furtado, Regina Facchini, Dani Brígida

## 20h45 a 21h35: MESA TEMÁTICA 5

// sobre o movimento bissexual hoje

Com: Janine Oliveira, Cammys Cerdeira, Nick Nagari, Nanda Rossi

## 21h35 a 22h05: BATE PAPO AO VIVO

// "Quebrando a quarta parede" sobre cinema

Com: Mirian Hapuque, Sofia Rodrigues e Tarcisio Gabriel

// "Vias retratadas" sobre fotografia

Com: Mirian Hapuque, Caroline Macedo e Fernanda Fedrizzi

## 22h05 a 22h20: APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Ana Tamires e Iorrana Sátiro, MC Hirlla e Juliano Bentes (Skyysime)

## **22h20 a 22h50: BATE PAPO AO VIVO**

// "Escrevendo Caminhos" sobre literatura

Com: Vitória Régia , Maria Freitas e Koda Gabriel

// "Arte SexUAU" sobre erotismo na arte

Com: Natasha Avital, Anna Lê e Ana Carolina

## **22h50 a 23h**

// Mesa de encerramento com  
**Fernanda Coelho e Vitória Régia  
da Silva**

## MESA DE ABERTURA

### Retrospectiva:

Marcos e Conquistas  
do movimento  
bissexual no último ano



+ Lançamento do

**Manifesto Bissexual Brasileiro**



**25 DE SETEMBRO | 15H**



[/FrenteBissexualBrasileira](#)

# MESA MARIELLE FRANCO

## PARLAMENTARES BISSEXUAIS

COM BRISA BACCHI, IZA LOURENÇA, MARINA CAIXETA,  
TAINÁ DE PAULA, TALLIA SOBRAL E VIVI REIS

MEDIAÇÃO: VITÓRIA RÉGIA DA SILVA



**26 DE SETEMBRO | 14H**



[/FrenteBissexualBrasileira](#)



**BATE-PAPO**

# SIGNIFICANDO TRAÇOS

COM FRANCISCO ROSSATTO  
E HELOÍSA FERNANDES



**16H10**



# BATE-PAPO

## FOTOGRAFIA E ILUSTRAÇÃO: DIÁLOGOS E ENCONTROS

COM IRLAN PAIXÃO  
E PAULA AKEMI



16H25



# BATE-PAPO

## PARA VER ALÉM: ARTE E MISTICISMO

COM CECÍLIA ARNAUD  
E NAYA



**16H50**



# BATE-PAPO

## EXPRESSI-VIVÊNCIA

COM OKUN E  
ESTEVIÃO CAMPOS



**17H05**



# BATE-PAPO

## AS CORES QUE ME FORMAM

COM ADRIELLEN ARAGÃO  
E ANDY REIS



**17H30**



# BATE-PAPO

## FANTASIAS ANTROPOMÓRFICAS

COM JOTA CARNEIRO  
E MELISSA MASULLO



**17H45**



# MESA

## CORPORALIDADES BISSEXUAIS

COM ADJANY PIETR E FLÁVIA LUCIANA  
NOVAIS MAGALHÃES

MEDIAÇÃO ATIVA DE RONEY RODRIGUES E AMIEL VIEIRA



**26 DE SETEMBRO | 15H45**



[/FrenteBissexualBrasileira](https://www.youtube.com/channel/UC...)



# MESA

## SABERES BISSEXUAIS

COM INÁCIO SALDANHA, HAILEY KAAS  
E NIOTXARÚ PATAXÓ

MEDIAÇÃO DE ZÉ HENRIQUE FREITAS



**26 DE SETEMBRO | 17H25**



[/FrenteBissexualBrasileira](#)